





le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

do Sylvo Aguiar  
Lembrança de

Diana + bo Adol.  
1/9/26

As Urouha

o Selyio

Intervi, 20.7.27.











# America



A TEMPORADA LYRICA - Ouvindo o Rigoletto

ANNO I  
N. 1

PREÇOS RIO ....., 500 RS.  
ESTADOS, 600 RS.

SETEMBRO  
1923

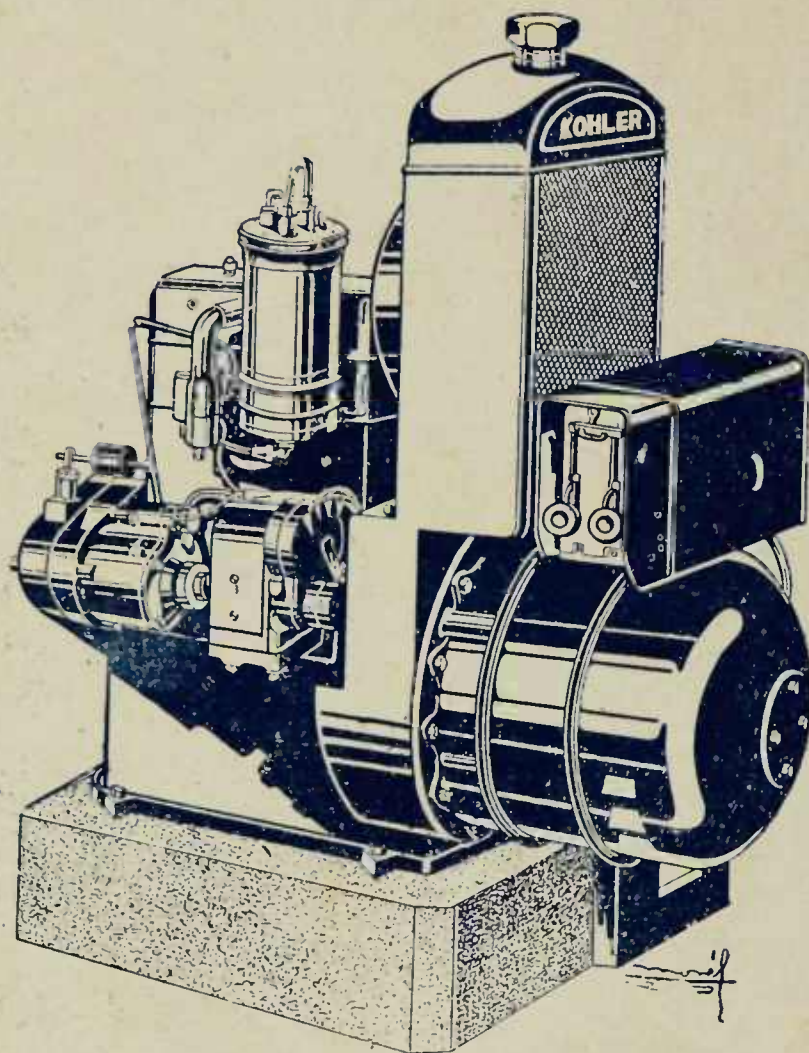


# GRUPOS KOHLER

FABRICADOS PELA Co. U. S. A.

Para iluminação electrica de :

FAZENDAS — ESTAÇÕES — ESTRADAS DE FERRO — NAVIOS  
DE GUERRA — MERCANTES — ETC.



Verifiquem as grandes vantagens que seguem, sobre os seus similares :

- 1ª) — Não têm bateria de acumuladores
- 2ª) — São de 110 volts, 1,500 watts.
- 3ª) — De partida e parada inteiramente automaticas, bastando para isso accender ou apagar qualquer lampada da installação.
- 4ª) — Economia incomparavel de combustivel.
- 5ª) — Espaço occupado, o minimo possivel.

AGENTES E DEPOSITARIOS :

**MAYRINK VEIGA & C.**

Engenheiros Importadores e Exportadores

15, 17 — Rua Municipal — 19, 21

RIO DE JANEIRO

Peçam informações mais detalhadas



# COMPANHIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E CONSTRUCTORES



MONUMENTO DOS ANDRADAS — SANTOS

## SÉDE:

**Praça Mauá, 25 - SANTOS**

ESTADO DE S. PAULO

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 222

.....

## FILIAES:

**Em S. Paulo - Rua Bôa Vista, 16**

End. Teleg. "CONSTRUCTO" — Caixa Postal 1264

TELEPH. CENTRAL 1381

~~~~~

**No Rio de Janeiro**

**Avenida Rio Branco, 35-A**

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 607

TELEPHONE NORTE 675

**Capital — 3.000:000\$000**

**Fundo de reserva — 300:000\$000**

.....

Officina de Serraria, Carpintaria, Mechanica, Fundição  
e Britador.

.....

Grande fabrica de ladrilhos e manilhas  
de cimento.

.....

## **Secção de Transporte**

.....

Especialistas em construcções de habitações de luxo  
e economicas.

.....

Construcções em cimento armado

.....

Organisam plantas, projectos e orçamentos



EDIFICIO DA BOLSA DO CAFÉ — SANTOS

# José Silva & Comp.

Rua de S. Pedro, 58 e 60 e Quitanda, 151 e 153

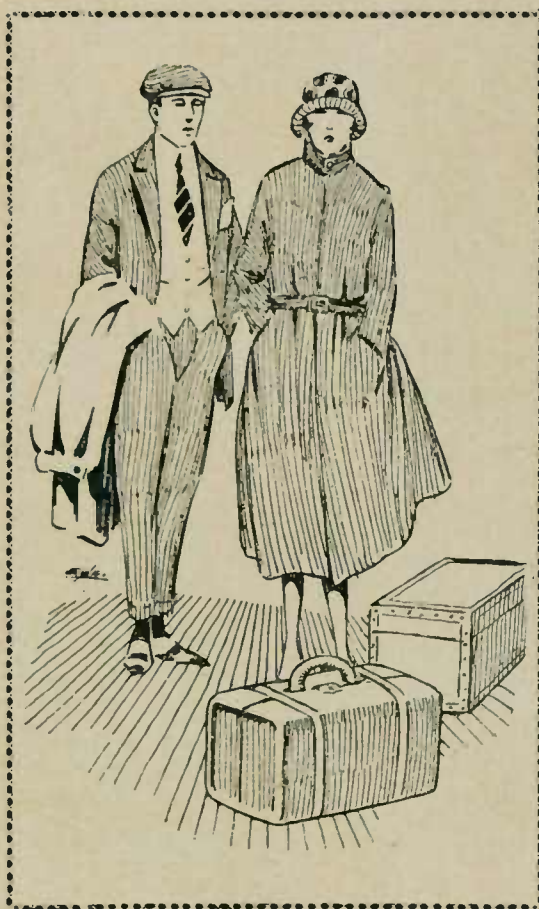
RIO DE JANEIRO

**Agentes do BANCO DO MINHO**

O MAIS ANTIGO DA PROVINCIA DO MINHO

Saques sobre  
**Portugal,**  
**Ilhas,**  
**Hespanha,**  
**Italia, Paris,**  
**Londres,**  
**Turquia, etc.**

.....  
**Importadores**  
**de Couros**  
**e**  
**artigos para**  
**Carros**  
**e Viagens.**



Todas  
as  
officinas  
são  
movidas  
a  
vapor.

.....  
Fabricantes de  
Sellins,  
Arreios,  
e  
Equipamentos  
militares

Fornecedores do Exército, Armada e Força Pública

Endereço Telegraphico "SILVIUS"

Caixa do Correio 445

Telephone n. 671



## A ORIGEM DE UMA SONATA DE BEETHOVEN

**P**ASSAVA um dia o grande maestro por uma casa pobre, de que sahiam as notas de uma sua sonata. Parou, ao ouvir uma voz de mulher que de dentro dizia:

— Que não daria eu para ouvir esta musica tocada por um artista!

Beethoven empurrou porta da humilde habitação achou-se numa saleta muito simples, contigua a uma loja de sapateiro.

Sentada ao piano estava uma moça e junto della um rapaz com roupas de trabalho.

— Peço-lhes perdão — disse Beethoven aos dois jovens — mas ouvi musica e como entendo um bocadinho dessa arte, não resisti ao desejo de entrar...

A moça enrubeceu e o joven franziu cenho, quasi ameaçador.

— Além disso, acrescentou Beethoven, ouvi o que disse a menina. Queria... desejava ouvir... Enfim, quer deixar-me tocar?

— Obrigado, senhor, respondeu joven irmão da moça, mas o nosso piano é muito máu e além do mais não temos musica.

— Não têm musica? exclamou o maestro. Mas então como tóca a menina?

Mas interrompeu-se córou. Tinha percebido que a moça o fitava com duas pupillas mortas, sem expressão.

— Peço-lhe perdão, balbuciou. Não havia observado. Então a menina tóca de ouvido?

— Sim, senhor, respondeu a pobre céga.

— E onde ouviu essa musica?

— Na rua... Tinha mos visinhos que tocavam, E quando se abriam as janellas... E a céga calou-se.

Beethoven sentou-se ao piano e tocou. Uma nova inspiração o animava naquelle ambiente humilde, entre uma moça e o seu irmão, que o olhavam extasiados.

Quando terminou, pequeno sapateiro dirigiu-se a elle:

— Quem é o senhor? Diga-me, eu lhe supplico!

Beethoven não respondeu. Erguendo os olhos para o seu interlocutor, sorriu-lhe com aquelle seu sorriso ao mesmo tempo doce e melancolico.

— Ouça, disse afinal. Segui apenas da primeira á ultima nota a sonata de que a sua irmã tocou um fragmento. Um grito de alegria partiu dos labios da moça:

— Beethoven! Beethoven!

O grande compositor ergueu-se e quiz sahir.

— Toque-a mais uma vez! pediram insistentemente os dois jovens.

A esse tempo os raios argenteos da lua penetraram na saleta acariciaram a face triste da céguinha.

O olhar do rapaz encontrou o da moça, e elle exclamou, commovido:

— Pobre irmãzinha!

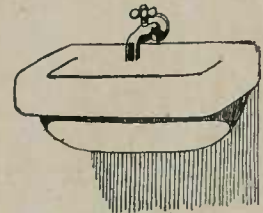
— Está bem, disse o maestro. Desde que ella não póde ver o luar, vai «ouvir-o...»

Poz-se a tocar de novo e improvisou aquella melodia inesquecivel que o mundo conhece pelo nome de «Sonate du clair de lune...»



## AO REI DOS MARES

Importadores deapparelhosp para electricidade, agua, gaz, luz incandescente, esgotos, folha de Flandres, cobre, estanho, bacias e lavatorios de ferro esmaltado e de louça, fogões, canos de ferro e de chumbo, lustres, lampeões, arandelas e mais artigos concernentes, e das legítimas lampadas



LUCAS

Encorregam-se de installações electricas

MEDEIROS SARTORE & C.

Successores de MEDEIROS & BORGES

Rua Marechal Floriano, 23 e

Theophilo Ottoni, 142

TELEPHONE NORTE 1095

RIO DE JANEIRO

## FIRMINO FONTES & IRMÃOS

FORNECEDORES DO GOVERNO

Ferragens, tintas, louças e artigos de fantasia



Grande sortimento de Trens de cosinha em aluminio

9, Rua da Carioca, 9

Telephone Central 1305

RIO DE JANEIRO

# O LEILÃO

**D**IXEI Pithiviers vim a Paris para receber uma pequena herança.

Infelizmente não sei ler nem escrever. E a minha ignorancia absoluta em sciencias mathematicas me pareceu ainda mais lastimavel. Por isso comprei uma arithmetica e, enquanto espero a minha chamada a cartorio, estudo todas as tardes ditas horas. A's 5 saio, para esparecer um pouco.

Ha dias passava eu pela rua Dronot.

Uma grande casa, na esquina da rua Grange-Batelère, chamou a minha attenção. Carregadores entravam sahiam. Perguntei a um transeunte: «Póde fazer o favor de dizer-me que casa é esta?» Elle me respondeu: «E'

Atraz de uma mesa erguia-se um cavalheiro armado de um martello. Este cidadão mostrava aos presentes um centro de mesa bem feio, valha a verdade. Alguns assistentes começavam a contar em voz alta. Otto mil setecentos e vinte e sete, oito mil setecentos e trinta. Gostei de ver a força dessa gente em arithmetica. Otto mil setecentos e trinta e dois, nove mil. Fez-se um silencio.

O cavalheiro collocado por detrás da mesa encorajava auditorio com «Vamos» «Vejam, senhores. Não dizem mais nada?» Pensei que talvez não houvesse entre os presentes nenhuma pessoa que soubesse contar além de nove mil. E exclamei: Nove mil quinhentos!

Uma senhora de idade que me havia irritado com a ostentação dos seus conhecimentos arithmeticos, encorou-me com um ar esquivo e disse: «Dez mil!»

— Onze mil! bradei.

— Doze! disse ella.

— Treze! volvi.

— Quatorze mil quinhentos! oppoz a velhota.

A sala inteira, cheia de admiração, tinha os olhos voltados para mim. Recolhi-me um instante. Depois pronunciei claramente, com uma pose excellente:

— Vinte mil!

A velhota calou-se. Reinou um longo silencio. Eu estava encantado com a historia. O cavalheiro bateu com martello na mesa olhou-me com certa estima, murmurando: «Adjudicado!» Eu não comprehendia bem que elle queria dizer, mas estava orgulhoso. Pediram-me que deixasse o meu nome e endereço.

E não entendo mais coisa alguma deste caso complicado. Obrigaram-me a pagar vinte mil francos e me presentearam com um velho centro de mesa... Que é que eu vou fazer de l?

Max e Alex FISCHER

## Quando foram inventados os relógios?

Na antiguidade só se usavam, para medida do tempo, o quadrante solar, os relógios d'agua, ou clepsydras. A idade média foi o reino da ampulheta, cuja invenção se attribue aos chinezes.

A idéa de fazer gyrar ponteiros sobre um quadrante graduado, com auxilio de rodas dentadas movidas por um peso é no entanto muito antiga, foi já a ella se refere Aristoteles.

Mas foram necessarios seculos para a resolução do delicado problema que consiste em graduar o movimento gerador. O primeiro relógio mecanico foi fabricado em fins do seculo X.

Tratou-se depois de construir relógios portateis. Um autor do seculo XV conta que no seu tempo havia já relógios portateis que não eram maiores do que uma amendoa. Mas sómente depois da invenção, por Huygens, em 1674, do regulador de móla em espiral, é que os relógios entraram no caminho do progresso.

E foi em 1750 que Harrison construiu os primeiros chronometros.



### ALGERIA PITTORESCA

Um quadro caracteristico: muros vetustos, albornozes, palmeiras, agua para abluções e um sol de escaldar...

«Hôtel Drouot». Ha uma grande affluencia de amadores por causa do leilão X-Y-Z.

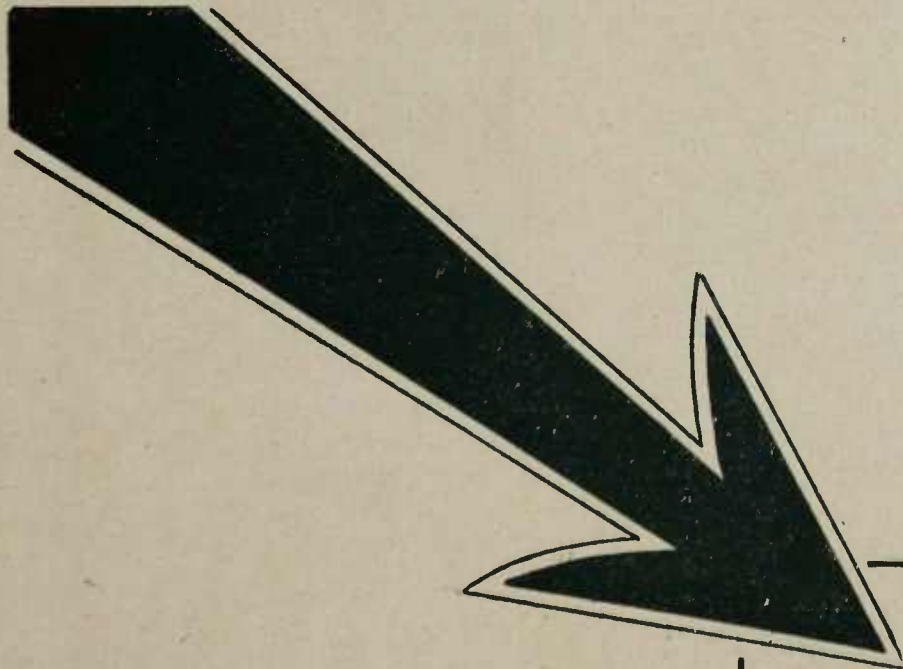
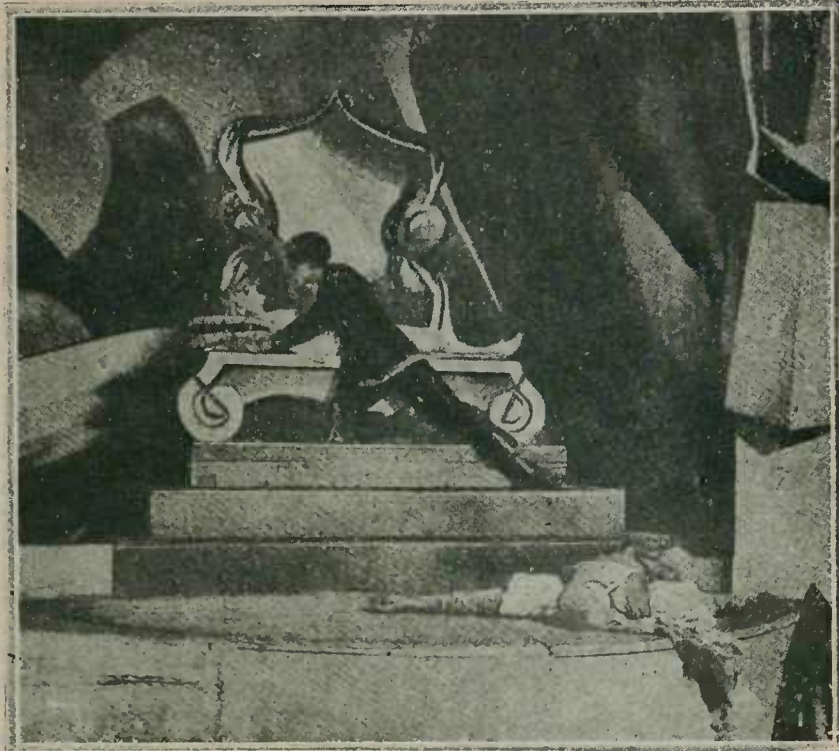
Esta resposta não me adiantou nada. Enfim... como os divertimentos gratuitos não são muitos em Paris, seguí os visitantes.

Numa vasta sala estavam pessoas amontoadas de pé.





Uma scena do drama de Shakespeare «Romeu e Julieta», ha pouco representado em Moscou. Como se vê, o scenario bate todos os records de... excentricidade...



Nem mais uma experiencia duvidosa!!

A unica tintura com que me tenho dado bem na reforma de meus vestidos tem sido a

**“GERMANIA”**

a mais afamada e barata, pois custa só

**1\$500**



**COISAS LONDRINAS**



O infallente cavallo "Dick", que no "Lyceum" imita o celebre Cirilo.

**O NÓ GORDIO**

O pobre Tancredo não podia conciliar o sono. Revolvia-se, inquieto, no leito, como atenuado por um remorso. Intrigada, Angela, sua esposa, indagou-lhe:

- Porque te remexas assim na cama, Tancredo?
- Ora, porque! Porque tenho que pagar 200\$000, amanhã, ao casca do Felício, não tenho nem 5\$000!
- E é isso que te preocupa? fez ella calmamente.
- Está claro!
- Muito bem: levanta-te, vae procurar o Felício, acorda-o, diz-lhe: «Tenho de pagar-te amanhã 200\$000, mas não pago, porque estou «prompto!»
- E então?
- Então, continuou Angela, será o Felício quem perderá o sono tu dormirás regaladamente...

— «O» —

**NEGOCIOS, NEGOCIOS...**

Miss Margaret Wilson, a filha do ex-presidente dos Estados Unidos (pae, tambem, de Miss League of Nations), iniciou nova vida, em Julho ultimo, ingressando na carreira commercial.

Miss Margaret associou-se a uma agencia de publicidade cujo quartel general é em New-York. Aos photographos e aos jornalistas que puzeram cerco aos seus sumptuosos escriptorios, declarou nova «business woman» que o commercio sempre a havia interessado. Ha um anno resolvida a escolher uma carreira, ella decidiu pela publicidade, cujos segredos estudou cuidadosamente durante um anno.

Miss Wilson permanece no seu escriptorio, de 9 ás 17,30 horas, consagrando apenas 30 minutos ao almoço.

Ao que dizem, poucas horas depois de inaugurada, já a nova agencia havia conseguido alguns contractos importantes... «Ce qui femme veut...»

**O ETNA**

Pretendiam os antigos que Jupiter havia sepultado sob o macisso do Etna, separado das outras montanhas da Sicilia por profundos valles, os titãs Encelado Typhon, e que eram estes que, no seu furor, vomitavam, do alto cimo, chammás e lava sobre os mortaes. Diziam mais que os Cyclopes forjavam os raios do mestre dos deuses e do universo no interior do vulcão a cuja base Ulysses encontrára o gigante Poliphemo.

Sem duvida o Etna, chamado outr'ora «o pilar dos céus» é digno de ter suscitado nos espiritos heroicos fantasticas legendas, pelo seu aspecto formidavel e pelas terribes ameaças que espalha pelos arredores.

A montanha tem 180 kilometros de circumferencia na base — lança o fumo, pela sua cratera principal, a 3.369 metros de altura. Menos harmonioso de linhas do que o Vesuvio, de cume muito mais aggressivo, embora reluzente ao sol como velludo negro, o Etna é mais acessivel á escalada, pois nelle não se encontram cinzas movedi-

ças. Da «Casa degli Inglesi», aonde se póde chegar de carro de Catania, a cidade visinha, ha apenas uma hora meia de ascensão para se chegar ao cimo.

Uma fecundidade maravilhosa do sólo, consequencia das terribes catastrophes, é offertada aos homens nos flancos e na base do enorme vulcão. Por isso, em nenhuma parte da Italia a população é tão densa como alli. Apesar do perigo imminente, innumerás aldeias se comprimem entre as laranjeiras, os limoeiros, as palmeiras e as flores.

Basta pois aos habitantes do local colher os fructos que lhes offerece o seu terrivel visinho; em compensação, depois de alguns mugidos surdos, as lavas fazem ás vezes devastações terribes na paisagem verdejante.

A mais terrivel, talvez, dessas catastrophes periodicas, fez morrerem em 1693 cerca de 60.000 homens. Mas, passada a cólera, os homens voltam, felizes de viverem sob o mais bello sol do mundo e sobre uma terra tão fertil que não exige o menor esforço humano.

O vulcão é cultivado até á altura de 700 metros, em que começa a zona chamada das florestas, mas que actualmente está quasi completamente despida pelos lenhadores. A partir de 2.000 metros não ha sombra de vegetação nem de cultura.

A 3000 metros se abre através dos flancos subvertidos, uma infinidade de crateras biantes...

# A ARTE CHILENA

**N**ÃO se passa anno em que as revistas parisienses de arte não assignalem a victoria de alguns artistas hispano-americanos, especialmente chilenos, alguns dos quaes, como o esculptor Nicanor Plaza e o pintor Valenzuela Llanos, chegaram alcançar medalhas do «Salon» official, distincção lisonjeira si se considerar espirito exclusivista francez.

A escola franceza teve grande influencia na pintura chilena, orientada ha meio scullo por Paris, pelos seus pensionistas, os seus mestres francezes e pelo gosto das classes abastadas educadas na França.

De algum tempo para cá, porém, a nova geração de artistas chilenos começa achar no Hespanha a sua natural tradição artistica. Esse movimento culminou com o advento de Alvarez de Sotomayor que, como director da



“O TOQUI”, esculptura do artista chileno Fernando Thauby

Escola de Bellas Artes de Santiago, soube provocar e dirigir a tendencia hespanholista que desde então se manifesta brilhantemente nos «salões» chilenos.

Esse director teve o poder de reaccender a flamma atavica que dormia no fundo do espirito artistico chileno. E' curioso notar que, sem contacto algum com os mestres hespanhóes, essa arte havia tido já reminiscencias ancestraes da escola hespanhola em mestres chilenos como Juan Francisco González, o magico da côr; Benito Rebolledo Correa, um genio nativo, sem duvida o mais original vigoroso pintor do seu paiz; e finalmente Lobos, o malogrado artista em cujas télas se casava o processo hespanhol com a originalidade derivada da maravilhosa natureza ambiente.

Na esculptura chilena ocorre outro tanto; mas é difficil assignalar influencias através do toque vigoroso que a raça a terra novas imprimem aos velhos moldes.

Uma prova disso está na obra que aqui reproduzimos, na qual um «toqui», ou caudilho araucanio, se defende de

um inimigo invisivel com todo o esforço da sua potente musculatura. O seu autor, Fernando Thauby, verdadeiro «avançado» da nova geração, parece ter assumido o papel de plasmador das legendas da raça aborigene do Chile, os famosos araucanios dos tempos da conquista hespanhola.

A arte chilena, apoiando-se muito embora nos elementos tradicionalistas, procura esforçada e brilhantemente caminho da emancipação da originalidade.



Para o Banho Geral ou Parcial, para as Molestias da Pella, para a Caspa

**PARA COMBATER**

|             |                  |
|-------------|------------------|
| Manchas     | Cravos           |
| Sardas      | Vermelhidões     |
| Espinhas    | Comichões        |
| Rugosidades | Irritações       |
| Dóres       | Contusões        |
| Eczemas     | Queimaduras      |
| Darthros    | Inflammações     |
| Golpes      | Frieiras         |
| Feridas     | Perda do cabello |

Poderoso antiseptico, cicatrizante, anti-eczematoso, anti-parasitario, combate e evita o suor fetido das mãos e dos sovacos, limpa e amacia a pelle.

VENDE-SE EM TODA A PARTE

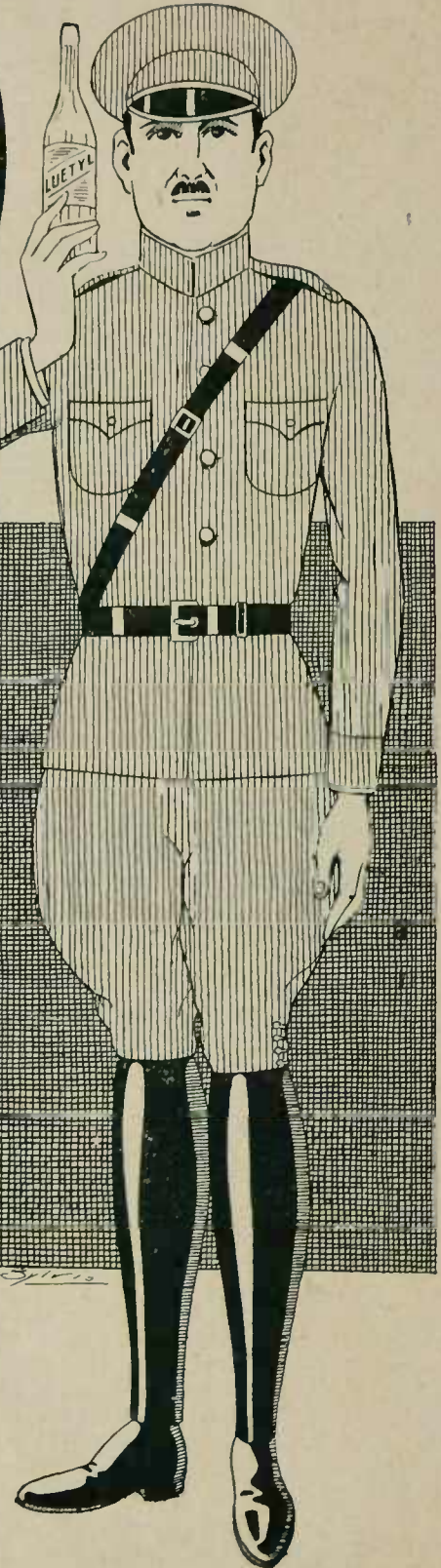
Deposito: Drograria ARAUJO FREITAS & C. RIO



Cliche "America"



# SYPHILIS? só Luetyl



## A PALAVRA OFFICIAL

.....  
**Contra factos não ha argu-  
mentos nem concurrentes**  
**O que diz o Governo no**  
**Hospital Central do Exercito**

Attesto que empreguei o prepa-  
rado **LUETYL**, em um caso de sy-  
philis cutanea, na 8.<sup>a</sup> enfermaria obten-  
do um resultado surprehendente. O  
doente, que pesava 38 kilos, augmen-  
tou **seis kilos** com o uso de vidro e  
meio do referido preparado, tendo as  
manifestações cutaneas cicatrizado  
completamente.

(Assignado). Dr. Humberto Mello,  
1.<sup>o</sup> tenente encarregado da 8.<sup>a</sup> enfer-  
maria.

.....  
**O UNICO QUE DIZ**  
**Basta tomar um vidro, si for Syphilis**  
**ficará melhor, aumentará de 1 a 4**  
**kilos; si não ficar melhor procure o**  
**seu medico.**

**LEIAM A BULLA**



# América

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

ARTE - MODA - CINEMA - SPORT

DIRECCÃO DE SYLVIO FIGUEIREDO

ANNO I

Rio de Janeiro, Setembro de 1923

Nº. 1

## A CIDADE - PROTEU



RIO é hoje uma grande cidade, onde já se começa a viver... O progresso da urbs, nestes últimos vinte annos, tem sido vertiginoso. A remodelação, feita na presidencia Rodrigues Alves, foi o ponto de partida para a sua maravilhosa transformação. A obra de Passos, o titan desse lance formidavel de prodigio proteico, com a energia fecunda de Frontin, o senso de realizações iniciado por Lauro Muller, marca éra da grandeza e do esplendor desta capital, que differe agora radicalmente da antiga Sebastianopolis, para gaudio dos cariocas contemporaneos e desespero dos ferrenhos amigos da tradição, devotos das velharias que fizeram o renome de Vieira Fazenda e que ainda motivam suspiros desconsolados aos que vivem do passado, num excesso de lyrismo lamecha.

O culto absorvente do passado, entretanto, é uma aberração nos tempos que correm ou, para melhor definir a nossa epoca trepidante, nos tempos que vóam. O carioca, neste seculo do aeroplano e do radiogramma, riscou da memoria Rio velho, de aspecto colonial, labyrintho de ruas estreitas e sinuosas, de viellas immundas, habitaculo ideal para a febre amarella e as intrigas de uma córte sem fausto. Mesmo porque, na phrase luminosa e rebelde de Ingenieros, o futuro sempre é melhor.

Quando o Castello ficar completamente arrazado e surgir de sua vasta area a perspectiva de novos parques, praças, ruas e avenidas, na imponencia de monumentos e palacios, de edificios majestosos e amplos, o Rio tornar-se-á uma cidade soberba; nesse dia, que não está longe, os famosos thesouros, creados pela lenda ou pela imaginação saudosista de retardatarios inveterados, tomarão uma forna de realidade, pois valorizada essa parte opima do perimetru urbano, a «toilette» da metropole brasileira apresentará o regio prestigio da belleza, do luxo, da esthetica, da hygiene e do conforto.

Antes desse combate renhido, em que o tradicionalismo foi arrazado (consistia elle num ácervo de monstrosidades historicas, especie de exposição permanente de mau gosto...), o Rio era a Porcopolis, repleta de «cortiços»... sem abelhas.

Passos e Oswaldo Cruz foram os heróes destemidos, que, á guisa de Hercules, limpam as estrebarias de Augias.

Até então, venerava-se o erro e o descuido legados pelos successores de Estacio de Sá. A tradição brasileira

começou de 1904. Dahi esta verdade proclamada algures: civilização do paiz data do momento preciso em que foi traçada a Avenida Rio Branco.

O Rio, pelo menos, principiou a contar desse instante providencial, que é o melhor apanagio da energia da nacionalidade. Porque, na realidade, o que existia anteriormente, não poderia, a rigor, chamar-se de cidade. Era uma aldeia colossal, lembrando uma cidade-dedalo, uma Canudos centuplcada, descripta pela penna magistral de Euclides da Cunha. ... dedalo desesperador de beccos estreitissimos, mal separando o baralhamento cahotico dos casebres feitos ao acaso, testadas volvidas para todos os pontos, cumieiras orientando-se para todos os rumos, como se tudo aquillo fosse construido, febrilmente, numa noite, por uma multidão de loucos... .

Tal a obra-prima dos colonizadores apressados negligentes o resultado das construcções ao alvedrio canhestro dos mestres de obra, Agora, não. Já ha um plano de edificações e os architectos não se occupam com malbaratar tempo construir projectos improductivos, a traçar castellos no ar.

O Rio já ostenta alguns edificios bellos, de estylo nobre, embora se adorne, aqui e alli, com «elephantes brancos», numa faceirice propria de megeras.. Demais, substituiu «Provisorio» pelo «Municipal», si bem que este theatro definitivo tenha defeitos insanaveis e irremoviveis. Tem, alem disso, hoteis modernos, confortaveis, onde se paga muito para a aquisição de dyspesias, assim como possui cassinos, estabelecimentos balnearios, cabarés e casas de chá, que, noutro tempo, só se tomava, ás vezes, em pequeno.

O Rio, pois, é uma cidade que se vae tornando digna da natureza que lhe serve de edenica moldura. Chamavam-lhe a cidade de Deus. Hoje, já se vae tornando a do homem. Falta-lhe, certamente, muito para alcançar todo o seu esplendor.

Actualmente, a sua insipidez desapareceu, com movimento dos turistas, o bulicio das ruas, o augmento do transto, as delicias da vida nocturna, cheia das pernas, das vozes, dos risos do «Ba-ta-clan» e do encanto, da graça, dos mencios das «tiples» da Velasco.

Si o Rio continuar nesse crescendo, ficará em breve um paraíso... para os ricos.

Saul de NAVARRO

# FEMINISMO E ECONOMIA

O feminismo começou a tornar-se possível desde que as sociedades passaram do typo guerreiro ao industrial.

Numa sociedade guerreira a mulher tinha que ser inferior.

E si a passagem da sociedade guerreira á industrial foi o prologo do feminismo, a grande industria escreveu o primeiro capitulo de conclusões terminantes. A grande industria foi reduzindo as industrias domesticas e tirou á casa a sua importancia industrial. O lar era um centro industrial que abastecia de muitas coisas a familia alli se fiava e tecia, se confeccionavam os tecidos ou pelo menos parte delles: alli se obtinham do curral ou da horta muitos productos de alimentação. Em summa: comprava-se pouco. A casa tinha um logar importante na economia privada, e esta economia era presidida pela mulher: era o seu reino.

A grande industria destruiu essa constituição economica. Hoje, a casa da mulher mais trabalhadora tem pequenissima importancia industrial. O fuso e a roca passaram á historia. E' mais conveniente comprar as coisas do que fazel-as em casa. Re-

duziram-se de muito as occupações domesticas e a mulher, com isso, foi se entregando ao luxo.

E' certo que lhe ficava e lhe ficará ainda uma missão esthetica e moral e mesmo uma funcção administrativa; mas reduziu-se tanto o ambito da casa antiga e augmentaram de tal modo as necessidades artificiaes creadas pela civilização, que a mulher teve de sahir á rua, impelida pela força dos factos economicos. Em plena rua, no mesmo plano do homem, a antiga divisão não tem razão de ser e a igualdade de direitos, que é norma de justiça para a concurrencia, instaura-se fatalmente.

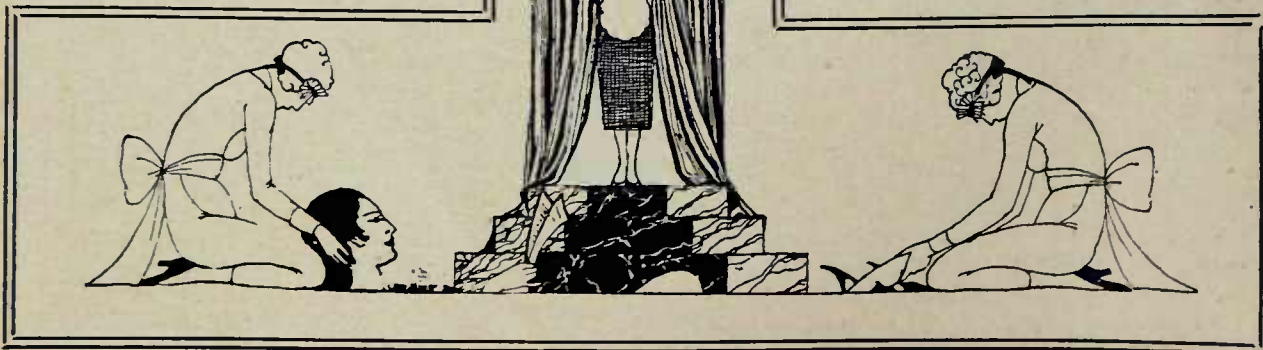
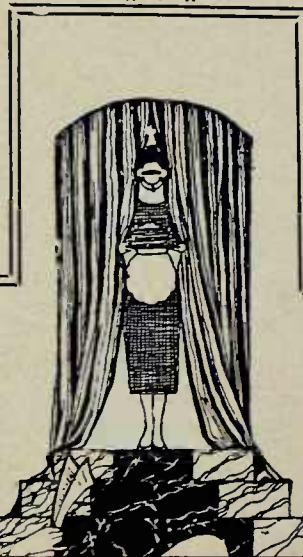
*Gomez de BAQUERO*

Mais vale uma verdade amarga do que uma doce mentira.

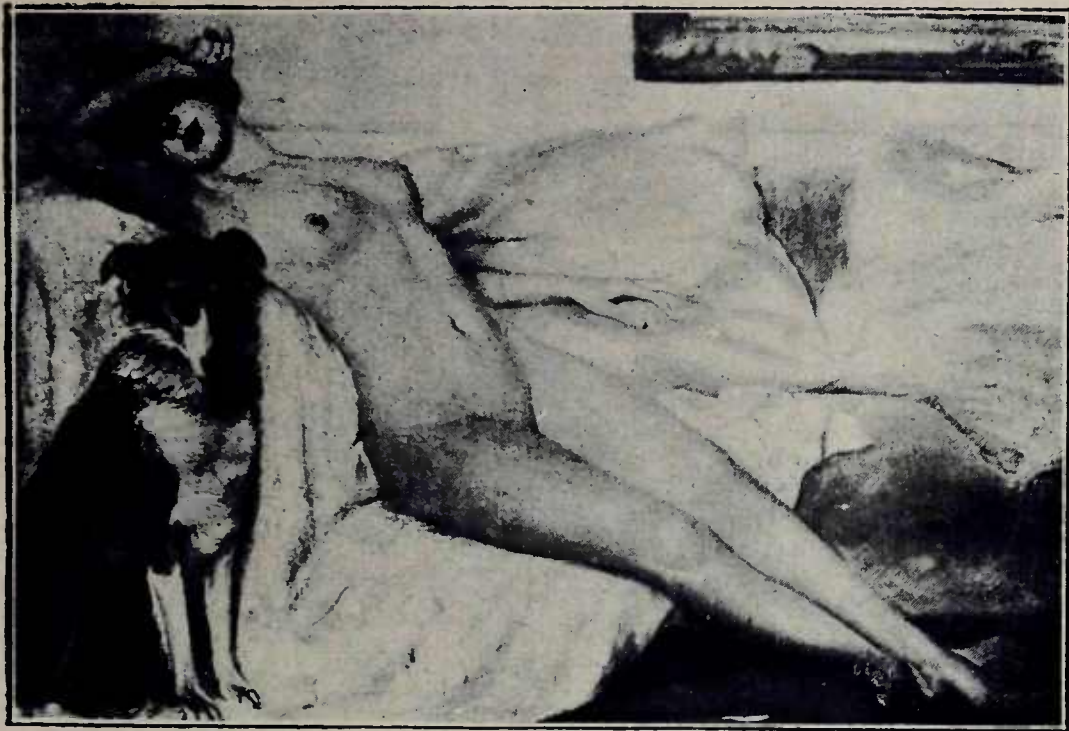
*Hall CAINE.*

A bisbilhotice é um impulso humano, de latitude infinita, que, como todos, vai do réles ao sublime: por um lado leva a escutar ás portas e, pelo outro, a descobrir a America.

*Eça de QUEIROZ*







## OS PINTORES DO NÚ

«Mon modèle et mon chien», de Hervé. (Salão de Paris, 1912)

### As faltas dos grandes

É do suave, do amavel autor d'«O crime de Sylvestre Bonnard» essa joia da moderna litteratura franceza, a pagina que aqui offerecemos aos nossos leitores. Extrahida da sua obra «Pierre Noziere» e especialmente traduzida para AMERICA, essa pequenina fabula diz toda a delicadeza e toda a ternura de que é capaz a grande alma de Anatole France.

A

As estradas parecem-se com rios. Isso porque os rios são estradas naturaes por onde se viaja com botas de sete leguas; que outro nome conviria ás barcas? As estradas são como rios que o homem fez para homem.

As estradas, as bellas estradas tão uniformes como superficie de um rio, sobre as quies a roda do carro a sola do sapato encontram um apoio ao mesmo tempo tão solido e tão macio, são as obras-primas dos nossos paes que morreram sem nos deixar os seus nomes e que não conhecemos sino pelos seus beneficios. Bendictas sejam as estradas, pelas quies os fructos da terra nos chegam abundantemente que approximam os amigos.

Foi para verem um amigo, o amigo João, que Rogerio, Marcello, Bernardo, Jacques e Etienne tomaram a estrada nacional que extende ao sol, ao longo dos prados e dos campos, a sua linda faixa amarella, atravessa as villas e as aldeias lva, dizem, ao mar em que estão os navios.

Os cinco companheiros não vão até lá. Mas pre-

cisam fazer uma viagem de um kilometro para chegarem á casa do amigo João.

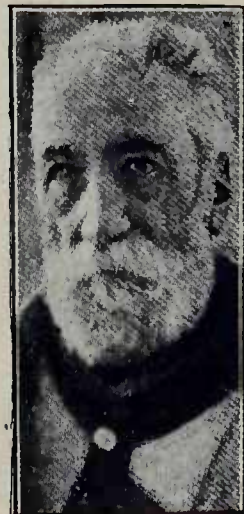
Eil-os partidos. Deixaram-nos ir sós, fiados nas suas promessas; elles se comprometteram a ir muito direitinhos, não se afastar do caminho, a evitar os cavallos e os carros não deixar Etienne, o menor do bando.

Eil-os partidos, Vão em ordem, em uma fileira unica. Não se pode partir melhor. No emtanto, ha um senão nessa bella compostura. Etienne é muito pequenino.

É verdade que elle está animado de uma grande coragem. Esforça-se apressa passo. E além disso agita os bracinhos. Mas é muito pequeno demais não pode seguir os amigos. Fica para trás. É fatal; os philosophos sabem que as mesmas causas produzem sempre os mesmos effeitos. Mas nem Jacques, nem Bernardo, nem Marcello, nem mesmo Rogerio são philosophos. Elles caminham de accôrdo com as suas pernas, pobre Etienne, de accôrdo com as suas: não ha equilibrio possivel. Etienne corre, bufa, grita, mas fica para traz.

Os grandes, os mais velhos, deviam esperal-o, direis, regular o passo pelo seu. Ah! seria da parte delles uma alta virtude. Nisso elles são como os homens. Avante! dizem os fortes do mundo; e deixam os fracos para trás. Mas esperae pelo fim da historia.

De repente os nossos grandes, os nossos fortes, os nossos quatro peraltis se detêm: viram no chão um bicho que salta. O bicho salta porque é uma rã vai em busca do prado que margeia a estrada. Esse prado é a sua patria; é-lhe caro porque ella allí tem sua morada, junto dum riacho. Salta.



ANATOLE FRANCE



Uma rã é uma grande curiosidade da natureza.

Esta é verde: tem aspecto de uma folha viva. Nesse aspecto dá-lhe qualquer coisa de maravilhoso. Bernardo, Rogerio, Jacques e Marcello lançam-se em sua perseguição. Adeus Etienne e bella estrada toda amarella! Adeus promessas! Eil-os no prado. Sentem logo os pés enterrarem na terra fôfa que alimenta um matto espesso. Alguns passos mais se enlameiam até aos joelhos: o matto escondia um brejo!

Sáem com muito custo. Os seus sapatos, meias e pernas estão negros. Foi a nympha do prado verde que calçou botas de lã nos quatro desobedientes.

Etienne alcança-os exausto. Não sabe, ao vel-os assim calçados, si deve ficar satisfeito ou triste. Medita na sua alma innocente as catastrophes que férem os grandes e os fortes. Quanto aos quatro enlameados, voltam lamentavelmente sobre os seus pissos. Pois como haviam de ir ver amigo João em tal estado? Quando entrarem em casa, as suas mães lerão nas saas pernas a falta que commetteram, ao passo que a candura do pequeno Etienne reluzirá nas suas perninhas rosadas.

Anatole FRANCE

---

Appareceu em New-York, onde está fazendo um grande successo, um limpador de vidraças capaz de emittir, quando canta, duas notas ao mesmo tempo. Os jornaes esperam poder noticiar breve o apparecimento de um tenor capaz de limpar duas vidraças ao mesmo tempo.

---

Só se devem combater as opiniões pelo raciocinio. Não se dão tiros de carabina nas idéas. — RIVAROL.

---

Pensae duas vezes antes de falar e pensareis duas vezes melhor. — PLUTARCHO.

---

O verdadeiro bem é aquillo que nos torna melhores. — Santo AGOSTINHO.

---

O DOUTOR J. W. EVANS, sabio americano, descobriu ha pouco que a erosão das aguas do Atlantico fizeram recuar de 2 centimetros e meio a costa americana, no anno passado. E' o caso de se agradecer ás companhias de navegação o não terem augmentado o preço das passagens.



### As Aventuras Artisticas

Alexandre Archipenko, o escultor que acaba de fazer uma exposição em New-York, é um desses artistas que acham que «o espirito da sua altamente mecanizada geração não pôde ser expresso pela placidez do marmore e do bronze. Dahi as suas arrojadas tentativas de unir, nos seus trabalhos, os recursos da esculptura aos da pintura, a que se ajuntam as innovações de novos materiaes introduzidos na confecção de taes obras. O leitor decidirá: pelo applauso ou pela condemnação...

---

Quando morre uma criança, nós tambem morremos um pouco nella, porque ahi morre uma illusão nossa. — Graça ARANHA.

---

A variedade é o que mais ama na vida o coração humano. — Alexandre HERCULANO.

---

Os preguiçosos têm sempre vontade de fazer qualquer coisa. — VAUVENARGUES.



# VIDAS ESTÉREIS

(CONTO)



PEZAR do tempo decorrido, elle não esquecia. Além de que não era tão velho para a tal ponto perder a memoria. Tinha sido mesmo aquella aventura mais interessante da sua mocidade. E, si bem que lhe houvesse acarretado muitos desgostos, tal aventura fizera com que elle se detivesse á beira

do abysmo. E que abysmo! Um espantoso precipicio, com a morte no fim... De que se livrára! Agora, no inverno que se avisinhava, vendo a proxima chegada da pallida dama do sudario branco, sem affectos e, por consequencia logica, sem familia, voltava a dansar na sua imaginação a silhueta gentil da caixeirinha. Que teria sido feito della? Talvez se houvesse casado com algum vendedor de louças e estivessem estabelecidos. Talvez os negocios prosperos a houvessem transformado numa senhora opulenta, consagrada ao lar que formára Talvez, tambem, peccado houvesse batido ás portas do seu coração ella morasse actualmente com algum sujeito, numa união sórdida. E porque não morta? A vida reserva-nos dolorosas surpresas. Estaria rodeada dos seus? Quem sabe? Bem se lembrava elle... Morena, de cabellos curtos crespos, olhos muito grandes, muito negros, muito brilhantes, com pestanas espessas e os arcos negros das olheiras profundas... Elle de certo nunca amára; nunca a pudera amar. O seu amor foi pela outra, pela loura boneca que veio dos Andes com a neve dos puecos no corpo divino, tão branco como leite, e com o fogo dos vulcões da cordilheira demoniaca no seu sangue de mulher apaixonada.

A outra! Era bonita, sim, seductora... Elle chamava a menina dos olhos cõr do céu, e a bonemaria, satisfeita na sua vaidade de menina que presente um mysterio nas palavras do homem. Que vergonha! Apaixonado por uma pequena de dez annos! Um crime! Pensando bem, não havia delicto tal. Quando elle se apaixonou foi outr'ora, na juventude; agora apenas havia recordações, fantasmas das coisas que se foram para nunca mais voltar. A menina dos olhos cõr do céu seria já uma mulher, feliz ou desgraçada, porém, uma mulher. Como passavam depressa os dias! Hoje moço, alegre, cheio de illusões; amanhã, velho, triste, cheio de desenganos... O mundo não pára a seu monotono girar, dia e noite, luz e sombra, como a vida dos homens, alegria e dor, riso e lagrima.

Duas mulheres cruzaram o seu caminho, por ellas soffreu elle coisas indiziveis, humilhações e offensas. Elle, o altivo senhor de Villasantos, descendente de uma estirpe gloriosa de nobres cavalheiros. Nobre? Sim. Haviam sido nobres os seus antepassados; e nobre era elle, por ser legitimo rebento de um tronco veneravel; nobre era a sua alma, nobre a sua conducta. E no emtanto para os outros, para a sociedade despotica de bastardos enriquecidos, não passava de um pobre diabo encadeiado á miseria da minguada gratificação que o Estado entrega ás



manadas famintas dos seus modestos servidores. E depois, na velhice, o mui nobre senhor de Villasantos era um pobre aposentado quem a Nação atirava mensalmente a esmola de umas moedas para tornar mais longa a sua agonia.

Si elle quizesse, encheria com sua lettra tremula centenas de paginas narrando a sua vida obscura e ignorada; escreveria a sua historia, não para o vulgo, mas para a No-



breza, que sentiria orgulho ao saber da abnegação de um pobre diabo. Loucuras! Elle não soube que eram riquezas porque, antes do seu nascimento, alguém dissipára a fortuna dos seus; e elle nasceu humilde, viveu humilde e humilde morreria. Deus sabe onde, num dia não sabido, em um minuto qualquer...

A silhueta da caixeirinha continuava a dansar no seu cerebro. Carmen? Luiza? Chamava-se... chamava-se Ah! Chamava-se Rosario!

— Estás convencido, meu velho? E' difficil recordar... Disse de si para si.

Apanhou a penna preparou o papel.

Impossivel. A mão recusou-se obedecer-lhe. A penna, como um estylete, rasgava papel.

— Coragem, meu velho, avante! A mão vacilla mas o coração ainda é forte e a guiará!

Todas as tentativas foram inuteis.

— Velho infeliz, não podes escrever, mas apenas pensar!

E pensando, pensando, adormeceu.

Tac, tac, tac...

Despertou-o ruido. De quando quando soava uma campainha.

— Si tivesse uma machina de escrever! Dando golpes seccos no teclado encheria de lettras papel e riria do meu pulso...

No aposento contiguo um negociante despachava a sua correspondencia utilizando-se de uma esplendida «Smith».

— Si elle ao menos m'a cedesse por momentos...

O visinho accedeu com prazer ao pedido do senhor de Villasantos. E naquella mesma noite a cobiçada machina passou, como uma joia de preço, ao quarto do improvisado escriptor.

Tac, tac, tac...



— Muito bem! É o título? Recordações da mocidade? Memórias? A moda são novellas alegres, com um pouco de emoção e um pouco de immoralidade. Nada, meu velho, a tua historia não interessará ás meninas que dançam no «grill-room» do «Palace». E nem tão pouco aos velhos. Escreverás para ti, como dizem os escriptores mentirosos. Mas conheces a tua vida, minuto por minuto. Não teus parentes e quem deixou as folhas escriptas... Em compensação, si descrevesse as tuas remotas aventuras de amor adaptadas aos tempos de bailes absurdos e de liberdades censuráveis, talvez fizesse uma obra-prima ao gosto das raparigas que fumam cigarros turcos e bebem licores verdes, amarelos e azues... Vicio? Esta palayra, nem a pronunciava; peccados ligeiros, flirts escandalosos, flores exóticas que nos troax: a Liberdade. Avante, pois! Não serás o primeiro velho que escreve uma novella sentindo-se joven.

Tac, tac, tac...

— Dóem-me os braços... Compreendes, velhote? Quando te aposentaram, foi porque não servias mais, porque havias dado já o fructo da tua vida pardacenta nos quarrenta annos de serviço activo!

Dolorido, sem esperanças, fulto de fé, abandonou a ten-

dos symbolos dos teus estudos, tola a arvôre dos Villasantos livre de enertos, livre do contacto das plantas rasteiras...

Os desejos da honrada senhora foram cumpridos e risca pelo cavalheiro. Dir-se-ia que o senhor de Villasantos, durante a sua obscura missão de funcionario publico, havia passado uma existencia silenciosa e reverente nos quartos frios de innumdas hospedarías. Na quietude dos detestaveis cubuculos que a sorte lhe reservára, a sua alma voava empes de ideas solitadas, cheia de juventude eterna e de missões de justiça. Naquellas horas de clausura voluntária, a serena altivez da sua raça assomava ás pupillas cinzentas dos seus olhos cansados, no ultimo adeus á magnificencia das grandezas perdidas, no ultimo grito de revôlta ante as runas de um brazão ante os estremecimentos agonicos de uma casta. E agora, no vil ranerem do Ministerio, transformado em roda insignificante da irrisora machina burocratica, o senhor de Villasantos era simplesmente Villasantos, um pobre chefe que discutia sobre turcos, que commentava com os subalternos a plasticia de uma certa danarina.

Viveu duas vidas oppostas. Pelo pensamento, foi digno descendente daquelle arrogante marquez de Villasantos que, ao cabo de uma vida honrada, entregou o seu patrimonio



tativa. Contemplotu em silencio a machina, que parecia esperar a chegada de mãos ageis que fizessem palpar tecendo poemas narrações emotivas cruéis. Naquella mistura de atavancas e de molas escondia-se o enigma do porvir. As idéas audazes, as salvadoras arrogancias, os preceitos luminosos, as formulas mercantis, os pensamentos dos homens que, com os seus egoísmos, turbam a paz dos povos ou os fazem invencíveis, as profanas crenças futuras, a honra, a virtude, o delicto... Alli estava o cerebro mecanico que deixaria gravada com signaes indeleveis, para assombro das gerações futuras, frieza de uma geração que zombava das legendas sagradas dos tempos românticos em que os homens se matavam por uma mulher, por uma honra ou por uma bandeira.

O senhor de Villasantos cerrou os olhos, porque «Smith» lhe pareceu um sangrento instrumento de tortura. Depois cobriu-a com o panno negro. E, livre da influencia do modernismo, pôz-se ler livros truncados de folhas amarelladas, mystico legado da sua santa mãe.

— Quando eu morrer — disse-lhe ella nos dias distantes da meninice — estes livros sãão os teus mais fieis amigos; nelles aprenderás os codigos da hoara; por elles conhecerás os feitos gloriosos dos homens que traziam o teu appellido, as legendas sublimes da tua estirpe, porque

aos azates do jogo da bolsa; mas na realidade de verne que só provou o fêl do infortanio, foi plebeu, plebeu como os demais: um desgraçado, escravo de um nome, com as botas rotas e um eterno sorriso amargo nos labios.

Certa vez lhe supprimiram o de nos documentos officaes. Algum espirito de nocrat-co, offendi-lo pela nobreza do collega, tomára aquella vingança. Para que reclamar? Desde então elle proprio o supprimira nos seus cartões. José Antonio de Villasantos? Ora! José Villasantos, é prômpto!

Todas as manhãs, ao chegar á repartição, havia sempre um collega para o convite infallivel:

— Chefe, um rateio para o café!

E o café era tomado em commun. Café servido sem colheres, porque o fornecedor da bebida achava que elles se perdiam sempre entre os objectos accumulados sobre as mesas. Palitos piteiras de ambar duvidoso faziam as suas vezes.

— Succulento! dizia invariavelmente um delles, acce-riçando o bigode.

— Detestavel! respondia outro.

E Villasantos intervinha, sorrindo, paternal.

— Calma, meus amigos. O café não é bom, nem máu. É um café burocrata, sem aroma agradável, sem sabor definido. Mas fumiga e nos faz felizes...



— Brutal, amigo Sr. José!

— Senhores, acabada a nossa merenda humilde, espera-nos trabalho... — insinuava o chefe com a timidez de um collegial.

— Melhor seria que nos esperasse uma louca: por exemplo, a vendedora de fumos, da esquina. Não acha, Sr. José da minh'alma?

— Quem fala em tabaco?

Não ha um spito para este desgraçado chefe de familia? perguntava, de um canto, um sujeito de roupa lustrosa pelo uso.

— Ordem, senhores!

— Sim, ordem... do dia: trabalhar o mais devagar possivel, para dar menor rendimento.

— Amén!

— Por todos os seculos dos seculos...

E bando de funcionarios começava o trabalho entre pilherias obscenidades.

Os velhos livros do legado materno o embalavam. As paginas amarellecidas, com gravuras a tres côres, dulcificavam as asperezas do seu character, tornado irritadiço na idade avançada. Eram breviarios sãos, alentadores persuasivos. José Antonio de Villasantos, chegou a considerar a sua leitura como um cauterio purificador. Quando o aposentaram, ao completar os sessenta cinco annos, retirou-se para a calma de uma tranquilla provincia. A sua vida methodizou-se ainda mais. Ouvia, devotamente, a missa diaria na legendaria cathedral, que destacava, orgulhosa, as suas torres mudas no fundo violeta do amanhecer. Escon-

dia-se, de tarde, entre as moitas dos jardins floridos, em que, ébrias de prazer, brincavam crianças. E quasi sempre os seus risos e cantigas o faziam chorar, como si fossem censuras á sua via esteril.

As provincias adormecidas, longe de lenitivos, são offerorios de lembranças para as almas torturadas. Ellas nos obrigam a julgarmos sevéramente o nosso passado, a nos orgulharmos de exitos distantes nos mortificarmos com as sombras de imperdoaveis esterilidades. Mais do que provincias adormecidas, são povos que vivem de recordações.

No seu retiro voluntario, o senhor de Villasantos havia tido a infeliz idéa de escrever as suas Memorias. Apenas um instante considerou fracassada a sua ardua empreza. Lançou longe os livros da herança materna e, com a tenacidade dos velhos, descobriu a machina e os seus dedos esqueléticos cõr de cêra recommençaram a bater teclado reluzente.

Tac, tac, tac...

— Sr. José, não se deita hoje?

Era a voz aspera da dona da casa, que pedia explicação daquelle facto anormal na existencia monotona do ancião.

— Estou escrevendo a minha vida... respondeu elle.

— A sua vida?

— Sim! Uma vida esteril...

Gloria de SAN TELMO — (Desenhos de Ochoa).



PINTURA CONTEMPORANEA

«La rafale», de A. Quinsac. (Salão de Paris, 1913).



O nome RODIN, pelo que seu respeito se tem escripto, traz logo á idéa um hispido fazedor de monstros em esculptura. Nada menos justo, e a prova é a soberba «Idade de Bronze», que aquí reproduzimos, modelo de harmonia de linhas de elegancia masculina de fórmãs.

## De um livro ignorado

Seus collegas de infancia! Tinha saudades delles uma grande piedade pelas suas pobres figurinhas delgadas que riam ou questionavam, ignorantes dos seus amargos destinos, na inconsciencia de anhos que saltitam felizes dois minutos antes de receberem, em pleno coração, a punhalada mortal do magarefe. Fructos ephemeros da inconsciencia inelutavel do Instincto, pisavam, tripudiando alacres, o limiar de um mundo em que ha invejas surdas, odios tragicos, guerras cruentas, a delação ascorosa do sabujo e a punhal traiçoeiro do sicario, onde ha olhares que cretam e boccas que infamam, onde punhos se contractam dissimulados, dentes rangem macabros na sombra!

Vinham para a vida — scenario de duellos pela conquista de uma ventura precaria — onde é forçoso que a sinceridade seja tangida pelo sarcasmo que a pureza percorra, ignorada infeliz, sua via dolorosa...

E porque vinham elles, alvas columbas lamentaveis, rasgar nos espinhos as carnes tenras e expor o collo niveo á dilaceração monstruosa das frêchas? Ou, pequeninas bestas ainda innocentes, cumprir o destino odioso de pungir tambem, de tambem arrancar aos corações alheios ais doloridos e lagrimas ardentes?

Vinham para a vida, para a tortura de todas as decepções de todos os mallogros. Sonhariam e não veriam realizada uma parcella de ideal; teriam vontades para sentir-as esmagadas; extenderiam labios sequiosos para taças fugitivas; abririam os olhos para claridades que não brilhariam nunca... Todas as aspirações seriam frustradas desenganados todos os anceios. Perderiam passos no deserto, os olhos tragicamente cravados na miragem esquiva da felicidade.

Ambicionariam a gloria e teriam pó; ergueriam os braços para os pinaros não sahiriam jamais da constrição das grotas; artistas, teriam a incomprehensão hostilidade; idealistas, esbarrariam no escarneo; amantes, seriam trahidos; cobiçosos, apalpariam ruinas; os beijos haviam de fugir-lhes e os seus abraços abraçariam o vacuo; não encontrariam um carinho para seu carinho, nem um eco para sua voz, nem uma pupilla em que se reflectisse o brilho do seu olhar sedento. E os olhos apelariam sempre em vão, e debalde clamariam eternas as boccas, as mãos retorcidas inutilmente avançariam na noite, numa sollicitação obstinada e infinita... E um dia haveria sobre a terra um tumulo — concretização ironica de todos os anceios, realidade irrisoria de todos os ideaes, cinzas de incendio.

*Silverio ROSAS.*

Quando se está alegre, é que não se ama: o amor é uma coisa grave, triste e profunda.

*Octave MIRBEAU*

A inextinguível hostilidade dos nescios foi sempre o pedestal de um monumento. — INGENIEROS.

A unica victoria, em amor, é a fuga. — NAPOLEÃO.





# A CULTURA PELO THEATRO

Dispondo, como paiz em phase evolutiva, de escassos recursos para a diffusão da cultura, o theatro deveria constituir para nós um poderoso elemento de educação, não só esthetica, mas mesmo moral das multidões. Ao lado do theatro-industria, fonte de rendimento, ha lugar para a belleza. Não se confunda o appello aos appetites grosseiros com manifestação artistica...

Nesse particular o brasileiro é um povo calumniado. Dizem - no hostile á arte superior, avido de prazeres rasteiros que a sua mentalidade amorpha digere voluptuosamente. Será exacto esse conceito, ou será que lhe dão o baixo theatro por não lhe poderem offerecer outro os que o responsabilizam pelo supposto calor com que applaude a farça triumphante?...

Mas tal affirmacão não corresponde á realidade. Não conheço povo mais docil, mais plastico, do o nosso. Elle aceita tudo. E se aceita tudo, por que não lhe damos, através do palco, uma orientacão para a belleza, para o bom gosto, para a comprehensão das idéas?...

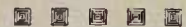
Quando lançamos, a título de experiencia, o Theatro da Natureza, não foi com entusiasmo que a platéa vibrou diante das tragedias eternas que o genio grego, tão claro e tão empolgante, nos legou? Aquella simplicidade formidavel toca todas as almas, é penetrante como um philtro, e não exige conhecimentos especiaes para a sua percepção. Nós não vimos tambem o fracasso de outros emprehendimentos a que faltou a sinceridade?...

Espalhemos o riso bom da satyra que corrige deformidades, cultivemos os sentimentos generosos, nas bellas formas de arte. Não ha baixo nem alto theatro, quando os generos reflectem um nobre intuito ou um pensamento elevado. Ha, pura e simplesmente, theatro. A farça, a comédia, o drama, a tragedia, a opera, comportam uma affirmacão de arte ao alcance do espirito popular. O chamado theatro de *élites* é falso, como são falsas as *élites* que o procuram por exhi-

bicionismo para que se veja mais a ellas do que a scena que se desenvolve diante de nossos olhos...

Approveitemos o theatro como um excellento instrumento de conformação da consciencia do povo. Transformemol-o n'uma arma de civilisação, n'um espelho em que se reflectam de preferencia os nossos defeitos, os nossos encantos.

Carlos MAUL



## O fumo é desinfectante?

Um italiano, o Sr. Puntoni, acaba de estudar a acção desinfectante do fumo em condições comparaveis á da cavidade buccal e a mesma acção «in vitro», a titulo de comparacão.

Basearam-se os seus estudos no virus choleric, no meningococo, no bacillo de Pfeifer, no da febre typhica, no da diphteria, no estapilococo, no estreptococo, todos elles collocados em recipientes de vidro: os germens foram mortos no fim de cinco a trinta minutos.

Estudando a composição do fumo, reconheceu o Sr. Puntoni que as suas propriedades bactericidas eram devidas a tres corpos: o formol, o piveol e a nicotina.

Entretanto foi observado que o poder desinfectante que o fumo exerce de um modo notavel «in vitro», está longe de ter o mesmo valor na bocca dos fumantes.

Pode-se, é facto, admittir que se produza na bocca uma acção ba-

ctericida depois do uso de uma grande quantidade de tabaco. Mas essa acção só se exerce sobre os germens menos resistentes, como o meningococo e o vibrião choleric. Por conseguinte não se podem destruir com o fumo os microbios que apresentam a mesma resistencia que o bacillo typhico.

E' pois um erro palmar suppôr que a acção bactericida do fumo se manifeste até nas vias respiratorias.



**"O ESPIRITO DA DANSA"**

Esculptura de Alfred Lenz, artista americano.

# © "Salão" de 1923

(LIGEIRA NOTICIA)

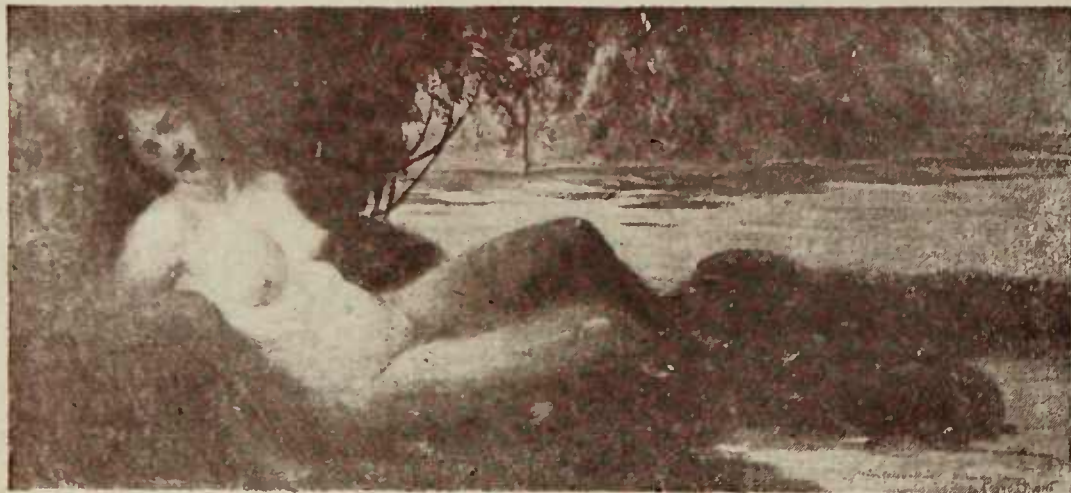
**D**EPOIS da emphase patriótica do «Salão» do anno passado, em que os nossos pintores, forçados pela data que commemoravamos, procuraram despertar interesse fixando em symbolos mais ou menos felizes os feitos da nossa emancipação política, a Exposição actual apparece-nos mais modesta, é verdade, porém mais apreciavel pelo caracter de diversidade e de independencia revelados na escolha dos themas offerecidos á inspiração dos nossos artistas,

natureza brasileira: *Nevoas da manhã, Em plena natureza, Uma tradição que desaparece...*

Outro mestre, Visconti, apresenta *Despedida, Martyr, Para a Escola*, com o estylo em que se fez admirado.

Entre outros trabalhos, Lucilio de Albuquerque concorre com uma *En'rada da Guanabara* e *A curva da Estrada*.

Parreiras, o fecundo mestre da paizagem, tem um logar importante no actual certamen. *La vallée de la Dala* (Suissa) *Sudoeste, Cataratas*



«Yára»,  
de  
Pedro  
Bruno



Antes do mais, o «Salão» deste anno denota uma operosidade e um esforço dignos de admiração num paiz em que a indiferença glacial ambiente ameaça matar em germen toda velleidade artistica e em que é preciso ter a obstinação dos fanaticos para vencer os incontaveis obices que estorvam a carreira das artes — ainda entre nós consideradas um passa-tempo de meninas ricas ou uma mania de individuos que não dão para outros mistéres *mais sérios*.

A actual Exposição, em que se contam muitos trabalhos excellentes, é um documento de que os artistas brasileiros empregam brilhantemente o seu talento e o seu esforço afim de assegurarem á nossa terra, no terreno artistico, um logar de destaque entre as nações americanas.

Baptista da Costa expõe algumas télas notáveis em que mais uma vez revela o sentimento da

*do Iguassu' Inferno Verde*, (Brasil) e *Hora Dourada* (França), com o tríptyco *Terra Natal*, mostram que a paizagem brasileira, como a extranha, não tem segredos para o seu pincel.

Timotheo da Costa expõe obras em que sobresae uma *Paizagem*.

André Vento apresenta o painel decorativo *Matinal* (pointillé) e um mystico Pierrot em *Sonho desfeito*. Mais terrenos são os motivos de Pedro Bruno: *Symbolo das Praias, Yára* e *Repouso*, onde a mestria da factura rivaliza com a limpidez dos tons.

Carlos Chambelland detém o espectador diante da formosa luz das *Commungantes* e da execução do *Retrato*.

Levino Fanzeres dá-nos aspectos da natureza em *Paizagem de Campos* e *Terra Virgem*, além de outros. *Na praia, Balcão florido* e *Fim de*





«FIM DE PASSEIO»,  
de Georgina Albuquerque

*passeio*, telas de Georgina de Albuquerque, encantam pela frescura e pela luz.

Oswaldo Teixeira é incansável e vertiginoso nos seus progressos. Apenas um adolescente, expõe trabalhos que forçam o estudo: *Suíte parvulos... Recostada*. Admira-se ainda um *Retrato* e um delicadíssimo pastel; *Adolescente*.

Bernardino Pereira conseguiu em *Depois do vento* um magico effeito de transparencia da agua de um lago de parque.

Bracet trabalha o sagrado e o profano em *Direito de asylo* e Manoel Constantino faz um retrato, *Edith*, que é toda uma psychologia infantil.

Manoel Faria expõe um bom retrato (n. 62), junto de *Maruj* e *Retrato da senhorinha L. B.* de Sarah Figueiredo.

Podem notar-se ainda os desenhos a car-

vão de Fiúza Guimarães, *Tarde de Sol*, de Garcia Bento e o magnifico effeito de luz do *Preludio*, de João de Azevedo.

O sentimento decorativo de Mario Tullio expande-se em varias telas, ao passo que Edgard Parreiras, em *Mangueira* e Paula Fonseca, em *Recanto de Fazenda*, voltam-se de preferencia para a paizagem brasileira.

A lenda da Yára encontrou em Manoel Santiago um novo apaixonado e a interpretação da figura humana tentou Candido Portinari, que executou o retrato do escultor Mazzucchelli.

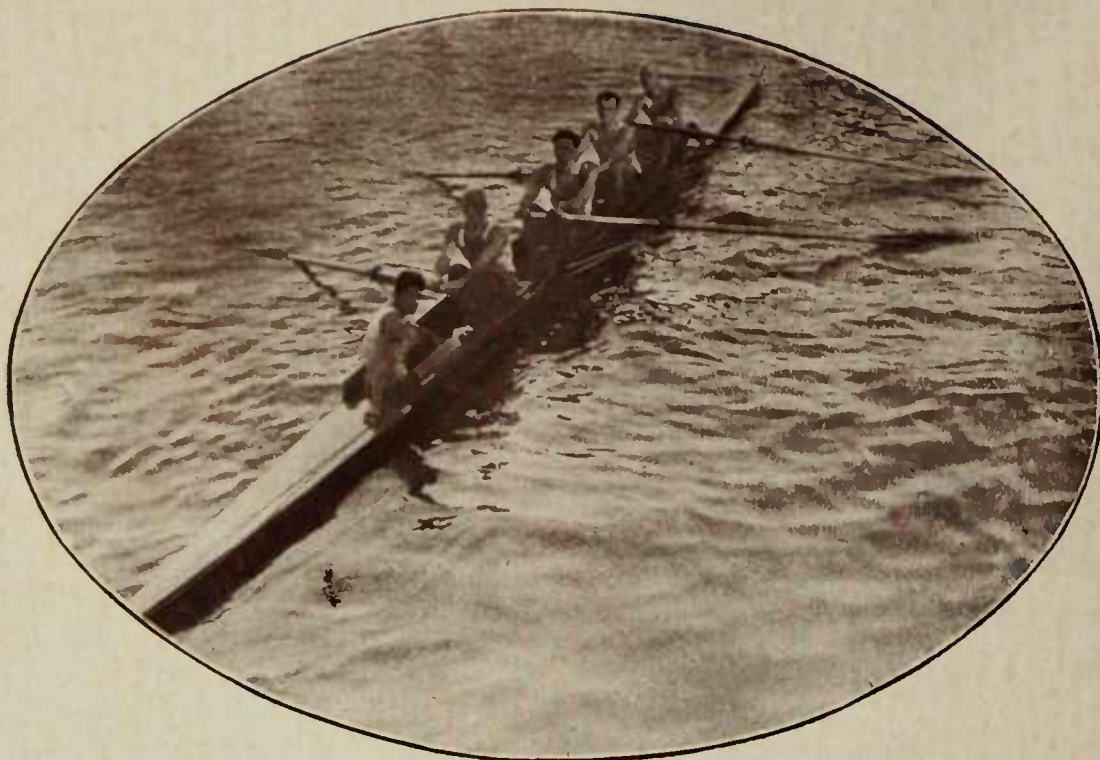
Na secção de esculptura avultam, entre outros, os trabalhos de Antonino Mattos (*Velho fauno*), de Leopoldo Silva, Molestino Canto e Mazzucchelli.

S. F



«RECOSTADA»,  
de Oswaldo Teixeira





## REGATAS DE AGOSTO

«Riedlinger», do Guanabara, vencedor do Campeonato dos Remadores do Rio de Janeiro.

### SUFFRAGISTAS

Realizava-se um congresso feminista. Havia uma agitação entre as congressistas e uma ansiedade insopitável pela discussão dos temas de que dependia o futuro do partido.

Afinal, uma senhora, a presidente, ergue-se com solenidade. Estava magnificamente vestida e ostentava um chapéu ultimo modelo, de causar inveja... E depois de agitar nervosamente uma campanha, dirige-se ás circumstantes:

— Concidadãs! Estou pronta a responder a todas as perguntas que me quiserem fazer!

E todas as suffragistas, em uníssono:

— Onde é que a senhora comprou esse delicioso chapéu?



### OS NEOLOGISMOS CARIOCAS

Um dos títulos de gloria do carioca é a facilidade (e a felicidade) com que cria os neologismos mais expressivos e a presteza com que se apropria das expressões de outros pontos do paiz e as torna incisivas, com uma força que nem sempre possuíam.

O linguajar carioca já teve a honra de dois livros, o que mostra estar sendo motivo de atenção.

*Bamba*... Haverá um termo que melhor exprima o valentão?

O nome de um theatro de Paris desembarcou no Pharoux com uma *troupe* theatral. Pois já o carioca enriqueceu o seu lexico com as expressões: bataclanico, bataclanizar, bataclanico. E a phrase adquire um enorme poder expressivo:

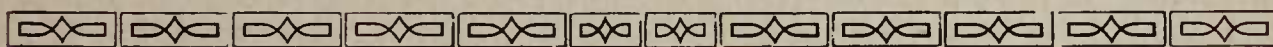
— A «pequena» estava bataclanicamente vestida...





BELLAS-ARTES

HEURE CALME, de H. Montassier. (Salão de Paris, 1912)



# Padaria Prozerpina

Deposito Estrada  
de Ferro Central do Brazil

(FILIAL)

## José Pacheco da Rocha

*Commercio de Fariinha de Trigo e seus preparados*

TELEPHONE 1140

**91, Rua Barão de São Felix, 91**

RIO DE JANEIRO



## BERLIOZ E ROUGET DE LISLE

Muita gente ignora que Berlioz esteve a ponto de colaborar com o autor da «Marselheza». O musicista romantico havia feito um arranjo do hymno nacional francez para dois còros e uma massa instrumental, e dedicára o seu trabalho ao autor desse canto admiravel. Foi então que elle recebeu de Rouget de Lisle esta curiosa carta:

«Choisy-le-Roi, 29 de Dezembro de 1830-

Nós não nos conhecemos, Sr, Berlioz. Que-reis que travemos relações? A vossa cabeça parece um vulcão eternamente em erupção; na minha nunca houve mais do que um fogô de palha que se extingue e ainda fica a fumegar um pouco. No entanto, da riqueza do vosso vulcão e dos restos do meu fogo de palha, pô-le resultar qual-quer coisa. Tenho a fazer-vos, a esse respeito, uma ou mesmo duas propostas. Para isso era preciso que nos vissemos e nos entendessemos. Si vos

agrada isso, indicae-me um dia em que poderei encontrar-vos ou vinde a Choisy partilhar com-migo um almoço máu, sem duvida, mas que um poeta como sois não acharia tal, adoçado pelo ar dos campos. Eu não esperei esta occasião para tentar approximar-me de vós e agradecer-vos a honra que fizestes a uma pobre obra minha, vestindo-a de novo e cobrindo, ao que se diz, a sua nudez de todo o brilho da vossa imagina-ção. Mas sou um pobre eremita enfermo que só rara e rapidamente apparece na vossa grande cidade e que ahi não faz o que desejaria. Fi-caria muito lisongeadado si não recusasseis o meu pedido, si bem que elle não vos seja muito agradavel.

Tratava-se de um libreto de opera sobre Othelo, que o autor da «Marselheza» tinha pre-parado e para o qual esperava a musica do joven Berlioz.



### Os chapéus parisienses

Um lindo modelo que parece ins-pirado no futurismo.





## DESESPERAÇÃO DE CINZAS

*No martyrio das minhas esperanças,  
Tive raivas, blasphemias, desvarios...  
E ergui meus braços hirtos como lanças,  
Contra os astros sonnambulicos e frios...*

*Porque jamais os sóes, em noites mansas,  
Rasgassem luz nos meus fataes transvios,  
Abri-me em odios e desesperanças  
Como um vulcão se abre em clarões bravios.*

*É — cratera de anathemas e assombros —  
Tudo queimei em brazas de tormentos...  
E hoje, que o amor desfez-se em lama e escombros,*

*Contra as constellações, a escurecel-as,  
Arrojo as cinzas do meu tedio aos ventos,  
E a fumaça dos sonhos ás estrellas...*

Moacyr de ALMEIDA



**A ESTRELLA QUE EMIGROU**

Pola Negri abandonou o velho continente e o título de condessa, em busca de terras americanas. Eil-a já em Hollywood, onde é conhecida por *Bella Donna*.





## A Temporada Lyrica

A grande soprano CLAUDIA HUZIC da Companhia Lyrica do  
Municipal.



## Duas cartas inéditas de Lima Barreto



Lima Barreto, o romancista que as letras brasileiras perderam irremediavelmente, foi um pensador que viu com olhos atônitos a grandeza das iniquidades, das mystificações e dos erros humanos; sentiu dolorosamente a profundez da angústia e a enormidade do sacrificio das suas victimas inglorias.

Essa, a genese da sua revólta, dessa rebeldia intransigente que explodiu em ironias pungentes, em sarcasmos impiedosos, em apostrophes indignadas, pelas paginas dos seus livros, pelas suas chronicas e pelos seus incontaveis escriptos espalhados em jornaes e revistas do paiz.

A morte do autor de Polycarpo Quaresma e de Isaías Caminha, desse moralista torturado pelo mal medonho de pensar, devia ter tido qualquer coisa da morte de D. Quixote e de Cyrano — a angústia de fraquear e de desaparecer no momento do triumpho relativo dos preconceitos das injustiças, ao côro formidando dos nullos e dos máus...

As duas cartas, que aqui publicamos, do malogrado escriptor, e que bem dizem do rigor do azedume com que julgava os homens, valen por um subsidio ao estudo da alma rebelde do pensador que perfilhava orgulhosamente o aphonismo de que mais perigoso do que não ter amigos e não possuir inimigos...

Caro Santos,

Eu já sabia do caso. Creio que ultima vez que estive por ali, Guarára falou-me na historia. Não tenho admiração alguma. A minha vingança é que intimidade da alcova ha de causar tal decepção em Mme, que chegará ao amargor. Julgando abraçar o Ruy Barbosa, e'la vai ficar convencida que só bajou o João Fernandes.

Vou contar-te uma historia de reporter que o Washington contou-me. Havia no Republica, do Glycerio, um reporter chamado Bastos. Era um rapazola de Minas ou Estado do Rio, canhestro, bom, meio burro feio. Fazia policia.

Não sei se foi mesmo ahí que elle travou conhecimento com uma rapariga mulata Georgina, que morava na rua do Lavradio.

Todos os dias, elle ia dormir com ella, após terem ambos feito seu trabalho. Elle ia mais cansado do que ella, porque escrever, mesmo quando se é reporter, cança mais que amar. A consideração é minha. Supponho que ambos estavam satisfeitos, tanto assim, isto por parte della, que o pombal todo falava da amizade (que termo!) da Georgina com o reporter. Havia admiração e inveja.

Mas o Reporter não estava satisfeito com a imprensa. Estar puxar o bestuio em coisas de assassinato, incendios, etc. — era de esvasiar craneo! Cavou, cavou, cavou e foi nomeado escripturario das Obras do Ministerio do Interior.

No Republica, elle ganhava 120 mil, nas Obras elle ia ganhar 250\$000.

Na tarde da nomeação seguiu contente para a casa da Georgina, la ganhar mais e lhe podia fazer pequenos presentes, auxiliá-la em dia de difficuldades, etc.

Entrou radiante, beijou-a muito, etc.

— Deixei a imprensa, sabes?

— Porque?

— Não gosto, é uma vida ingrata...

— Não voltas para outro jornal?

— Não. Estou no Ministerio do Interior e...

Ella pensou um pouco.

— Que valia aquelle typo sem ser reporter? Duhinho!

Elle não pela ter grande coisa... Ao menos, quando na da imprensa tinha não sa que ar sigrado e certa repercussão havia na sua ligação, mas assim simples empregado, não era nada. Estava quasi nua, enfiou o jeignoir e disse com muita naturalidade:

— Meu Filho, V. hoje não pode ficar. Estou comprometida... Sim?

O Reporter saiu e dali em diante sempre a encontrou comprometida.

Applique el cuento

BARRETO

Rio, 18 5 09.

Querido Antonio,

Recebi hoje a tua carta — teu cartão. Vieram hoje no mesmo paquete e chegaram aqui com o Anatole Franco.

O Verissimo, os Medeiros e os insupportaveis estudantes (não estava Lacerda), consagraram-no a valer.

O barão Acvidon-o e alhoar, no Itamaraty e Academia tem uma sessão em honra a elle.

O Ruy falou, falou com aquella pretensão, aquella falta de visão que lhe são peculiares, durante hora e tanto, tentando fazer a critica á obra do Jérôme Coignard ou Sylvestre Bonnard, como quizeres. Disse que era vice-presidente do Senado e se batia pela paz universal, Anatole respondeu sabidamente: sem relevo, Sentar-se enovido (gostaste?) e apreciava muito esta terra, bella, etc., em que não havia prejuizos de raças, como na Inglaterra.

Quando o prx universal disse que devíamos guardar-nos das surpresas dos sentimentos e dos enganos do coração, Como já está consagrado, o grande homem andou aqui, pelas ruas, em procissão, acompanhado de reporters, de photographos. *Toda essa rapa*

*vi a besta de G. e C.*

E assim passou elle, e eu não o vi, nem de longe. O paquete chegou domingo, á noite, a procissão andou pelas ruas, durante as horas de expediente.

O Hermes fez tal reforma projectada. Tirou a importancia da reputação e eu penso que meu livro em nada servirá para evitar futuras preferções. Ando imaginando o meio de sair daqui. Sento-me incompativel e cheio de rancores. Agora mesmo, graças á tal reforma, projectam-se promoções e eu serei de novo preterido. Dizem que é Domingos promovido. Todas essas injustiças me sabem como roubos tu' bem sabes como eu tenho fundo sentimento da propriedade. Enfim são tolhees que havemos de esperar um dia, no dia de maiores felicidades que estou certo que nos virá. Tratando do Hermes, é bom que eu te fale dos acontecimentos politicos dos ultimos dias aqui. Sabias que o Campista era o candidato á presidencia do Penna. Bem. A estupidez nacional e a caiação tambem começaram a agitar nome do Hermes. Elle tomou a serio. O Lage e o Alcindo levantaram a candidatura delle no Paiz e na Imprensa.



A rã começou a encher-se.

Ha dias fizeram uma ovação ao Rio Branco e logo os «alferes» lembraram-se de fazer uma esse tolo, no dia do seu anniversario, como se os dois, Rio B. H. fossem homens do mesmo quilate. O Penna pediu então a gralha que declarasse se era ou não candidato. Elle prometteu, mas não fez. Isto foi a 12 14 Penna, à vista da evasiva de 12, pediu-lhe que fizesse por escripto declaração. Elle a fez, pedindo demissão atacando candidatura Campista. Sabes que Penna fez? Mandou chamal-o, pediu-lhe desculpas, abandonou Campista e a gralha ficou na pasta. Está ali a que está reduzido o Brasil!

Engraçado é que Campista ficou tambem só o Carlos Peixoto julgou-se obrigado a resignar a presidencia da Camara. Quando voltares, estará eleito o Hermes e o imperio dos alferes voltará — quem sabe! — o «Minas Geraes» talvez ainda asseste os canhões para Rio.

Tomel em consideração as tuas recommendações Dizei ao João que já viste os quadros os... (intelligivel.) Sinto não estar em Paris contigo, não para explicar-te com um nada de pedantismo (não vac mal, não achas?) gravemente essas quinquilharias todas com que soulio desde tantos annos; mas para nos inebriarmos juntos, com auxilio desta nossa velha e grande amizade; para nos inebriarmos de belleza, de civilização, de saber, de cerveja, de barulho, de fempas tolices, saturando-nos bastante para virmos morrer em paz e socego, nesta terra, que é rica e que é pobre, que dá esperanças e dá desanimos, cultivando nosso jardim e criando filhos que fossem ser bachareis graves e seguros do seu saber. Quando penso em Paris, Antonio, tenho pesadellos de Raskolnikoff.

Saudades e um abraço do

AFFONSO



Um canto de interior moderno — simples e confortável. □ □ □ □ □



**CABOS, LONAS, OLEOS, TOLDOS,  
BARRACAS, ENCERADOS, ETC.**

Unicos depositarios das tintas envenenadas allemãs

**HÖVELING**

e inglezas, liquidas, **SHIP BRAND**



**Rua 1.º de Março, 133 - RIO**

Endereço telegraphico CHACO

**TELEPHONE NORTE 2929**

DEPOSITO

**Rua Conselheiro Saraiva, 8**



**ROCHA COUTO & C.**





# CANDIDAMENTE

(CONTO)

O par descia, muito unido, numa ausência absoluta das realidades obliteradas pelos íntimos fervores, a calçada larga no crepúsculo da grande cidade. Uma nevoa pardacenta, feita de pó e da evaporação das ruas havia pouco irrigadas, esmaecia as luzes artificiaes que se iam accendendo e os envolvia de uma imprecisão accôrde com o seu vago sentir, proprio de namorados.

Parecia que o amor ao mesmo tempo os guiava, isolava e exaltava. Para elles aquelle amor, «o seu amor», era a unica razão de ser. Para elle viviam e delle tiravam todas as suas illusies. «Quando nos casarmos... Quando tivermos a nossa casinha... Quando eu for promovido... Quando tu fóres promovida e a tua mamãe se deixar convencer...» Taes os seus pensamentos e as suas palavras.

Eram ambos empregados num banco: elle como pagador e ella como dactylographa.

Faziam um bom par. Talvez elle fosse um pouco deselegante, alto e myope. Ella porém, era muito bonita — olhos verdes, fina epiderme, cabellos crespos, e macios. Vestiam ambos com modestia; elle, um tanto descuidadamente e ella, mais graciosa, com uma tal ou qual garridice.

Todas as noites, ao sahir dos escriptorios, reuniam-se e vagavam pelas ruas, passeando o seu pobre idyllio á luz moribunda dos combustores.

Elle falava-lhe apaixonadamente, com um terço fervor cheio de caricias, com uma ardente doçura, contida numa humilde de adoração. Inclinado sobre o hombro da sua amada, ia-lhe derramando na concha da orelha, leve e graciosa como um caracol marinho, a sua ancia de carinhos, a sua séde de amor. A's vezes apoiava-se no seu braço e parecia uma criança que passeasse com a mamãe. Então ella sabia sorrir e achar a palavra opportuna, com esse divino dom de maternidade que têm todas as mulheres.

Em tórno delles a vida da enorme cidade gyrava com a sua trepidação surda e ameaçadora. Passavam rapidos os automoveis, com o estrepito das buzinas e o rugir das sirenas; os jorros de luz dos seus pharóes tinham uma intermitencia que cegava e,

na confusão de ruidos e de luzes, uma multidão ia e vinha apressada, confusa, ondeante.

Era a hora da sahida dos bancos e das lojas e o povo denso, pesado, ás vezes alegre e ruidoso com excesso, outras triste e atordado com essa tontura de quem, encerrado muito tempo numa sala escura, se acha de repente em plena luz e ao ar livre, ia, pelas calçadas, afastava-se do centro, rarefeito e mais tranquillo pela ausencia de nervosismos.

E, sem darem por isso, elles encurtaram o passo e as suas palavras tomavam uma diaphaneidade unvida de um arroubo quasi mystico.

— Olha, dizia o rapaz. Falta pouco. Hoje sem ir mais longe, disse-me o chefe, que está muito satisfeito commigo e pensará em mim.

Fez uma pausa e proseguiu:

— Si elle me promover antes do fim do anno, vou falar á tua mãe. Póde ser que se opponha; mas afinal não terá outro remedio sinão ceder. Viveremos a principio muito modestamente; que importa! ao menos estaremos juntos... Depois ..

A calçada ia ficando deserta. Na confusão de luzes o asphalto parecia um rio escuro e reluzente. De vez em quando passava, rapido, um automovel.

Animaram-se a atravessar. Quasi ao meio da rua elle se deteve, ainda a sonhar:

— Escuta, meu bem; para começar, procuraremos uma casinha alegre que tenha muita luz, muito sol e muito ar. Levárs os teus passaros e as tuas flores...

Ella não ouvia quasi. Via descer pela rua um auto enorme. Os pharóes accendiam e apagavam com um pisar ironico. Allucinada, via-o chegar, atirar-se sobre o seu namorado. Este nada percebia; o seu amor vendava-lhe os olhos:

Mais tarde...

Deu um passo sem que ella fizesse um gesto para detel-o e o carro avançou sobre elle. Foi então que ella recuou, deixando-o abysmar-se na morte.

O carro parou. Houve gritos, corrilas, exclamações angustiosas.

Ella ficou um instante a contemplal-o com as suas pupillãs claras, frias, indifferentes. Depois afastou-se e se perdeu na sombra, entre as arvores...



# POBRE RAPAZ!

**C**OMO! de cartola e sobrecasaca...

— E' verdade.

— E que cara! Nem tinha notado.

De onde vens?

— Da igreja.

— Já sei: um amigo...

— Muito caro.

— Moço?

— Trinta annos. Engenheiro electricista. Um joven de futuro. Ah, bem imaginas; a vida é uma co'isa estúpida.

— E tu o conhecias..

— Des-le ha muitos annos.

— Ah!

— Fizemos juntos os estudos.

Os meus pais o estimavam muito. E pensamos até que a minha irmã... Pobre diabo!

— Que queres, filho! E' a vida...

— Bem sei.

— Devemo-nos conformar...

— Está visto...

— E como foi?

— Muito naturalmente.

— Como os outros?

— Como os outros.

Elle resplandia de saude, era espirituoso, jovial, procurado por todos, disputado nos salões. Conhecia todo mundo em Paris, era obrigado a acceitar todos os convites.

— E' isso. São raras hoje as pessoas alegres.

— Os moços são sinistros.

— Os quarentões, macabros.

— E os velhos, funebres...

— E dê-se uma festa com gente dessa laia!

— Em summa, esse adoravel rapaz estava uma noite num baile, em casa de uma familia distincta. O dono da casa é sub-directo...

— Mas vamos ao essencial.

Nessa noite, o meu pobre amigo não parava de dançar. Compreende-se: bello rapaz, todas o admiravam, jovens e velhas. Como sentia muito calor, commetteu a imprudencia de ir ao buffet para tomar um sorvete, sentou-se junto a uma janella por onde entrava um ar fresco, ao lado de uma linda pequena e...

— E...

— Nada mais foi preciso.

Acabo de chegar da igreja.

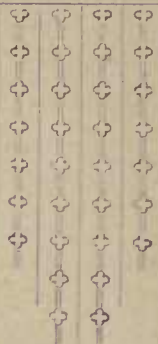
— Vieste do seu enterro...

— Não. Acabo de assistir ao seu casamento...

Felix GALIPAUX



Harold Lloyd e a sua esposa Mildred Davis Lloyd, que se vê em apuros para acompanhar o marido nas suas diabruras cinematographicas.







MUNDO SIDERAL

*Norma Talmadge, estrella de primeira grandeza*

# THE GOUROCK ROPEWORK EXPORT Co., LTD.

Fabricas: PORT GLASGOW, GREENOCK & LANARK GRÃ-BRETANHA

ESTABELEECIDA EM 1736

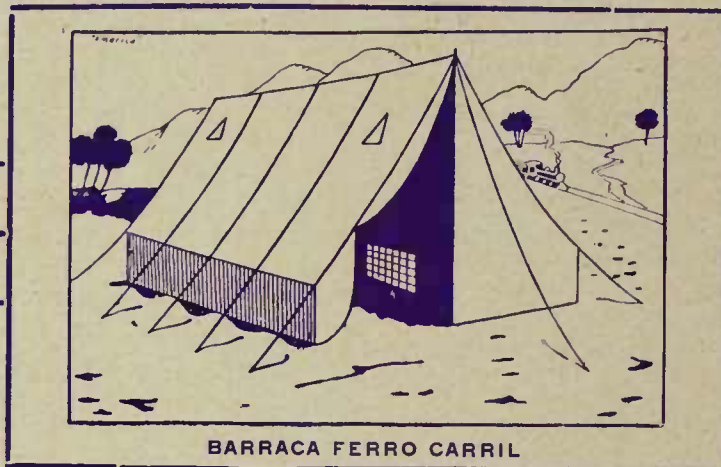
Escritorio: Rua 1.º de Março, 119 - :: - Deposito: Rua Acre, 41 - 45

Caixa do Correio 1081 **RIO DE JANEIRO** End. Electr. "GOUROCK"  
TELEPHONE 2041 - NORTE -- RIO --

Codigos: Bentley, A I, Ribeiro, 5th. Edition A. B. C.

## LONA IMPERMEAVEL "BIRKMYRE'S" ENCERADOS, BARRACAS, TOLDOS

Fabrica-se de todos os tamanhos com a maior presteza



BARRACA FERRO CARRIL

Cabos: ARAME DE AÇO, CAIRO, LINHO, MANILHA, FIO DE VELA,  
REDES e ARTIGOS para PESCA.

LONA DE LINHO,  
LONA DE ALGODÃO,  
LONA DE JUTA,  
BRIM DE ALGODÃO,  
BRIM DE LINHO.

Correntes de Ferro, Moitões e Cadernaes Galvanizados

Sapatilhos, Gatos Singelos e Dobrados, Ancoras, etc.





## RODOLPHO VALENTINO

O apreciado artista de cinema abandona a fatiada de almofadinha e mette-se na pelle de um fauno...

## A chave dos hieroglyphos

**F**OI a 17 de setembro de 1822 que Champollion apresentou, decifrado, á Academia de Inscripções e de Bellas Letras, o enigma proposto, desde seculos, pela esphinge agachada ao pé dos obeliscos, sobre a poeira do imperio dos Pharaós.

Ha alguns annos podiam ver-se ainda, no aposento occupado por Champollion em casa do seu irmão mais velho, os desenhos por este traçados na parede e que uma camada de cal fez desaparecer. Eram grupos de caracteres egypcios que elle, quando adolescente, copiava e recopiava, tentando adivinhar o seu sentido obstinadamente occulto. Ninguem até então os traduzira. Mas uma voz interior dizia-lhe:

— E's o enviado que os lerá.

E durante vinte annos só teve um apaixonado desejo: lê-los.

Em Vif, na morada da familia Champollion, foram por muito tempo conservadas, intactas e quasi todas inéditas, as cartas do illustre egyptologo. E talvez ainda lá estejam. E' necessario ler essas cartas de um collegial ao seu irmão, de um estudante exilado em Paris, para ver como se preparam esses entes dotados do divino dom da intuição para realizar entre os homens a sua missão providencial.

Champollion entra no Lyceu de Grenoble com treze annos. E' tímido, impressionavel, mas voluntarioso. A vivacidade da sua intelligencia é surpreendente como a escolha dos seus estudos. Ella aprende sósinho dialectos que ninguem lhe ensina.

— Este menino tem curiosidades interessantes, dizem os mestres.

Champollion vae assim, como solicitado por uma fôrça extranha, com os olhos voltados para o Oriente, ou como guiado por uma estrella semelhante á que orientou os reis magos. E essa estrella pára sobre a terra dos Pharaós. Elle sonha o Egypto que apenas conhece pelas narrativas da Historia Antiga e pelo Antigo Testamento. O joyen estudante segue o programma classico por obediencia mas faz estudos á parte e estuda tudo o que o aproxima da sua obsessão.



«Si faço os exercicios de latim, escreve elle ao seu irmão, é para não ser punido: o grego, o hebraico e os seus dialectos, eis o que eu ardentemente desejo apprender.

Foi conservada a Biblia em hebraico marcada com o seu nome e o seu numero de collegio: as margens estão cobertas de notas e correções em hebraico, sem emendas nem hesitações. São os passa-tempos dos seus quinze annos; mas onde aprendeu elle o hebraico? E' com dezete annos que, terminados os seus primeiros estudos, chega a Paris e occupa o lugar na Bibliotheca Imperial, conseguindo pelo seu irmão.

O lugar é modesto, não dá para a subsistencia, mas ao menos se está junto aos mais luminosos centros do saber.

«Posso agora entregar-me de todo ao estudo do arabe, do syriaco, do chaldaico e do persa», escreve elle.

E mede o poder occulto da impulsão que o anima. Uma vontade o arrasta, e é simplesmente a sua vontade. Nas trévas em que penetra, deslumbrado e arquejante, uma mão o empolga. Elle escreve ao irmão:

«Fui irresistivelmente impellido pela minha cabeça, meus gostos e meu coração, nos caminhos diffices e eriçados de asperezas que sem cessar se renovam. Tal é o meu destino. Cumpre-me realizal-o a todo transe».

Este grito do predestinado é o signal do eleito.

Afflige-o a mediocridade dos seus recursos. Obrigado a despedir a empregada, por economia, o estudante faz os seus proprios serviços e se impõe uma parcimonia rigorosa.

Feitas todas as contas do seu orçamento, restam-lhe apenas vinte francos para as distracções proprias da mocidade. Mas os seus estudos não lhe deixam tempo para isso.

E no Paris apaziguado em que reina a abundancia, em que o luxo recuperou o seu imperio e em que o soberano ordena se realizem festas e recepções, o pobre Champollion elegante, communicativo, jovial e loquaz é obrigado a fugir da sociedade, por se não





**ELEGANCIA - CONFORTO**

**A IDEAL**

**F VEIGA & Cia.**

**MOBILIARIOS DE  
ESTYLO**

**ARTIGOS DE ES-  
CRITORIO E  
TAPEÇARIAS**

**PREÇOS MODICOS**

**RUA SÃO JOSÉ, 74**

**TEL. C. 5324**

vexar. Apesar disso, sempre consegue travar algumas relações.

Frequentador assíduo do Collegio de França e da Escola Especial das Linguas Orientaes, elle se sente logo mais apto a dar lições que a recebê-las. As suas conquistas são fulminantes. Mal aborda uma lingua difficil e esta lhe pertence inteira... Nada lhe resiste: já está senhor do copta e do arabe; pede ao irmão uma grammatica chinesa «para se distrahir» e confessa sentir grande prazer com o estudo do pcheleri e do zend.

«Tenho a satisfação de poder ler coisas que ninguém conhece, nem mesmo de nome».

Mas a sua idéa fixa são esses espelhos ainda velados das civilizações mortas: os papyrus. Cham pollion sabe que allí está a sua gloria.

«Os papyrus estão sempre presentes á minha memoria. Tão bôa palma a colher! Espero que ella me seja destinada!»

No seu tempo e anteriormente estrangeiros se atiraram á mesma aventura: o inglez Young, cujas descobertas, diz elle, não passam de uma «ridicula impostura»; o sueco Akerblad «que, apesar do seu alphabeto, é incapaz de ler tres palavras a seguir numa inscripção egypcia; o allemão Guntherwalh, cuja pretendida decifração é apenas segundo o sabio francez, um «sonho tudesco»; e o dinamarquez Zoega, que ajuntou uma enorme quantidade de materiaes e «não pôde collocar pedra sobre pedra».

«Tudo o que disseram sobre os obeliscos os Kircher, os Jablonski os Warbuton, só serve para provar que nada entendem disso».

E elle proprio, que meditou dias, mezes inteiros, sente-se desanimado. Nada comprehendeu! Volta a Grenoble, onde é nomeado professor de historia na Faculdade. São-lhe necessarios ainda dez annos de labor ininterrupto, exclusivo, obstinado, para poder exclaimar:

— Eureka!

E' nessa epoca que, no aposento de Vif, elle traça na parede esses grupos de signaes mysteriosos, hoje apagados, entre os quaes dois principalmente o preoccuparão, porque elle presente que dalli deve jorrar a luz.

Trata-se de dois fragmentos: um, com inscripção em tres caracteres: hieroglyphicos, demodicos e gregos, achado pelos soldados francezes em Rosetta, durante a campanha do Egypto. Pela inscripção em grego, verificava-se que a hieroglyphica significava o nome Ptolomeu. No outro fragmento achado num obelisco, a palavra Ptolomeu estava junta ao nome Cleopatra.

Champollion nota um dia — é o golpe de genio annunciador — que o primeiro signal da palavra Ptolomeu, é igual ao quinto de Cleopatra; o segundo de um, T, é o setimo do outro; o quarto do primeiro, L, é o segundo do outro. O numero dos signaes reconhecidos accresce-se de

todos os que compõem o nome Cleopatra. E ahí está, com a metade do alphabeto, a chave dos hieroglyphos. A sagacidade do sabio venceu o mutismo da esphinge. Caiu o véu. O Egypto revéla, com o segredo da sua lingua, o da sua historia.

A 22 de setembro de 1822, numa sessão presidida pelo Snr. de Sacy, Champollion dava a conhecer á Academia das Inscriptões o resultado definitivo da sua descoberta. No anno seguinte, na Sociedade Asiatica por elle proprio presidida,

o duque de Orleans tomava posse della, sollemnemente, em nome da França.

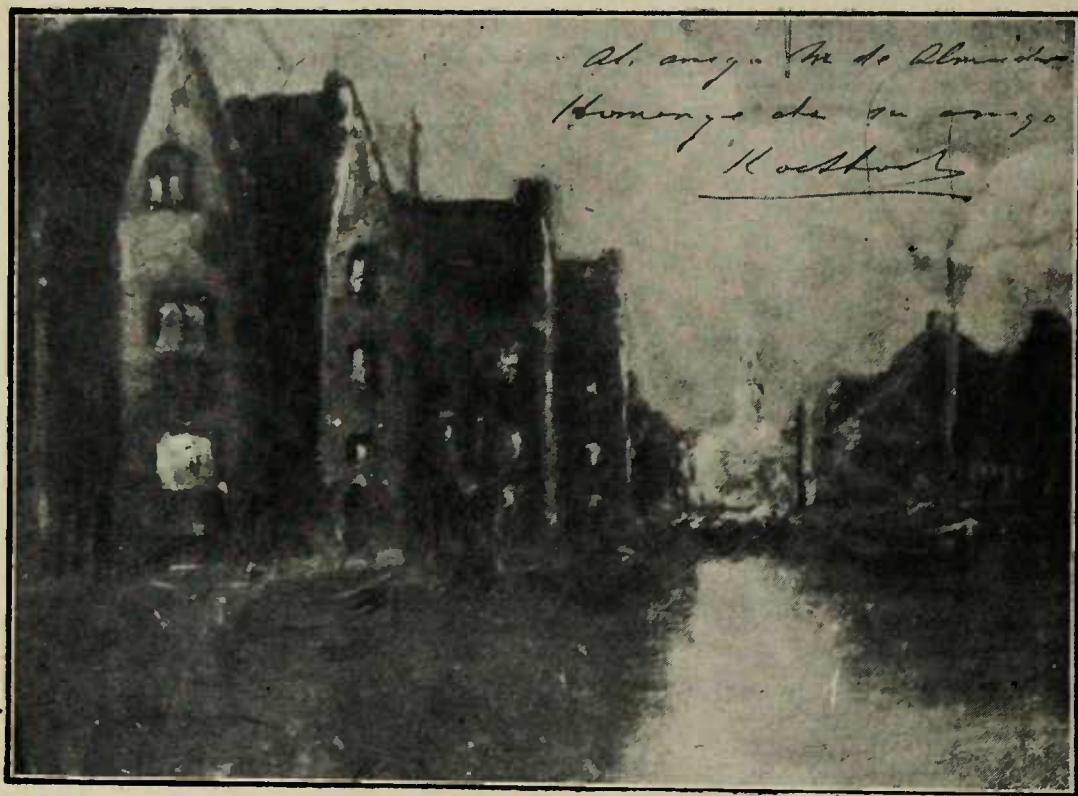
«A brilhante descoberta do alphabeto egypcio, dizia elle, honra tanto o sabio como a nação a que elle pertence. Esta deve orgulhar-se de que um francez tenha decifrado esses signaes cuja decifração desesperou todos os povos modernos.

Champollion colheu pois a palma esperada. Mas o seu destino estava cumprido e dez annos mais tarde ella ornava o seu tumulo.

*Georg. s* MONTORGUEIL



## UM REBELDE E TORTURADO DA ESTHESIA



Koek-Koek, um vigoroso artista inglez, que é um rebelde luminoso da esthesia, appareceu ha pouco tempo no Rio, pela primeira vez, abrindo uma exposiçào de quadros que impressionaram vivamente a quantos lhe viram, nas tintas fortes, no esbranjamento atordoador de luz, o transver-

berar de um temperamento torturado e empolgante. O quadro, cuja unica reproducção existente entre nós, estampamos, não foi exposto no Rio. E' uma perspectiva lindissima do canal de Amsterdam, cujo original se encontra num museu de Genova.



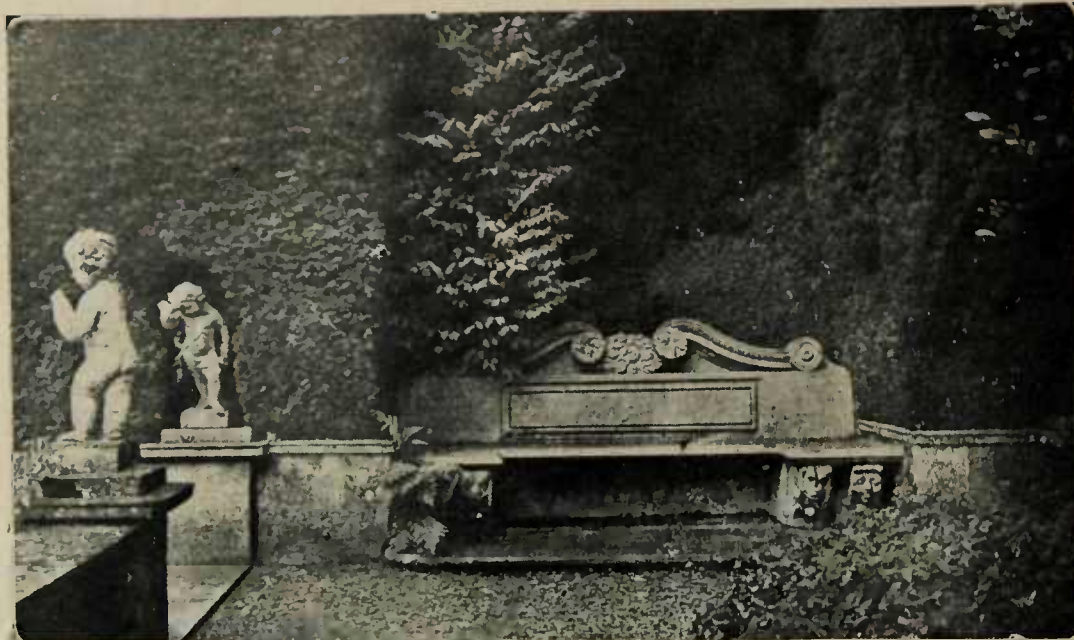


## As residencias con- fortaveis

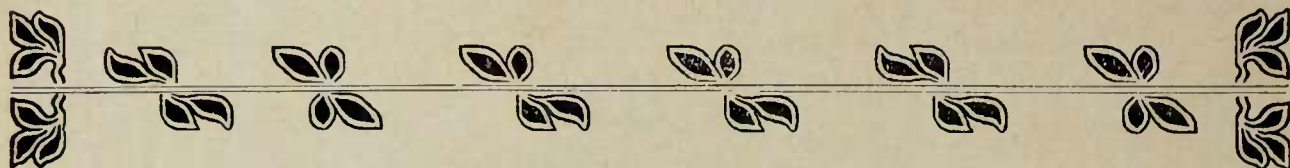
O bello predio cuja fachada e um dos interiores aqui reproduzimos, foi construido na pittoresca Avenida Paulo de Frontin, pela firma Prado Peixoto & Companhia, do Rio de Janeiro.

Essa acreditada firma, como nos informamos, pessoalmente, dispõe de uma bem aparelhada secção de construcções civis e hydraulicas, na rua Saccadura Cabral, n. 327, capaz das maiores realizações na sua especialidade, para o que mantém um corpo de profissionaes com habilitação comprovada.





E' famoso o gôsto inglez pelo jardim. Na tranquillidade deste canto de parque destaca-se o banco de pedra que data de 1700. Duas estatuas de Eros parecem esperar que o socegado recanito se encha de arrulhos...



## A invenção dos sellos do Correio

O sello do correio nasceu em Londres, a 10 de Janeiro de 1840 e a Inglaterra o empregou, sósinha, durante dez annos. A França só o adoptou em Janeiro de 1849, e a Allemanha em 1850.

Antes da sua creação, o preço do po... muitissimo elevado, não era pago, como hoje, pelo remetente, mas pelo destinatario, que o entregava ao carteiro.

Um viajante inglez, Rowland Hill, foi quem imaginou o pagamento na partida da carta e invertiu, portanto, os papeis. Isso porque notou que o systema então em uso dava logar a innumeradas fraudes.

Por occasião de uma viagem pelo norte do seu paiz, chegou Hill a uma hospedaria junto com o carteiro. Uma mocinha recebeu a carta que lhe foi apresentada, examinou-a attentamente, perguntou quanto devia pagar e acabou devolvendo-a, com um suspiro, ao carteiro, e de-

clarando-lhe que era tão pobre que não podia pagar um shilling. Hill offereceu-lhe o shilling e custou a vencer a recusa da mocinha.

Quando o carteiro já ia longe, ella confessou que a carta nada tinha escripto no interior e sim na sobrecarta, onde alguns signaes que completavam o endereço lhe davam sufficientes noticias do seu irmão — ou do seu noivo — e que elles haviam combinado esse modo de correspondencia afim de evitarem o pagamento das taxas.

Assim o amor (fraterno ou simplesmente o amor) concorreu para um invento que tanto veio facilitar as relações entre homens.

---

A moralidade é a organização systematica da fraqueza commum. — Raul POMPEIA.

Devemos fazer as coisas; mal, porém fazelas. — SARMIENTO.





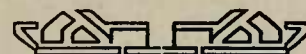
O magnifico efeito que se póde tirar do papel pintado para a decoração de uma sala de jantar moderna.

A ausencia de tradições na America supprime o obstaculo da inercia e favorece o progresso e todas as idéas do futuro. — João RIBEIRO.

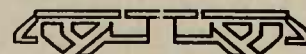
Um litterato perguntou a um usurario si havia lido o seu ultimo romance.

— Sim, senhor, e interessou-me muito.

— Acredito; o senhor é um homem que nada faz sem interesse...



Um admiravel desenho do animal'ista Paul Jouve.



## ESTALEIROS E OFFICINAS DE CONSTRUCCOES NAVAES

Encarregam-se de construcções,  
reconstrucções e encalhes de qualquer especie de embarcação.

Incumbem-se de effectuar vistorias  
e de fornecer planos e orçamentos para quaesquer obras  
de construcção naval.

84 e 86 - Praia do Cajú

# TEIXEIRA & NUNES

Telephone Villa 3654

### A arte photographica em Santos

As duas nitidas photographias que neste numero de *America* illustram a pagina de publicidade referente á Companhia Constructora de Santos são trabalho do projecto artista-photographo santista Snr. J. Marques Pereira.

Cremos ser excusado outro qualquer elogio á proficiencia com que esse cavalheiro executa os seus trabalhos e que lhe grangeou grande nomeada naquella importante cidade do Estado de S. Paulo.

### UM IMMORTAL

Embora nunca houvesse Taine solicitado a honra de ser nomeado membro da Academia Franceza, esta instituição lamentava que os seus compatriotas não tivessem feito ainda «immortal» o celebre critico e philosopho.

Fez-se afinal a honrosa designação.

Um amigo intimo o procurou para dar-lhe a noticia, exclamando:

— Alegra-te! E's finalmente «immortal»!

— Sim, respondeu Taine calmamente. Agora posso morrer socegado...

## AMERICA

### EXPEDIENTE

Numero avulso :

Na Capital..... \$500 | Nos Estados..... \$600

E' nosso representante na cidade de Santos o Snr. José Espindola Teixeira.

E' nosso agente geral para o Estado de S. Paulo o Snr. Antonio de Maria, (Rua da Boa Vista, 5 - A) a quem se devem dirigir os Snrs. agentes de revistas das cidades do interior doquelle Estado que desejarem receber este magazine.

Redacção : AVENIDA RIO BRANCO, 112  
RIO DE JANEIRO





Duas estrelinhas do cinema :

JANE e KATHERINE LEE,



CHESTER BEACH, esculptor americano,  
consegue dar às suas figuras uma nervosidade e uma graça  
encantadoras. É um artista afamado em modelar corpos  
jovens de mulher.



### A CAPITAL ARGENTINA

Praça e palacio do Congresso, em Buenos Aires

# Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhos com todos os aperfeiçoamentos modernos para  
quaesquer trabalhos de reparação e construcção naval

Extenso cáes accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios

## **LAGE IRMÃOS**

**COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES**

---

Grandes depositos de carvão inglez e americano de 1a. qualidade.

Carvão nacional das minas de Lauro Muller e  
Crissiuma, em Santa Catharina

---

Beneficiamento de sal por processos modernos  
Secções de café e exportação e  
importação de quaesquer artigos.

---

Escriptorio - Avenida Rodrigues Alves, 303[31





## A ARTE MAGICA DO PERFUMISTA



**É** muito raro encontrar-se hoje um perfume novo, porque estão de tal fôrma explorados os recursos do perfumista que é cada vez mais difficil achar uma combinação para um aroma desconhecido.

Um dos principaes perfumistas de Paris gasta annualmente uma importancia respeitavel em experiencias para produzir perfumes novos. Aham-se reunidas em seu laboratorio todas as materias primas produzidas no mundo e applicaveis á fabricaçãõ de essenciaes: essencia de rosas, de violetas, de jasmims, de tomilho e de mentha. Figuram ainda na lista o ambar, a algalia, o almiscar do Himalaya, o áloe, o cedro, o sandalo da Palestina, a canella, a nóz muscada, o limão, a tilia dos tropicos, da America do Sul e da Africa, e todas as distillações syntheticas do alcatrão e de productos mineraes. Com todos esses perfumes essenciaes e com as suas innumerables modificações, o perfumista obtém os magicos productos da perfumaria moderna.

Não satisfeito com tal acérvo de materias primas, o fabricante de hoje possui peritos perfumistas que correm bosques, campos e jardins em busca de novas combinações de fragancias. Esses homens, que recebem elevados ordenados, trabalham com afinco, invadindo até os jardins frequentados por gente elegante.

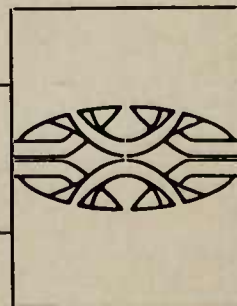
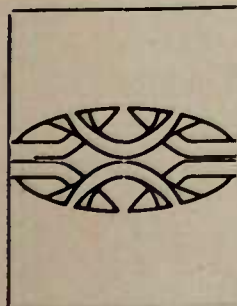
Da mesma fôrma que as côres, os perfumes têm uma gamma, chamada *odophono*, devida á descoberta do Dr. Septimus Piesse, que a estabeleceu sob bases scientificas. Baseia-se o *odophono* do Dr. Piesse na supposiçãõ de que existe certa escala ou gamma de odores, como existe a dos sens; e para demonstrar esta conclusãõ classificou e ordenou uns cincoenta perfumes, de maneira que correspondessem a outras tantas notas differentes. Tomando os perfumes penetrantes para notas agudas e os suaves para

notas graves, ordenou-os em escala. Com o *odophono* considerou-se possivel produzir qualquer perfume harmonioso que impressionasse os nervos olfactivos do mesmo modo que a musica classica impressiona o ouvido de um auditorio. As combinações e recombinaciones de odores são quasi infinitas e a fabricaçãõ de perfumes delicados pôde considerar-se tão illimitada como a composiçãõ musical. Só uma casa de Paris fabrica mais de quinhentos perfumes differentes.

O *odophono* pôde servir de guia ao perfumista; mas este, de qualquer modo, deve ter muito delicado o sentido do olfacto no que se refere á apreciaçãõ dos perfumes. E' um artista que trabalha com um instincto mais elevado do que o do homem de sciencia que toma medidas e faz calculos de accôrdo com regras e fórmulas fixas.

Não se pôde aprender num dia a arte do perfumista; nem num anno, si se carece de um delicado sentido de olfacto.

Os perfumes têm sido usados desde a mais remota antiguidade e figuraram sempre em grandes actos, quer sob a fôrma de incenso religioso, quer na satisfaçãõ pessoal. Recordando as vélas perfumadas que levavam Cleopatra sobre o Nilo, ou a extravagante fragancia que acompanhava sempre a Helena de Troia, ou o banho diario de leite perfumado com essencia de violetas da imperatriz Josephina, vemos que a perfumaria serviu para que as nações buscassem o progresso na arte. Seriam necessarias muitas paginas para descrever o incenso que a religiãõ emprega — extrahido de resinas, cortiças, madeiras, flôres e sementes. Cada deus ou deusa tinha o seu incenso especial. E a arte da fabricaçãõ de misturas carissimas para incensar attingiu o seu apogeu ha mais de mil annos...





PARIS E OS SEUS CHAPEUS  
Uma das ultimas .creações Alphonsine



## A Australia e os kangurús

O kangurú tornou-se raro na Australia, em consequencia das caçadas de exterminio que a esse grande marsupial fizeram indigenas e colonos. A' vista da ameaça da extincção dessa curiosa especie, foram promulgadas leis protectoras que asseguraram ao kangurú uma vida privilegiada.

E elle as aproveitou tão bem que constitue actualmente um flagello para os fazendeiros da grande ilha, que, com as suas plantações devastadas, pedem a revogação das leis protectoras que permittiram áquella especie multiplicar-se até se tornar um perigo tão grande como os coelhos.

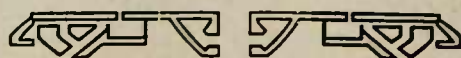
## Bolsa de vaidade illuminada

A Universal Leather Goods Company, de Chicago, lançou ao mercado um novo e interessante accessorio feminino, com o nome de bolsa de vaidade «Night Light», que muito deve agradar ás senhoras e senhorinhas.

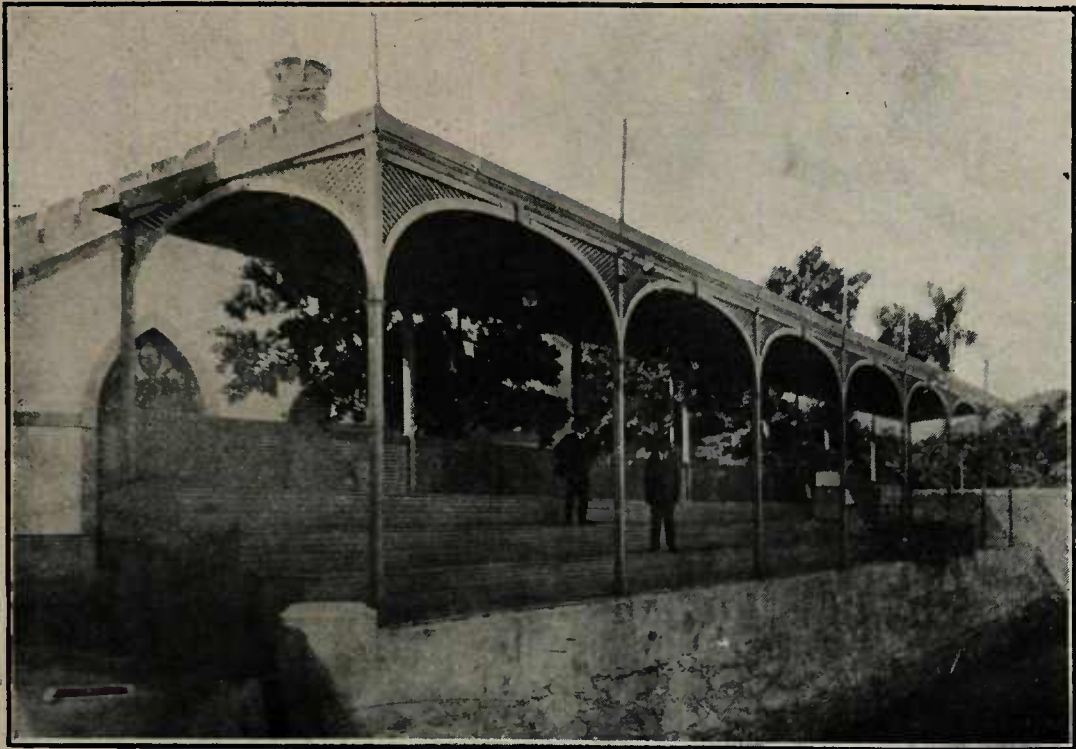
Essa bolsa é fabricada em couro de diversas qualidades até o tamanho maximo de 3



por 6 por 9 pollegadas, tendo na tampa um espelho e uma pequena lampada electrica que illumina o seu interior e a pessoa que a está usando permittindo,, assim, que em qualquer occasião a dama possa não só encontrar qualquer objecto que alli esteja guardado, como tambem recompor a toilette.







Os sports, no Brasil, já conquistaram o seu logar ao sol. E' uma verdade cuja demonstração não se precisa fazer. As coisas do sport são hoje entre nós tratadas com particular carinho. Aqui está, por exemplo, a soberba archibancada da piscina da ilha das Enxadas, mandada construir pela Liga dos Sports da Marinha. A sua construcção, em que o conforto e a elegancia se casam admiravelmente, foi confiada aos Srs. Prado Peixoto & C. e é um attestado da competencia desses constructores.



## O CINEMA NO FUTURO



Griffith, o famoso director de empresas cinematographicas, prevê que no anno de 2023 a industria editorial publicará films em vez de livros. As bibliothecas de films cinematographicos serão tão diffundidas como o são hoje as bibliothecas particulares. O cinema será muito mais importante que o theatro. O phonographo receberá mil aperfeçoamentos e será mais empregado do que actualmente, mas o publico pouco se interessará pelas palavras: preferirá as imagens cine-

matographicas, então já produzidas com as suas côres naturaes.

Griffith, como se vê, não chegou ás ultimas consequencias das suas previsões. Vamos tentar completal-o: abandonando gradativamente o uso da palavra, substituida pelas «imagens», o homem de 3023 terá perdido o dom da vóz e involuido para o primata, tão certo é que a funcção é que faz o orgão.

# Casa Sportsman

a maior e mais sortida em artigos para sports, roupas de banho e calçados finos.

Grande sortimento de artigos de foot-ball — Camisas, bolas, meias, shooteiras, joelheiras, etc.

**25-Rua dos Ourives-27-Raul Campos**

## Balladas mediterraneas

(FOLK-LORE ARGENTINO)

**O** FOLK-LORE argentino adquire as qualidades typicas da região habitada pelos indigenas que o crearam. E' por essa razão que elle tanto varia de uma zona a outra da republica. Das tres raças principaes de indios que povoaram o solo da hoje Republica Argentina, quichúas ao norte, guaranyes no littoral e araucanios ao sul, foram as duas primeiras as que deixaram mais rico acervo de tradições e de legendas.

A araucania, raça indomita e batalhadora, legou legendas e mythos em que se nota a sua crueldade, ao passo que a guarany, raça poetica, deixou tradições em que, apesar de selvagens, passam auras deliciosas de elegia. A quichúa, ou melhor, os calchaquies, como eram chamados pelos subditos do Inca no territorio argentino, foi uma raça eminentemente triste; a *vidalita*, a sua formosa criação musical e poetica, é um exemplo disso. A tristeza calchaquí é resignada, em geral de uma enervante melancolia, bem que não faltem sopros tragicos que a agitem, tornando irrequieta a sua indolencia e obrigando o seu espirito frouxo

a atirar-se ao fundo abysmo do mysterio, como em busca do como e do porque.

Zupay, o diabo calchaquí, a legenda do passaro Kakuy, a da Salamanca e tantas outras, ricas em imaginação e belleza, revelam-nos a alma desses povos hoje quasi extinctos.

A's vezes a religião christã se ajunta á solar e então apparecem legendas em que um santo catholico, por exemplo, faz milagres em meio

das selvas, como qualquer thaumaturgo indigena: e vêm-se conversões maravilhosas de homens em aves ou em arvores, devidas ora ao poder sobrenatural de um santo, ora simplesmente á natureza, porque em tolas essas metamorphoses se sente o exercicio do seu poder pantheista.

Muitas dessas formosas legendas voam esparsas em livros de diversos autores: livro curioso seria o que as reunisse todas e apresentasse como um legado das gerações passadas. Livro bello e interessante. Porém de maior estima se faria credor o artista que, conformando a sua inspiração com a popular, glosasse em legendas proprias as legadas pelos seculos. Foi esse o trabalho meritorio de alguns musicos argentinos; e muitas dessas *vidalitas*, *cielitos* e *milongas* filigranadas pela sua arte e desbastadas das suas asperezas, encheram de assombro e de encanto aos musicos celebres do estrangeiro.

Afim de apostolar pelo exemplo, intentei por minha parte glosar algumas legendas calchaquies em que a sua ingenita melancolia toma côres tragicas, porque essa raça, como que

presentindo o seu fatal destino, não conheceu o riso sadio. Da minha curiosidade pelas civilizações preteritas e do desejo de perpetuar a sua herança, nasceram pois estas «Balladas mediterraneas», uma das quaes transcrevo a seguir.

A VINGANÇA DA FLORESTA — A floresta, essa hirsuta floresta tão cheia de vozes mysteriosas, tem um espirito perverso e vinga-



LOIS WILSON, heroína de films que têm emocionado a platéa

□ □ □ □ carioca □ □ □ □



tivo. Sabem-n'ò os camponezes, que o temem mesmo sem o terem visto. Imaginam-n'ò cornudo, de pello aspero e patas bifidas, identifi-cando-o com Zupay. Ha quem o pinte com fórmas de animal hybrido, de tigre e touro por exemplo. E os ingenuos moradores dos logares visinhos á floresta fogem della assim que as sombras começam a derramar mysterio nas fo-lhagens e pavor nos peitos mais fortes.

Muitas legendas attestam a perversidade des-se espirito selvatico que odeia o homem porque

pelo machado do forte mancebo, Juncho e o seu companheiro encontraram um ente de apparencia monstruosa. Juncho, mais valente, preparou o seu instrumento de trabalho, disposto a combater; o seu amigo fugiu, espavorido, e escondeu-se nas moitas. Foi elle quem assim poude assistir e narrar a metamorphose de Juncho.

O companheiro esperava, tremulo, o começar da lucta, quando viu que Juncho se immobili-zava na sua attitude aggressiva, deixando ca-hir das mãos o machado. Depois viu que a



### Um modelo de chapèu

*Um lindo conjuncto que se casa  
perfeitamente com o oval  
de um rosto*



vê nelle o seu inimigo sempre prompto a de-vastar os seus dominios.

• •

Juncho era um rapagão de musculos rijos e bello porte; era lenhador e passava os dias na floresta a abater gigantes. O seu machado inexoravel fendia os grossos troncos e a floresta, graças ao seu trabalho, tinha clareiras em que o astro diurno podia já arrastar as suas doiradas vestes.

Mas o espirito da floresta o espreitava, espreitava-o com olhos phosphorescentes e gar-ras promptas, por entre as arvores, por detraz das moitas, prestes a vingar os seus mortos. Chegou o dia da vingança. Certa vez, em plena selva, a noite serprehendeu Juncho e um seu companheiro bisonho; regressavam elles, machado ao hombro, cantarolando uma *vidalita*; de repente, ao passarem por uma das clareiras abertas

sua figura tomava um aspecto raro, mais negro e rugoso; e viu-o por fim deitar galhos e fo-lhas, rapidamente, e, de medo, perdeu os sen-tidos. Quando voltou a si, já não viu o monstro; mas na clareira, banhada pelo luar, erguia-se uma arvore para elle desconhecida: uma arvore da altura de um homem, de tronco espesso e galhos curtos. E parecia um homem em attitude de entrar em combate...

Passaram-se muitos annos. A floresta já não rodeia aquella arvore; mas os lenhadores que passam por ella se descobrem, porque jul-gam com essa demonstração de respeito afastar o perigo a que se expoem quando vão desafiar o espirito que a floresta esconde no seu seio e de cujo terrivel poder é prova aquella arvore que outr'ora foi um homem...

**Ernesto MORALES.**

## OS TUMULOS VENERADOS

Ha nos arrabaldes de Vienna um numero consideravel de velhos cemiterios ha muito abandonados, que a municipalidade vae transformar em jardins publicos. De futuro, pois, as crianças brincarão alegremente sobre os tumulos nivelados e os seus gritos ingenuos não perturbarão, sem duvida, o somno dos mortos esquecidos.

Mas uma forte emoção empolgou o mundo intellectual quando se soube que o cemiterio de Wachring estava incluido nesse projecto de transformação. Ia-se, pois, tocar nos dois mortos illustres, Beethoven e Mozart, que repousam naquella humilde recintô? Em consequencia dos instantes pedidos, decidiu-se poupar es dois tumulos sagrados, a cujo bordo os peregrinos da arte vêm meditar junto do bocado de «pó tornado pó», que foi o involucro terrestre do titan da musica e do delicioso compositor da *Flauta encantada*.

O *codigo moral* e social dos esquimós contém alguns preceitos bem interessantes. Aqui vão alguns delles: O homem que, voluntaria ou involuntariamente, mata outro, deve, enquanto viver, sustentar a viúva e os filhos da sua victima. A madeira encontrada nas praias é um thesouro que pertence ao que a achou. Ninguem deve comer no mesmo dia phóca e bacalháu. Os grandes animaes caçados são considerados propriedade commum da tribu e não do caçador.

## CARUSO INCOMPREHENDIDO

Ao canto de um vagão de trem, um individuo, recostado ao banco, e com os olhos cerrados, começou a gerar baixinho.

Os passageiros ergueram a cabeça e entreolharam-se com olhos de compaixão. Um delles saccou da sua maleta um frasco de whisky e aproximou-o dos labios do infeliz, que abriu os olhos, tomou o frasco e bebeu um enorme trago.

— Sente-se melhor agora? perguntou o homem.

— Sim, obrigado.

— E porque se sentia tão mal?

— Eu, mal?! Nunca me senti melhor na minha vida!

— Então porque gemia tanto?

— Eu não gemia: cantava...

## UM CONSELHO

Uma sociedade de beneficencia dava um concerto e contava com o gentil concurso da «estrella» lyrica local. Conseguiu-o com muito trabalho e muitos rogos, pois a «estrella» estava resfriada e com tosse e resistia a prestar o seu auxilio á festa.

Ao começar o numero de canto pediu des culpas ao publico por não achar-se, devido á tosse pertinaz, á «altura das expectativas».

E começou:

«Dependurarei minha harpa num salgueiro»  
(Tosse).

Repetiu:

Dependurarei minha harpa num salgueiro...  
(Tosse continuada).

Então, do fundo da sala, uma voz compassiva gritou:

— Dependure-a num ramo mais baixo!







**ELEGANCIAS**

Vestido para a noite, da casa Blanche Lebouvier  
de Paris

# Inventos de Henrique Schayé

Privilegiados no Brasil e no Extranjero



*Colletes e Porta-seios para senhoras e Cintas para homens e senhoras, pequenas ou grandes, fazendo desaparecer localmente as gorduras do ventre, das costas e dos quadris.*



Henrique Schayé

*Cintas fortes, resistentes, aconselhadas pelos Srs. Cirurgiões, proprias para appendicite, hernias e eventrações, sobrevidas após as intervenções cirurgicas. Faz-se todo e qualquer trabalho de borracha em lamina ou*

*tecidos com borracha. Roupas de Escaphandro privilegiadas e adoptadas como typo na Marinha de Guerra Brasileira.*



Escaphandro em acção

## Avenida Gomes Freire, 19

Tel. Central 1074

□ □ RIO DE JANEIRO □ □





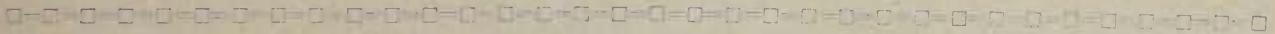
### A ARTE DO BORDADO

Bello modelo de bordado sobre filó, para almofada ou applicação de stores.

Este modelo é desenhado sobre uma cambráia fina de 0m,40 x 0m,60 e depois alinhavado

sobre filó. Todo o bordado é feito em «Riche-lieu».

Depois de prompto bordado, recortam-se cuidadosamente as partes que devam ser abertas.



### OS INSECTOS

E

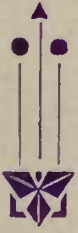
### A TELEGRAPHIA SEM FIO

As antenas de alguns insectos são receptoras de ondas; é o que se póde concluir do estudo que sobre a faculdade de orientação de certas especies acaba de fazer um naturalista americano.

O bombyx, por exemplo, reconhece a presença de um seu semelhante a varias centenas de metros de distancia. E' pouco razoavel, nessas condições, attribuir essa aptidão a qualidades especies de vista, de ouvido ou mesmo de olfacto. E o que confirma a supposição do Sr. Horme é a pratica a que se entrega o bombyx antes de encetar o vôo: elle agita as antenas em todas as direcções e parece preparar o seu quadro receptor para receber os avisos dos outros postos de emissão.



Um dos mais recentes retratos de Mary Pickford, a artista de sceptro indisputado



### A ILHA DOS PINGUINS

Não é somente nas livrarias e na imaginação sarcástica de Mr. Bergeret que existe a ilha dos pinguins. Ha mesmo mais de uma ao sul do cabo da Boa Esperança.

Des e tempo: immemoriaes alli se fixaram em grandes colonias essas aves singulares que têm em aspecto quasi humano. E todos os annos se extraham das suas ilhas quantidades incalculaveis de guano.

Afinal, incommo'dados com os exercicios de tiros dos navios, os pinguins procuraram refugio mais para o sul, de onde acabam de tornar em busca do seu primitivo abrigo... porque, com o advento da paz, cessou o ruido da artilharia nas proximidades das suas ilhas pacificas. Os pinguins detestam a guerra...



REX INGRAM,

considerado... pelas suas apreciadoras, o mais bello homem do cinema.

—cos—

### Uma de Mark Twain

Quando estava em New York costumava o endiabrado humorista passear até um cemterio da vizinhança, fechado apenas por uma cerca.

Mark Twain encontrou-se uma tarde com uns sujeitos que iam e vinham por aquelle lugar de repouso, a discutir e a tomar medidas.

Intrigado, perguntou-lhes grande escriptor:

— Que fazem vocês aqui?

Ao que um delles respondeu:

— Vamos construir um muro em volta do cemterio, porque esta cerca é insufficiente.

— Um muro? Para que?

E' inteiramente desnecessario: os que estão ahí dentro não sahirão nunca e raios me partam si os que estão de fóra têm vontade de entrar!



### A REFLORESTAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Nestes ultimos annos o Estado de Nova York plantou 60 milhões de arvores. O Massachusetts executa tambem o seu programma de reflorestamento, já tendo convertido em florestas cerca de 50.000 hectares.

Isso porque a Nor-te America ia aos poucos se tornando um deserto. A extensão das florestas desse paiz, que era de 400 milhões de hectares, ficou reduzida á metade, pelos cyclones, pelos incendios e pela mão do homem.

### O penedo que deu o nome á Inglaterra

Quem atravessi Passo de Calais, de embarca em Po e, verbi, perto desta cidade inglesa, o penedo que os inglezes chamam Shakespear's Cliff, famoso, não por ter o nome do grande poeta-actô, mas por-

que elle se deve o nome de Albion, pelo qual os gregos os romanos conheciam a Grã-Bretanha e ainda muito usado actualmente, com epithetos mais ou menos favoraveis, para designar a politica ingleza em suas relações com os outros paizes.

O penedo da costa sul da Inglaterra, abundante em cal, apresenta uma accentuada cor branca (em latin: albus) e os antigos por isso baptizaram a ilha com o nome de Albion.

A ellas faz Julio Cesar referencias nos seus «Commentarios».

A ignorancia é a espuma da soberba. — FLAUBERT.

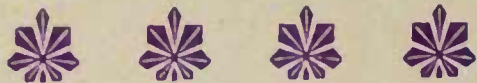
Os escravos tudo perdem nos seus fetros, até o desejo de sahir delles. — ROUSSEAU.

Para os corações puros tudo é puro. — S. PAULO.



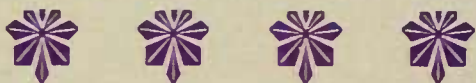


“PERSANE”  
Vestido para  
a tarde  
Creação Char-  
lotte, de Paris.

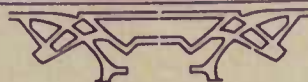


### Incoherencias da moda

Com luvas de «chauffeu-  
se»... e andando a pé!



## A alma da multidão



Entra-se na sala do Tribunal do Jury. Alli se comprime uma multidão impaciente. Indaga-se o porque dessa affluencia e chega-se á conclusão de que é para assistir ao julgamento de um assassino ignobil e frio.

A' mesma hora, num salão austéro, entrega-se a medalha humanitaria a um homem que, com risco da propria, salvou a vida a um semelhante.

Contam-se os assistentes: são cinco ou seis, além de um continuo somnolento...



O leão tem os dentes e as garras; o elephante e o javali as prezas, o touro os chifres, a siba a tinta com que turva a agua; a Natureza deu á mulher, para se defender, apenas a dissimulação... SCHOPENHAUER — Dores do Mundo.



O expirar de uma rosa tem alguma coisa do expirar de uma mulher bonita. FORJAZ SAMPAIO — Palavras cynicas.



## A pintura a oleo

Tinha-se perdido o segredo da fabricação das pinturas a fresco, executadas na antiguidade, que fizeram chegar até nós, em excellent estado de conservação, as obras-primas gregas e romanas, e principalmente os celebres frescos de Pompeia e de Herculano.

Dois inventores, Mme. Lepeyre e o Sr. Bertin, depois de pacientes pesquisas, parece terem conseguido fabricar tintas idênticas ás usadas pelos artistas da Grecia antiga. Os meios científicos esperam que essa descoberta franceza permitta ás obras modernas supportarem a prova do tempo.



## Heligoland

Uma ilha... um penhasco rude no mar furioso... depois, uma inexpugnável fortaleza onde se amontoaram machinas de destruição. Eis Heligoland. Mas um terceiro período começa para a ilha: uma sociedade de beneficência trans-

forma-a num vasto sanatório para as crianças pobres das grandes cidades allemãs.

Apezar de envolvida ás vezes nas brumas do Mar do Norte, Heligoland é acariciada no verão pelos longos sorrisos do sol. E' por isso que levam para lá as crianças que se estiolam nas ruas sombrias das cidades.

---

---

## FOOT-BALL

---

---



O Team do Vasco, vencedor do campeonato deste anno

---

---

## Cheios de dedos..

Ha em varias regiões da Noruega um numero consideravel de individuos munidos de dedos supplementares, dois, tres e mesmo quatro pollegares em cada mão, por exemplo. Essa particularidade é hereditaria e se transmite indifferentemente por um ou por outro ascendente. Todas as pessoas com essa anomalia que se casam,

têm ao menos um filho com as mãos mal conformadas. E si um desses phenomenos se consorcia com uma pessoa normal, póde-se prever, e assim de facto acontece que, segundo a lei de Mendel, metade dos filhos serão anormais.

Os sabios que se dedicaram ao estudo da genealogia desses individuos descobriram que elles têm uma origem commum que remonta a cerca de duzentos e cincoenta annos.



## A MODA INFANTIL

A Moda, essa bôa fada que nos inspira as maneiras de tornar divinas as creaturas humanas, não se contenta com as mulheres que enche de encanto e de graça: ella se preocupa tambem com as crianças, que tambem são dignas dos seus cuidados.

E hoje, mais talvez do que nunca, ha a preocupação de bem vestir os pequeninos seres, não com a graça fria das bonecas, mas com a elegancia das roupas que lhes não tirem o donaire e a flexibilidade dos movimentos.







S

ONETOS DE

LUIZ DELPHINO

### **Peleja inutil**

*Quando às vezes procuro um nome que resuma  
— o que sou? porque sou? por onde vamos indo? ... —  
si penso, não encontro o Belto em coisa alguma;  
si não penso, acho mais ou menos tudo lindo ...*

*Um som prende outro som, cobre a espuma outra espuma  
de um grande sonho, como um vasto mar infindo:  
si irrequieto o abandono e outro caminho scindo,  
é tudo arneiro, steppe, ou rocha, ou vento, ou bruma.*

*Por mais que eu clame a um Deus, um Deus qualquer que seja,  
para mudar da aranha o esqualido organismo  
que baba os fios de ouro em que o universo arqueja,*

*nada: e tórno a clamar: ninguém; indago, scisimo ...  
e largo, de cansado, a estúpida peleja.  
tendo a um lado o mysterio e do outro lado o abysmo.*

---

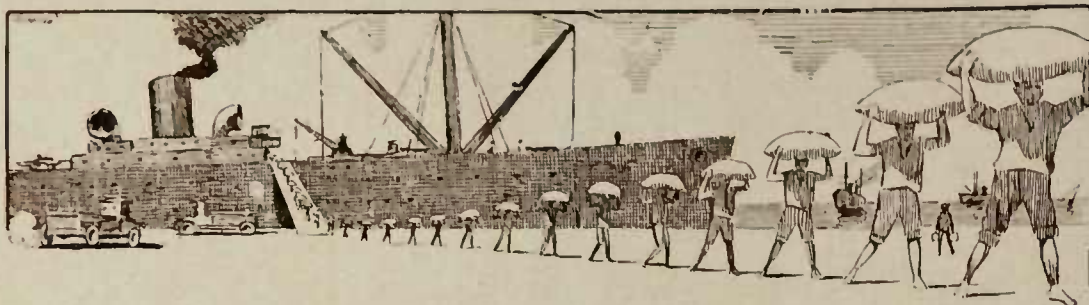
### **Marinha**

*Como um milhar de leões, disse me o Oceano: Eu rujo!  
Pois bem: á tarde, em pé, eu vi do tombadilho  
do barco em que ia, entrar no occaso o Sol, por cujo  
antro ainda lançava ao longe igneo rastilho;*

*e a noite vir, trepar, subir como um marujo,  
por mastros e brandaes cheios de azas e brilho  
de anneis de aço e de bronze areados, num sarilho;  
manchando tudo em tórno ao pulso enorme e sujo;*

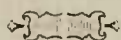
*e eu surprehendi em baixo o Mar numa humilhada  
attitude, ante o céu calmo, estrellado e frio:  
e essa agua assim escura, ondeante e fatigada,*

*parecia-me então um polvo luzidio  
que pelo dorso immundo e visguento, agarrada,  
arrastava na sombra a concha do navio!*



# MOLHADOS E CEREAEES

CASA FUNDADA EM 1852



# TEIXEIRA, BORGES & C.<sup>IA</sup>

COMMISSARIOS DE CAFÉ E MAIS GENEROS DO PAIZ

Caixa do Correio 294

Endereço Telegraphico ARIEXIET

Telephones Norte 132 e 3904

110, Rua do Rosario, 112

**RIO DE JANEIRO**





RODOLPHO VALENTINO, depois de muito meditar, á vista das paixões que suscitou, resolve divorciar-se.

# O GUARDA-LIVROS

CONTO



Quando o velho Leras, guarda-livros da firma Labuze & C., sahio do estabelecimento, ficou alguns instantes deslumbrado com o brilho do sol poente. Trabalhára todo o dia á luz amarellada do bico de gaz, no fundo da loja, junto da área estreta profunda como um poço. Era tão escura saleta em qua, havia quarenta annos, passava os dias, que mesmo em pleno verão elle só podia dispensar a luz artificial entre as onze e as tres horas.

Havia sempre ali, humidade e frio, e as emanações daquella especie de tossa em que se abria a janella entravam pela saleta escura e enchiam dum cheiro de bolôr e de esgôto.

Desde quarenta annos passalos Leras chegava todas as manhãs ás 8 horas, e alli ficava até ás 7 da noite, a curvado sobre os livros, escrevendo com o afan de um bom empregado.

Quahava actualmente tres mil francos por anno, tendo conseguido com mil e quinhentos francos. Era celibatario, porque o seu ordenado nunca lhe permittira que se casasse. E, nada tendo gozado da vida, não tinha ambição alguma. No entanto, uma vez ou outra, cansado do seu labor monotono e continuo, formulava um desejo platonico: «Ahl se eu tivesse cinco mil libras de renda, que boa vida!»

Essa boa vida elle aliás nunca tiveria pois nunca passára dos seus vencimentos mensaes.

A vida lhe passára sem accidentes, sem emoções quasi sem esperanças. A faculdade de sonho, que cada um de nós traz consigo, nunca se desenvolveu na meliormidade das suas ambições.

Entrára aos vinte e um annos para a casa Labuze & C., e de lá não mais sahira.

Em 1856 perdêra o paê, depois a mãe, em 1859. E depois disso o unico acontecimento da sua vida foi uma mudança em 1863, porque seu senhorio augmentára, o aluguel do quarto.

Saltava do leito todos os dias, ás 6 horas precisas, ao som de um ruido terrivel de correntes.

Duas vezes, no entanto, esse relógio se desarranjára: em 1860 e em 1874, sem que elle jamais descobrisse a causa. Levantava-se, fazia cama, varria o quarto espanava a cadeira e a commoda. E nesse trabalho gastava uma hora e meia.

Depois sahia, comprava um pão na padaria Lahure, de quem conhecêra doze proprietarios diferentes sem que ella perdesse o nome; punha-se caminho, a comer vagarosamente.

A sua existencia inteira decorrêra pois na estreita sala sembria, forrada sempre com o mesmo papel. Entrára moço como ajudante do sr. Brument, com o desejo de substituí-lo, mais tarde.

Substituíra-o e agora nada mais esperava.

Toda essa seára de recordações que colhem os outros homens no decorrer da existencia, os acontecimentos imprevisos, os amores doces ou tragicos, as viagens aventurosas, todos os azares de uma vida livre haviam-lhe sido estranhos.

Eram-lhe sempre iguaes os dias, as semanas, os mezes, as estações e os annos. Todo dia, á mesma hora, ergua-se, parti, chegava ao escriptorio, almoçava, retravase, jantava e deitava-se, sem que nada houvesse jámais interrompido a monotonia dos mesmos actos, dos mesmos acontecimentos e das mesmas idéas.

Outr'ora, diante do pequeno espelho redondo deixado pelo seu predecessor, elle contemplava seu bigode louro e os seus cabellos anelados. E agora, todas as tardes, antes de partir, via pelo mesmo espelho o bigode branco e a fronte irremediavelmente calva. Quarenta annos se haviam escoado, longos e rapidos, vazios como um dia de tristeza e iguaes como as horas de uma mesma noite! Quarenta annos de que nada ficára, nem mesmo uma lembrança, nem mesmo uma desgraça, depois da morte dos seus paes. Nada!

\* \*

Nesse dia o velho Leras ficou deslumbrado, na porta da rua, pelo fulgor do sol poente; e, em vez de se dirigir á casa, teve a idéa de fazer um pequeno gyro antes do jantar, que lhe acontecia quatro ou cinco vezes no anno.

Chegou aos boulevards, onde se agitava a multidão sob as arvores reverdecidas. Era uma tarde de primavera, uma dessas primeiras tardes tepidas molles que turbam os corações com uma embriaguez de vida.

Leras caminhava com o seu passo saltitante de velho; ia com um brilho alegre no olhar, feliz com alegria universal e com a tepidez do ar.

Chegou aos Campos Elysees e continuou a andar, reanimado pelos effluvios de mocidade que passavam na brisa.

O céu inteiro flammejava. Arco do Triumpho desenhava a sua massa negra sobre fundo illuminado do horizonte, como um gigante de pé, ao meio de um incendio. Quando chegou junto do monstruoso monumento, o velho guarda-livros sentiu fome e

entrou num restaurante para jantar.

Serviram-lhe diante do estabelecimento, na calçada, um pedaço de carneiro, uma salada de espargos; e Leras jantou como havia muito não fazia. Comeu queijo de Brie e bebeu meia garrafa de bordeaux fino. Tomou depois café e licores, que raramente lhe acontecia.

Depois de ter pago, sentiu-se alegre, vivo mesmo um tanto perturbado. Disse consigo: «Que boa noite! Vou continuar o passeio até á entrada do Bois de Boulogne, que isso me fará bem.»

E parti. Um fragmento de canção que outr'ora cantava uma das suas vizinhas, vinha-lhe obstinadamente á memoria.

Quand le bois reverdit,  
Mon amoureux me dit:  
Viens respirer, ma helle,  
Sous la tonnelle.

E elle o trauteava sempre, e recommençava todo momento. A noite descêra sobre Paris, uma noite sem vento, uma noite de estufa. Leras seguia a avenida do Bois de Boulogne distrahiu-se a ver passarem os fiacres. Os carros viavam, com os seus olhos luminosos, um atrás do outro, deixando ver por momentos um par abraçado, a mulher de vestido claro, o homem de terno preto.

Era uma longa procissão de namorados, a passear sob o céu estrellado ardente. E elles passavam, passavam





vam sempre, recostados nas carruagens, mudos, aconchegados, perdidos na allucinação, na emoção do desejo, no fremito do proximo amplexo. A sonbra tépida parecia cheia de beijos que voejavam, que fluctuavam no ar. Uma sensação de ternura enlanguescia o ambiente, tornava-o mais suffocante. Todas essas creaturas enlaçadas, na embraguez do mesmo desejo, do mesmo pensamento, faziam correr uma febre pelo ar. Todas essas carruaens, cheias de caricias, deixavam á sua passagem uma emanação subtil perturbadora.

Leras, um pouco fatigado da marcha, sentou-se em um banco para ver passarem os fiacres carregados de amor. E logo depois chegou-se a elle uma mulher e tomou lugar a seu lado.

— Boa noite...

Leras não respondeu. Ella continuou:

— Não sejas casmurro, meu caro; verás como eu sou carinhosa.

Elle exclamou, afinal:

— A senhora está enganada...

A rapariga passou-lhe o braço ao pescoço.

— Deixa-te disso, não te faças estúpido. Ouve...

O velho ergueu-se e se afastou, com coração oppresso.

Com passos adiante, abordou-o uma outra mulher.

— Queres sentar-te um momento ao pé de mim, meu rapaz?

Elle indagou-lhe:

— Porque fazés isto?

A mulher collocou-se diante d'elle, com a voz alterada, rouca, indignada:

— Oral Nem sempre é por prazer!

Leras insistiu, com uma voz branda:

— E então, que é que te obriga?

Ella rousou:

— E' preciso viver, sabes?

E afastou-se cantarolando.

O velho guarda-livros ficou assombrado. Outras mulheres passavam por elle, chamando-o.

Parecia-lhe que qualquer coisa negra, pungente, se estendia sobre a sua cabeça.

E sentou-se de novo a um banco. Os carros desfilavam sempre.

— Antes eu não tivesse vindo, pensou; estou incomodado, aborrecido...

E poz-se a pensar em todo esse amor, venal ou apaixonado, em todos esses beijos, livres ou pagos, que passavam d'ante d'elle.

O amor! Elle mal o conhecera! Só tivera na vida duas ou tres mulheres, por acaso, por surpresa... as suas posses não lhe permittiam aventuras. E pensava na vida que levára, tão differente da vida dos outros, nessa vida tão sombria e insipida, tão vasia e esteril...

Ha creaturas que positivamente não têm sorte. E de repente, como si se houvesse rasgado um espesso véu, elle percebeu a miséria, a infinita, a monotona miséria da sua existencia: a miséria passada, a presente e a futura; os ultimos dias em tudo iguaes aos primeiros, sem nada em volta d'elle, nada no coração, nada em parte alguma, nada...

O desfilar dos carros continuava. E elle via sempre apparecerem e desaparecerem, na rapida passagem do carro descoberto, os pares silenciosos e abraçados. Parecia-lhe que a humanidade inteira desfilara diante d'elle, ébria de alegria, de prazer e de felicidade. E elle estava sózinho a olhar, só, inteiramente só. E amanhã estaria

ainda só, sempre só, isolado como ninguem no mundo...

Levantou-se, deu alguns passos e, bruscamente fatigado como si acabasse de fazer uma longa viagem a pé, cahiu pesadamente sobre o banco visinho.

Que esperava elle? Nada! Pensava sómente que deve ser bom, quando se é velho, achar, ao entrar em casa, crianças que papagueiam. E' doce envelhecer quando estamos cercados desses pequeninos entes que nos devem vida, que nos amam e acariciam, que dizem essas palavras ingenuas encantadoras que reanimam o coração consolam de tudo...

E, ao pensar no seu quarto vazio, no seu pequeno quarto limpo e triste, onde só elle entrava, uma sensação de agonia assaltou-lhe a alma. O seu quarto pareceu-lhe ainda mais lamentavel que o escriptorio.

Ninguem o visitava, ninguem falava alli. Era um quarto morto, mudo, sem echo de voz humana. Dir-se-ia que as paredes guardam qualquer coisa das pessoas que vivem entre ellas, qualquer coisa das suas attitudes, das suas figuras, das suas palavras. As casas habitadas pelas familias felizes são mais alegres do que as habitações dos miseraveis. O seu quarto era vazio de recordações como sua vida.

E espantou-o a idéa de entrar nesse quarto, sózinho, de tar-se na sua cama, repetir todos os seus movimentos todas as suas tarefas costumeiras. E, como para mais se afastar desse sinistro aposento da hora de para elle voltar, levantou-se e, encontrando de subito a primeira aléa do parque, entrou para sentar-se sobre a relva.

Ouvia em tôrno, no alto, em toda parte, um rumor confuso, immenso, contnuo, feito de ruidos innueros e differentes, um rumor surdo, proximo, distante, uma vaga e enorme palpação de vida: era o halito de Paris que respirava como um ente colossal.

O sol, alto já, derramava uma onda de luz sobre Bois de Boulogne. Começavam circular alguns cavalheiros chegavam ale-

gremente.

Um casal ia passo por uma alameda deserta. Subitamente a moça, erguendo os olhos, viu um vulto escuro nos galhos de uma arvore. Levantou a mão, admirada inquieta:

— Olha... Que é aquillo?

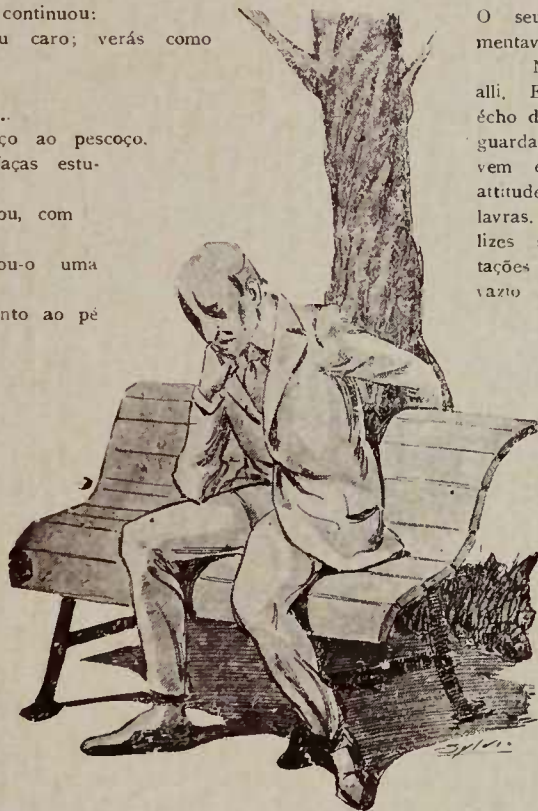
Depois, com um grito, deixou-se cahir desmaiada nos braços do companheiro.

Chamados os guardas, estes retiraram dos ramos um velho enforcado nos suspensorios.

Verificou-se que a morte occorrêra na vespera. Pelos papeis encontrados nos seus bolsos, ficou apurado tratar-se de um guarda-livros, por nome Leras, empregado da casa Labuze & C.

A sua morte foi atribuida a um suicidio, de causa ignorada. Talvez um subito acesso de loucura...

**Guy de MAUPASSANT**



## OS PENTES DA MODA

Estão em moda os grandes pentes artísticos. Uns evocam o Extremo Oriente, outros a Andaluzia. Feitos de tartaruga, de cellulóide ou de vidrilho, revestem-se das formas mais caprichosas e sedutoras e apresentam cores finas e vistosas.

São em geral muito altos, e ornam o penteado de mil maneiras. Alguns servem mesmo para segurar os cabelos curtos; outros são feitos expressamente para segurar os «cans» sobre as orelhas.

Todos, enfim, embellezam a mulher, recortados, gravados que são, ou incrustados de pedrarias como verdadeiras joias.







### REGATAS DE AGOSTO

“Candinho”, da Faculdade de Medicina, vencedor do Campeonato Academico

## OS SEGREDOS DE CARTHAGO

Com as recentes excavações levadas a efeito pelo padre Delattre nas proximidades da necropole Robs, cemiterio dos sacerdotes e das sacerdotizas de Casthago, foram descobertas estatuetas em elevado numero, quasi todas representando rostos de mulher.

Essas estatuetas serviam para a ignição de perfumes e são de terra-cota: a cabeça de mulher, pousada sobre uma base arredondada, traz um diadema achatado no alto, e era ali que se depositavam as substancias a queimar.

Os traços do rosto de muitas dellas são de uma pureza perfeita e acredita-se que em sua maioria representavam a deusa Tanit, pois é certa a sua origem carthagineza.

## A VIUVA INCONSOLAVEL

No bonde. A viuva inconsolavel, o filhinho e o Ephigenio.

A criança triturava o joelho do amanuense, manchava-lhe as calças com o branco dos sapatinhos.

Por fim, fixando nelle os grandes olhos liquidos, indagou:

— Como é que o senhor se chama ?

— Ephigenio, meu anjo.

O senhor é casado ?

— Não !

— Não tem filhinhos ?

— Não.

Seguiu-se um curto silencio. E o gury, voltando-se para a senhora de preto, indagou:

— Mamãe ! Que é mais que você me pediu para perguntar ?

Na primeira parada desceram apressadamente dois passageiros ...

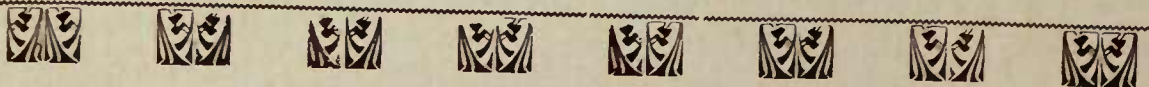
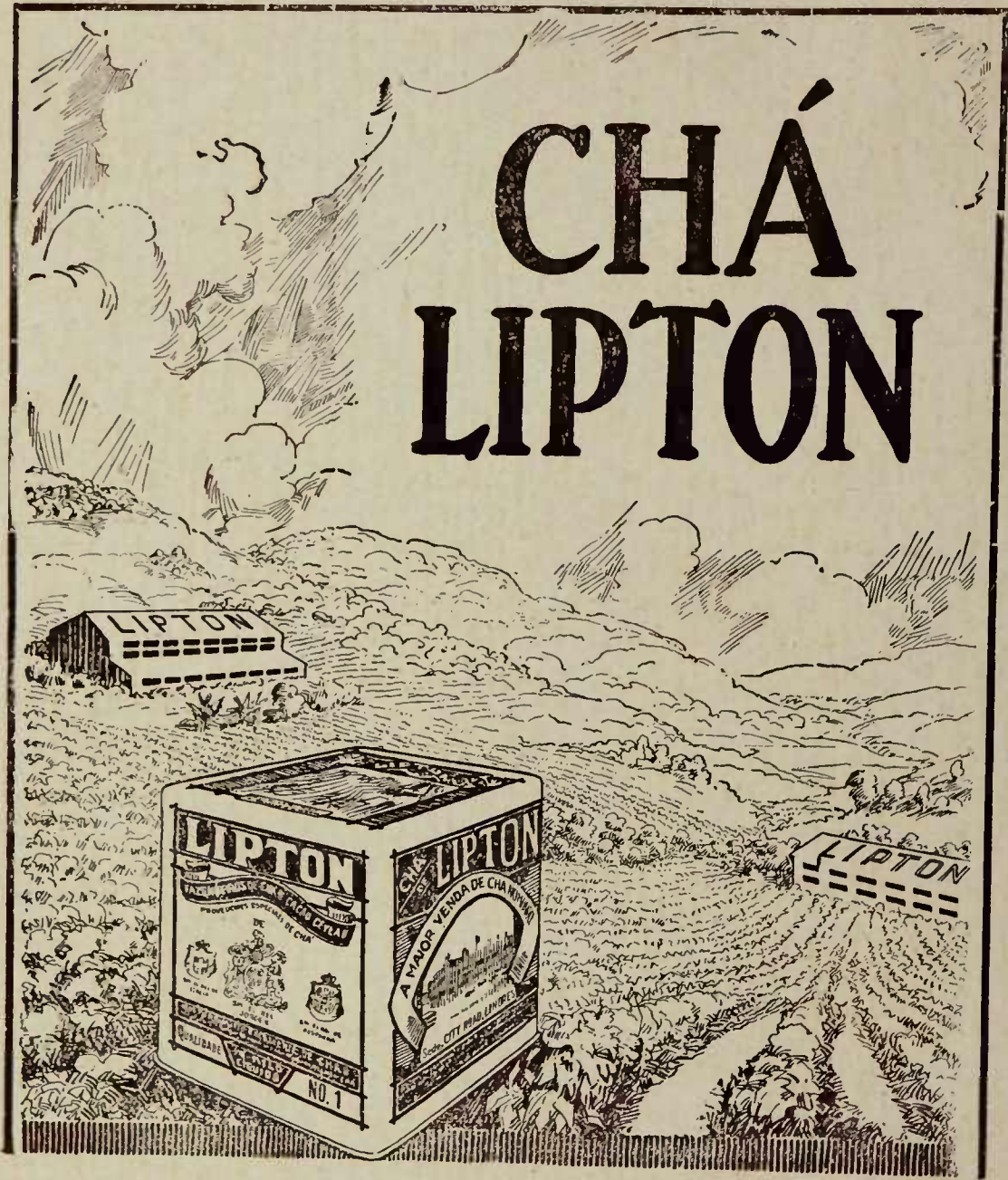
# GYMNASIO BRASILEIRO

ESTABELECIMENTO DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA  
INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO.

— — — RUA COPACABANA, 620 — — —



# CHÁ LIPTON





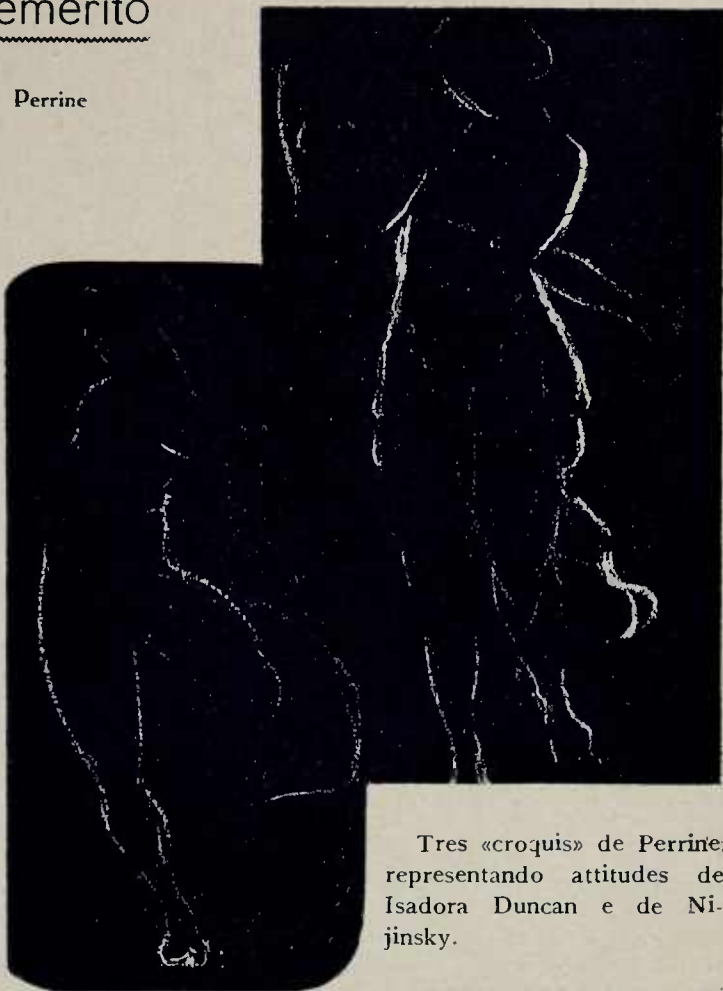
## De "cowboy" a pintor emerito

A arte maravilhosa de Van Dearing Perrine

**V**AN Dearing Perrine é um verdadeiro mestre da «evocação». Uns ligeiros traços brancos sobre papel preto, e nos faz ver a figura e o movimento de uma bailarina, ou as linhas do corpo esbelto e formoso de uma mulher, illuminado de reflexos de prata; graças á sua arte, quasi sentimos a brisa que agita as dobras das vestes e adivinhamos o começo e o fim dos movimentos cujo momento central elle soube fixar tão maravilhosamente.

Está claro que, si o artista consegue operar taes milagres com elementos como o giz e o papel preto, isso é devido a que Van Dearing Perrine é uma victima enamorada de tal methodo. O papel negro representa para elle a tréva cósmica, o ventre de que emanam todas as fórmãs; e o giz representa a luz. Assim, quando começa um dos seus desenhos, elle deve pronunciar o «Faça-se a luz!» do Genesis.

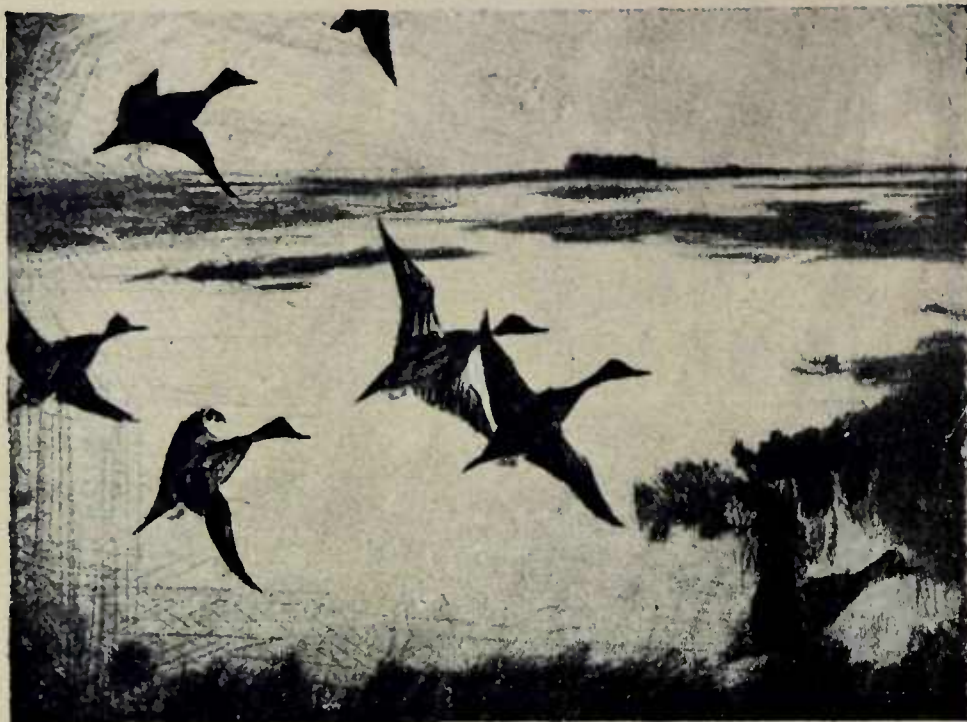
Perrine nasceu no Oésté dos Estados Unidos, onde durante muito tempo exerceu o agitado mistér de vaqueiro. Um dia, ao ver um cartaz colorido na parede de uma venda, sentiu-se pela primeira vez atormentado pela «doce enfermidade» da arte. Mais tarde rumou para Nova-York, onde estudou no Instituto da Cooper Union e na Academia de Bellas Artes, até chegar ao ponto em que, segundo a phrase sacramental, os mestres nada mais tinham a ensinar-lhe. Desde então dedicou-se a pintar os seus estados de alma reflectidos no ar e no vento, nas aguas e nas arvores. As suas paizagens, sempre muito procuradas, estão apaixonadamente cheias de côr e de movimento. Não se conformando, aliás, com o meio estatico da simples pintura, dedicou-se durante os



Tres «croquis» de Perrine, representando attitudes de Isadora Duncan e de Nijinsky.



ultimos annos a buscar expressão na côr móvel ou dynamicã. Van Dearing Perrine reside em Pal'sades, nas alturas abruptas da margem do Hudson de onde desce de quando em quando sobre Nova-York, para, como uma aguiã, agitar a atmosphera das galerias de arte com o bater de suas azas...



Frank W. Benson é o nome de um artista americano actualmente muito em voga na terra do dollar. No cinema, Benson tornou-se um especialista em flagrantes da

vida das aves aquáticas, cujos costumes surpreendeu admiravelmente o seu lapis adextrado. E, como é natural, a sua fama voou sobre as fronteiras e actualmente corre mundo.

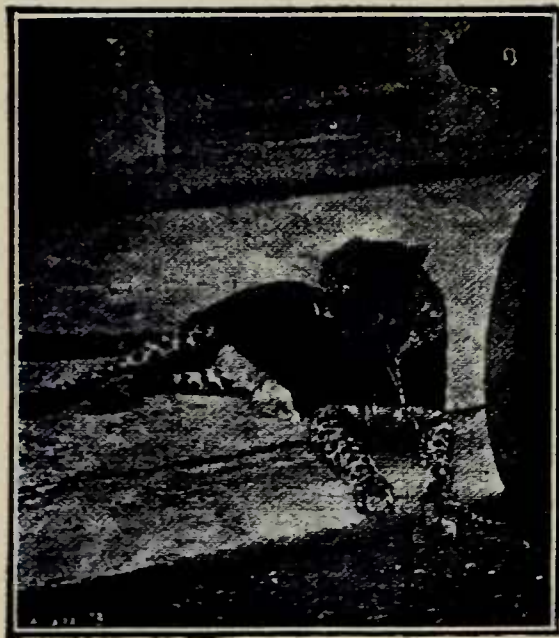
## A invenção dos phosphoros

Os phosphoros com enxofre eram conhecidos pelos antigos. Marcial fala dos pequenos que os vendiam no forum e nas ruas ricas. Tais phosphoros tinham duas cabeças e eram usados principalmente nas saturnaes.

No Paris medieval o vendedor de phosphoros passava pelas ruas com um grito particular — os mais procurados eram aquelles que vendiam o seu artigo com muito enxofre.

Foi em 1835 que alguém se lembrou de combinar o chlorato de potassio com o phosphoro, para fabricar os actuaes palitos que se inflamam com o atrito. Apareceu então esse artigo pela primeira vez na Alemanha, de onde foi transportado para Paris —ahi analysado por um pharmaceutico. Desta cidade passou o segredo dos phosphoros a Londres, onde dois chimicos porfiaram em fazer fortuna com elle. Depressa cahiu a fabricação no dominio publico, sendo que o seu inventor anonymo não tirára patente.

O phosphoro branco ordinario, devido a ter causado accidentes mortaes servido para fins criminosos, foi substituido, por proposta dos professores Reynal e Lassegue, da Escola de Alfort, pelo phosphoro vermelho, chamado *amorphos*, que não offerece nenhum perigo de envenenamento ou de incendio.



A panthéra SABA encarrega-se de vigiar o automovel de seu dono Mortimer Handøck, de Paris, enquanto elle está tratando de negocios.



## A PROPHECIA

O Peixoto era um «adepto fervoroso de Baccho», para usar do circumloquio repórteresco que quer dizer, nada mais, nada menos, um beberrão de quatro cés ades.

Peixoto, com uma calma de anjo e uma indiferença de fakir, bebia sempre, bebia como esponja, todas as bebidas — com a condição de que tivessem álcool. Porque isso de água cria saços na barriga! — explicava, rindo, a piscar os olhos miúdos habituaados a verem tudo duplamente e o mundo á roda, como uma maxambomba.

Pouco se lhe dava que sobre a sua cabeça cahissem, como pedras, todos os epithetos, synonymos de bebedor, creados pela fértil invenção popular ou por qualquer outra inventiva: fervoroso adepto de Baccho, páu d'água, cachaca, gambá, esponja, chuva... Peixoto bebia, bebia. Que ha de condemnivel nisso, numa cidade em que ha tanta falta d'água?

Peixoto era um ébrio inveterado (outra expressão de repórter de máus figados, em dia de atrazo de pagamento). Parece que esse homem, desde o dia em que nasceu, jurou guerra á água. O seu sym-

bolo químico H<sub>2</sub>O era odiado por Peixoto. E havia nesse odio um presentimento, porque Peixoto costumava dizer propheticamente á mulher:

— Olha, Maria: morrerei no dia em que beber água! Podes ficar certa disso!

Um dia destes, de repente, fez-se um grande reboliço alli na rampa do Mercado. A beira do cães formou-se um grupo afflicto que abraçava e augmentava sempre... Gritos, exclamações, dedos hirtos que apontavam o mar. E sobre a água do mar, um chapéu velho que boiava... Policias corriam, atarantados, um foi ao telephone, a pedir a Assistencia.

Cheguei-me, movido pela minha invencivel curiosidade de cariboca. E tive a explicação do caso: o Peixoto, depois de bebericar por todos os botequins do Mercado, viera, zigzagando, até á rampa, fizera prodigios de equilibrio na arésta do cães e acabára cahindo n'água.

O pobre Peixoto não appareceu mais. E a sua mulher, que accorrêra, explicou, num hausto: — Bem dizia elle: que morreria no dia em que bebesse água!

Cumprira-se a prophécia.



7 DE SETEMBRO

— Porque estás tão satisfeito, meu velho?

— E' que me lembro de que estou livre das despezas... do outro centenário!





## A ilha de Robinson Crusoe

Um solo montanhoso, pedregoso, pouco fértil, em que apenas crescem a vinha e a oliveira; poucos habitantes, cuja principal industria é a pesca, mas uma pesca abundante, taes são as características da ilha de Juan Fernandez, perdida no mar dos Caraibas, a 700 kilometros da costa do Chile, a que ella pertence. A ilha de Juan Fernandez deve nome ao célebre navegador hespanhol que a descobriu no XVI seculo. Mas com as suas oliveiras e o peixe das suas costas, ella não teria nenhum titulo de gloria si o marinheiro escossez Alexandre Selkirk, que alli foi abandonado depois de uma revolta bordo, não tivesse passado nella quatro annos de vida solitaria.

De Alexandre Selkirk fez Daniel de Foe o heróe do seu célebre livro ROBINSON CRUSOE.

## O POETA A LAGOSTA

Passeava um dia Gérard de Nerval pelas ruas de Paris, puxando por um cordel, como um cão de luxe, uma enorme lagosta. Houve escandalo, formou-se uma multidão de basbaques que impediam o transito. Resultado: poeta foi parar no posto de policia. Inquirido pelo commissario sobre tal extravagancia, Nerval exclamou, indignado — Vocês saem á rua com cachorros gatos, animaes estupidos que nada sabem. Ao passo que minha lagosta conhece as maravilhas das profundezas marinhas!



### ARCHITECTURA COLONIAL MEXICANA

A igreja de S. Francisco Acatepec, no Estado de Puebla, Mexico, é um templo do mais puro estylo *churrigueresco*, tão luxuoso externa, como internamente. Profusamente decorado com azulejos de Talavera, columnas salomonicas e uma infinidade de labores de cantaria, essa igreja é uma joia da architectura colonial mexicana atráe foyrasteiros sem conta pela sua fama muitas vezes justificada.



**PAIZAGEM ALPESTRE**—Um trecho typico da Suissa, com os seus colossos nevados e as suas filas de pinheiros melancolicos...

## A mais antiga carta geographica

Segundo affirma o escriptor basco Segundo de Ispizua, mais velho mappa que se conhece é organizado no seculo VII pelo hespanhol Orosio.

Essa carta dá ao mundo a configuração de uma ferradura, de que a Africa occupa a parte inferior, a Europa a superior.

A Asia foi collocada na curva da ferradura Mediterraneo no centro. O estreito de Gibraltar é a abertura do Oceano abrange o todo.

Felizmente o Orosio morreu antes de Colombo, porque se veria em aperturas para collocar no seu mappa-ferradura o continente americano...







JACK DEMPSEY, o formidável «boxeur» americano, caricaturado por SEM

## A odysseia do marco

Uma das coisas que mais chocam o espirito do estrangeiro que actualmente chega á Allemanha é o augmento formidável do preço, em marcos, dos objectos mais modestos. Apesar de nos dizerem os jornaes, todos os dias, o quanto é infimo o valor do marco actual, só um exemplo concreto nos poderá dar idéa justa da derrocada monetaria naquelle paiz.

Eis alguns documentos extrahidos de um jornal allemão que, alás, os commenta sem azedume.

Sob o titulo «Uma triste historia em cinco imagens banaes», o «Berliner Illustrirte Zeitung» consigna preliminarmente que 1,000 marcos valem apenas 3 ou 4 pfennigs-ouro. O padrão pelo qual parece fixar-se nesta hora o instavel valor do marco é o dollar, em razão do commercio activo entre a Allemanha e os Estados-Unidos. Segue-se dahi que lá tudo se refere ao curso do dollar. A mais obscura vendeira, a quem se compra um maço de cigarros, pergunta infallivelmente:

— A quanto está hoje dollar, senhor?

Ella faz essa pergunta sem anciedade nem amargura, como si perguntasse que hora é; porque, para a organização da sua vida, é-lhe tão necessario conhecer o curso do dollar como a hora.

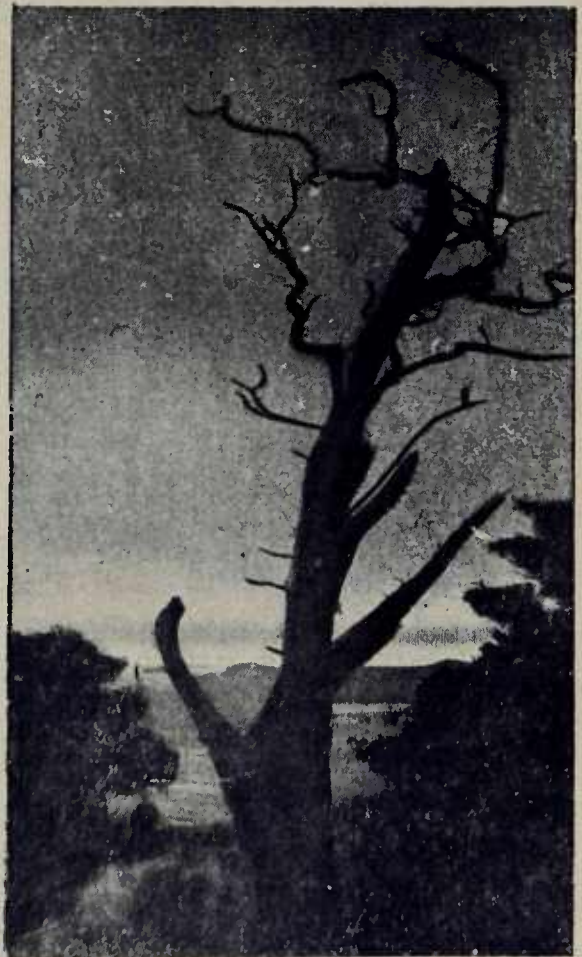
As pessoas mais humildes, os menos aptos a affrontar o grande problema dos cambios e a sua solução sempre

incerta, estão compenetrados desta primeira verdade: que o dollar regula as suas compras. Partindo desse principio como está pobre o marco-papel! Em relação ao dollar tomado como base de cambio, a diferença do marco entre 1914 e 1923 é de 30,000 por 1. Comprehende-se, pois, que se houvesse podido comprar, antes da guerra, tres vaccas pelo preço actual de um litro de leite, ou uma casa mobiliada por 180,000 marcos, preço actual de um par de sapatos...

Assim tambem, por inverosimil que isto pareça, uma ferradura custa hoje em Berlim o preço de um cavallo, antes da guerra, uma dona de casa pagará por um carretel de linha nada menos de 12,500 marcos, quantia que antigamente lhe daria para adquirir uma duzia de machinas de costura...

## PRECOCIDADES

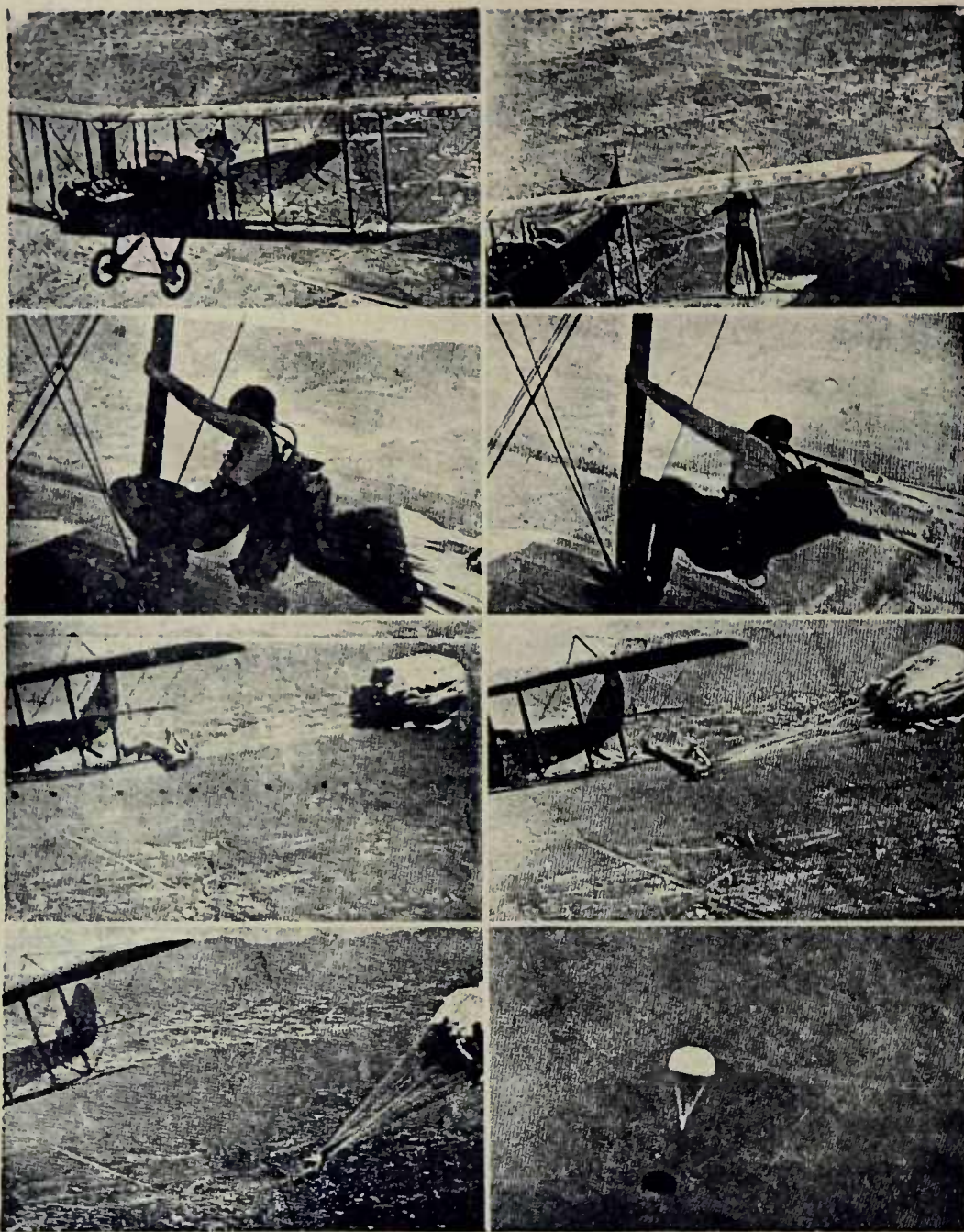
Ao completar doze annos já havia Pascal resolvido as trinta e duas proposições de Euclides. Outros exemplos de precocidade: Dante compôz o seu primeiro soneto aos nove annos; o Tasso escreveu os primeiros versos aos dez; Calderon começou a escrever aos treze; Victor Hugo, aos quatorze, era laureado da Academia dos jogos floreaes de Tolosa; aos doze annos já Byron versificava; Meyerbeer dava concertos de piano apenas com seis annos de idade; Claudio Vernet desenhava perfeitamente aos sete; com onze annos já Mirabeau era auctor de um volume; Haendel compunha uma missa aos treze; Raphael já era pintor aos sete; finalmente, com quatorze annos, Weber fez representar a sua primeira opera.



PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

Paizagem da costa da California em que uma arvore torturada, diante do nevoeiro do horizonte, tem qualquer coisa de dantesco...





Com o feito brilhante do aviador patricio Carlos Chevalier, ficou em moda a prova fascinadora do salto em pára-quédas — tão fascinadora que já outros, inclusive uma senhora, se aprestam para imital-o, lançando-se de uma altura vertiginosa e abandonando-se á mercê do vento...

E' uma prova perturbadora essa — pelo sangue-frio que requer, pela segurança que exige no lançar-se o sportman do aparelho, desamparado, numa quéda brusca, até ao momento em que o pára-quédas abra a umbella protectora e faça cessar a vertigem... E o ousado sportman vae descendo, balouçando-se, como um

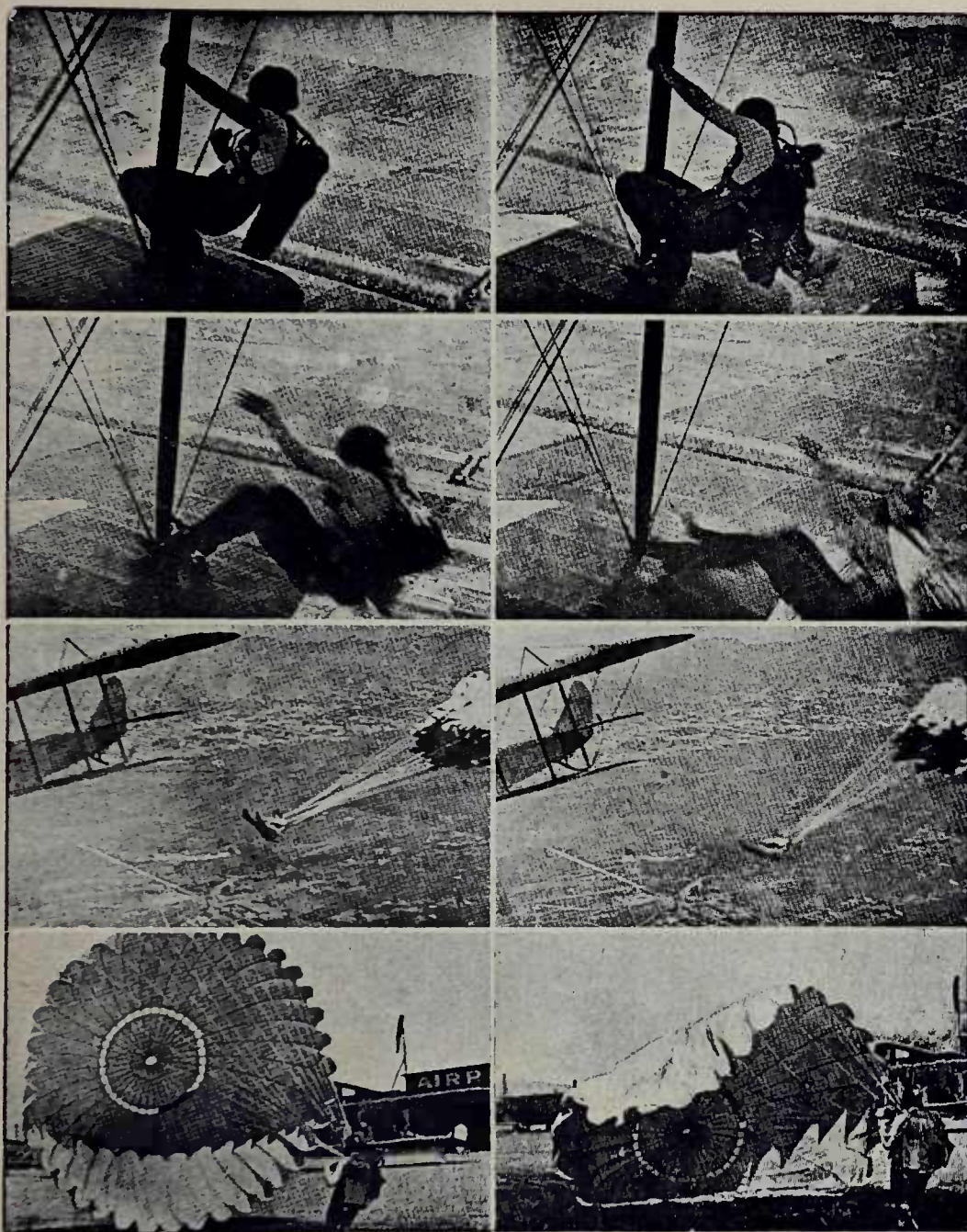
pendulo que marca os instantes de emoção dos que, em terra firme, contemplam a proeza.

A proposito, julgamos interessante publicar aqui as impressões que da sua primeira quéda trouxe Fronval, o destemido campeão mundial do *looping*.

Depois de haver lançado do seu avião innumerous «pára-quédistas», lá num dia resolveu Fronval precipitar-se tambem das alturas, e fel-o em optimo estylo, como o attestam os successivos instantaneos, que aqui reproduzimos, do film então tomado de um avião.

«Si muitos espectadores, diz elle, assistem





á descida em pára-quédas, levados pela atracção do perigo, muitos ha que comprehendem a importancia capital desse anjo tutelar, dessa boia de salvacão aérea. Na America, entre as provas do *brevet* de piloto, é obrigatoria a descida em pára-quédas.

E' por isso que, depois de lançar tantos collegas, fiz questão de, por meu turno, atirarme do alto de um avião. Devo confessar, sem nenhuma pretencão ou exaggero, que não sofri angustia de especie alguma. Deixar-se cahir em pára-quédas é, mais ou menos, fazer como o mergulhador — com a differença de ser de mais alto. E' esse o unico momento desagradavel.

Depois, nada: não senti a menor emocão desde o salto até á abertura do aparelho. Essa manobra é tão rapida que nada se sente. O unico incommodo para um piloto é não poder dirigir-se e ficar á discreção do vento.

A propria chegada ao sólo é banal. O que me chocou nos meus sentimentos de aviador foi ver que uma multidão se precipitava para me dirigir felicitações. Não sei porque se cumprimenta um homem que se contenta com substituir um sacco de areia...

Como se vê, Fronval, além de ousado, é modesto...



## A ACROPOLE

Acropole é uma palavra que designava antigamente a parte alta das cidades gregas, em que se erguiam os templos e as cidadelas; e hoje designa a mais illustre das colinas, a que domina Athenas e em que as nobres ruínas do Parthenon attestam a arte de Phidias e a grandeza de Pericles.

A Acropole de Athenas é um rochedo escarpado, á excepção de uma banda, terminado por um planalto de 300 metros de comprimento, e 156 metros acima do nível do mar. Foi lá, segundo a legenda, que Cecrops fundou a cidade que Pallas Athená (Minerva) deu o nome e a que ensinou a sabedoria e as artes.

A Acropole foi a principio cercada de fortes muralhas, de que ainda ha vestigios, e desde os primeiros seculos historicos coberta de templos. Xerxes, no V seculo, destruiu-os, mas os gregos os reconstruíram logo que a invasão dos persas foi repellido.

Foi porém no tempo de Pericles e sob o impulso desse grande homem, que se esgueram sobre a Acropole os mais admiraveis monumentos da architectura e da estatuaria gregas.

Chegava-se á esplanada pelos Propyleos, columnatas de accesso cujas ruínas indicam ao mesmo tempo a sua majestade e sua harmonia. Ao lado dessas entradas monumentaes, havia uma grande sala, a Pinacothéca, onde se conservavam as pinturas cujas paredes ainda estão de pé. Mais adiante, á direita, as ruínas do Parthenon, de Phidias, de que as multiplas invasões saquearam o interior e quebraram columnas, arrebatarem frisos e capiteis, sem no entanto destruírem graça das linhas e belleza do conjunto.

Á direita um outro templo, o Erechthéion, também dedicado a Minerva, menos importante do que o Parthenon, mas delicioso pelas suas cariatidas. E, por toda parte, uma infinidade de estatuas em honra dos deuses. A mais bella de todas, da lavra de Phidias, era a estatua colossal de Athena Promachos, de que uma excavação no rochedo ainda revela o lugar em que assentava.

O sólo da Acropole está hoje juncado de restos aluidos de todas essas maravilhas de arte. Obra dos barbaros que tantas vezes pisaram esse solo sagrado, desde os romanos, incapazes de comprehender a belleza da collina até aos venezianos e aos turcos que ousaram profanar as obras de Callicrates, de Mnesicles e de Phidias.

## A AMERICA ANTES DE COLOMBO

Muito se tem debatido a questão de saber si os antigos conheceram a America. Homero collocava o Elyseo no mar occidental, mas ninguem sabe si se tratava da terra de Colombo. Aristoteles fala de uma terra tão encantadora que o Senado de Carthago prohibia aos navegantes que a visitassem. Diodoro allude á ilha enorme e distante para qual os cartaginezes contavam trans-

ferir a séde do seu imperio, si soffressem algum revez na Africa. Segundo Ptolomeu, as extremidades da Asia se reuniam a uma «terra desconhecida» que se approximava da Africa pelo occidente. Quasi todos os monumentos geographicos da antiguidade indicam um continente austral.

Outros, mais recentes, dizem ser indiscutivel a visita de navios á America, antes de Colombo, que «os rudes exploradores dos portos da Noruega e do Báltico acharam a America septentrional no primeiro anno do seculo XI. Estes navegantes haviam descoberto as ilhas Feroe no anno 861, a Islandia, entre 860 e 872, a Groenlandia em 982. Em 1.001 um islandez, Biom, passando pela Groenlandia, foi impellido por uma tempestade para o sudoeste e chegou a umas terras baixas cobertas de florestas. Voltando Groenlandia, ali narrou a sua aventura».

Leif, filho de Eric Randa, fundador da colonia norueguesa da Groenlandia, embarcou com elle e chegaram a um ponto qualquer da America do Norte, onfizeram commercio de pelles com os selvagens. Esse territorio foi por elles baptisado com o nome de Vinlandia. O bispo Eric, em 1121, partiu da Groenlandia, para Vinlandia, para pregar o Evangelho aos indigenas.

Acredita-se também que os irmãos Jeni, venezianos serviço de um chefe das ilhas Feroe e Shetland, visitaram de novo essa terra em 1380. Por sua vez os Arabes procuraram reivindicar a descoberta da America.

Pretende-se que os irmãos Almagurinos, de Lisboa, penetraram nas terras mais afastadas do Occidente.

—«0»—

### O guarda roupa de Carlito

O guarda roupa de Carlito, em que o celebre excentrico escolhe as suas inverosimeis toilettes compõe-se de 5 costumes completos, 19 chapéus, 7 pares de sapatos, 4 bengalas. Esse guarda roupa, segundo os calculos dos entendidos, vale cerca de... dois dolars!



HARRY CHIN, primeiro aviador chinês, veio pôr termo a uma situação esquerda para os da sua raça. Pois, que?! Os «filhos do Céu» ainda não haviam voado? Toda a sua litteratura, toda a sua arte está cheia de vãos fantasticos de princezas sobre dragões alados, de escapadas felizes ou infortunadas para as nuvens, os «filhos do Céu» não tinham ainda um título official de aviadores. Harry Chin veio, pois, realizar os sonhos do seu velho legendario paiz.»





### O ETERNO PROBLEMA FEMININO



Entre o Capital e o Trabalho...

(Desenho de LOWELL)

### “ELLAS” por “ELLES”

**P**OR causa do jogo e das mulheres é que as cruzes nascem á beira das estradas. TAUNAY — Innocencia.

Em verdade, a mulher tem sempre a situação que impõe pela illusão que sabe produzir. MAUPASSANT — Notre cosur.

As mulheres devem apparecer-nos num sonho ou numa auréola de luxo que poetize a sua vulgaridade. MAUPASSANT — Pierre et Jean.

Uma mulher bella vale quanto pisa em ouro; uma mulher que além disso nos ama, não tem preço. SIENKIEWICZ — Quo Vadis?

O encanto de uma mulher augmenta sempre que ella se cala. Isso é uma verdade cuja evidência só os homens sentem. PIERRE LOUYS — Contes choisis.

**OCULOS  
PINCE-NEZ  
COM CRISTAES ZEISS**

*Exactamente os  
que seu Medico receita*

**LUTZ, FERRANDÓ**  
CIA. LTDA.  
**40 CONCALVES DIAS 40**

APPARELHOS  
PHOTOGRAPHICOS  
KODAK





DOUGLAS FAIRBANKS

«O marido de Mary» e Evelyn Brent, numa scena do  
:: novo film «Bagdad», de que são protagonistas. :: ::



# SOMBRAÇÃO

*Hoje, que a litteratura sertaneja, com a frescura e o encanto de todas as cousas singelas e ingenuas, está em franco successo. É de lastimor que se ache em esquecimento o nome de Azevedo Junior, o mallogrado escriptor patricio que com tanto talento frou os costumes e a psyche dos nossos matutos.*

*E' no intuito de relembrar esse nome que aqui re-produzimos o conto "SOMBRAÇÃO", ha cerca de um decennio publicado na imprensa carioca.*

**J**URO por Deus que eu vi sombração, ali na estrada, pegado á ribanceira onde o Chico tropeiro tomou com ferro no sangrador e adornou de uma banda, que não abriu mais, — disse Benedicto que estava «batendo taquara» no negocio do povoado, naquella noite fria de Junho.

Os parceiros arregalaram os olhos, muito curiosos, aconchegando-se uns aos outros: todos tinham conhecido o Chico, homem de suas posses, tendo uma burrada boa, vivendo, abaixo e arriba, nesses fundos de sertão. Cretura de se lidar com geito, porque, por um tiquinho de nada, fechava a cara, dava uma resposta, e ferrava logo. Pagou caro malucagem, pois foi «maligno» servido que o Chico batesse bocca com um caboclo grandalhão, e ambos, esquentados de pinga e de «reiva», travaram num átimo: o grandalhão sugitou o tropeiro que comeu terra como um perrenque, e foi o precipicio, que todo o povoado soube.



O criminoso botou o pé na estrada e sumiu, que nem mais noticias delle. Amoitou por esse mundo.

Puzeram uma cruz no logar onde Chico tombou de uma feita. Até então, nunca ninguem tinha visto nada, e o povo não deixava de trançar por alli, fosse a que hora fosse, que sertanejo santo anda com o sol claro, como de noite com o escuro, que nem zumbi.

O que Benedicto vinha contar agora era de fazer correr um tremor na regueira das costas. Elle não era potoqueiro, nem tambem qualquer páu arranhando no matto ou coriango soando mettiam medo. Tinha varado esses caminhos todos, ás vezes debaixo de um aguão doido, só vendo o trilho quando relampia, e nunca topára nem bicho nem creatura de Deus.

— Mas como foi então? perguntou o Manoelsinho, que já ouvira contar que «tinha» lobishomem ali p'r'as bandas do cemiterio velho, onde morava um sujeito, que soffria de amarellão e diziam que elle «virava» sombração. Cruz! Ave-Maria!

— Eu tinha ido na casa do compadre Quinca comprar delle uns taboados para o patrão que, nesse meio tempo, andava encorajado e pouco passeador. Mandou que eu fosse e pegasse o melhor animal. Botei o basto no «Queimado», saltei em riba, e foi bater com tala uma vez só. O bichinho até parecia que voava.

Quando cheguei no compadre, estava beirando hora do café... Arrumei o negocio, mas não houve volta do compadre me deixar tornar p'ra traz sem jantar. A comadre dona tambem «enrestou» commigo e eu fiquei.

Mostra mais uma coisa, mais outra: a roça de milho, as crias no pasto, emfim, p'ra encurtar palavra, o jantar demorou um pedaço bom.

E pagou a pena que estava «chiba», acompanhado de um restillo que não era de arrenegar.

O sol já ia querendo tombar, quando eu, tendo posto uns badulaques na capanga p'ros meninos, montei no «Queimado».

A principio, tudo foi sem novidade, nem eu me importei com uma zoeira nos ouvidos assim a modos de umas tonturas... Feri logo na binga, accendi o meu pito, e deixei o pagão andar numa toada.

Mas vocês sabem que daqui ao sitio do compadre Quinca tem terra damnar.

Foi pegando a escurecer.

Olhei para o céu: as estrellas estavam pintando aqui ali. No vargado, já estava bem pretumo, de modo que, depois de passar a ponte velha começar a subir o tope onde está a cruz do Chico, era um estirão...

Tentação do capêta!

Em vez de banzar minhas coisas, peguei matutar no coitado, que Deus lhe fale n'alma.

O coiração desandou bater com uma força, que não tinha mais parada...

O cabello cresceu que até, juro por essa luz, o chapéu a modo que pulou no ar. E, naquelle pretume todo, eu vi uma coisa branca... branca, espichando do lado da ribanceira.

Cruz! credo! Correu-me uma tremedeira pelo corpo todo, que nem sei como tive pé para fincar a espora no «Queimado», que abriu num galopão desabotinado.

Coragem para olhar p'ra traz, «adonde?» Parecia que sombração «avoava» em riba de mim...

Só tomei «suspiração» quando vi a luzinha em casa do «seu» João Carapina...

Com graça de Deus, estava no arraial... Pensei morrer...

Falei do «causo» com o compadre vigario, mas elle riu muito e disse que o Chico precisava era de missa. Não fiz questão; mandei rezar duas logo, ouvi com a dona.

É o caboclo, ainda assustado, concluiu: cruz!

Os parceiros guardaram silencio, pensando no que acabava de lhes contar o Benedicto, que não era «sapê-cador»; ao contrario, palavra na bocca delle era verdade.

O vendeiro, coçando a barba, fazia cara de riso, achando no intimo que o Benedicto, com as porchadas de restillo, ficára com as ideas quentes, e a «resto» viu tudo aquillo... Mas não disse nada porque o caboclo era «boa dita», e, si elle pegasse a caçar, podia o outro ficar amuado, e lá se ia o freguez.

— Coitado do Chico! coitado! limitou-se a dizer o vendeiro, enquanto o Manoelzinho chegava á porta e olhava o breu que estava na rua.

— Ehl que você é um «porqueira de perrenque»: bravatou o Benedicto. Vamos embora, que amanhã temos que puxar serviço, na regra... Medo agora de que? Sombração não vem onde tem gente.

**Azevedo JUNIOR**

## CARPENTIER E O SPORT DO MURRO

**A**LGUNS annos antes do seu ruidoso encontro com Dempsey, encontro esse em que foi vencido, escrevia Georges Carpentier, de Londres, um artigo para a imprensa do seu paiz, em que falava singelamente do sport em que se tornára campeão, divulgando o seu modo pessoal de julgar-o e a opinião que sobre elle formára a sua longa experiencia.

Carpentier, segundo elle proprio confessa, batia-se desde a infancia, quando, agil «gamin», lia a «buena-dicha» aos frequentadores das tavernas, a troco de alguns «sous» derramados no seu bonet.

A victoria do seu rival americano em nada diminuiu a autoridade das palavras do «boxeur» francez, entre as quaes se contam verdadeiros aphorismos sportivos Transmittindo as aos leitores de «America», estamos certos de que despertarão grande interesse, partidas que foram da bocca de um professional cuja derrota não se deveu a deficiencia de jogo, mas tão sómente á maior resistencia physica do seu excepcional adversario.

A mentalidade, a figura, a profissao do «boxeur», diz Carpentier, devem ser alguma coisa de desconcertante para o publico. Eu sempre me perguntei que concepção pode elle fazer de um rapaz que abraça uma profissao em que a renuncia se impõe periodicamente e que, destinado a bater-se, só pensa no combate. Creio que elle o representa como uma especie de bruto. No emtanto, si o publico me visse nos meus treinos, concordaria em que o retrato que de mim formava não passava de uma grosseira caricatura.

E Carpentier nos mostra como, em pleno periodo de treino, acha meios de fazer musica com o seu «manager» Descamp e com os seus amigos, numa sala em que se acham a sua progenitora e a sua avó.

No momento em que subo para o ring, continua elle, não sinto nenhum nervosismo intempestivo e nenhuma apprehensão. Foi essa calma superior que provocou, num mitch em Monte-Carlo, as seguintes palavras do famoso Kid Mac Coy, boxeur americano: «O unico francez que não parece francez, aqui, é Carpentier, porque não escuma, não grita, nem fala em algaravia».

Carpentier considera «scientifico» o seu methodo de preparação para o combate. E acrescenta: Desle que combino com um adversario um encontro eventual, começo a treinar, esforçando-me sempre por tel-o diante de mim.

Não ha coisa que eu faça, por infima que seja, que não tenha a sua razão de ser; convenco-me de que a negligencia disto ou daquillo será a minha perda. Acostumei-me a considerar sempre os adversarios muito superiores a mim e nunca commetti o erro de suppor que os poderia vencer facilmente.

E Carpentier prosegue:

Comparado ao treino, o combate não é nada. Por isso eu me pergunto como certos pugilistas podem fazer delle uma tarefa tão triste e tão enfadonha.

O que se deve ter sempre, insisto nisso, é o ar livre. A maior parte dos boxeurs treinam a portas fechadas; além disso não se divertem fóra dos combates e é batendo-se que elles falam, dormem e vivem.

E' essencial, não resta duvida, concentrar todas as faculdades no treino; mas o boxeur que não tem a idéa de variar largamente o seu programma, corre um perigo real; a sua imaginação torna-se pesada, elle deixa de pensar como um ser intelligente e o treino torna-se nesse caso uma terrivel obsessão.

Nos meus treinos, tendo o meu «manager» como arbitro, eu evoco o adversario que devo affrontar. Ataco esse fantasma e bato-me com







elle com todas as minhas forças, como si se tratasse de um ser real e não imaginario. Acho que todo bexeur deveria fazer o mesmo e não julgar que perde tempo com isso.

A minha opinião, diz adiante o lutador francez, é de que o box de preparação deve ser alguma coisa mais do que uma troca de golpes delicados. Ao menos uma vez por dia eu me empenho num combate que tem o ar de um verda-

deiro pugilato. Não poupo os meus parceiros, e elles muito menos a mim, de maneira que os «knock-outs» não são raros entre nós.

E Carpentier confessa afinal que ha dias em que abandona o treino e se dedica á pesca á linha porque, diz elle, não conhece melhor moderador dos musculos nem reconforto mais efficaz, pois desenvolve bem as idéas e faz com que por algumas horas não se pense em luta...



### Medindo o colosso

Louis Angel Firpo, o terrível «boxeur» argentino, concentra actualmente sobre o seu punho de ferro as atenções do mundo inteiro. O vencedor de Bill Brennan e de Jack Willard é considerado já, pelos compe-



tentes, como o branco mais temível para Dempsey. Ha, por isso, uma ansiedade enorme pelo proximo encontro de Firpo com o colossal vencedor de Carpentier. E' a luta dos gigantes..

A nossa photographia mostra Tex Rickard e Mac Leary medindo a envergadura do possível futuro campeão do mundo.

---

## FAR-WEST

---

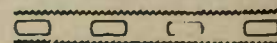
O Far-West, região agora tão em moda, é uma vastíssima zona que o cinema se annexou e em que sustenta um verdadeiro exercito de lançadores de laço e de cavalleiros intrepidos, sempre promptos a saltar através de valles e barrancos.

Em realidade, Far-West é uma expressão empregada pelos primeiros americanos das cidades do E'ste para indicar os immensos territorios quasi desertos e quasi mysteriosos do longinquo Oéste. Nesse tempo o Far-West começava nos montes Alleghannys e comprehendia os ricos territorios regados pelo Ohio e pelos seus affluentes, e habitado por tribus indigenas e buffalos. A partir de 1800, o termo se applicava a todos os territorios que deviam mais tarde formar os Estados de Kansas, Nebraska, Texas, Colorado, Wyonning, Montana e Dakota.

Hoje em dia pode-se dizer que a expressão Far-West designa, de um modo um tanto vago, a porção immensa de terras que se estende de Bismark e Glandive, ao norte, até Paso del Norte e

Tuscon, ao sul, e até aos arredores de Los Angeles, San Francisco e Taconna, a oéste.

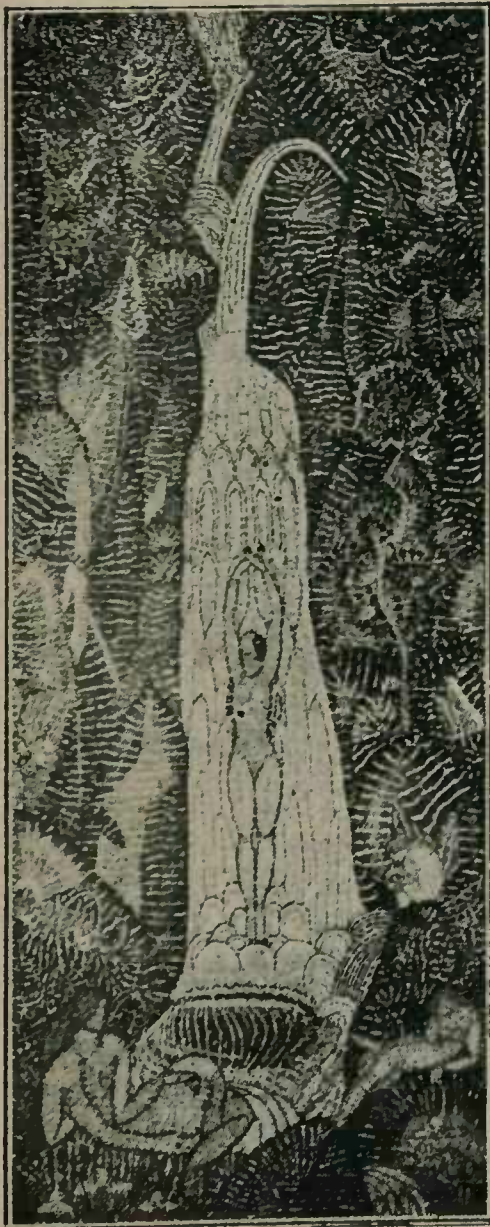
Já não existem mais as enormes solidões de outr'ora: novas cidades avançam cada vez mais pelos campos, florestas e montanhas. Linhas ferreas percorrem os espaços antigamente desertos. Ranchos de «cow-boys», guarnições federaes, povoam cada vez mais o Far-West, que engendrou toda uma litteratura tão explorada pelo cinema, mas cujo pittoresco desaparece de dia para dia...





## PINTANDO COM A AGULHA

A arte da tapeçaria, que immortalizou os Gobelins, tem na Sra. Margueritte Zorach uma cultora das mais fervorosas e inteligentes. As suas cores são as mais brilhantes possíveis e dão aos seus trabalhos um cunho ultra-moderno inconfundível. Em resumo: a Sra. Zorach é uma pintora original, que trocou o pincel pela agulha. Não se trata de uma reproductora de quadros celebres, mas de uma artista que executa composições suas e com tal mestria que, dizem os



competentes, as suas obras difficilmente poderão ser imitadas. Entré as suas obras primas contam-se «A Cascata» e «A Dansa», que aqui reproduzimos.



NORMALMENTE, a altura de um homem pode variar entre 1,25 e 1,99 metros; aquém ou além dessas cifras ha os gigantes e os anões. Hilary Agyléa de Sinai, a mulher mais pequena do mundo, media 38 centímetros. Em compensação, o finlandez Caimus tinha 2,83 metros de de altura!

Os homens menores do globo são os negros Akka, população africana cuja altura média é de 1,37. Seguem-se o indo-chinez, o japonéz e o malasio.

Os maiores homens do mundo se encontram na Polynésia (1,74) na Africa (1,72) e na Europa Occidental, em que os inglezes attingem a média de 1,71 metros.

São os escossezes, no emtanto, que batem todos os records, com 1,78. São, de facto, em média, os maiores homens do mundo.







## O FIM UTILITARIO DA NATAÇÃO

### O methodo de salvamento de Weissmuller, recordman do mundo

**A**S mais assombrosas performances dos nadadores e a procura constante da melhoria da tecnica do estylo, factores da velocidade na agua, não devem fazer esquecer o fim utilitario da natação.

Não foi sem duvida para baterem «records», mas para se defenderem contra a agua, que os primeiros homens procuraram aprender a nadar. Infelizmente essa doutrina foi depressa abandonada. O lado sportivo parece interessar a multidão. Porque não se organizam campeonatos de salvamento? Estou convencido de que causariam entusiasmo e de que corresponderia a uma necessidade.

Acho que está muito descuidada a educação dos salvadores a ponto de que muitos homens, sabendo nadar perfeitamente, ficariam embaraçadissimos para salvar uma pessoa em perigo, por não saberem como mover-se carregando aquelle peso morto que ás vezes atrapalha tanto o salvador.

Aqui está, nos instantaneos que illustram esta pagina, um methodo por mim julgado superior a todos os outros até aqui usados. A sua vantagem essencial está em que o salvador não é incommodado pelo movimento das pernas e conserva sufficiente força para levar a victima á praia, mesmo que esta se debata, o que é o caso frequente.

Pode-se observar nestas photographias, que posei com a senhorita Sibyl Bauer, minha liberdade de movimentos e a possibilidade que tenho de, sem fadiga, arrastar sobre a agua uma pessoa.

Não se trata, neste caso, de nados de estylo, mas de utilidade; e seria mais importante saber o modo de salvar uma pessoa a afogar-se, do que tentar bater «records» cada vez maiores.

Sou eu, aliás, o primeiro convencido desta verdade.

Johnnie WEISSMULLER





A garantia de uma machina  
está na lubrificação.

Use os oleos de classe

Helio A

Helio B

Helio C

Soviel-Betaluna e Engine Dick





# America



A TERRA FECUNDA DOS TROPICOS... (De JEFFERSON)

ANNO I  
N.º 2

PREÇOS RIO....., 500 RS.  
ESTADOS, 600 RS.

OUTUBRO  
1923

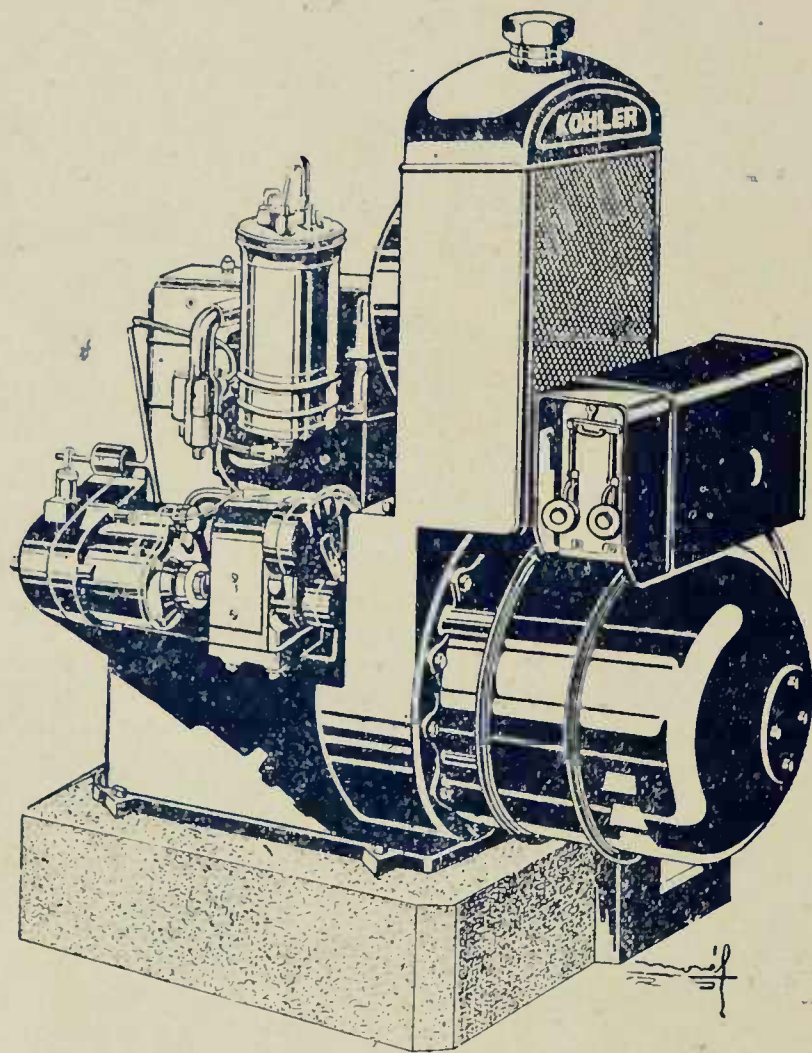


# GRUPOS KOHLER

FABRICADOS PELA Co. U. S. A.

Para iluminação electrica de :

FAZENDAS — ESTAÇÕES — ESTRADAS DE FERRO — NAVIOS  
DE GUERRA — MERCANTES — ETC.



Verifiquem as grandes vantagens que seguem, sobre os seus similares :

- 1ª) — Não têm bateria de acumuladores
- 2ª) — São de 110 volts, 1.500 watts.
- 3ª) — De partida e parada inteiramente automaticas, bastando para isso accender ou apagar qualquer lampada da instalação.
- 4ª) — Economia incomparavel de combustivel.
- 5ª) — Espaço occupado, o minimo possivel.

AGENTES E DEPOSITARIOS :

**MAYRINK VEIGA & C.**

Engenheiros Importadores e Exportadores

15, 17 — Rua Municipal — 19, 21

RIO DE JANEIRO

Peçam informações mais detalhadas



## O NAMORADO DE TODAS ESSAS SENHORAS

CONTO

**E'** ISSO, meu caro, disse Lamirre a Semplut. E' como te digo...

— E ainda exaltam o progresso, as maravilhas da sciencia! exclamou Semplut abanando, incrédulo, a cabeça. Porque eu fizera como tu e como toda a cidade: installára em minha casa um aparelho de radiotelephonia para ouvir bôa musica e conhecer o bolctim meteorologico, o movimento da Bolsa...

— Em todo caso, sempre tens mais sorte do que eu, observou Lamirre com amargura.

— E' verdade. Estou ainda perturbado com o que me contaste. E' possivel que Mmc. Lamirre...

— E' certo, meu caro. Surprehendi tudo. Ella julgava que eu tinha partido para o escriptorio...

— E ouvia uma declaração de amor...

— Tal qual. Ella estava em extase, ao passo que o «alto-falante» enchia-lhe os ouvidos de uma porção de «minha querida», «minha amada», de beijos loucos e apaixonados, de juras de amor perpetuo e de feróz fidelidade. Estava de tal modo absorvida por essa audição criminosa que não percebeu a minha entrada e pude assim inteirar-me do caso sem ser visto siquer.

— Tiveste uma coragem... ou antes, uma fraqueza! E não fizéste nenhuma violencia?

— Estou sendo astuto... O meu plano é conhecer primeiramente o cumplice da miseravel

— Isso não será muito facil, notou Semplut.

— Terei toda a paciencia e hei de conseguil-o. Entrementes, posso contar com a tua discrição?

— Ora, ora! Naturalmente. Mudo como um tumulo!

\*\*

Nunca um marido julgou que seja trahir um segredo o facto de confial-o

á sua mulher. Desta fórma, a primcira coisa que fez Semplut ao chegar á casa foi contar á sua esposa a mysteriosa traição de Mme. Lamirre, recommendando-lhe, naturalmente, que a não revelasse a ninguem.

No mesmo dia Mme. Semplut encontrou Mme. Lamirre no *footing*. Correu ao seu encontro, apertou-lhe effusivamente a mão e disse-lhe, num tom compassivo:

— Pobresinha!

E como Mme. Lamirre ficasse surpresa, de bocca abcrta, proseguiu:

— Vou dar-te um grande desgosto, bem sei... Não tenho outro remedio... Não tenho o direito de deixar-te por mais tempo num engano que muito te prejudica...

— Não te comprehendo, disse Mme. Lamirre. Que queres dizer com isso?

— Que tu te apoderas do que é meu. E' a mim que elle ama. E' a mim que elle manda todos os dias, depois do almoço, a vibrante expressão da sua paixão ardente... E' preciso ser razoavel, minha amiga, e não ouvir o «alto-falante» quando julgares que o teu marido sahiu... Quero poupar-te soffrimentos e decepções inuteis...

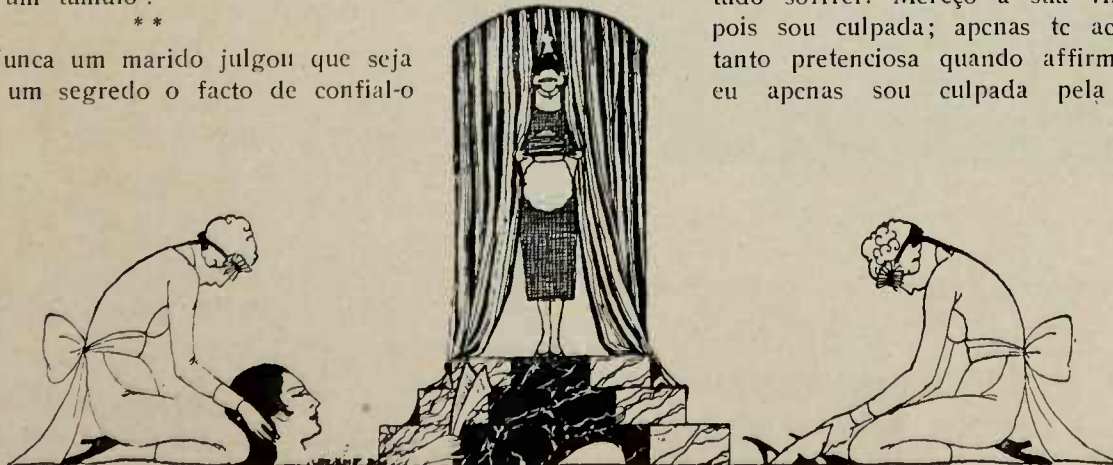
Mme. Lamirre empallidecêra. Murmurou depois, muito perturbada:

— Como soubeste?

— Pelo meu marido, a quem o teu tudo contou. O Sr. Lamirre está fóra de si. Quer descobrir o teu cumplice... Pobresinha! E' o meu... Mas tu não és menos culpada pela intenção...

Mme. Lamirre levantára-se, com um olhar provocador.

— Por muito encolerizado que se ache o meu marido, estarei prompta a tudo soffrer. Mereço a sua vingança, pois sou culpada; apenas te acho um tanto pretenciosa quando affirmas que eu apenas sou culpada pela inten-



PHOTOGRAPHIA ARTISTICA



*Uma deliciosa "pose" de Ivette Charante, ex-favorita dos cabarets de Paris e actualmente uma das melhores artistas do cinema no Velho Continente.*

ção. Tens qualquer prova de que és amada em meu lugar ?

— Mas . . .

— Si assim fosse, já m'ó terias lançado ao rosto . . . Agrada-te desviar em teu proveito as homenagens que me são dirigidas. A vontade! Porque razão iria eu dar-me ao trabalho de disputar-te um coração que me pertence ? Até logo . . .

E Mme. Lamirre afastou-se altiva, deixando Mme. Semplut estarecida e suffocada . . .

Numa cidade pequena como Sembledont tudo é mysterio e não ha mysterio que se não torne a fabula de toda a população. E' provavel que Semplut se tivesse lançado a outras indiscrições e que Mme. Lamirre, que nada mais tinha a perder, tivesse espalhado algumas intrigas sobre os fallaciosos colloquios de Mme. Semplut com o seu «alto-fallante». O certo é que o caso dessas duas senhoras não tardou em ser conhecido de todos os homens, que falavam delle em vóz baixa.

Ora, dentro em pouco alguns delles notaram em sua mulher uma inquietação insolita : expandiam-se de modo aspero, cheias de fel, a respeito das suas melhores amigas. Dir-se-ia que todas as habitantes de Sembledont tinham ciumes umas das outras.

Alguns maridos, subitamente com a pulga atraz da orelha, puzeram-se a vigiar as suas companheiras. E descobriram immediatamente que todas essas senhoras, á hora em que elles iam para o trabalho, entregavam-se á audição culposa das palavras de amor que já haviam enloucido Mme. Lamirre e Mme. Semplut. Esposas veneraveis e deploraveis solteironas bebiám-n'as mesmo com volupia.

Lamirre teve um certo allivio ao perceber que elle não era o unico ridiculo. Quanto a Semplut, sentiu-se grotesco de confiar com tanta precaução á sua mulher um segredo que ella propria lhe occultára. Entrementes, os maridos de Sembledont, que ainda não tinham decidido fazer saber ás suas mulheres que



conheciam o seu máu comportamento, estavam muito agitados e mantinham entre si frequentes conciliabulos. Apenas um delles, certamente, possuia uma esposa realmente infiel, mas todos os outros eram enganados «virtualmente», si assim se póde dizer. O sub-prefeito não escapára á epidemia e a propria sub-prefeita flirtava com o seu «alto-falante».

\* \*

Este funcionario teve uma idéa que visava confundir talvez a culpada e no minimo dar uma lição a todas as outras. Convidou, pois, os notaveis da cidade para uma sessão de radiotelephonia que devia se realizar justamente á hora quotidiana da subrepticia sessão amorosa.

Apezar de todas as suas evasivas, as senhoras foram obrigadas a comparecer em companhia dos respectivos maridos. E quando se acharam reunidas no grande salão da sub-prefeitura, estavam mais mortas do que vivas. As lampadas estavam accesas e o «alto-falante» collocado na mesa do centro.

E subitamente, á hora exacta, habitual, a voz amada se fez ouvir. E pronunciou estas palavras :

«Senhor sub-prefeito, minhas senhoras, meus senhores. Sou vosso humilde servidor. Sinto-me feliz, minhas senhoras, pela occasião que me concede o governo para apresentar-vos as minhas ultimas homenagens. Adeus, minhas senhoras. Nunca mais ouvireis a minha voz. Não sabereis nunca quem sou nem onde estou. Quiz experimentar as influencias perversas que pode ter um novo invento sobre a moralidade, sobre a virtude femininas. Estou sciente. A experiencia deu resultados inesperados. Aceitae, senhoras, com os meus calorosos agradecimentos, as minhas homenagens respeitosas...»

Adrien VELY

## ENTRE OS GELOS POLARES...

**T**ODO mundo é geralmente inclinado a considerar o Esquimó um ser de capacidade intellectual inferior. O explorador Leden, que fez já cinco viagens de estudos ethnographicos á Groenlandia, traz sobre elle uma opinião bem differente.

O Esquimó, ao contrario, affirma elle, é de uma notavel intelligencia. Si elle ficou num estagio primitivo da civilização, isso se deve ás suas condições de vida e á falta extrema de materias primas. E no emtanto tirou um partido admiravel do pouco de madeira e de ossos que a Natureza pôz á sua disposição. O seu harpéu, cuja parte superior se destaca automaticamente para deixar fluctuar a madeira, é uma maravilha de habilidade.

Os habitantes da costa oriental da Groenlandia estão, ha cerca de mil annos, separados das tribus da sua raça que povoam a costa occidental e as vastas regiões do norte do Canadá. A travessia da peninsula é impossivel a homens que não disponham de um equipamento perfeito e as tempestades continuas e as barreiras de gelos fluctuantes do cabo FareWel, tornam impraticavel a viagem por mar, pe-

lo sul, nos barcos indigenas.

Depois que os primeiros emigrantes ha dez seculos, abriram passagem, evidentemente pelo norte, a separação foi completa entre elles e o resto da sua raça. E no emtanto os costumes são identicos aos dos seus longinquos parentes e assim a lingua complicada, differente de todos os idiomas europeus e asiaticos, mas muito logico, com regras grammaticaes que não apresentam nenhuma excepção. Assim tambem a musica, muito extranha, toda vocal, pois o uni-



### UM CURIOSO INSTANTANEO

Num jogo de foot-ball, a bola está segura ao mesmo tempo pelo pé de um jogador. pela cara de outro e pela mão do terceiro.

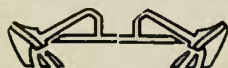
co instrumento é uma especie de tambor que acompanha o canto num rythmo sempre diferente.

O doutor Leden trouxe dessa musica, cuja gamma e intervallos differem inteiramente dos nossos, varios discos phonographicos, que são documentos preciosos.

Os costumes de todas essas tribus são muito simples e tão serios que não ha alli tribunaes nem policia. A religião apresenta uma

theogonia complicadissima, cujo chefe é um ente feminino, Nudliajok, mãe de todos os homens, que, depois da morte destes, manda os bons para o paraíso, no fundo do mar, «lá, onde ha calor»

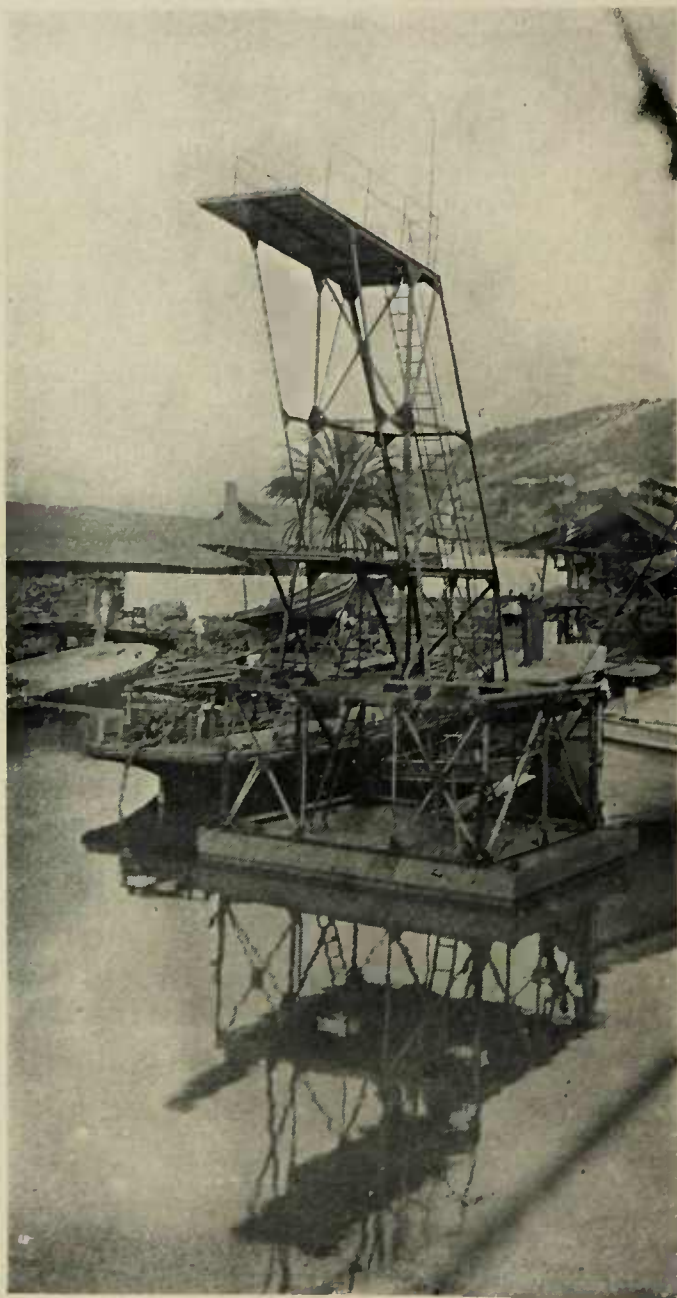
Pathetica aspiração de uma raça cuja vida se escôa na luta contra o frio e que procura o seu céu no fundo do mar, ao passo que envia os máus para um inferno collocado no alto, nas regiões geladas do ar...



## UM TRAMPOLIM MODELO

Parallelamente ao innegavel desenvolvimento dos sports em nosso paiz, verifica-se o natural desenvolvimento da nossa industria nesse ramo de actividade. Ainda agora acaba de construir a firma Prado Peixoto & C., desta praça, o solido e elegante trampolim cuja photographia aqui estampamos, feito especialmente para a Liga dos Sports da Marinha.

E' um trabalho que constitue um precioso documento para a competencia do pessoal dos estaleiros daquella firma, capaz, por si só, de elevar ás maiores alturas o nome de uma casa.





# America

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

ARTE - MODA - CINEMA - SPORT

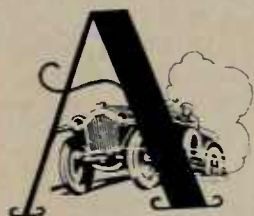
DIRECCÃO DE SYLVIO FIGUEIREDO

ANNO I

Rio de Janeiro, Outubro de 1923

Nº. 2

## O RITUAL DA BELLEZA



A poesia é o ritual da beleza, a liturgia do espirito. O verso, que a encerre, a idéa que a contenha, tem o poder de um evangelho e a graça angelica da pureza: crystaliza o pensamento, diviniza o ser e integra-o na harmonia universal do Cósmos. Um verso integral, perfeito, canta, illumina e perfuma, porque vóá, brilha e floresce... O poeta, quando realiza o seu dom prophético, viola o segredo impenetravel da vida e da morte, desvenda o mysterio do Absoluto, penetra os circulos do Inconsciente, porque se torna um agente da Verdade, uma irradiação do Infinito.

A poesia, como energia da alma, possui o tacto subtil dos cegos, que *vêem* pelo som e pelo olfacto: é a sublime insciencia das forças eternas, o sorriso luminoso da especie, a levitação do homem, a sombra imponderavel que se confunde e se completa na fluidez do espaço, como si fosse um punhado de rosas desfolhadas ao sopro de uma rajada ou uma theoria de aves que remontassem ao céu, á maneira de um bando de pensamentos...

A poesia, enfim, concentra a suggestão augural dos symbolos, a musicalidade reinota dos mundos, o gyro vertiginoso e imperceptível das esferas: capta as ondas sonoras do Ether, guarda o incenso das nuvens, retém, no pistillo das estrophes, o pollen do Verbo fecundador, força genesisica do Orbe, captando o rythmo da eternidade.

Gabriel Alomar, perscrutando o sentido novo da poesia, decifrou o mais hermetico de seu prestigio incomparavel:

«Sobre el rebaño innumerable de los hombres a través de los tiempos, los poetas se dan la mano transmitiéndose la sagrada copa, copa

de una comunión o coparticipación en un solo y único misterio. Son heridos de la batalla eterna, condenados a ensanchar sin tregua la propia llaga, para indagar de las sensaciones más intensas del dolor el sentido incógnito de la vida.

Esconden delicadamente sus palabras en hemistiquios; las juntan, como arcada de bóvedas soberbias, en el grupo solemne de las estrofas, que avanzan como un coro helénico; o las acoplan con arte sutil en la ligazón espiritual de la rima, porque la Música es el primer movil del sentimiento, y cada melodia familiar guarda entre pliegues invisibles de su manto la memoria de una emoción vital del hombre. La Poesia es la unica religión permanente, superior al impetu del tiempo, al vuelo de las horas, al paso desolador de las centurias».

Miguel Rasch Isla bebe nessa taça, numa libação com as musas.

Em *Cuando las hojas caen*... seu ultimo livro, o grande poeta da Colombia mantém a realza do verso, cultuando a belleza, com o fervor mystico de um asceta do sonho.

O titulo de sua obra preciosa define-a:  
...un cambio, cual de savias, dentro del pensamiento,  
y un caer, como de hojas, dentro del corazón!...

E' que elle, como todo iniciado, sabe exprimir, na linguagem suprema do rythmo, o divino sortilegio da poesia.

Lirico ultra sensível, imaginação feraz, potencialidade creadora e esthetica, sabe cantar a mulher, tecer o elogio da amada, com o viço de um epithalamio, sem destoar nem pender para a vulgaridade. E no *Retrato*, soneto que tem o encanto de uma visão pre-raphaelica de Dante Rossetti, pinta-a com maestria, revelando toda a pulchritude que irrompe de sua sideral presença:

*Y para que el semblante no atordie con su fría palidez, una sombra rompe en el la armonía, un lunar excesivo sobre el cutis de perla.*

*Es la falva que abona lo feliz del diseño;  
lo que hoy de humano en ella; es tan solo un  
des'iz, porque la mano de Dios tembló al hacerla.* [pequeno]

Depois, uma nuvem, que é o sonho alado das agoas, surge-lhe e fal o estabelecer uma estranha afinidade com a sua vida incerta e vaga, exclamando:

*Tus éxolos son de ave; tus vaevenus de proa.*

Que espera ella? Diluir-se. Elle, que aguarda? Morrer...

A uma onda interroga:

*dónde estará la playa, dónde estará el recodo tranquilo en que podamos sin morir reposar?*

Mas a sua ancia persiste, porque o poeta é o rhapsodo de todas as almas que soffrem a nostalgia das vidas anteriores. E contemplando uma es'rella, murmura de si para consigo, numa confidencia com o astro solitario e indifferente:

*desde la tierra inmóvil: ¿jijo en tí las pupílas con una inefinible nostalgia s'dera?*

Em *Momento Musical* o mesmo requinte de esthesia. Rasch Isla, depois, em *Sueño de Artista*, tem o surto de um condor.

No admiravel soneto *Idilio Matinal*, descreve, como numa aquarela, o amor de duas

miriposas, fixando, com uma tessitura de desenho japonéz sobre seda, o contacto de duas vidas inferiores, lembrando a magia de um Michelet, que rimasse o seu culto da natureza.

E as folhas caem... folhas de arvores augustas. Os versos são folhas soltas que se desprendem da arvore da vida, o cerebro. E destas, uma, na sua queda, tal como uma expansão membranosa do ramo de uma planta, traça o destino fúlguro de uma estrella cadente:

*El viandante*

*Vengo desde lo ignoto; traigo herida la planta, mancillado el ensueño y el ideal marchito; de los mágicos valles del amor soy proscrito; mi bordón s lo polvo de recuerdos levantu.*

*En mí ninguna claridad se adelanta, y a solas en la noche, desolado y contrito, con ejemplo con mirada de estupor lo infinito, y mi duda, en preséncia del azur, se agiganta.*

*Mi taciturna frente ya quíueras no forja; roto está, cual la malía, de mis sueños, mi vaso; leve, como la huella de mis pies, es mi alforja.*

*En mi rostro ceñudo la fatiga se advierte, y prosigo la marcha y aligero mi paso, a ver si al fin consigo no andar más, en la muerte*

Rasch Isla, com a sua lyra de ouro, canta á maneira desses peregrinos, que seguem, pela vida, com os olhos voltados para as estrellas...

Saul de NAVARRO



Sacha Guitry pintor

Depois de escrever peças como *Comédiantes*, *Deburau*, *Pasteur*, Sacha Guitry deve ter também exclamado: «Anch'io s'no pittore». E pôz-se a fazer, com successo, uma serie de quadros e de caricaturas, o que o não impede de voltar, de quando em quando, a crear novos papeis para o seu pai, o actor Lucien Guitry.







**QUE PERGUNTA!**

**ELLE** — Porque é que pintas a cara assim ?

**ELLA** — Hom'essa! Qué que querias que eu pintasse ?!





## As praias new-yorkinas galerias do "chic"

Westchester-Bilmore, a praia aristocratica de New-York, converteu-se, apenas começou o verão, em um vivo mostruario de modas...

A' luz dourada dos crepusculos caniculares, sobre a fina areia em que pisam as banhistas mundanas, se estende um longo tapete de cores alegres e por elle desfilam elegantemente os manequins vivos...

Nas tribunas e deante dellas, uma multidão enfeitada e frivola na qual se salientam as «girls» desportivas e caprichosas da 5.<sup>a</sup> Avenida e os grandes financeiros, os afortunados imperadores do ouro, admira a exhibição das toilettes em que a fantasia dos modelos e dos costureiros, se compraz em imaginar estilizadas creações de sedas e de gazes para realce do eterno feminino...

E nas tardes claras e cheias de sol, em frente a esmeralda verde do mar que entõa os seus arrulhos millenarios, a praia dos banhos tónicos e hygienicos se transforma em galeria do «chic»...

As modas simples e estilizadas de Paris, os modelos audazes que se langam em Long-champs, os penteados rigorosos e singelos da Londres nobre e desportista, o atrevimento dos modistas newyorkinos, se apresentam na praia mundana no mostruario magnifico e claro, que lhe empresta a natureza, rendida ao feitiço do clima canicular...

E assim se compõe uma mistura magnifica em que se harmonizam as vibrações da luz natural e as alegres cores dos vestuarios em que a arte poz sua amavel subtilidade...

O ar embalsamado de fragancias iodicadas, acaricia as figuras que sobre o tapete passeam suas toilettes inéditas...

E de longe, o mar, encrespando-se em ondas infinitas, faz avançar para a praia seus moveis esquadrões empenachados de espuma, e, ao desfazer-se brandamente na areia, assemelha-se ao cortezão galante que vem render aos pés das bellezas uma rythmica e madrigalesca homenagem...





### AS LOURAS DO CINEMA

Claire Windsor possui uma linda cabeleira loira, de um ouro tão puro, que um fazedor de madrigaes seria capaz de compará-la à... Califórnia (quando tinha ouro).

**OS PENTEADOS**

**MODERNOS**



A idéa de formar personalidades pela moda, de não confundir es typos, encontra tambem êcho no que se refere ao penteado.

Depois do imperio quasi universal das «americanas», hoje usadas somente pelas mocinhas, pela razão de só a ellas serem convenientes, a moda procura, por todos os meios, convencer a mulher da necessidade de fazer um penteado *para si*, para dar mais caracter e força ás suas feições e luz mais intensa aos seus olhos.

Esta tendencia não pôde ser mais acertada, uma vez que nada contribue tanto para a formação de um typo de belleza, como o modo de dispor os cabellos.

E difficilmente poder-se-á encontrar uma fôrma de penteado que favoreça a todas igualmente, nem mesmo a numero reduzido.

Os adornos lançados por alguns modistas facilitam muito a tarefa de encontrar a maneira de pentear se bem.

A pluma acaricadora, o «bandeau» severo, a ingenua grinalda, os diademas ruilantes, são outros tantos factores da belleza que a mulher deve aproveitar para, com elles, crear um typo que revêle e affirme sua individualidade esthetica...







UM HESPANHOL "AZ" DA DANÇA  
EM NEW YORK

ESTEVA M CORTIZAS, consagrado "AZ" da dança em New York, elevou os habeis frejeitos e contorsões do tango CRIOLLO à categoria de sacerdocio artistico.

Nas matinées e soirées aristocraticas dos principaes theatros e durante as madrugadas nos "dancing", dos hotéis de mais nomeada, o hespanhol "Cortez" é o "AZ" da dansa moderna, na qual, como reminiscencia da patria distante, se apresenta vestido com a originalidade e o luxo arbitrario e convencional de um desses andaluzes de ch'omos que enfeitam as caixas de passas de Malaga...

# COMPANHIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E CONSTRUCTORES



MONUMENTO DOS ANDRADAS — SANTOS

## SÉDE:

Praça Mauá, 25 - SANTOS

ESTADO DE S. PAULO

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 222

.....

## FILIAES:

Em S. Paulo - Rua Bôa Vista, 16

End. Teleg. "CONSTRUCTO" — Caixa Postal 1264

TELEPH. CENTRAL 4381

~~~~~

No Rio de Janeiro

Avenida Rio Branco, 35-A

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 607

TELEPHONE NORTE 675

Capital — 3.000:000\$000

Fundo de reserva — 300:000\$000

.....

Officina de Serraria, Carpintaria, Mechanica, Fundição e Britador.

.....

Grande fabrica de ladrilhos e manilhas de cimento.

.....

## Secção de Transporte

.....

Especialistas em construcções de habitações de luxo e economicas.

.....

Construcções em cimento armado

.....

Organizam plantas, projectos e orçamentos



EDIFICIO DA BOLSA DO CAFÉ — SANTOS





## O HIPPOPOTAMO

A Carlos Maul

Sob o baobab que pende ao Senegal e o enruga,  
Lerdo e rotundo, o olhar de apathico, descansa  
Na riba o pachyderme; á pressa, como em fuga,  
Trochylus, ao vae-vem, da ribanceira á frança,

Desaggregam-lhe ao dorso o verme e a sanguesua...  
Dardeja o sol de fogo a aurifulgida lança,  
E, dos seus golpes de ouro, o amphibio o passo estuga...  
O ventre quasi a rasto, em busca d'agua avança;

Calca á riba a nymphéa, os inguefos destouca;  
E ao sol que n'agua accende os fulgores de joia,  
Cerebro deprimido, enorme a horrenda bôcca,

A lembrar de outra fauna os typos mais remotos,  
O colosso africano, o hippopotamo boia,  
E ao Senegal devora a floração de lotos.

Ibrantina Cardona.

(Do llvro "Kosmos", no prélo)



### OS VESTUARIOS INFANTIS

Quatro esplendidos figurinos para os pequeninos "homens de amanhã" Os desenhos e ornatos revelam o bom gosto moderno desse genero de indumentaria.

### FRAGMENTOS DE PHILOSOPHIA

Nunca, como hoje, foi tão difficil prever a proxima orientação do mundo. Certas descobertas scientificas têm sobre a vida dos povos uma influencia muito superior á que exerceram outr'ora a sêde de conquistas, os conflictos religiosos e as ambições dos reis.

O heroismo pôde salvar um povo em circumstancias difficeis, mas é a accumulção diaria de pequenos esforços que faz o progresso.

Todas as descobertas da psychologia tendem a demonstrar que a historia classica é a narração de acontecimentos tão incomprehendedos pelos seus autores como pelos escriptores que os contaram.

A injustiça bem aproveitada depressa se transforma em justiça.

Gustave LE BON.

**Seja pratico e economico**

**Tingindo em casa com**

**GERMANIA**

**A rainha  
das tinturas populares**



## O ponto de vista infantil

As crianças são pessoas pequeninas e os pequeninos factos parecem-lhes importantissimos porque estão na sua escala. As grandes coisas, pela sua desproporção, não lhes despertam interesse.

Contavam um dia a um pequeno o naufragio de um navio um plena dóca: a guarda no trabalho, o capitão na sua cabine a escrever e o navio deitando-se depois sobre o flanco. O menino, olhos muito abertos, escutava religiosamente. Depois exclamou:

— Imagino como ficou tudo sujo!

— Como, assim?

— Ora! Quando o tinteiro entornou!

Assim a menina a quem uma vez perguntaram o que mais a havia interes-

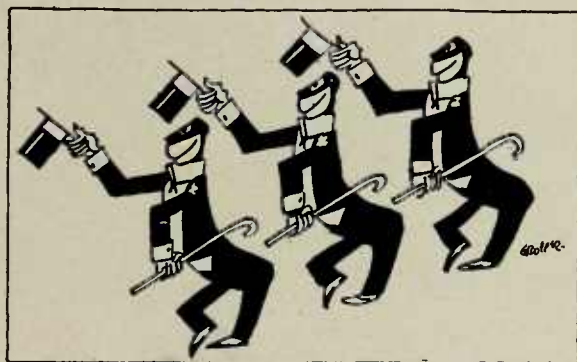
sado numa travessia de Paris em barca. Os céas e a sua actividade, as pontes, o rio? Não. O mais curioso para ella tinha sido a vista de um cão afogado que boiava...

A criança só percebe o detalhe. O conjuncto é muito grande, ella o não vê.

A miseravel constituição physica, moral ou intellectual da maioria dos homens provém, sem

duvida, de se concluirem usualmente os casamentos, não por escolha ou pura inclinação, mas por considerações exteriores de toda especie e segundo circumstancias accidentaes.

SCHOPENHAUER



## A NOSSA CAPA

O desenho primoroso da capa deste numero de AMERICA, devemol-o ao lapis elegante de Jefferson, o admiravel illustrador patricio, que tem o dom invejavel de apresentar em cada trabalho uma novidade que é um encanto para os olhos e para o espirito.

E' esse o melhor elogio que, a nosso ver, se póde fazer a esse artista perfeito cuja nomeada provém do esforço e do talento com que elle se consagra, entre nós, á arte difficil da illustração.

Aos jornaes da Capital e dos Estados, a Direcção de AMERICA manifesta a seu profundo reconhecimento pelas captivantes e animadoras palavras com que noticiaram o apparecimento deste magazine.

## Calixto Cordeiro

Não poderíamos dar melhor noticia ao nossos leitores: Calixto Cordeiro, o grande artista que tem um passado de glorias na arte brasileira, inicia no presente numero de AMERICA a sua collaboração, com uma charge em que não se sabe o que mais apreciar: si o humor adoravel da idéa, si a elegancia e a correcção do traço.

E' excusado qualquer encarecimento da aquisição soberba que fizemos, tratando-se, como se trata, de um illustrador capaz de rivalizar com os mais vigorosos artistas estrangeiros.

Calixto Cordeiro já nos prometteu a illustração da capa para o nosso terceiro numero.



### ASPECTOS DO BRASIL

Uma colonia de pescadores em Cubatão, posando em frente á respectiva escola.

**A** CABA de sahir, em bella edição de Benjamin Costallate Miccolis o novo livro de Carlos Maul, intitulado: *A intriga entre o Brasil e a Argentina.*

Nessa obra o escriptor patricio estuda diversos aspectos das questões que perturbam a cordialidade entre as nações de Continente, e aponta os rumos para uma acção de fraternidade larga e duradoura.

E' um livro que merece ser lido e meditado pelos bons americanistas.

---

— Muito devo áquella senhora que alli vai.

— E' sua bemfeitora ?

— Não. E' a modista de minha mulher...

---

A humanidade não chega até onde querem os idealistas em cada perfeição particular; mas ultrapassa sempre o ponto aonde teria ido sem o seu esforço. — INGENIEROS.

## AMERICA

### EXPEDIENTE

Numero avulso:

Na Capital      \$500 Nos Estados.      \$600

—  
E' nosso representante na cidade de Santos o Sr. José Espindola Teixeira.

—  
E' nosso agente geral para o Estado de S. Paulo o Sr. Antonio de Maria. (Rua da Boa Vista, 5-A) a quem se devem dirigir os Srs. agentes de revistas das cidades do interior daquelle Estado que desejarem receber este magazine.

—  
E' nosso agente na cidade de Santos o Sr. Paiva Magalhães, cujo estabelecimento é conhecido nessa importante cidade paulista.

—  
Redacção. Rua da Quitanda, 157, 1.º andar  
RIO DE JANEIRO



## UMA ENTREVISTA RÁPIDA COM SANTOS CHOCANO

*Renovacion*, o esplendido boletim mensal de idéas, livros e revistas da America Latina, que se publica em Buenos Aires, num de seus ultimos numeros, trouxe a seguinte entrevista com o insigne poeta Santos Chocano, a maior gloria viva do parnaso do Novo Mundo:

— Sua concepção sobre a beleza?

— Penso como Nietzsche que a belleza é mediterranea: vale dizer pagã. Melhor ainda: grega. Emoção pura, expressão clara. Venus é loura: rosa, marmore e ouro. O Christianismo trouxe a tristeza, o mysterio e a inquietude. Em nossa America, a belleza é feita de claridade e melancolia. Assim é que eu a aprecio.

— Sua concepção sobre a vida?

— Mysterio e theatralidade. Para commigo mesmo, sabe-me ella como um arcano; para com os demais, tenho-a por um desporto.

— Em que consiste para o Sr. a felicidade?

— Na satisfação de todos os desejos, que constituisse a quietude do espirito. A verdadeira felicidade é contemplativa. Sómente a têm apreciado os mysticos.

— Qual é a sua idéa na vida?

— Poder realizar a minha Obra de Arte por completo, em plena certeza de sobreviver. Na vida, como ideal, deve ter-se algo que tenda a perpetua-la.

— Si não fosse poeta, que preferiria ser?

— Pintor á maneira de Velasquez.

— Qual é a personagem historica que mais admira?

— Não seria sincero si respondesse com um nome. Solicitam minha admiração por egual: Colombo, o inspirado, Socrates, o reflexivo, Napoleão, o Conquistador, Bolívar, o Libertador... O mais digno, quiçá, de admiração seria São Francisco de Assis, mas assim mesmo estou longe do desejo de trocar a minha vida pela sua.

— Qual é o heróe da vida actual que prefere?

— Sem duvida que Gabriel D'Annunzio, que é Poeta em acção e reclama, para o *sport* com que vive a sua vida, o marco do Renascimento.

— Qual é, para o Sr., o maior escriptor da prosa?

— Pela concepção, Cervantes; pela execução, Flaubert.

— Qual é o seu livro predilecto?

— «As mil e uma noites».

— Qual o seu maior prazer?

— A leitura.

— Sua aversão particular?

— O ruido.

— Que pensa o Sr. de sua obra?

— Que tem todas as qualidades e todos os defeitos de minha raça. Portanto, é sincera. Sendo bella, não resta duvida, então, de que perdurará. Si viver mais vinte annos, a completarei. Nos primeiros vinte, passei pela minha Edade de Pedra; nos vinte depois, entrei na minha Edade de Ouro; e sinto-me agora necessariamente maduro e afinado para iniciar a minha Edade de Diamante. Assim seja!

— Qual é o seu lemma?

— O do meu escudo familiar: «O encuentro camino o me lo abro.»

### CANICULA

Muita gente, capaz de pronunciar dez vezes ao dia as palavras «canicula», «canicular», ficaria embaraçada si lhe perguntassem a origem dessas expressões. Pois é simples: canicula vem de uma estrella da constellação do Cão, Sirius, a mais brilhante de todas. Os antigos, especialmente os egypcios, que attribuiam ás estrellas uma consideravel influencia, acreditavam que o apparecimento da constellação do Cão é que trazia os dias mais quentes. Os dias caniculares marcavam no Egypto o começo do anno e eram o pretexto para grandes festas de caracter sagrado. A crença desapareceu mas a palavra «canicula» foi conservada.



Um rei pescando, caçando, montando a cavallo ou ouvindo missa é coisa banalissima. Os reis modernos gastam nisso meia existencia; a outra metade da vida elles a levam a comer, dormir, governar e outros mysteres. — DICENTA.

# SACRIFICIO

## CONTO

**P**ARA uns era um monstro de egoismo e de frieza: para outros, um sabio profundo que sabia para onde ia, a quem os eunuchos e os superficiaes não ligavam importancia. Para outros, enfim, era um homem, no sentido mais nobre e amplo do vocabulo.

Diziam os primeiros, ao vel-o passar a uma distancia que lhes não offercia perigo:—Alli vai com toda a elegancia e toda a displicencia, o pai que assassinou o proprio filho...

Os segundos se limitavam a dizer intimamente: — Esse homem não saberá onde põe o pé, mas sabe o que foi, o que é e provavelmente o que será o seu espirito. Os ultimos acrescentavam: — Pensará muito, porém melhor e com mais sciencia.

E si encontrarmos num homem um grande coração antes de um grande cerebro, vangloriemo-nos d'elle, pensando naquelle homem da legenda, que conduzia todo um povo através de uma floresta sinistra, sob uma noite eterna; e como o povo duvidára do seu salvador,

este arrancou do peito o coração e com o coração erguido á maneira de archote, chegou á terra prometida. Ahi entristeceu-se e morreu, e os outros homens partiram o seu coração e cada fragmento foi uma particula de ouro e de luz...

Passavam pela casa do doutor Oman todas aquellas almas de algum modo soffredoras, e todas eram por elle consoladas. Elle collocava num mesmo plano os obreiros e os poderosos.

Trabalhava esforçadamente uma noite, no seu laboratorio, quando Badel, o seu intimo amigo e companheiro de estudos, lhe trouxe a noticia de que o seu filho Hygino acabava de assassinar um homem, num *cabaret* de luxo. Motivos? Os mesmos de sempre: o alcool, as mulheres... O sabio ficou alguns instantes pensativo; depois, sem affectação, sentenciou gravemente:

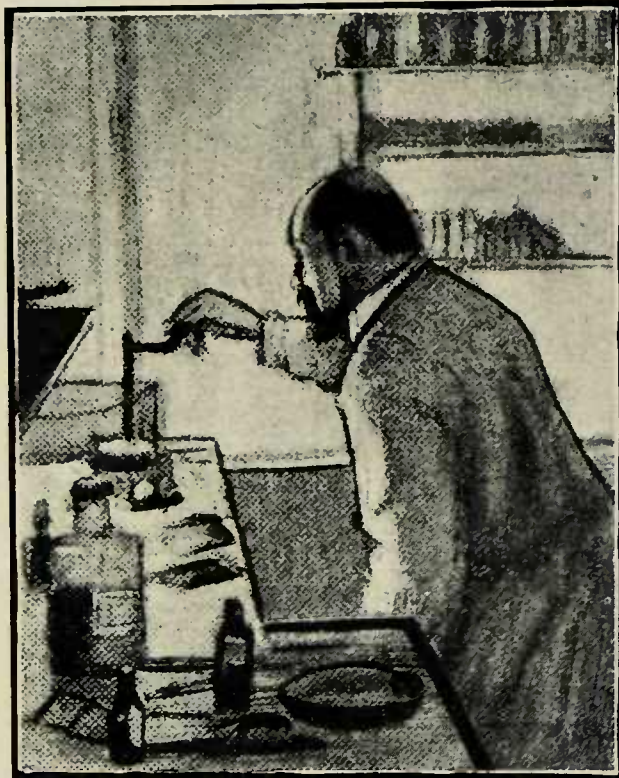
— Cadeia, caso perdido... Sim, ponham-n'o na cadeia...

— Mas, Jayme, como podes falar assim, tratando-se do teu unico filho homem, a quem sempre quizeste acima de tudo? Estás em teu juizo perfeito? Reflecte, é preciso. O rapaz não deve e não pode ir para a cadeia! Além disso, não o ju'go culpado; um impulso, circumstancias especiaes... as mulheres, o alcool, a mocidade... Sabes o que isso é? Sem duvida. Pois então? Uma palavra tua ao deputado Freitas, um telephema ao senador Alzaga Gómez. O teu prestigio é enorme; diante da tua vontade não haverá juiz

inflexivel nem porta de cadeia que se não abra...

— Cala-te! Não darei um passo, não pronunciarei uma palavra para attenuar a sua condemnação, nem entrarei em tratos com homens influentes. Hygino é um caso perdido.

Não acreditas? Serás forçado a isso. Luctei sem descanso durante vinte e cinco annos, com toda a fé e todo o amor de que é capaz um medico e um pai, para desviar um filho da inclinação ingenita ao mal e ao delicto, e foram vãos todos os meus sacrificios... A semente





cahiu sobre a pedra dura... Já vês... Tinha de ser: percorreu a orbita que lhe estava traçada. Foi a principio um menino voluntarioso e cruel, depois um adolescente vaidoso e folgazão, mais tarde um pessimo e pretencioso estudante. Depois abandonou os estudos e frequentou Florida, o hippodromo e os *cabarets*. Trahiu a amizade e zombou do amor materno e filial, empenhou joias olheias, falsificou firmas de chéques, e por fim... roubou. Faltava a apotheose do crime e acaba de assassinar. E' um caso perdido, perdido!

-- Perdido, não; dize antes: desesperador!

— Dá no mesmo...

— E' irrevogavel a tua decisão?

— Irrevogavel!

— Em nome da nossa amizade nunca desmentida, eu o salvarei então.

Até breve, Oman!

— Até sempre, meu nobre amigo!

E aquelle homem, que en carnava a lealdade e o nobre espirito de sacrificio, afastou-se, estrangulando um soluço. De caminho pensava que Oman era um espirito superior, que procedia talvez como um semi-deus que administrasse justiça sem cuidar de dogmas moraes nem de lamurias mulheris. Mas, apezar de tudo, havia de fazer qualquer coisa pelo desditoso Hygino, afim de que este, embora assassino, não apodrecesse num cárcere como uma vil carcassa humana!

\*\*\*

— Promessas de emenda! Ora! Muito bonito isso, joven Hygino! Uma pantomima mil vezes repetida... Sim, um homem pôde cair muito, descer até á propria abjecção e no entanto conservar-se homem, não humilhar-se nem estar disposto a isso. E ainda queres fazer-me a affronta de possuir um filho que se esquece da sua elevada condição de homem para implorar misericordia a um pae a que nunca respeitou nem amou? Si ha um ser pensante além da esphera terrestre, devem repugnar-lhe os homens que se arrastam e claudicam sem cessar. Quem é incapaz de se superar a si proprio, deve afastar-se da familia humana pela porta da covardia maxima.. Comprehendes?

Hygino fez com a cabeça um signal affirmativo; o doutor Oman continuou a passear pelo gabinete, digno, magnifico, sem nervosismos, como convém a um pai erigido a juiz de um filho aviltado.

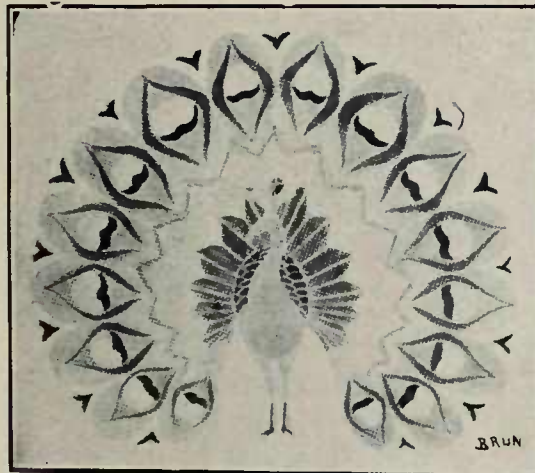
Reinaram durante minutos, um silencio e uma expectativa. Hygino rompeu-o, dizendo em voz baixa, em que vibrava uma dôr profunda:

— Tenho a sensação de haver vivido muitos seculos em poucos dias. Tudo me parece um sonho... Uma scena de sonho, o momento em que baleei, no *cabaret*, o meu melhor amigo, e aquelle em que, antes de morrer, elle me disse: «Eu te perdôo...» E ella, a mulher mercenaria que nos enganava a ambos... Sim, tudo passou como um sonho pavoroso... Depois, o cárcere, a sombra e o remorso... E tu, meu pai, abandonando-me á minha propria sorte... E o outro amigo fazendo tudo para dar-me de novo a liberdade. Tudo como num pesadelo... Não era preferivel a prisão á tua impassibilidade, ao teu desprezo? Porque não me matas ou não me indicas o meio de desaparecer sem envolver o teu nome numa nova infamia? Fala, doutor Oman; já me sinto homem, pois m'o ensinaste a ser...

E acabou chorando amargamente como um menino a quem não se perdôa uma falta grave. O pai, depois de uma larga pausa, falou:

— Um meio para desaparecer correcta e cortezmente, não como quem deixa uma vida de vicio e de libertinagem, mas como quem sáe de um elegante salão de baile? Tu confundes as situações, Hygino... Não importa; tratemos de procurar uma sahida já não direi elegante, ao menos razoavel. Vamos ver si te agrada algumas das duas propostas ou caminhos que

te vou indicar. Devo explicar que não se trata de endireitar uma vida, mas de *faz-la* nova, deslumbrante. Eis o primeiro caminho: a fazenda! Bem sei que a esta simples palavra sentes um invencivel asco e uma atroz repugnancia. E' logico: lá está o bando... os assassinos de punhal e pistola... Reinam a ignorancia, os mosquitos e os animaes venenosos proliferam, as mulheres são ordinarias e os homens patifes e estupidos. Nem um hippodromo, nem um *cabaret* nas proximidades, nem a menina de talhe flexivel e provocador; a roleta tambem longe... Mas, perto, o céu puro, a manhã radiosa e a philosophia dos animaes pacificos. Trabalhar nos campos, enthesourar saude para o organismo e sentimentos puros para o espirito. Que sei eu? E si gostas das proezas dos «cow-boys» de cinema, poderás montar um bello cavallo, armado de boas pistolas... O scenario é vasto e régio. Mas sempre sem pedir nem dar coisa alguma



a ninguém, vivendo do teu trabalho como o mais humilde peão, até que sejas capaz de viver a vida nova da honra e da saúde. O outro caminho é mais lyrico e metaphysico: podes chegar por elle a ser um grande conductor de povos, ou um simples mordomo...

Tudo depende das tuas aptidões, do modo por que encares o mundo. Trata-se de embarcar num navio que parte amanhã para a Europa, sem outra bagagem sinão os tuas illusões e sem outros haveres mais do que o teu passaporte. Que tal?

— Si apenas ha esses dois caminhos, amanhã tomarei um. E ella? Sabes o quanto me ama? Não poderia viver sem mim; conheço-a e sei que se mataria. E' essa morte...

O doutor Oman comprehendeu a allusão e sarcastico:

— Não serei eu, nem ninguém, que hade carregar na consciencia o remorso de haver provocado a morte da loura Alice Fons. Ella saberá consolar-se no dia em que deixares de mostrar-lhe a tua fortuna. Fica tranquillo quanto a isso, Hygino; essa categoria de mulheres finas e elegantes como a tua Alice nunca perdem a cabeça pelo ultimo imbecil por quem se deixaram conquistar...

\*\*\*

Nessa noite, ao deitar-se, o joven Hygino teve o cuidado de examinar bem a pistola. Todas as balas estavam no lugar. Excelente! Um leve sorriso illuminou-lhe o rosto pallido. Sabia que no dia seguinte não tomaria nenhum dos caminhos que generosamente lhe indicára o seu velho pai. Não se sentia capaz de ser heróe, nem siquer ho.nem; o futuro apparecia-lhe como um monstro apocalypticó e decidiu-se pelo caminho que não assusta nunca os covardes, pelo caminho prohibido aos sabios e aos que de algum modo se sentem homens e a quem não attráe a sereia de um fragmento de chumbo...

\*\*\*

Alice vive ainda e cada dia está mais deliciosa. Si alguém lhe pergunta porque tão depressa substituiu no seu coração Hygino Oman por Homero Vidal, ella, com a graça propria das deusas olympicas, responde:

— Não sei... não sei! Hygino era bom e ás vezes até intelligente. Mas eu o achava um pouco pateta, coitado!

J. V. Mansilla

.....

A alegria dos velhos é um mandamento para a vida. — GRAÇA ARANHADA.

## A "CASA BRANCA"

A

«Casa Branca», cujo nome official é *The Executive Mansion*, é a residencia do primeiro magistrado dos Estados Unidos e está situada numa elevação de terreno, num quadro de verdura, a alguns minutos do Capitolio, cujo parque se confunde com os seus jardins, á margem do Potomac. E' tão modesta, que muitas vezes se têm feito zombarias sobre a sua simplicidade. Edificada em 1792 para Washington, por um irlandez estabelecido em Charleston, Carolina do Sul; que se inspirou no palacio do duque de Leinster, em Dublin, a Casa Branca foi em 1814 destruida por um incendio, e logo depois reconstruida sobre os mesmos planos e com as mesmas pedras amarellas pintadas de branco. E' uma bella morada mas não possui nada de particularmente artistico. A fachada sul é em fórma de columnata semi-circular e o tecto cercado de balaustres. No vestibulo altos espelhos reflectem os retratos de todos os presidentes, desde John Adams, que foi o primeiro. Alli se encontra o de Monroe e a alta figura de Washington, coroada de louros e cercada de trophéos, com a de Lincoln a fazer-lhe *pendant*. As recepções têm logar no salão azul. Mais adiante está o salão verde, depois o vermelho, muito intimo, cheio de *bibels*. Roosevelt fez augmentar a sala de jantar, que pode receber cem convivas. No primeiro e unico andar estão os escriptorios e aposentos privados e a bibliotheca que conta 7.000 volumes e cuja mesa é feita com a madeira do navio *Resolute*, enviado em 1852 ás aguas arcticas, á procura de John Franklin. As suas estufas são afamadas. A Casa Branca é accessivel a todos em certos dias em que o presidente está *at home*. Qualquer cidadão americano póde entregar o seu cartão: um secretario particular o recebe e faz entrar. Por fim, uma tradição amavel: a segunda-feira de Paschoa; para gaudio das crianças de Washington que se espalham pelos jardins, os ovos de todas as cores são collocados ao longo dos gramados.

.....

*For um de cobertas* nos sepulcros egypcios harpas cujas cordas se conservaram intactas e soam harmoniosamente depois de um silencio de tres mil annos.





# A DESCOBERTA DO AMERICO

— Colombo? Sei. Ao que parece,  
dedicava-se à avicultura. Tenho ou-  
vido falar muito no ovo de Colombo...



Sylvio

# O ANJO DO LAR

**H**A mulheres que são um peso para a vida de um homem e que só servem para dificultar-lhe a marcha.

Não me refiro ás mulheres formosas ou garridas que, inspirando uma grande paixão, põem em perigo o futuro e a existencia do enamorado. Falo apenas das mulheres communs, das que já têm o compa-  
nheiro para a vida.

E alludo precisamen-  
te ás que amam o seu  
companheiro, áquellas  
que, em determinado  
momento, são capazes  
dos maiores sacrificios  
pelo ente amado. Re-  
firo-me a estas e para  
estas escrevo, que ás  
outras — ás que vi-  
vem sem amor junto  
ao seu marido — na-  
da adianta dizer nem  
ha que fazer em seu  
beneficio.

Mulheres ha que,  
amando e sendo ama-  
das, bem depressa fa-  
zem a vida do lar  
insupportavel para o  
seu marido.

Toda mulher, ao le-  
vantar-se, deve pensar  
como melhor oração  
matutina: «Si o ami-  
do de uma mulher não  
facilita a vida do seu  
amado, para que ser-  
ve?»

Facilitar a vida!  
Deixar de pôr, com a  
rudeza dos gestos,  
com a irritação da  
vóz, com a mesqui-  
nhez dos sentimentos,  
a nota dissonante, as-  
pera, brutal, na melodia da existencia! Facilitar  
a vida equivale a abrandar a morte, porque  
quem viveu sem sobresaltos saberá morrer serena-  
mente... E isso demanda um tão simples, um  
tão pequeno esforço da mulher que ama o  
seu marido!

Ha mulheres que só fazem tornar pesada a  
existencia de um homem. Um exemplo: a que  
tem a mania das enfermidades, dos nervos debi-

litados, isto é, o histerismo, a neurasthenia que  
ataca as mulheres ociosas á força de só pensarem  
em adoecer. As mulheres acabaram acreditando  
que o *chic* é ser nervosa, e com uma incrível  
leviandade confundem nervos debilitados com  
irascibilidade de caracter. E' assim que muitas  
senhoras só têm *nervos* para se eufasiar, para

chorar, para fazer  
alarido e nunca para  
empregal-os em qual-  
quer coisa proveitosa.  
Estas *nervosas* têm  
sempre uma doença  
qualquer, entristecem  
o marido com a nar-  
ração das suas dores  
e si este, que ao prin-  
cipio ouviu pachorren-  
tamente, acaba por  
não fazer caso, recebe  
o qualificativo de máu  
homem, de egoista e  
de sem coração...

Outra, e não menos  
nociva, é a *ambiciosa*.  
eternamente descon-  
tente da sua situa-  
ção pecuniaria, não  
acha bom nada do  
que é seu; nunca se  
acha bem vestida e a  
sua casa nunca está  
apresentavel; hoje tem  
necessidade de um  
movel, amanhã de um  
adorno... O ordenado  
do marido nunca che-  
ga para esses super-  
fluos, porém, ella, co-  
mo *boa dona de casa*,  
economiza e com isso  
arranja a sua casa.  
Um encanto de mu-  
lher! pensa muita gen-  
te, excepto o seu ma-

rido, pois este sabe que a sua economia co-  
meçou pela suppressão da empregada e que ella  
propria cose a roupa, trabalha todo o dia,  
*nervosa*, cansada e não tem tempo para sentar-se  
junto d'elle, com a cabeça apoiada ao seu peito,  
ouvindo-o falar... Por economia não vai ao  
passeio, ao theatro, pelo braço do marido —  
como dois noivinhos — despreocupados e rindo  
de tudo. Não se dá ao luxo de esperai-o um



**As conquistas femininas na Arte**

LA MOUCHE. de Mlle. M. Guillaume. (Salão de Paris, 1912)



dia com a surpresa de uma guloseima. Ambiciosa, descontente, sonha com moveis caros e cama de bronze... «A minha cama é o meu ninho» diz, falando da sua, a mestra das mulheres amorosas, a poetiza Ibarburu'.

Ha ainda a *queixosa*, sempre aborrecida com os filhos, com as criadas e com os visinhos; conta ao marido as manhas do bebé, os estouvamentos da criada e a desfeita que lhe fez a visinha. E o pobre homem, antes de entrar em casa, pensa com horror e em seguida com indiferença em tudo o que lhe vai dizer a mulher e que elle já sabe de cór...

Mas ha outra mais: a *ciumenta*, a ciumenta absurda, que tem visões e vê sombras.

O ciume é para o amor o que o sal é para a comida. Sem elle o amor é insipido; em demasia — como o sal — desagrada e prejudica. O ciume é necessario porque lisongea

o amor proprio do homem. Mas dahi aos extremos da ciumenta, que não acredita na palavra do marido, que entrega a sua imaginação ás fantasias e aventuras, torturando-lhe a vida, vai grande differença. Tambem os ciumes se curam... As mulheres — peso fazem um mal enorme. A's vezes bastam essas mesquinhas para fazerem fracassar a vida de um homem.

Ameniza a vida, mulher, domina os teus nervos, acalma a tua ambição, cura os teus ciumes, sê suave e serena, desinteressada e jovial, que o teu amado t'o agradecerá.

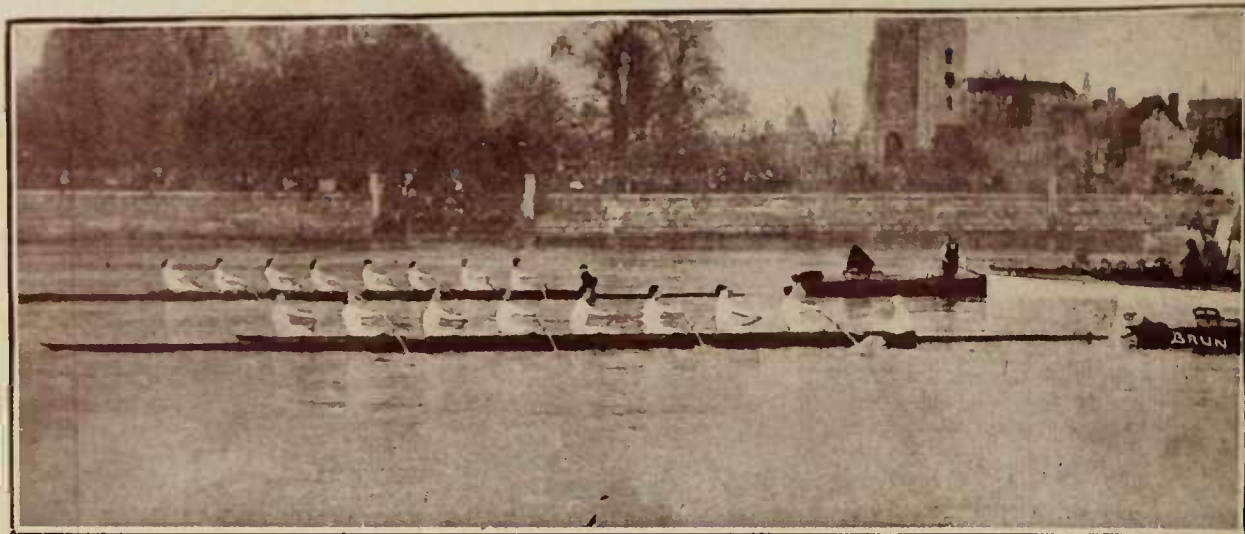
No caminho da vida — olha que um homem é alguma coisa mais do que imaginas — não te tornes o espinheiro que o detenha ou fira; sê antes sempre para elle a relva fresca, suave silenciosa, para que elle caminhe sem tropeços e repouse nas horas de fadiga...

Herminia C. BRUMANA



### O THEATRO INGLEZ

Uma das caracterizações admiráveis do actor britannico Reginald Bach, cujas glorias no palco londrino datam de 1912.



## A CELEBRE REGATA OXFORD-CAMBRIDGE

A partida do pareo. Os remadores começam já a entrar em acção, mas ainda não empregam esforço consideravel. As "arrancadas" de partida são hoje consideradas absurdas.

---

### UM NOVO CONCEITO DE PROPRIEDADE

---

**A** evolução da noção de propriedade realiza-se hoje num sentido duplo. Por um lado a collectividade tende a afirmar o seu direito sobre certos bens que até ha pouco reconhecia como de inteira propriedade de particulares. Na França, por exemplo, as cachoeiras e as minas não serão concedidas em propriedade plena e perfeita, mas a titulo precario e transitorio.

Por outro lado, a complexidade da vida moderna faz nascer e reconhecer-se um direito de propriedade sobre bens que não parecia terem uma individualidade sufficiente para isso. A propriedade, limitada a principio aos objectos materiaes e bens moveis, estendeu-se pouco a pouco á terra, para recahir finalmente sobre coisas incorporeas ou immateriaes. Assim nasceu a propriedade industrial sobre os inventos, as marcas e as patentes e a propriedade litteraria e artistica contra o plagio, etc.

O parlamento francez occupa-se actualmente em proteger a «propriedade commercial». Que vem a ser isto?

A noção de propriedade commercial nasceu da reacção contra o abuso da propriedade e nas seguintes condições: Um negociante aluga por um determinado tempo um local para commercio. Graças aos seus esforços, á sua habilidade, ás suas qualidades, o negocio prospera e a clientela augmenta. O local alugado, de pequeno valor

outr'ora, adquire um valor muito maior devido aos esforços e á propaganda do commerciante que acredita o seu estabelecimento. O povo acostuma-se a frequental-o. O immovel ganha assim mais valor independentemente do proprietario. No entanto, uma vez terminado o contracto, o proprietario exige do inquilino um augmento do preço do aluguel, sob a ameaça de usar do seu direito de recusar a renovação do contracto e de alugar o local a outro commerciante do mesmo ramo. E assim fazendo usa de um direito estricto e mantêm-se nos termos do contracto. Muito bem. Cada vez mais penetra nas idéas juridicas a noção de um «possivel abuso do direito», que o legislador deveria evitar. Como conseguil-o?

Duas soluções parecem possiveis. Uns vêm no augmento do valor dado a um immovel pelo occupante um verdadeiro direito que confere ao locatario a faculdade de obter a renovação automatica do contracto, uma vez vencido; salvo a reserva de rescisão normal e a de fixar, em certos casos, por meio de arbitragem, o novo preço do aluguel. A propriedade commercial apparece assim como um direito que se oppõe á propriedade immobiliaria. Outros propõem uma solução mais modesta: o commerciante a quem se pede a casa tem direito a uma indemnização pelo maior valor dado ao local, do mesmo modo que o colono arrendatario tem direito a uma pelas bemfeitorias introduzidas no campo que lavrou.



## DIALOGOS CONTEMPORANEOS

# DA GUERRA

### O VELHO

A mocidade do meu tempo cuidava mais das cousas serias do que esta que ahi anda sem ideias, sem patriotismo, sem orgulho pelos seus maiores que ella desconhece. Com que saudade recordo o Magnanimo, que nos cobriu de gloria durante mais de meio seculo! Quem viu, como eu vi, o regresso de Caxias dos campos paraguayos! Que apothese! Essa guerra enche as paginas da nossa historia! Tenho ainda vivos na lembrança os seus episodios culminantes, as tragedias da nossa bravura! Ah! a campanha da cordi-

lheira! Até as mulheres e as crianças pegavam em armas!...

### O MANETA

O senhor tambem tomou parte n'alguma batalha? Sentiu o frio e a fome nas trincheiras? Dormiu sobre cadaveres de companheiros attingidos pelas balas inimigas?

### O VELHO

Não tive occasião de entrar na linha de fogo. Meu pae era do Estado-Maior, e eu o acompanhei como ajudante de ordens. Do acampamento,



JOHN R. LAEDLEIN, artista norte-americano, é um decorador de inigualavel bom gosto e tem diante de si uma carreira victoriosa. *O despertar da Primavera* e *A Partida do Outomno* aqui reproduzidos, são duas pequenas obras-primas de gravura em madeira executadas com um simples traço branco sobre fundo negro e em que se pôde notar o gôsto discreto de composição alliado a uma extraordinaria belleza de linhas.



### O LAGO DE HENLEY

O lago de Henley, em que se disputam as mais celebres provas de remo da Inglaterra, é um dos mais formosos do mundo. A enorme multidão apinhada as suas margens diz bem do entusiasmo que desperta naquella paiz o sport do remo. Milhares de barcos de toda sorte, cheios de tripulantes animadissimos, fluctuam sobre as aguas tranquillias do lago.

---

porém, não perdi um detalhe das operações. Possuimos excellentes binoculos...

Vejo que o senhor não tem um braço. E' veterano?.....

#### O MANETA

Não. Fiquei sem o braço n'um desastre de estrada de ferro. Não havia ainda a lei de accidentes de trabalho. Antes houvesse sido na guerra. Com a medalha de merito e o soldo não estaria mendigando o pão... Eu amo o heroismo...

#### O VELHO

Quando vejo um mutilado, não posso esquecer o espectáculo soberbo de um trem carregado de feridos. Milhares de homens sem pernas, sem orelhas, sem braços, sem nariz, sem mãos, todos moços e vigorosos, sacrificados pela liberdade da Patria!

#### O CAOLHO

Eu perdi um olho n'um conflicto entre bebados. Desejaria antes tel-o vasado por uma bayoneta n'um encontro corpo a corpo entre exercitos

ou n'uma revolução. E' nas luctas sangrentas que a humanidade se retempera e melhora...

#### O HOMEM SÃO

... e perde os braços, as pernas, os olhos...

#### O CAOLHO

... e adquire mais confiança nas suas forças. Que importa a morte e a ruina de milhares de individuos, se elles não serão esquecidos pelos que lhes sobrevivem e rememoram os feitos? Eu lamento não ter entrado n'uma guerra, por que estou certo que nada de maior me succederia além da perda de um olho. E com que satisfação eu contaria aos moços de agora as minhas proezas, concitando-os a se prepararem para uma reprodução do meu exemplo dignificador.

#### O FABRICANTE DE PANELLAS

A paz é inimiga do progresso. Eu que o diga e vivo de fabricar panellas para as cozinhas domesticas. Se o governo declarasse uma guerra, a minha industria, requisitada pelas autoridades desenvolver-se-ia, e com o mesmo ferro



das caçarolas talvez eu pudesse confeccionar algumas toneladas de balas. Assim, não saio da pobreza, da mediocridade...

#### O CAPENGA

Adoro a guerra! Gosto de ver os batalhões garridos, disciplinados, marchando para o morticínio com musica!

#### O CAMPONEZ

E os resultados da guerra? Quem lucra com a lucta dos povos? Quem trabalha? Quem produz? Quem arranca a riqueza do seio da terra e a distribue a mancheias pelo mundo para a felicidade de todos? Não.

Quem tira proveito da carnificina és tú, ó fundidor de panellas, és tú, ó caolho; sois vós, ó capenga, ó maneta, ó velho, que odiaes os homens sadios, os perfectos; que não tendes em que pensar pelo estado de incapacidade em que viveis, e que por isso mascaraes as vossas idéas perdidas com o manto do patriotismo, que só germina na paz e não é uma doutrina de maldades, de invejas, de destruição.

#### O CAPENGA

O sr. é pacifista? Os pacifistas acabam sendo victimas dos povos bellicosos.

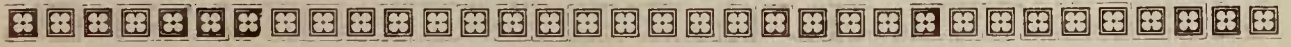
#### O CAMPONEZ

Não ha povos bellicosos. O que ha são fabricantes de panellas, caolhos, capengas, manetas e velhos velhacos illudindo a humanidade. O que ha são os vadios explorando os simples.

#### O HOMEM SÃO

A guerra é um artificio dos ineptos para a extorsão violenta da fortuna alheia, um meio de impedir que os que trabalham recolham os fructos da sua operosidade. E' uma allucinação collectiva provocada pela insidia de meia duzia. Tens razão, camponio, quando attribues aos invalidos phisicos e moraes a culpa dos embates entre as nações. Quem se recruta para a vanguarda com a lisonja á sua vitalidade e galhardia? Os elementos varonis dos quaes depende o futuro das nacionalidades. A peleja de um dia extermina varias gerações robustas, esmaga a obra de cem annos de labuta pacifica. Quem perde, perde, e quem ganha tambem perde. E quem fica para restaurar o edificio desmantelado até que as creanças se tornem adolescentes aptos para um esforço utilitario e proficuo? Os velhos, os manetas, os capengas, os caolhos, em summa, a legião dos incapazes, dos mostrengos, dos procreadores de tarados e de loucos.

E por que se ensina, como estimulante das boas qualidades, da nobreza individual, o amor á



#### OS NOVOS NA PINTURA

“Retrato do esculptor Mazzucchelli”, quadro com que se apresentou ao “Salão” deste anno o pintor patricio Candido Portinari.

## O pai da guilhotina

Ha dois seculos nascia, em Metz Antoine Louis, que seria mais tarde um cirurgião notavel, mas que é sobretudo conhecido pela parte que teve na introdução, na França, do instrumento de supplicio chamado a principio «Louissette» e que depois ficou sendo a guilhotina. Enganou-se pois sempre a tradição popular com o attribuir ao Dr. Guillotin a invenção da sinistra machina. Foi Antoine Louis que, a 20 de março de 1792, apresentou á Convenção um processo de execução capital «seguro, rapido e uniforme».







### OS OLHOS PERIGOSOS

São inquestionavelmente um pe-  
rigo os olhos da esplendida estrela  
do cinema Bébé Daniels.

Um perigo contra o qual não ha  
"habeas-corporus" que valha...

## A UNIVERSALIDADE DO LYRISMO

**E**NTRE a confusão que ali vemos na poesia, enovellada na avalanche das renovações abstrusas e cretinas salvam-se uns raros poetas que, numa forma de expressão ainda muito deficiente, se adornam com as plumas de pavão da poesia oriental, dando-a como novidade mais recente que as theorias de Einstein.

Poesia de orientaes, bebida no manancial de Tagore e Omar Kheyan, já velhos sonhadores e pensadores que, no silencio e no clarão de seus paizes nataes, são apenas reflexo do sonho e do pensamento de antigos poetas, antiquissimos aedos que povoaram de rythmos, entre luz e rosas, os afastados tempos de esplendor de sua patria. Esse lyrismo de abstrações e deslumbramentos, mysticos ou arrebatados, esse pendôr para a synthese vaga, esse rebuscamento em que se afêvoram alguns para pincelar ligeiramente uma scena, manchando-a em côres rapidas—tudo isso é resultado de uma influencia que nos vem das terras longinquas e radiantes do Oriente, com escalas pelos centros da Europa. E' isso que faz muitos de nossos jovens intellectuaes, desabrirem-se contra a poesia até hoje existente, quando elles nem forma de expressão nova possuem, pois que requintam a sua expressão em não ter forma, e em exprimirem sem belleza a belleza que pretendem encerrar nos versos.

E o que mais é de notar está no que dizem esses pretensos renovadores, alardeando que o seu lyrismo, é diverso de todo o que, até o momento presente, tem sido cultivado no mundo, quando todos nós sabemos que o lyrismo, como, aliás, todas as manifestações de poesia, é sempre o mesmo. O asiatismo pastichado desses modernistas é uma sombra deformada da belleza que enchia a alma barbara dos povos, desde quando ainda vagia, no seu berço de granito, a civilisação, que partiria do Altaï, a montanha de ouro que tocava a via-lactea, dispersa em migrações sobre o occidente.



Assim é que encontramos similitude entre a imaginação lyrica de todos os povos, mesmo os que, desde eras remotissimas, haviam sido separados por oceanos intransponiveis. O amor flue na poesia de todas as raças, com a mesma serenidade, desabrochando em metaphoras tão brilhantes nas regiões clivosas dos Andes, como no avelludado remanso dos hortos de louros, tão suaves nas ravinas geladas da Escandinavia como nos vermelhos infernos de areia d'Africa. E' quem se deteve a sentir a poesia dos povos, borbotando em imagens lyricas, nota quanto é interessante essa egualdade. A mesma imagem que abrolhou da cythara de marfim do aêdo helleno, inflamma a pesada harpa do hebreu, e rola na voz rouca e meiga do *Scalda* dos *fjords*, e do *haravec* dos Andes. Se lermos uma poesia dos Incas encontraremos tão grande semelhança com a dos outros povos, a ponto de se fazer confusão. Eis ali um trecho *yaravi* do Peru' pre-colombiano, que encontramos em *Ollantay*, o poema-dramatico de autor incã desconhecido:

«Sua bocca entreaberta descobre duas fileiras de perolas; suas faces são como duas rosas cahidas na neve; seus supercilios são dous arco-iris, seus cilios flechas ardentes e matadoras, sobre os seus olhos fulgidos como sóes nascentes...»

A metaphora dos dentes como perolas é vulgarissima e facil de se encontrar, tão cedo entre os malaioes, como entre os parisienses modernos. Assim tambem a das faces comparadas a rosas. Mas a linda imagem das sobrançelhas como arcos, menos commum, eil-a numa canção de Kechich-Oglu, poeta kirghiz das margens lendarias do Danubio: «Estou preso de amor por uma jovem bella, de olhos languidos, cujas sobrançelhas são arcos, e os cilios flechas...» Num outro canto inca, recolhido por Garcilasso, deparamos a imagem dos seios da mulher comparados a



dous cabritos brancos, muito approximada a uma semelhante de Salomão. Por toda a poesia dos ottomanos e arabes, cantando a formosura das Mihri, Zeineb ou Leila, estão sementeas as metaphoras que lembram as do lyrismo dulcissimo dos dinamarquezes adoradores de Hertha e de Thor, ou dos celtas, ou dos finno-mogões, que acampavam, sob as «yourtes» rubras, na ueve da Europa central, ou dos japonezes, cuja arte de sol é uma explosão de côres. A sensualidade na poesia, que Coleridge disse ser uma das grandes virtudes de Milton, rebenta em rimas de luxuria nos *ghazels* de Hafiz, como

nas odes de Anacreonte, ou na cadencia barbara dos hindus, nos seus hymnos violentos a Kama, deus dos serralhos e do amor.

O lyrismo é sempre o mesmo. O correr dos seculos não torce o curso ao fluir da poesia, que é a mesma, entre os asiaticos, como entre nós, tão linda ha vinte seculos, como nestas eras actuaes, em que a electricidade transmittit ao homem a illusão de que pode renova-la. Tudo é velho na humanidade, como diria Accacio. A questão está na belleza que se pode transmittir...

**Moacyr de ALMEIDA**

## A leitura e a idade

Em que idade mais se lê? A esta pergunta a bibliotheca publica de Cambridge responde: um rapaz de quatorze annos lê em média 43 volumes por anno; aos vinte annos a média é de 59 volumes; aos trinta, a necessidade de leitura chega ao seu ponto culminante: os frequentadores da bibliotheca lêem 174 volumes; aos cincoenta, a média cêe a 27; enfim, aos sessenta, é apenas de 15 volumes por anno.

Ajuntemo\*, com um detalhe fornecido por Victor Hugo que seriam precisos, em 1819, oitocentos annos para um

homem, lendo 14 horas por dia, exgotar apenas as obras sobre historia na bibliotheca nacional. Eram, naquelle tempo, 20.000, algumas em varios volumes!

O CELEBRE PHILOSOPHO Herbert Spencer tinha um genio irascivel e nervoso, que elle proprio reconhecia e lastimava. Por isso não se casou. E quando lhe perguntavam a razão do seu obstinado celibato, respondia:

— Consolo-me com o pensar que existe no mundo uma mulher que não conheço e a quem fiz venturosa; aquella com que não me casei...



A TAPEÇARIA ITALIANA

Painel decorativo de Francesco Dal Pozzo

# Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhos com todos os aperfeiçoamentos modernos para  
quaesquer trabalhos de reparação e construcção naval

Extenso cáes accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios

## **LAGE IRMÃOS**

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

---

Grandes depositos de carvão inglez e americano de 1a. qualidade.

Carvão nacional das minas de Lauro Muller e

Crissiuma, em Santa Catharina

---

Beneficiamento de sal por processos modernos  
Secções de café e exportação e  
importação de quaesquer artigos.

---

Escriptorio - Avenida Rodrigues Alves, 303[31





Abella e a féra



Um urso amigo sempre é  
preferível a um amigo urso...



## OS EXAMES

(Fragmento)

**E** OS exames vieram. Num dia luminoso e calido de novembro a grande sala de visitas, preparada para o acto, encheu-se da turba ruidosa e inquieta dos alumnos, acompanhados de paes e mães, de pessoas da familia da mestra e de convidados. Dispostas em semi-circulo, as cadeiras davam á peça a apparencia de um pequeno theatro e, em face, uma mesa garrida desaparecia quasi, sob uma invasão de flores em jarras, com um panno *grenat* muito vistoso. Tres cadeiras, de um lado, eram destinadas á directora e aos dois examinadores. Do lado opposto, de costas para a assistencia, assentar-se-ia o examinando. Ostentava-se mais uma vez o apparatus das provas de exame, feito talvez numa intenção innocente de festa e de alegria e que acarreta os peiores resultados para o animo tímido e impressionavel das crianças, provoca com a sua solennidade as inibições da memória, as desordens do systema circulatorio, oprime o coração, estrangula as vozes na garganta e gela as extremidades dos dedos tremulos.

Crianças iam e vinham, como passaros assustados, chamados aqui e alli por *scius!* impacientes mas discretos. Todos procuravam logar, arrumavam-se como para um espectáculo. No corredor que dava para a sala de jantar, onde enormes pratos de biscoitos se escondiam á sombra de ramalhetes bastos, que cediam ao proprio peso, a alacridade e o ruido eram intensos. Commentarios, risinhos nervosos, confidencias, as derradeiras trocas de idéas antes da prova imminente animavam aquellas cabecinhas muito frisadas, preparadas com longos cuidados para a festa, com cabelleiras dispostas em pastinhas ou cachosmeticulosos nos meninos, ornadas de grandes laços vermelhos, verdes, azues, nas meninas; enquanto a professora ia e tornava, numa febre, providenciando, como um contra-regra, para que nada faltasse ao brilho da cerimonia.

Fóra, o sol de meio-dia avermelhava os telhados e projectava sombras arroxeadas que escorriam pelas paredes das casas fronteiras. Ao fundo, o céu recurvava-se, muito limpido e distante. Abafa-se. Abriam-se as janel-

las. A luz penetrou, frauca, illuminando intensamente as faces em que se franziam supercilios, na protecção dos olhos deslumbrados. Transeuntes appareceram, que se detinham um momento, inquiriam com o olhar, um sorriso estúpido nas faces e iam-se, indifferentes, a pensar noutra coisa, ás voltas de novo com os seus cuidados. Outros, ociosos, atracavam-se definitivamente ao peitoril, satisfeitos, na expectativa de um passa-tempo gratuito...

A directora tomou o seu logar e foi logo ladeada por um rapaz de oculos, muito insinuante — era o seu irmão — e por uma senhora grave que respirava indulgencia, muito compenetrada, aliás, do seu papel de juiz. Houve na sala um vozeio abafado, confuso, cortado a tempos de *scius!* imperiosos.

E veio o primeiro examinando, um estreante naquella sorte de cerimonia. Leu o seu trecho, respondeu, um pouco hesitante, a todas as perguntas feitas pelo moço em voz paterna, perguntas a que se seguia, em tom mais baixo, o subsidio immediato da primeira syllaba da resposta:

— A capital da França é...? Pa..

— Paris!

— Paris, não é? O examinador exultava, num sorriso beatifico que lhe sulcava o rosto magro; os seus oculos tinham scintillações de relampagos. Muito bem!

Ou, então:

— O Brasil é republica ou monarchia? Re...

— Republica!

— Perfeitamente!

E o examinando sentia que havia acertado, esquecido já do auxilio e sem fazer bem uma idéa do que vinha a ser uma monarchia ou uma republica. Acertára. Ainda bem!

Passou depois á senhora. Sommou, subtrahiu, multiplicou, plantado diante do quadro negro, a gizar algarismos com um *tac-tac* surdo, no meio do silencio geral cortado a espaços por um ou outro pigarrear sonoro. Notava-se que se constrangia sob o dardejar de tantos olhares curiosos.

Na divisão, porém, emperrou. A examinadora soccorreu-o logo, como a um naufrago, e o moço de oculos, e a directora, e a sala em peso tiveram uma inquieta-







### O MODERNO MOBILIARIO ITALIANO

Sala de jantar executada de accôrdo com os desenhos de Ezio Giovannozzi. As lampadas são obras-primas da fabrica De Matteis.

ção e um desejo imperioso de salvá-lo a todo transe, numa solidariedade commovedora. Cabeças erguiam-se, anciosas, ademanos discretos esboçavam-se na consternação geral, olhares obstinados procuravam transmittir, no seu magnetismo, a chave do enigma diante do qual heitava e tremia aquelle OEdipo de calças curtas. E quando a difficuldade foi vencida, houve na assistencia um profundo suspiro de allivio. Salvo!

Palmas reboaram. A prova estava terminada. E veio outro, e passaram pelas suavissimas forças caudinas todas aquellas cabecinhas inquietas. Ao termo de cada exame, os applausos choviam infalliveis. E a criança victoriosa, pasmada do seu proprio mérito, duvidando ainda um pouco da realidade, tinha o ar satisfeito de quem conquistou um mundo.

Seguiram-se momentos de expectativa anciosa. Os examinadores e a directora consultavam-se, discutiam em voz baixa, organizavam o «resultado». Depois a presidente proclamou-o. Nem

um reprovado! E a cada «aprovado com distincção e louvor», «aprovado plenamente», um murmurio corria pela sala, procurava-se insistentemente o pequeno heróe, que se afundava mais na cadeira, meio vexado, numa modestia sincera.

Distribuíram-se então os premios, vistosos livros para crianças, cheios de gravuras encantadoras, com uma dedicatoria entusiastica no frontespicio.

Depois, a mesa de doces, com as balas e os biscoitos, onde a familiaridade dissipou os ultimos residuos da solennidade de momentos antes.

E quando sahiram, como um bando de aves rumorosas, para a rua tranquilla que modorrava ao sol, cada menino apertava ao peito, com amor, o seu livro de figuras, despojo opimo da primeira victoria — tão facil! — na emulação tragica da vida...



## A ORDEM NA DESORDEM



**S**EMPRE me cansou surpresa, pela excessiva necessidade que encerra, um dito vulgar: «Como é desordenado este homem!» principalmente quando se applica a uma pessoa não vulgar ou de méritos indiscutíveis em algum ramo de trabalho útil á sociedade.

No entanto ouviremos sempre repetida essa phrase diante da mesa de trabalho de um professor eminente, do investigador inquieto, incansavel, do estudioso que, aproveitando o minuto disponível, desordena o seu material de trabalho sem se preocupar da sua arrumação.

Póde occupar-se de esthetica o jurista cioso da sua profissão, quando vae do código civil ao penal, dêste ao registro official e depois ás recopilações de leis, para voltar em seguida aos códigos? Evidentemente a desordem do seu escriptorio só se produz quando a sua esposa, com toda a garridice, empilha os livros de capa azul ao lado dos vermelhos e estes junto dos verdes. Porque quem trabalha restringe-se a um mundo que é a sua mesa e allí está familiarizado com os membros dessa comunidade (livros e aparelhos), seus amigos que, onde quer que sejam collocados, lhe sorriem, recordando-lhe theorias, idéas e conceitos basicos mettidos nas suas vestes de côres variadas.

Ao passo que a sua esposa julga que a categoria dos conhecimentos está na razão directa das côres da lombada e da capa dos livros. Do mesmo modo que a esposa ingenua, quantos pseudo-bibliophilos poem o seu orgulho na encadernação das obras expostas nas estantes com toda ordem, para que apenas sejam *l'da*: pe'a poeira?

Eis-nos diante da mesa de trabalho do sabio pesquisador: elle sahio por alguns momentos para observar o funcionamento de alguns aparelhos em outra sala. Quem não conhecesse a autoridade do conhecido cientista, acharia ridiculo pretender outorgar-lhe tanta nomeada, tal é a desordem do seu gabinete.

Mas esse microscopio pôsto a um canto, esse frasco destampado, aquella proveta sempre em ebulição, esta pinça, este tubo quebrado, aquelle montão de papeis amarellados, empo-

cirados, não estão assim por desidia nem por falta de tempo para a arrumação — o intellectual nunca se queixa de falta de tempo —; mas porque é exactamente nessa posição que vão ser utilizados no momento preciso; é que dentro dessa desordem apparente reina a mais admiravel unidade, com o fim de facilitar determinado estudo ou, ás vezes, alguma gloriosa descoberta.

E sempre assim, uma mestra sábia, inimitavel, a Natureza, é o modelo perfeito da desordem geradora da ordem natural dos acontecimentos da vida: uma erupção, causadora de uma inso'ita perturbação em certo ponto da crosta terrestre, nada faz sinão preparar uma era de prosperidade e de riqueza para o lugar em que se produziu, pondo as cousas numa ordem admiravel: virá o resfriamento da massa candente de lava, depois a sua consolidação; e finalmente essa massa se decomporá e enriquecerá o sólo com elementos mineraes, como fertilizantes adubos chimicos.

Por sua vez as myriades de atomos amontoados na mais incrível desordem diante dos que os observam de uma dessas jaue'las do infinito que são as lentes do ultra-microscopio, estão esperando que o atomo central, director da obra, dê a ordem de formação, para que desse pandemonio saia

á vista attonita do observador o modelo mais maravilhoso de ordem e harmonia, apresentando instantaneamente num conjuncto perfeito, complexo e definitivo da molecula recém-nascida.

E a que se deve tudo isto? A' ordem immutavel que reina na mais apparente desordem, comparavel ao prodigio da retina que, apenas com o contacto dos innumerous raios heptaco'oridos do espectro disseminados ao acaso, faz surgir a magia da luz branca, que é o encanto da vista e da existencia!

D. CORTI.

Santa Fé, 1923.

---

MAXIMA ORIENTAL — O porteiro de um tolo póde sempre affirmar que não está ninguém em casa.

—«»—  
A coisa que eu mais detesto é ferir a verdade. — PASCAL.







BLANCHE SWEET

A formosa artista do cinema não  
desmente o nome: muito "branca"  
e muito "doce"...



## O PAIZ DAS MULHERES FORMOSAS

**N**ÃO ha região do mundo que tenha alcançado tanta fama pela formosura das suas mulheres como a parte occidental do Caucaso, onde vivem os circassianos. Uma belleza circassiana é a joia mais apreciada nos harens da Turquia, de Marrocos ou do Egypto.

O segredo da formosura dessas mulheres está simplesmente nos cuidados de que as cercam desde meninas. Mesmo nas familias mais pobres da montanha a delicada epiderme feminina é friccionada diariamente, dos pés á cabeça, com unguentos perfumados que a tornam branca e suave; as mãos e os pés têm um trato que assombraria o mais habil manicuro de Londres ou de Paris; tres vezes por dia, no minimo, se untam com oleo e se penteiam com toda a meticulosidade os labellos e nos olhos se injecta belladonna para que adquiram o brilho humido e cheio de seducção de que falam os poetas orientaes.

Ademais, a joven circassiana aprende a dansar as languidas dansas orientaes que tornam esbeltas as fórmas e a cantar as queixozas canções da montanha que adoçam a vóz.

A primeira vista parece absurdo que miseros montanhezes eduquem as filhas desse modo; mas tudo ficará explicado si se souber que entre os circassianos a carreira da mulher é ser escrava. O harém de um pachá ou de um grão-vizir representa para ellas o mesmo que o theatro para as raparigas pobres do Occidente: o unico meio de sahir da miseria. O maior titulo de gloria para uma moça circassiana é ser vendida por alto preço. E a verdade é que o viajante, por maior adversario que seja da escravidão, quando contemp'la as pobres choupanas dos circassianos, quando vê as suas mulheres jungidas ao arado ao lado de um boi modorrento, trabalhando como bestas, comprehende que aquelles paes vendam as filhas e que estas queiram ser vendidas.

Apezar de tudo, uma circassiana não attinge quantias fabulosas. Por cem dollars pode obter-se uma linda joven e uma verdadeira belleza custa apenas o dobro.

Os commerciantes que negoceiam com essas beldades, em sua maior parte armenios, em nada se parecem com o vendedor de escravos tradicional. São pessoas muito educadas, finis-

simas e attentas e tratam muito bem a sua mercadoria.

Não é preciso dizer que, para um paé circassiano, casar uma filha é uma desgraça. Educal-a, polil-a e aformoseal-a, com a esperanza de a vender bem e ver surgir um troca-tintas que se apaixona por ella e a leva, não é lá de facto coisa muito engraçada. Por isso alli, entre os pobres, que são a maioria, ninguem concede a mão da sua filha e portanto é inutil pedil-a. Quando um homem ama a uma mulher, apresenta-se a cavallo em sua casa, ataviado pomposamente, toma-a pela cintura, põe-na sobre a sella e foge com ella a galope.

No dia seguinte o raptor aplaca a ira dos seus sogros enviando-lhes o *kalim*, ou preço da mulher; sem o que correria o sangue de ambas as familias.

Entre as poucas familias ricas da região as coisas se passam de outro modo. O casamento se combina quando os futuros esposos têm apenas oito ou dez annos, si bem que só se casem na maioridade. Si nesse prazo a menina se casa com outro, os seus paes indemnizam o noivo ludibriado.

Chegada a circassiana rica aos treze ou quatorze annos, o futuro marido manda á sua casa dois amigos com alguns cordeiros e uma mulher que faz de intermediaria. Esta discute

com os paes o preço da joven, e quando os amigos acham que se chegou a um ajuste honroso, degollam os cordeiros. E' o signal que dá começo á festa. A população inteira accorre á casa, come-se muito cordeiro assado, bebe-se muito vinho do Caucaso e a noiva é conduzida procissionalmente á casa do noivo. Alli, sentam-se ambos diante do fogo da lareira, com um cirio á mão, onde os abençôa o «dekanos», ou sacerdote, depois de beber á sua saude um enorme copo de *vodka*. Mas o rapto tradicional não pode faltar. Terminada a cerimonia, o séquito fórma com as suas espadas uma abobada de aço, por onde passa o noivo conduzindo a noiva de novo para junto dos paes desta.

Durante quatorze dias vivem assim separados, sem ao menos se verem; passado esse prazo, elle se apresenta a cavallo, toma a mulher e a leva, fingindo fazel-o violentamente. E, para dar mais character á cerimonia, o paé e os ir-





## A LOQUACIDADE MASCULINA

**Q**UERO de passagem contribuir com o meu fraco concurso para o descrédito de uma legenda posta em circulação pela vaidade do homem. Qual de nós, gente de calças, tem deixado de troçar da loquacidade feminina, num tom de superioridade ferina e ironica? Quaes os que não ridicularizam as reuniões femininas cujo pretexto é variavel: absorção de chiearas de chá, execuções musicas, obras de caridade, etc.? Sejamos francos ao menos uma vez e confessemos que, de nossa parte, fazemos o mesmo e que só os pretextos differem. Está claro que não praticamos os *jive-ó clock* nem as reuniões de costura. Mas no fundo, nas varias assembleas, politicas, beneficentes, sociaes, em que se dispense uma tão grande parte da nossa actividade, nas nossas academias, nos conselhos de administração, nas commissões, quantos minutos são real e utilmente consagrados á discussão cerrada e efficaz das altas questões em debate? Quantos, ao contrário, são gastos em fórmulas vãs, em periodos redundantes, em phraseologia estéril, em cumprimentos, em excusas, em exercicios verbaes sonoros e ôcos, cuja unica explicação, aliás injustificavel, é o prazer que tem o homem em enfileirar vocabulos que agradam ao ouvido e lisongeam a sua vaidade? Experimentae fazer a discriminação dos instantes consagrados ao trabalho e dos que são perdidos nessas gymnasticas lamentaveis: e por muito pouco pudor que tenhais, acabareis confessando para que lado pende a balança. E á tarde, quando a vossa esposa chegar atrazada das suas visitas, será com um sorriso menos condescendente que opporeis ás futilidades das suas distracções a gravidade substancial das sessões e reuniões em que vos occupastes.

Direis, afinal:

— Seja. Mas, no fim de contas, que mal ha nisso? Poder-se-ia fazer coisa muito peor.

E' exacto. E declaro abertamente que mais vale a gente tagarelar do que se consagrar a assaltos ou a assassinatos, nos minutos de lazer. Infelizmente, porém, o tempo dedicado a esse papaguear superfluo o é raramente em prejuizo das

mãos da moça correm atráz delle, dando tiros... de polvora secca.

Desse dia em diante a formosa circassiana é a companheira e a servidora do seu marido, lutando ao seu lado em caso de guerra e dedicando-se, no tempo de paz, ao cultivo do campo e da belleza das suas filhas.

tolices e das villanias que havemos de commetter. Falar demais nunca evitou uma acção má. Ao contrario, tem ajudado a preparar um grande numero dellas.

André LICHTENBERGER



A mythologia modernizada

DIANA CAÇADORA

(Desenho de Herouard)

CABOS, LONAS, OLEOS, TOLDOS,  
BARRACAS, ENCERADOS, ETC.

Unicos depositarios das tintas envenenadas allemãs

**HÖVELING**

e inglezas, liquidas, **SHIP BRAND**



**Rua 1.º de Março, 133 - RIO**

Endereço telegraphico CHACO

**TELEPHONE NORTE 2929**

DEPOSITO

**Rua Conselheiro Saraiva, 8**



**ROCHA COUTO & C.**







A PINTURA CONTEMPORANEA  
"LE RETOUR DU JOUR", de A. Osbert. (Salão de Paris, 1912).

## "ELLAS" POR "ELLES"



verdadeiro homem deseja duas coisas: o perigo e o jogo. Por isso ama a mulher, o jogo mais perigoso de todos. — NIETZSCHE.

Não creio que haja nada comparável á agiltude com que as mulheres esquecem aquillo que foi tudo para ellas. Por esse tremendo poder de esquecimento, como pela faculdade de amar, ellas são verdadeiras forças da natureza. — ANATOLE FRANCE.

Todas as mulheres são iguaes quando nos agradam. — MAUPASSANT.

As mulheres não gostam muito dos contempladores e prézam singularmente os que poem as idéas em acção. — THEOPHILE GAUTIER

Todo misogyno ignora a mulher: são grandes meninos desiludidos que fazem do seu ranco uma theoria e que negam, para não serem vencidos por ella, essa coisa fragil, ondeante, ductil e delicada que é uma alma de mulher. — VARGAS VILA.

## O MILAGRE DOS LIVROS

OS livros realizam milagres como os das legendas rúnicas. Elles persuadem aos homens. A mais insignificante novella, dessas que nas remotas aldeias entretêm a ociosidade das moças simples, contribue



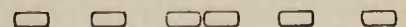
para desenvolver o seu sentido pratico actual interior da economia domestica.

Tudo o que uma universidade ou conjuncto final de todas as escolas superiores pôde fazer por nós, reduz-se, pouco mais ou menos, ao que fez a primeira escola que houve no mundo: ensinar-nos a ler. Aprendemos a ler em varias linguas, em varias sciencias; aprendemos o alphabeto e as letras de toda especie de livro. Mas o logar em que podemos obter a sciencia, toda a sciencia enfim, são os livros. Depois do que por nós fizeram excellentes professores, toda a nossa sciencia theoretica dependê do que lemos. A verdadeira universidade em nossos dias é uma bôa collecção de livros.

CARLYLE.

UMA PROVA do terror que experimentam os animaes com a presença do homem é o facto referido por Sven Hedin, relativo aos camellos selvagens das planicies asiaticas. Esses animaes farejam a presença do «homo-sapiens» a uma distancia de vinte kilometros e fogem em seguida, com tal susto e tanta rapidez que por varios dias não se detêm: e sabe-se que um camello pôde correr em um dia centenas de kilometros!

Além disso os camellos levam annos sem se acercarem do logar perigoso em que esteve acampado um bando de caçadores, a menos que as chuvas hajam feito desaparecer o «cheiro do homem...»



## Da piroga do indio ao navio de pesca



PESCA no Brasil tem a sua origem perdida nos nossos tempos pre-coloniaes. Os autochtones alimentavam-se de preferencia da caça e do peixe abundante dos nossos rios e das nossas costas extensissimas. Dominando a «montaria», nome que o nosso caboclo da bacia amazônica dá á sua canoa, o habitante primitivo das selvas brasileiras persegue os cardumes e prende-os nas suas redes de *tucum*, fio finissimo e resistente tecido de fibras vegetaes.

O mais interessante, porém, é que actualmente, as nossas populações littoraneas e ri-

beirinhas, com ligeiras differenças, ainda conservam muitos dos habitos do indigena, nesse sentido. As audacias da grande industria são-lhes quasi desconhecidas, e os apparatus que empregam pouco distam dos petrechos em voga nas tabas.

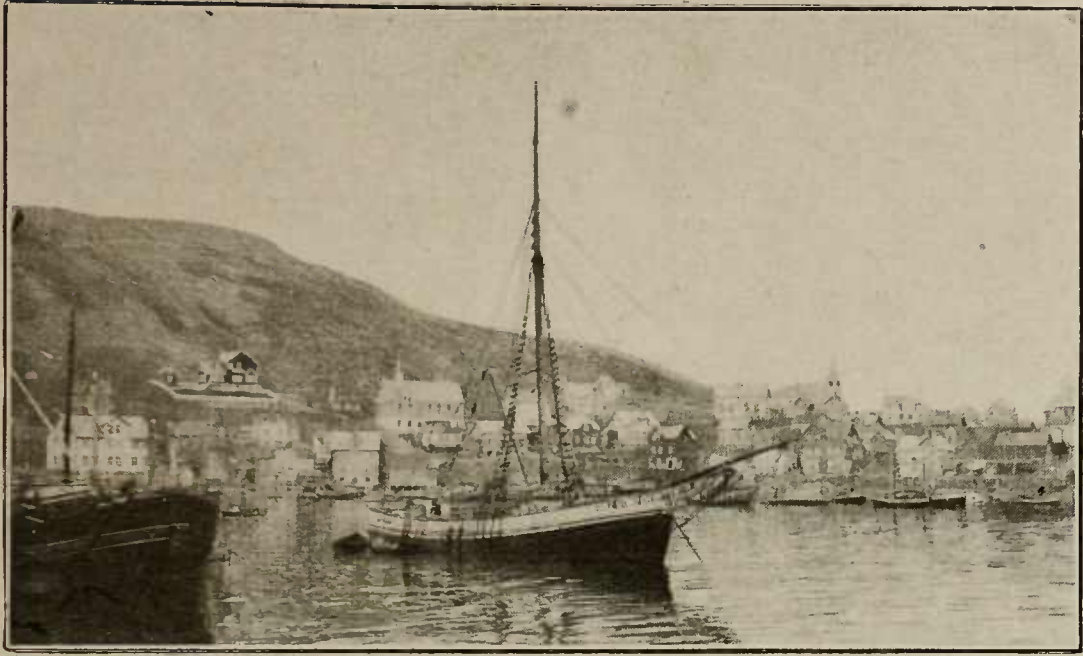
O que ha de curioso na pesca no Brasil é o seu caracteristico em determinadas regiões, principalmente no norte e nordeste do paiz. Nos rios é a piroga, no oceano é a jangada, que preponderam, revelando nos seus tripulantes qualidades raras de intrepidez e de bravura.

Se compararmos as nossas pescarias, praticadas por cerca de cem mil individuos, e as das nações que lhes deram uma organização industrial em que tudo do peixe se aproveita, desde a carne aos mais infimos residuos, veri-



A casa de um pescador na Praia do Abraão, Ilha Grande. □□□





Uma colonia de pescadores, na Noruega, com residencias confortaveis e hygienicas

ficaremos que tudo nos falta. Por enquanto, nós nos podemos orgulhar do encanto maravilhoso das nossas enseadas, do fragor dos nossos rios, e da riqueza da nossa fauna aquatica, que segundo Agassiz é talvez a maior do planeta.

Faltam-nos ainda os recursos para disputar aos scandinavos a palma que esses povos de navegadores conquistaram em mais de um seculo. Com um pouco de tenacidade, entretanto, realiza-

remos algo de proveitoso para o futuro, espalhando pelo nosso immenso littoral os portos de pesca, coalhados de navios, com pequenas villas florescentes, e onde a piroga do indio passe a ser uma lembrança saudosa ao lado dos barcos-motores, dos *trawlers*, e outros engenhos que a civilização inventou para o conforto do homem, diminuindo-lhe o esforço e augmentando-lhe os lucros.



OS BANCOS DE CORAL do Mediterraneo se estão exgottando e não tornarão ao primitivo estado sinão daqui a muitos annos. No emtanto o coral continua a baixar de preço, porque está fóra de moda. Só os napolitanos o usam como amuleto. Ha tambem muito coral... artificial, de vidro, fabricado pelos allemães. Antigamente o empregavam em pharmacia, pulverizado, mas agora sabe-se que o vulgar carbonato de cal tem as mesmas ou melhores propriedades medicinaes que o coral pulverizado.

NA BULGARIA, em vez do serviço militar obrigatorio, instituiu-se o que se póde chamar o serviço economico obrigatorio. Todo cidadão homem ou mulher, é obrigado a trabalhar para o Estado em obras de utilidade publica (construcção de estradas, de edificios, trabalhos de administração, exploração de industrias fiscaes) num periodo maximo de oito mezes para os homens e quatro para as mulheres. Esse serviço póde ser exigido de uma só vez ou parcialmente e entre as idades de 20 a 40 annos para os homens e de 16 a 30 para as mulheres.



## UM RETRATO DE BAUDELAIRE



**E**STE retrato do exquisto cantor das Flores do mal pertence ao Dr. Briand que o recebeu como presente do Sr. Lucipia, antigo presidente do Conselho Municipal de Paris. Este, por seu turno, o recebera de um amigo pobre, seu protegido, que lhe havia offertado «a coisa mais preciosa que possuia». Sobre a madeira do chassis lê-se, meio apagado, o nome de Monticelli. Todos os que viram este retrato criticaram tal attribuição, que guarda no entanto um valor de indicação. Ignora-se até hoje o nome do autor desta imagem commovente e são desconhecidas as condições em que foi executada. Submettida ao exame de varios e notorios criticos de arte, ella até agora apenas suggeriu opiniões vagas. Para uns trata-se de um fogaoso esboço de Monticelli. Para outros, de um estudo de Ricard, que

admirava muito Baudelaire e que parece ter executado um retrato do poeta depois da sua morte. Os mais positivos, finalmente, descobrem nesse genial e peretrante esboço a mão de Daumier... Não seria essa pintura tão viva na sua pungente

expressão de desillusão e de dôr uma réplica commovida do grande satyrista aos quartetos que o poeta lhe dedicou um dia?

A authenticidade desta obra está portanto muito longe de ser estabelecida. Ignora-se ainda

o nome do artista que, com uma especie de genial espontaneidade, soube fixar para sempre e com toda a emoção da sua alma, a expressão dolorosa e agoniada do Baudelaire dos ultimos dias, do Baudelaire das torturas do opio: «Dentro em pouco vai o scenario ennegrecer-se e as tempestades se amontoarão na tréva...»



BAUDELAIRE,

**tal como foi retratado pelo pintor desconhecido**

sua natureza propria na sua prosa impessoal, utilitaria ou litteraria. A mulher, porém, só escreve para falar de si e põe um pouco della em cada palavra. Ella não conhece as astucias do estylo e abandona-se inteira na innocencia das suas expressões. — MAUPASSANT.





**AS BAILARINAS EM VÓGA**

ANNITA BERBER, NA SUA  
DANSA 'O DANDY HES-  
PANHOL'

# O PADRINHO

(CONTO)



AQUELLA tarde de domingo, Juanito, a pobre criança, o filho natural, que se criava entre caras carancudas como si recebesse a vida de esmola, contemplava, debruçado ao parapeito da janella, o sol formoso de junho, cuja flamma, reverberando sobre a parede fronte-

ira, ornava-a de una colgadna deslumbrante, mais brilhante do que as que no dia do Corpus-Christi adornam os balcões. Preso sempre em casa, o pequeno olhava avidamente a rua em que brincavam os seus amiguinhos e chamava-os com gritos alegres, semelhantes aos pios dos passaros engaiolados quando vêm outros passaros livres. Estava contentissimo porque naquella tarde a sua mãe lhe promettêra leval-o a passeio, vestira-o com a sua roupinha mais nova e lhe penteára os cabellos, repartindo-os lindamente ao centro. O padrinho promettêra vir buscal-os ás cinco horas, quando a luz do sol é menos intensa e Juanito estava ancioso por dar a noticia aos amiguinhos que nos outros domingos via sahir com os seus paes, vestidos elegantemente e carregados de brinquedos emquanto que elle ficava em casa, á janella, entre as plantas dos vasos, como um pobre canario triste...

— Pepito! Luizinho! chamava, debruçado para a rua.

Os outros respondiam, erguendo as cabeças e entre-cerrando os olhos, porque estava tão alto aquella janella de um terceiro andar...

- Que é?
- Vaes sahir?
- Vou!

— Eu tambem! Vou com a mamãe e o padrinho!

— Nós vamos ao parque. E tu?

— Eu tambem, respondia Juanito. E acrescentava: Lá nos encontraremos!

— Leva os teus brinquedos! Nós vamos levar a pá e o arco.

— Bem. Lá nos encontraremos!

Brincar no parque! Ineffavel illusão para Juanito, sempre preso em casa, a quem, quando muito, consentiam que fosse brincar junto ao rio, onde não havia areia para fazer castellos

e onde as pedras impediam o rolar dos arcos! Brincar no parque! Naquella tarde, finalmente, brincaria no parque, na areia extensa, á borda dos lagos, na areia tão macia e doce ao tacto... Correria até perder-se pelas alamedas esombradas em que silvam melros e onde surgem cascatas imprevistas...

E Juanito saltava de prazer e de impaciencia, agarrado aos ferros da sacada, olhando uma vez ou outra para o interior da casa, onde a mamãe, bella e joven, acabava de se preparar diante do espelho magicamente illuminado pelo seu rosto. Como a mamãe custava a se vestir! E, principalmente, como custava a chegar o padrinho!

Inclinado sobre a rua, Juanito via partirem os seus amigos, á mão das suas mamães, que, na porta da rua, ainda lhes faziam uma ultima caricia para alisar-lhes os

cabellos ou ajustar-lhes os gorros de marinheiro, com largas fitas em que se lia um nome. E elles partiam, dobravam a esquina, dirigindo-lhe ainda um olhar de adeus, sem se atreverem a gritar-lhe, porque os intimidava a presença dos seus paes graves, circumspectos... lam-se. E elle continuava na sacada, sem que





a sua mãe, já prompta, lhe dissesse: Vamos, Juanito! e sem que o seu padrinho viesse... Que havia succedido? Ficaria ainda em casa, naquelle domingo? E Juanito, sem animo de interrogar-a, olhava timidamente a mãe, que ia e vinha nervosa diante do espelho.

De repente ouviu gritos indignados e afflictos no interior da casa. A mãe, dirigindo-se á criada, exclamava:

— Também hoje, não pode vir, não é? Está claro: tem que levar os outros...

E, maguada e colérica, deixou-se cahir sobre uma cadeira, e começou a arrancar todos os seus enfeites, com gestos furiosos, desmanchando aquella figura de mulher feliz que com tanta paciência compuzera ao espelho para honrar o domingo... E o espelho parecia absorver todas aquellas graças, devorando-as no seu seio profundo. E ficava apenas uma mulher triste, mal vestida e desgredada...

Juanito, timidamente, deixou a janella e aproximou-se della, rapido. Presentia vagamente um mysterio de dôr e de vergonha. Quiz heijal-a, afim de a consolar, mas faltou-lhe a coragem. Eram tão duros, naquelle momento os olhos maternos, tão doces em outras occasiões! Perguntou-lhe, medrosamente:

— Mãe, não sahimos mais? O sol está desaparecendo...

Era verdade. A luz do sol afastava-se, dissolvia-se sobre as cariatides de marmore que fóra, no angulo da rua, sustinham o frontão de um edificio publico.

A mãe, furiosa, respondeu-lhe:

— Não, não podemos sahir. O padrinho não vem mais!

O padrinho! Juanito ficou pensativo. Adi vinhava vagamente.

— Mas porque não sahimos sós?

— Deixa-me em paz, menino! Não vês que a tarde está feia?

O pequeno olhou-a assombrado. Tarde feia?! Pois não hrilhava ainda o sol?

Mas não se animou a replicar. A tarde do domingo apparecia-lhe já desfeita como os adornos que a mãe atirára ao chão, como sombras prematuras. Os últimos companheiros partiam.

— Não vens, Juanito? gritavam-lhe.

Elle respondeu-lhes:

— Não! A tarde ficou feia.

E tristemente vio-os afastarem-se. Iam com os paes e as mães para o immenso parque tentador. Juanito pensou: «E' isso. Elles têm paes, eu só tenho um padrinho!» E pela primeira vez atormentou-o o enigma daquelle homem que só ia á casa de visita, a que o haviam ensinado a chamar padrinho e que no entanto ás vezes o heijava com tanta ternura...

R. Cansinos ASSENS.

## NADA DE NOVO

A arte de reparar os irreparaveis ultrajes dos annos é velha como o mundo. Acaba de ser exhumado do fundo da bibliotheca do Vaticano um velho papyro que revêla a existencia de institutos de belleza na Roma antiga.

Os donos desses estabelecimentos onde as bellas patricias vinham cuidar dos penteados, das mãos, e dos pés, chamavam-n'os: *andrapodocapeloí*. Esses institutos tinham machinas para tratar dos corpos e dar-lhes movimentos harmoniosos. Gabavam-se mesmo os apparelhos destinados a modificar um nariz muito achatado ou muito aquilino. Em todos os estabelecimentos o uso era apertar o corpo das raparigas com faixas para as tornar mais esbeltas. As nossas novidades datam pois de mais de dois mil annos...

## O MESQUINHO INSECTO...

Segundo recentes observações, os aeroplanos exercem um papel importante na caça e na destruição dos insectos. No verão, quando esses animalculos alados pullulam, notam-se sobre as helices dos aviões que voltam de longas viagens minusculas manchas de sangue a que adere uma enorme quantidade de patas. O curioso é que nunca se encontram nem as azas nem os corpos, violentamente repellidos pela helice e ás vezes aspirados pelo motor até aos órgãos essenciaes deste. Dessa forma tem-se visto moscas e outros insectos penetrar no carburador e impedir o appareho de continuar o vôo depois de uma parada.

Está ahi uma revelação que faz pensar na fahula do mosquito e do leão, do bom e velho La Fontaine.





## Os parasóes

**O** PARASOL é o cogumelo das praias. Contrariamente á maior parte dos cogumelos da botanica, elle brota principalmente nos dias de sol e de calor.

Quanto mais quente é a temperatura, quanto mais ardente é o sol, tanto mais brotam á beira-mar os cogumelos-parasóes.

O parasol, ou cogumelo da praia, é em geral branco e listrado de vermelho. Ha no entanto alguns todo escarlates e outros riscados de azul.

O parasol, ou cogumelo da praia, tem de commum com o gyrasol esta particularidade: volta-se sempre para o lado do sol.

Os parasóes, ou cogumelos da praia, se-meiavam-se todas as manhãs entre as dez e as onze horas. Os seus cultivadores os plantam na areia das praias de accôrdo com as necessidades do consumo.

\*\*\*

E' á hora do banho, ao meio dia e tambem á tarde, pelas cinco horas, que a cultura dos cogumelos-parasóes se torna intensa.

Os cogumelos-parasóes irrompem então da terra com a rapidez dos seus confrades do matto na manhã seguinte a uma noite de chuva forte. E a sua colheita realiza-se á tarde, á hora em que os banhistas correm ao Cassino.

O cogumelo-parasol, apesar de não ser comestivel, não é venenoso. Mas abriga sob a sua umbella individuos de sexos differentes que ás vezes aproveitam a sua immobilidade prolongada para distillarem o veneno da maledicencia.

Aliás é muito instructivo um passeio através da floresta de cogumelos-parasóes.

As pessoas abrigadas á sua sombra não têm desconfiança alguma e acreditam-se em sua propria casa. E nem imaginam que o parasol é uma casa que só possui o telhado e em que só os discretos podem morar sem perigo.

Cada uma dessas cupolas listradas de vermelho é uma ha-

bitação ao ar livre em que as pessoas geralmente mais dissimuladas se julgam ao abrigo dos olhares indiscretos.

E' pois um prazer para o observador passear entre as pequenas succursaes — abertas aos quatro ventos — dos chalets cuidadosamente fechados e das «villas» mysteriosas... Ahi se mostram ingenuamente as pessoas taes quaes são no seu intimo e podemos devassar-lhes o pensamento como por grandes janellas abertas sobre innumerables intimidades.

\*\*\*

Aqui está, por exemplo, voluntariamente alinhada por um cultivador methodico, uma série de cogumelos-parasóes. Dir-se-ia uma pequenina rua cujas casas não têm fachadas. Vamos por ella. Uma vez que as janellas estão abertas, insinuemos de passagem o nosso olhar; que digo? entremos sem bater e sem nos fazer anunciar, pois que não ha portas nem porteiros.

\*\*\*

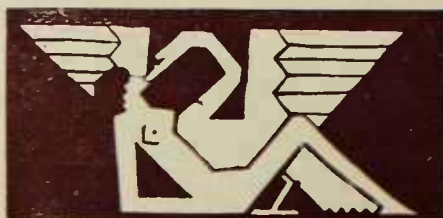
**PARASOL NUMERO 1** — Gente chic e bem vestida. Têm, ambos, os olhos pregados ao azul do céu. Desde ha tres quartos de hora que alli estão e não trocaram palavra. Cada qual pensa numa coisa que não interessa ao outro. E sentem-se bem sob o parasol, porque a animação ambiente propicia os seus devaneios.

— Ella julga que eu me interesso pelo que se passa em tôrno e deixa-me socegado... pensa o rapaz.

— Elle julga que eu me interesso por todos esses imbecis e deixa-me em paz... pensa a moça.

**PARASOL NUMERO 2** — Classe média.

Um senhor já madurão e tres damas nas mesmas condições. Elle fala e ellas ouvem. E' um «causeur». As damas ouvem com respeito a erudição de dicionario do cavalheiro. Elle tenta explicar porque a maré monta e cresee. Infelizmente entre





as senhoras há uma curiosa que o embaraça com as suas perguntas. Mas logo as tres damas, cansadas de ouvir, mergulham nos seus devaneios respectivos, limitando-se a menear ligeiramente a cabeça afim de não desanimarem o orador que continua a desfiar todas as banalidades e todos os logares-communs.

PARASOL NUMERO 3 — Um flirt. Elles se olham nos olhos e se dizem baixinho coisas que devem ser muito ternas, pois que cada qual parece agradecer ao outro as palavras ditas. Jovens recém-casados? Uma aventura? Sentimo-nos indiscretos e, não podendo fechar a porta, passamos adiante...

PARASOL NUMERO 4 — Um senhor, a esposa, duas filhas de physico ingrato, com dote e desejo de casar. Parasol melancolico e provincial. Silencios interminaveis cortados por breves reflexões que não valiam a pena de serem pronunciadas. Tédio. Mediocridade. Preoccupações de futuro...

PARASOL NUMERO 5 — Um senhor, só, lê um jornal da primeira á ultima linha, sem levantar os olhos, haja o que houver. Como um jornal não é tão longo assim, a gente supõe, ao fim de uma hora, que o cavalheiro recomeça a leitura, desde a primeira linha...

PARASOL NUMERO 6 — Um viveiro de passaros. Duas senhoras tagaré'as, tres moças e quatro meninas chocalheiras. Nove pessoas e nove conversações. Uma «soirée», de papagaios zarolhos. E' o record de velocidade dos moínhos de palavras. Tres assumptos por minuto. Exclamações. Risos. Moto-contínuo da palavra humana. Tlín-tlín, ruido articulado mas sem significação. Elocução mecanica. Cascatas de riso. Jactos de syllabas. Quando já não ha coisa alguma, ainda ha muita coisa...

## Um verão da Independencia

Gonçalves Ledo cujo nome, depois de quasi um seculo de esquecimento, volta á tona para fulgurar na nossa historia com o maximo do seu esplendor, começou a trabalhar pela nossa emancipação politica com ideas republicanas muito antes de varios dos que são apontados como os seus autores exclusivos.

Quando se deu a invasão francesa em Portugal, sendo José Bonifacio lente da Universidade de Coimbra e Ledo académico, aquelle concitou os seus discipulos nascidos no Brasil a formarem um batalhão que fosse dar combate ás tropas de Junot. Gonçalves Ledo não accitou o convite do Andrada, e escrevendo para Londres a seu irmão Custodio, em 1808 assim se exprimia :

«Mas eu tenho razões patrioticas para não acompanhar o dr. Andrada nas forças de Frant. A invasão do general Junot, a partida do Rei e da Côte para o Rio de Janeiro, o Tratado de Fontainebe'au, os acontecimentos que ora se desenrolam na Europa são, e ninguem o negará de boa-fé, o início, sinão o grande passo da nossa formação nacional, da Liberdade do Brasil.

«Partirei d'aqui brevemente e acompanhado de mais amigos irei organizar no Brasil a primeira loja maçonica que será o centro da propaganda liberal no Brasil. —

*Joaquim Gonçalves Ledo.*»

Esta carta demonstra que Gonçalves Ledo iniciou entre nós a campanha da independencia antes mesmo da revolução pernambucana de 1817; sendo de justiça portanto que se lhe dê na nossa historia o logar de evidencia que lhe compete de direito pela intrepidez da sua acção intelligente.

— 103 —



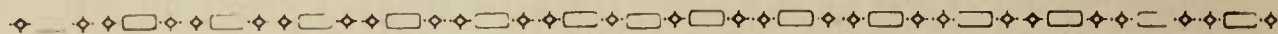
ARTE MEXICANA

Motivo de arte yucateca, de puro estylo indigena



AS OBRAS PRIMAS DA PINTURA

La Fortune passe, de Quinsac. — (Salão de Paris, 1912)



Tudo o que é justo já foi pensado, mas devemos fazer esforços para pensá-lo de novo. — GOETHE.

O amor desapareceu, era a innocencia do coração e a Humanidade está na idade adulta. — COELHO NETTO.

O MAIOR RELOGIO DO MUNDO é o do edificio da Metropolitana, companhia de seguros de vida com sede em New-York. Os ponteiros desse relógio monstro occupam a altura de tres andares e quando passam diante das janellas fazem tréva absoluta no interior do prédio.

SEGUNDO UMA ANTIGA superstição romana, cada mulher tinha um fio de cabelo consagrado a Proserpina, rainha dos infernos, e só morreria quando esse fio cahisse.

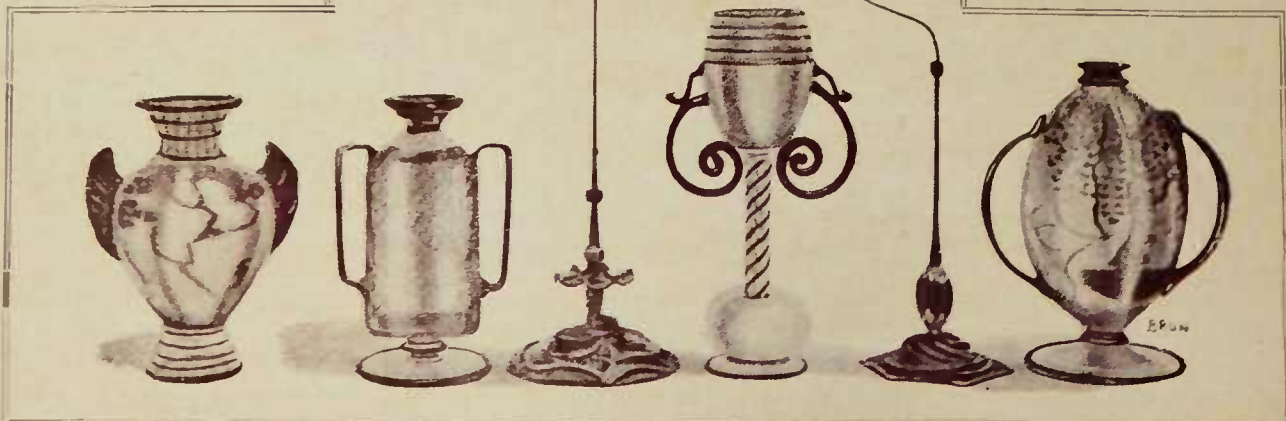
Uma bella série de trabalhos do mestre veneziano Umberto Belloto que com echnica segura e grande originalidade une o ferro fundido ao vidro e ao esmalte.

ANTES DA GUERRA esteve em moda na Allemanha o uso de photographias nas unhas. Esta moda foi lançada por um sobrinho do ex-kaiser que ostentava, sobre a unha, um minusculo retrato da sua noiva.

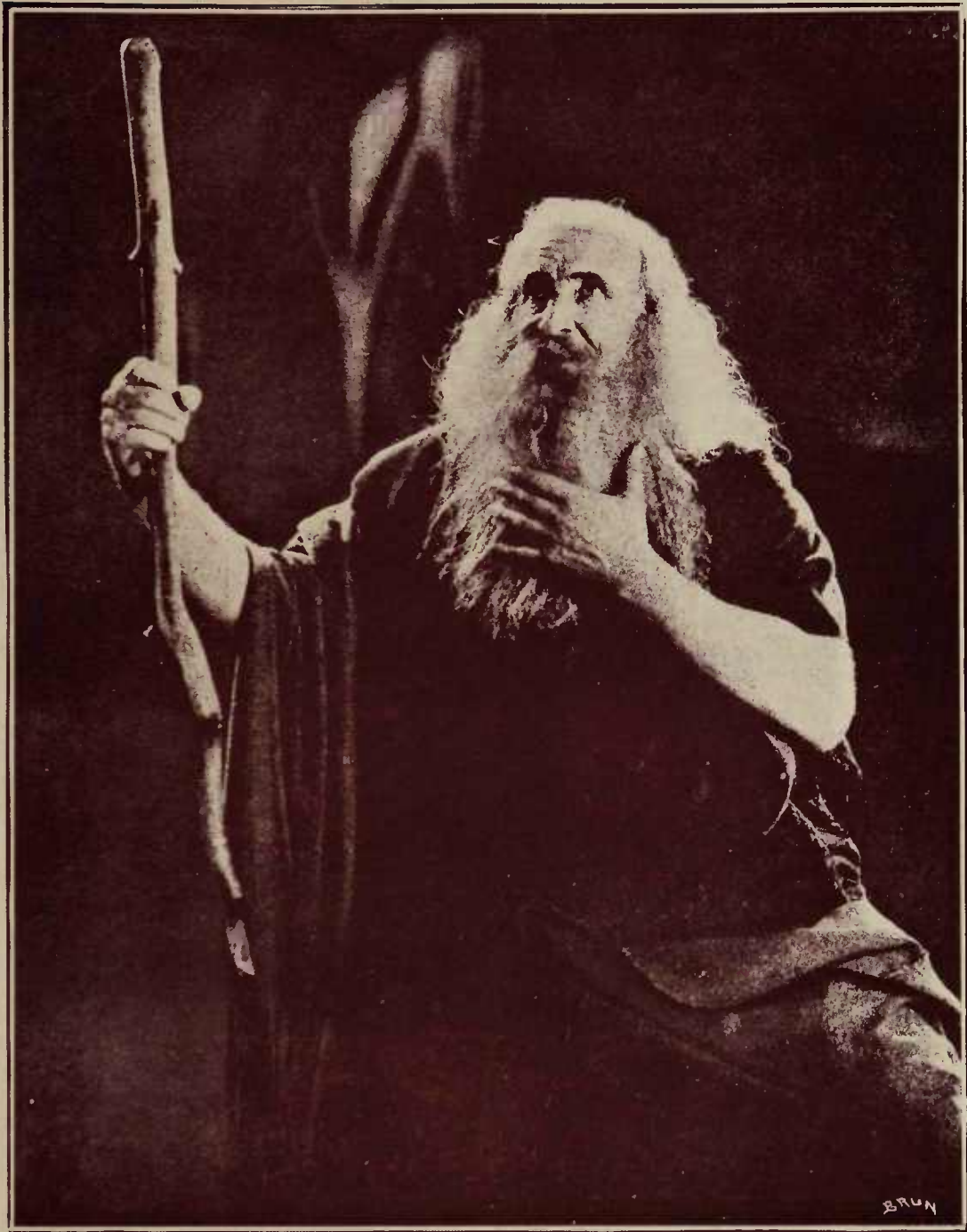
Como o chloroformio, a mentira tem a sua conta de ser applicada. A certo ponto é indispensavel retirar o fluido das narinas do anestesiado, abrindo as janellas por onde penetre a regeneradora corrente de ar e luz.

Eduardo Ramos

A BANDEIRA NACIONAL mais antiga é a da Dinamarca, que se usa desde 1219.







MOYSÉS, O LEGISLADOR

Uma interpretação de Theodoro Roberts, no prologo biblico d'Os dez mandamentos". a nova produção de Cecil B. de Milies.

VERSOS DESCONHECIDOS

DE RUBEN DARIO

**R**UBEN Dario, o «rouxinol de Nicaragua» como o classificou um critico, deixou uma obra vasta, attestado não só da sua fecundidade, mas tambem da sua esplendida imaginação. Com Amado Nervo, elle foi talvez a figura mais expressiva da poesia centro-americana, para não dizer da hespanhola pelos accents novos que introduziu no harmonioso e plastico idioma de Cervantes transplantado para os tropicos.

Além dos volumes que correm mundo, ha de Ruben Dario innumerados poemas que se perderam em publicações ephemeradas ou nas mãos de amigos.

A revista «Cuba Contemporanea» offerece-nos agora algumas dessas produções «quasi» ineditas. E todas ellas evidenciam o mesmo esplendor verbal, o mesmo sopro lyrico que caracteriza a personalidade do extranho cantor de «Prosas profanas».

Eis uma dessas encantadoras joias traduzida para a nossa lingua, em prosa, para não lhe prejudicarmos a idéa.

COMO POMBAS

«Ante a loira Cipria que inflamma o coração os tigres da Hircania se transformam em pombas ;

Ouve-se já o alegre ruído do carro de Titania, que enamorada, procura os beijos de Oberon.

A festa das rosas e o canto dos ninhos enchem os verdes campos e povoam o vergel.



Despertam nos pincares os passaros adormecidos sobre as folhas frescas do lyrio e do loureiro.

Quem é essa que chega, tão bella como Flora? Quem é essa divina e adoravel imperatriz ?

Quem é essa que tem os labios da Aurora, e a fronte casta e pura como uma flor de liz ?

Quando anda, esparge lyrios; e quando olha, estrellas.

Quem seu sorriso visse, para morrer depois ! Quem um formoso principe fosse para seguir-lhe o rastro ! Quem fosse um deus amante para beijar-lhe os pés !

Por ella, um passaro está triste na montanha, porque sentiu o perfume da fragrante flor. Viu-a o céu n'uma noite magnifica e extranha, e um astro por ella está morrendo de amor.»

UMA SENHORA de idade indefinida canta num salão uma coisa rarissima a que ella propria chama romanza. Um ouvinte pergunta a outro :

— Como se chama isso ?

— «O adeus á vida».

— Não diga mais nada. Eu pago o enterro...

— Conheces o doutor Lopes, especialista em molestias da pelle ?

— Como não? Fui o primeiro cliente a quem elle arrancou couro e cabelo...

—40—

PROVERBIO CHINEZ

O melhor disfarce para se viajar sem medo dos ladrões é o de policia; o melhor para se viajar sem medo da policia é o de ladrão.



# OS FRUCTOS DE UMA ADMINISTRAÇÃO PROGRESSISTA EM SERGIPE

## Como o dr. Graccho Cardoso vae encarando o problema da instrucção no Estado

**S**ERGIPE está agora entregue a uma administração honesta e intelligente, que trabalha. O Sr. Graccho Cardoso, primeiramente, soube cercar-se de um conjunto de auxiliares, antes do mais jovens, e cheios de leaes intenções de trabalho. Da irreprochavel gestão dos negocios publicos daquelle Estado, tem-se uma sincera e inconfundível impressão, atravez a leitura da recente primeira mensagem do governador sergipano, que é um documento á altura dos meritos do principal auxiliar do mais efficiente ministro da agricultura, que jamais tivemos, Sr. José Bezerra.

Da leitura da alludida mensagem, sente-se que Sergipe entra n'uma segura phase de trabalho e prosperidade. Antes do mais, as suas finanças vão sendo postas em ordem, e o seu novo governador vae encontrando recursos, para pôr em funcção as forças vitaes do Estado. Primeiramente, a receita a ascender, de maneira a já quasi attingir o nivel excepcional que se alcançou com a guerra. De outro lado, enquanto as rendas se fortalecem, é exacto que as despesas tambem avultam, mas se invertendo a renda em obras e serviços de patente utilidade para o Estado. E' assim que, levando para o governo do seu Estado, uma noção avisada das forças economicas nacionaes, o Sr. Graccho tem as suas vistas de preferencia voltadas, para a economia agricola de Sergipe. E o plano, que s. excia. esboça, nesse particular, em sua mensagem, não ha duvida que merece os mais francos applausos.

Mas não é só neste importante campo da administração publica, que o governo de Sergipe tem concentrado os seus cuidados de atilado homem de governo. A instrucção publica, conforme

se sente da mensagem, está lhe merecendo util attenção. Acompanhemos em parte as palavras do governador Graccho Cardoso nesse particular. Diz s. excia.:

Sergipe, tradicional viveiro de excellentes educadores, não deve esquecer o seu brilhante passado, cumprindo-lhe por um pouco mais de desvelo e de carinho na formação dos mestres incumbidos de preparar as gerações do futuro. Não ha funcção tão primordial para um povo nem mais delicada para um Governo. Seleccionemos, associemos a aptidão ao saber, enfim reformemos sinceramente a nossa instrucção, a começar pela normal, porquanto só os professores consumados tornam as escolas capazes.

De que vamos a cada passo comprehendendo melhor que o ensino é um alimento indispensavel é documento frisante a crescente progressão da matricula geral nos estabelecimentos escolares, consignada na estatística abaixo:

Annos	Matricula	Frequencia
1920	9.669	7.434
1921	9.860	7.855
1922	10.032	7.940
1923	10.841	8.694

Actualmente, o Estado mantém 243 estabelecimentos de ensino, assim discriminados: Atheneu Sergipense 1; Escola de Commercio 1; Escola Normal 1; Escola Complementar 1; Grupos Escolares, na capital 4; em Estancia 1; em Capella 1; Reunião de Escolas, 1.

O numero de escolas isoladas attinge a 227, sendo: na capital, 12; nas cidades, 52; nas villas, 38; em povoados, 152. Para meninos, 46; para meninas, 50; mixtas 131.

O movimento dessas escolas foi o seguinte:

	Matricula	Frequencia
Meninos	4.241	3.359
Meninas	4.499	3.565
	— — —	— — —
	8.740	6.924

A matricula em duas escolas nocturnas de Aracajú, em duas da cidade de Estancia e em uma de Propriá, unicas existentes, accusa este movimento assás desfavoravel e significativo do pouco proveito que representam: matricula masculina, 95; feminina, 89; frequencia masculina, 58; feminina, 81; ou seja o total de matricula de ambos os sexos, 184; total de frequencia de ambos os sexos, 139.

Dos 10.032 alumnos matriculados nos grupos e escolas isoladas no anno de 1922, apenas 160 terminaram o curso primario de 4 annos, retirando-se a maioria no 2.º, 3.º e 4.º annos, antes dos exames finaes. Desses 160 alumnos que terminaram o curso, 102 são do sexo feminino e apenas 58 do sexo masculino, assim distribuidos: nos grupos escolares da capital, 88, sendo 23 meninos e 65 meninas; no grupo escolar de Cappella, 5, sendo 4 meninos e uma menina, e nas escolas isoladas, 67, dos quaes 31 meninos e 36 meninas.

Quanto á inspecção escolar, o numero de zonas em que se reparte o Estado foi reduzido a tres, consoante o decreto n. 804, de 23 de Abril do corrente anno.

A primeira abrange 5 grupos e 49 escolas isoladas; a segunda 1 grupo, 1 reunião de escolas e 83 escolas isoladas; a terceira 95 escolas isoladas.

As Caixas Escolares devem subsistir tanto pelo auxilio official como pelo favor popular. Entre nós, o prestimo dessas instituições mixtas não logrou ainda arraigar-se no entendimento e nos habitos das populações, de sorte que desfallecem por ausencia de socios contribuintes. A situação dellas está a solicitar das vossas luzes uma providencia.

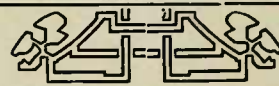
Por sua vez, a hygiene escolar, o mais palpitante aspecto da hygiene moderna, urge ser creada e systematizada, por maneira adequada e completa.

Nesta ordem de ideas adeantadas, um dos cuidados do governo sergipano foi transformar muitos edificios de cadeia, no interior do Estado, em escolas e grupos escolares. E' dessa nova orientação que surgiram os grupos escolarse de Sylvio Roméro e Vigario Barroso. Mas além dessas adaptações felicissimas, registra-se a criação de novos grupos escolares, nos pontos mais importantes do pequeno e progressista Estado.

Estas ideas adeantadas do actual governo sergipano ainda mais se precisam na attenção com que o Sr. Graccho Cardoso procura melhor apparelhar o «*Athenaeu Sergipanus*», curando especialmente de uma bibliotheca digna de sua finalidade. Mas não é só da instrucção em geral que cura zelosamente o avisado administrador. Correlatamente com um intelligente plano de economia agricola, o Sr. Graccho Cardoso vae attendendo com muita visão, ao problema da educação profissional. E' nessa ordem de cuidados que a mensagem merece ser lida attentamente, principalmente quando trata do Instituto Profissional Coelho e Campos.

Hoje, esse Instituto tem um bello patrimonio. Além disso, é uma officina de trabalho e riqueza utilissima para o Estado.

Só esse lado de uma administração seria o bastante para recommendar á gratidão dos habitantes de um Estado, a conducta de um administrador. Vê-se que ha ali uma intelligencia culta e progressista, liberta dos cuidados absorventes da politicalha. Este exemplo, que dá Sergipe, é o que se impunha nos demais Estados da Federação que se amofinam n'um ambiente irritante de competições pessoais.



A experiencia de nada vale, porque um facto nunca se reproduz com as mesmas circunstancias. — PIERRE LOUYS.

De quantos assassinatos se compõe uma grande batalha ?

Eis um ponto em que a nossa razão se perde e nada sabe dizer. — ALFRED DE VIGNY.

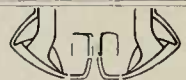
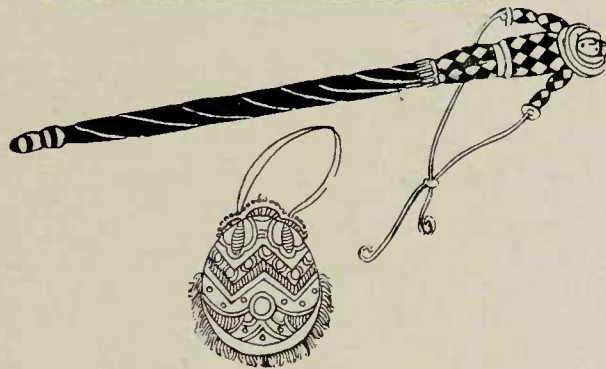




Dedicando embora todas as forças da sua attenção á moda em conjunto, a mulher não deve nem por um momento descurar os detalhes.

O mais insignificante pormenor é capaz de comprometter todo um systema

construido com o maior carinho: E' por isso que a industria se esforça por dar um cunho elegante e e distincto aos menores objectos: bolsas, sombrinhas, leques, que são os modestos auxiliares da gloria feminina... no footing e nos salões.



## A ASSUMPCÃO E OS PINTORES

**E**M todas as épocas foram os mestres de arte inspirados pela imagem da Virgem e a interpretaram diversamente.

Limitemo-nos aos antigos: uma das primeiras obras conhecidas é a pintura a fresco de S. Clemente, em Roma, que data do seculo nove

Em todos os museus do mundo se acha representada essa apotheose de Maria. Como citar todos os *sanctissima assumpta* da Italia? Ha os de Andrea del Sarto, de Perugino, de Tintoretto, de Paulo Veronez. Ticiano havia feito uma obra-prima que por muito tempo ficou ignorada no convento de Frari, onde foi descoberta,

em 1518, peloi marquez de Cigognora, que a doou á Academia de Veneza.

Dresde possui uma Virgem carregada por anjos sobre nuvens, composição de Raphael. Em Dusseldorf ha sobre o mesmo assumpto um quadro de Rubens, como na National Gallery, de Londres, se encontra um interessante trabalho de Boticelli. Mas de todos os genios da pintura, é Murillo o que merece o titulo de pintor da Virgem. Ha, do mestre hespanhol, tres assumpcões na Inglaterra e uma em Petrogrado.

Quanto a Poussin, pintou nada menos de treze quadros sobre o assumpto.

# SYPHILIS? só Luetyl



## A PALAVRA OFFICIAL

.....  
Contra factos não ha argu-  
mentos nem concurrentes

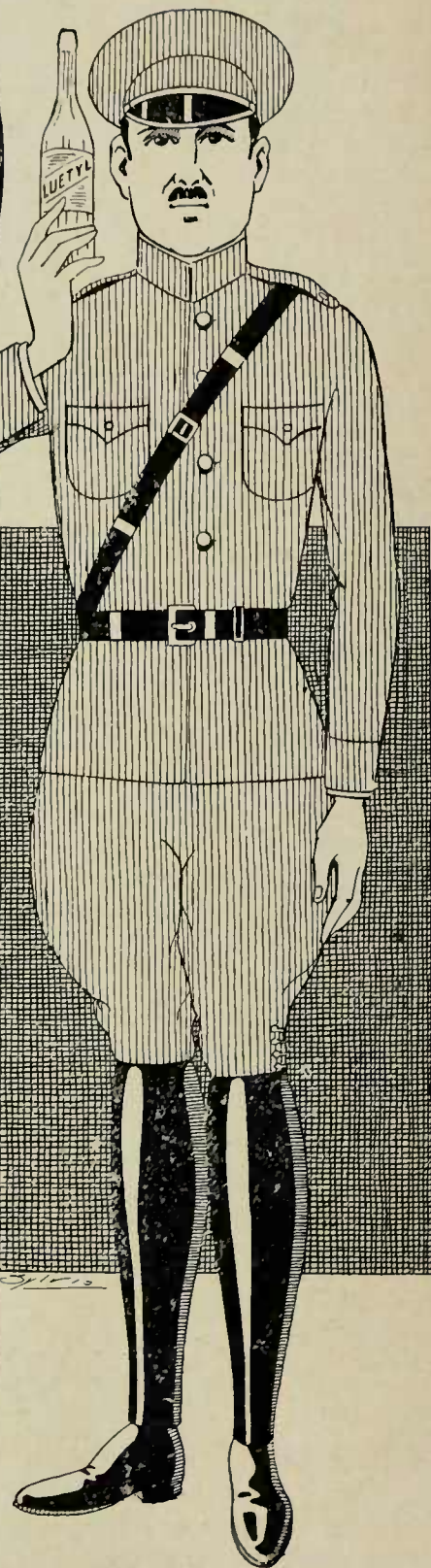
O que diz o Governo no  
Hospital Central do Exercito

Attesto que empreguei o prepara-  
do **LUETYL**, em um caso de sy-  
philis cutanea, na 8.<sup>a</sup> enfermaria obten-  
do um resultado surprehendente. O  
doente, que pesava 38 kilos, augmen-  
tou seis kilos com o uso de vidro e  
meio do referido preparado, tendo as  
manifestações cutaneas cicatrizado  
completamente.

(Assignado). Dr. Humberto Mello,  
1.<sup>a</sup> tenente encarregado da 8.<sup>a</sup> enfer-  
maria.

.....  
**O UNICO QUE DIZ**  
Basta tomar um vidro, si for Syphilis  
ficará melhor, aumentará de 1 a 4  
kilos; si não ficar melhor procure o  
seu medico.

**LEIAM A BULLA**





## O THEATRO RUSSO CONTEMPORANEO

**A**NTES da revolução, o theatro dramatico russo havia chegado á perfeição. O «Theatro de Arte», de Moscú, depois de haver feito, em 1905 e 1906, a sua «tourné» pela Europa e pela Norte-America, tornou-se famoso em todo o mundo. O seu director, Stanislavsky, que foi o creador e o inspirador desse theatro de naturalismo puro, parecia antes o propheta de uma nova religião theatral e os artistas que o acompanhavam foram bem os seus fiéis.

Todos elles, artistas de primeira ordem no desempenho dos seus papeis, por mais insignificantes que estes fossem, se transformam na personagem que representam e conseguem crear uma figura perfeitamente real e viva, o que explica a funda impressão que sempre causou ao publico. O espectador crê contemplar a propria vida palpitante e não a sua representação no palco.

Com a revolução bo'shevista uma parte da companhia do «Theatro de Arte» deixou Moscú e, com grande exito artistico, percorre a Europa e a America.

A outra parte permanece no seu paiz e trabalha actualmente no seu antigo theatro. O seu repertorio é formado pelas peças de Chejov, Andreiv e por obras classicas, tanto russas como estrangeiras. Entrementes, a revolução russa exerceu uma grande influencia sobre a

evolução da arte dramatica daquelle paiz. Entre os artistas e directores das companhias appareceram reformadores e revolucionarios que tinham sobre os fins da arte theatral opinião propria, bem distincta da de Stanislavsky.

Segundo o seu criterio, o theatro não deve servir para reflectir a vida real, mas para crear o seu proprio mundo de illusões e de sonhos.

Com esse proposito renunciaram, pois, ao ultra-naturalismo do «Theatro de Arte» e querem voltar á antiga fórma da *artificialidade* no palco.

Um desses revolucionarios theatraes, Fairoff, instituiu em Moscú o «Theatro de Camara». Outros artistas, entusiastas como elle e adeptos da nova crença theatral, formaram a companhia do seu theatro, cujo repertorio consiste em tragedias e *arlequinadas*. Os pintores russos das escolas modernissimas fazem decorações para esse theatro ultramoderno e desenhos para os trajés dos interpees, verdadeiramente fantasticos.

O theatro é frequentado pelo seu publico sempre numeroso.



**PHOTOGRAPHIA ARTISTICA**

*Retrato de criança, de Remfeldt, norueguez*

\*\*

Outro revolucionario theatral, Vajtangoff, morto ha pouco, tornou-se famoso e até ines-

quecível pela sua direcção das peças do theatro «Habima».

Este theatro, creado em Moscou ao tempo da revolução, é a primeira tentativa da representação, na Russia, de peças dramaticas em hebreu antigo. Os artistas que formam o seu elenco são jovens dotados de muito talento e entusiasmo. O melhor testemunho do valor de tal conjuncto é a carta de Maximo Gorki publicada num periodico russo editado em Berlim, na qual o eminente escriptor diz que os artistas do theatro «Habima» o fazem recordar os do «Theatro de Arte», na época da sua juventude, quando, cheios de entusiasmo, estavam a crear a famosa companhia.

Em 1918 formou-se em Petrogrado o primeiro theatro infantil sob a direcção de Borich e de um conselho theatral formado de famosos pedagogos e cultores da litteratura infantil.

Até agora, em nenhuma parte do mundo, despertou interesse a criação de um theatro infantil, a não ser as tentativas de uma sociedade pedagogica de Budapest e as de Benevente, na Hespanha, todas infructiferas.

No entanto o theatro infantil pode considerar-se como uma forma ideal de theatro em que os artistas e o publico se sentem unidos, pois que os meninos, que possuem a imaginação mais viva e espontanea que os adultos, participam da vida do palco com toda a alma e apreciam com entusiasmo o trabalho dos artistas.

Ao theatro infantil se attribue uma grande importancia pedagogica. Nelle se representam peças de character instructivo que muito influem no desenvolvimento da moral dos meninos.

Funciona actualmente em Berlim um theatro infantil russo que tem sido muito apreciado pelo proprio publico allemão.

O repertorio do theatro infantil compõe-se dos melhores contos de Andersen, de Kipling, etc., e de peças especialmente para elle escriptas.

Nos theatros de opera, na Russia, tambem se realizam representações especiaes para a infancia.

As companhias de bailados russos são famosas no mundo inteiro. As companhias russas de opera fazem tambem a propaganda intensa da musica russa.

Assim, pois, a revolução russa não acarretou a decadencia da arte theatral daquelle paiz, mas produziu, ao contrario, a eclosão de formas novas que farão epoca na arte theatral.

R. L. de Dorfman.

—«0»—

E' precisa ás vezes tanta bravura para arrostar o encomio face a face, como as aggressões. — Raul POMPEIA.

—«0»—

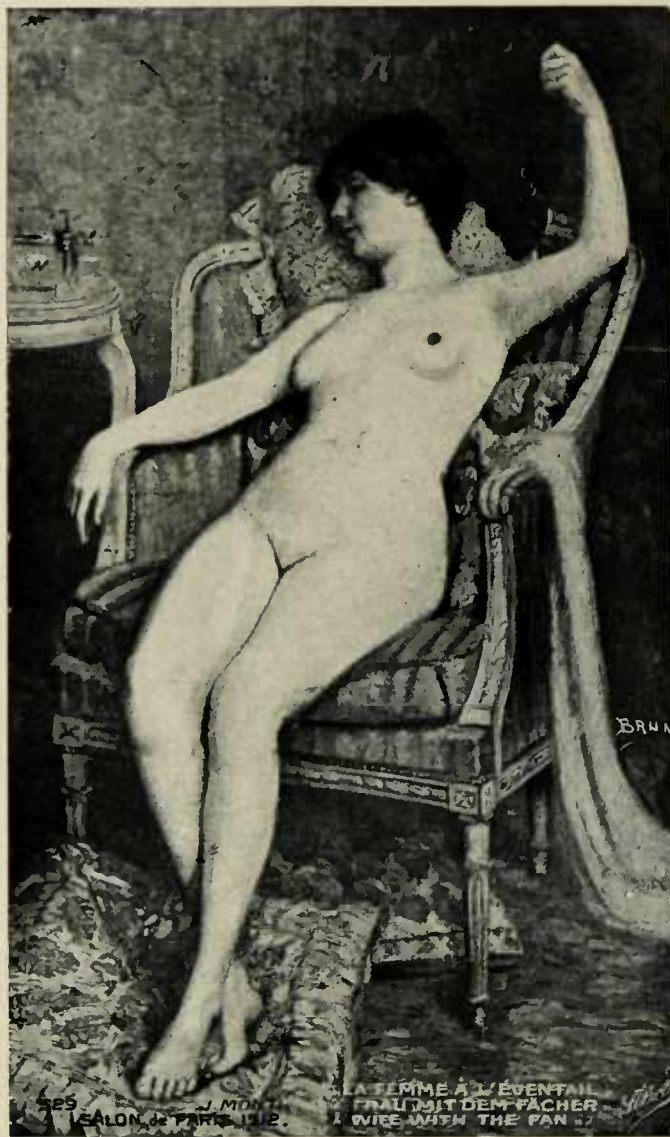
EM UGANDA é impossivel construir-se uma rede telegraphica porque os negros cortam e roubam os fios de cobre para fabricarem braceletes.

—«0»—

Só os grandes corações sabem quanta gloria ha em ser bom. — FENELON.

—«0»—

O melhor meio de se desfazer de um inimigo é fazel-o um amigo. — HENRIQUE IV.



## O NU' ARTISTICO

“La femme à l'éventail”, de J. Monti. (Salão de Paris, 1912)



## O DINHEIRO NAS RUAS

**O** México possui um trio de cidades celebres desde séculos passados pela sua exploração das minas de prata: Guanajuato, Zacateca e principalmente Catorce, esta envolta numa nuvem de lendas. Uma fabulosa história de quatorze bandidos com tesouros ocultos na montanha escarpada em que Catorce se alcañdóra, dá-lhe uma atracção mysteriosa e terrível, a que se junta o encanto do logar extranho em que está situada a cidade mineira.

A montanha, quasi inacessível, cava-se numa especie de valle e ahi, como num nicho, se aninha a cidade. O tecto em fórma de terrasso de uma casa serve de apoio ao rez-do chão da outra. Nenhum vehiculo pôde circular nesse verdadeiro funil. Um longo tunnel que penetra a montanha e desemboca nos valles serve para o transporte de mineraes que é feito por vagões tirados por mulas.

Com o tempo, os terrenos argentíferos das montanhas parecia terem-se exgoitado. Agora, porém, descobriu-se que o sólo da cidade é mais rico ainda em prata do que as escarpas que a circumdam. Os proprios residuos das minas abandonadas contém ainda fortunas. Desta fórma, a exploração recomeçou com enorme intensidade: põem-se abaixo as casas, excavam-se as ruas que encerram tesouros mais preciosos ainda do que os dos quatorze ladrões da legenda local. E quem passa pelas ruas, deslumbrado com tanta prata, sente a impressão de que o precioso metal casca-teia pelas sargetas. E' a realização de uni sonho das "Mil e uma noites"...



— A MODA —

Elegante costume de Marion Belle em "crêpe marocain" preto, com blusa e vistas de crêpe da China "beije" e preto.



## O AMOR EM LITTERATURA

**O** AMOR foi sempre, e em todas as civilizações, um dos principaes temas litterarios. Porque? Porque o amor é com effeito o centro da vida e a preocupação maxima do genero humano? No entanto talvez tudo se possa explicar como um caso de utilitarismo, de negocio litterario. Sim, fala-se muito de amor em litteratura porque os verdadeiros consumidores, os que formam a grande clientéla litteraria, são os jovens...

Estes formam a massa espessa do publico, a multidão impaciente e curiosa, o numero, o entusiasmo. São elles que se encarregam de exgottar as edições e de encher os theatros. São elles que lêem ávidamente, gulosamente, a qualquer hora do dia ou da noite, no peor dos logares, na mais incommoda das situações, sacrificando o somno, a alimentação, os prazeres, tudo enfim, pela satisfação do seu vicio imperioso. Mais tarde fazemo-nos displicentes, parcimoniosos, exigentes; vacillamos muito antes de lêr um novo livro e exigimos que elle nos diga coisas extraordinarias, porque a vida, por sua conta, já nos narrou muita coisa...

Não somos nós, os homens maduros, que fazemos com que se exgotem as edições. São os moços. E estes vivem cheios de idéas e sensações de amor. Assim se comprehende que escriptores e editores adulem e favoreçam a essa paixão erotica da juventude. Quasi todas as novellas começam monotonamente tratando, desde a primeira pagina, de um conflicto de amor, ou descrevendo uma indecente scena de luxuria. Mesquinha escravidão litteraria! Triste negocio, quando não se faz por necessidade do temperamento e sim por ganancia!

Os tragicos gregos nos demonstram que é possível realizar um dos maiores esforços litterarios sem que o amor sexual intervenha sinão em pequena parte. A tragedia grega do grande seculo manobra com outros conflictos mais profundos e mais humanos do que os que provêm do erotismo.

O amor filial e fraternal, o culto dos antepassados, a superstição religiosa, o odio, a vingança, a ambição, eis os principaes motivos da tragedia grega, tão cheia de paixão e de ternura, apesar da ausencia quasi completa do erotismo e da luxuria.

Jose M. SALAVERRIA

## “ESCRITORIO DE PSYCHIATRIA”

**O** SERVIÇO de objectos achados, da prefeitura de policia de Paris, recebeu o nome de «escritorio de psychiatria e não ha um só dos seus empregados que não saiba a razão disso. A clientéla que elle recebe não se renova tanto como se poderia imaginar. São, em principio, sempre os mesmos os que perdem qualquer coisa e que voltam, pois o esquecimento é nelles um mecanismo de repetição.

Ha casos incriveis até: os de pessoas que esquecem naquella repartição o objecto que acabam de recuperar, ou outro qualquer, o que é conforme a theoria dos actos fallidos de Freud.

Uma senhora perde a sua bolsa, dá 10 francos de recompensa ao receptor do bonde que a achou e, alguns minutos mais tarde, deixa-a de novo num outro bonde.

Ha pessoas que perdem até a noção do caminho percorrido ou, quando escrevem, esquecem de dizer o indispensavel, isto é, o objecto perdido e reclamado: falam dos pais, dos amigos, das relações, do interesse que têm pelo objecto, lembrança de familia, contam a historia desse objecto mas esquecem de dizer de que se trata. Outras pedem uma resposta urgente, assignam de modo illegivel e não deixam o endereço!

Outro caso: um rapaz entrou lá um dia para buscar uma bengala que esquecera num bonde. O empregado consultou os livros e achou o registro da bengala. O rapaz desceu ao *guichet* das restituções, deixando no 1.º andar as luvas e o chapéu. A surpresa fzerá-o perder a cabeça. Recebida a bengala, elle assigna o recibo e... deixa-a no *guichet*!

Felizmente um empregado o espiava e não deixou que o rapaz sahisse de lá... sem paletot!

## O ESTYLO É O HOMEM

Eis uma phrase muito citada por pessoas que nunca leram o discurso academico de Buffon.

Ora, o grande naturalista disse «Le style est de l'homme même» querendo declarar com isso, não como se crê communmente, que a maneira de escrever de um autor trác o seu temperamento, mas que o estylo sómente, isto é, os materiaes que pertencem a todo mundo, constitue o mérito e a originalidade de um escriptor.

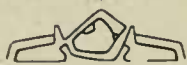






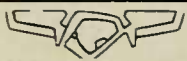
MUNDO SIDERAL

Florence Vidor, uma estrela que  
vale uma constelação...



## O involuço soberbo

A mulher deve aparecer-nos numa auréola de luxo, sentenciou o grande romancista em cuja obra a mulher a todo momento perpassa, num bater de asas ovantes ou estilhaçadas. Verdade profunda de que se compenetraram os . . . costureiros, a ponto de crearem trajes como esta sumptuosa capa de veludo *broché*, trabalho parisiense que vem mais uma vez justificar a delação do sceptro da moda pela grande Cidade-Luz.





## AS NOITES DE VERÃO NO OUTEIRO DE -- MONTMARTRE --



Uma pequena praça, rectangular e calma, plantada de arvores e que se julgaria de alguma villa longinqua si não fosse o kiosque-vigia que a afeia.

As casas, em volta, têm apenas dois andares. Suas velhas fachadas fendem-se sob os telhados.

Por toda parte creanças brincam; creadas vão á fonte, gatos espreguiçam-se ao sol. Nas janellas roupas brancas enxugam.

Algumas lojas: um merceeiro, uma leitaria, e vendedores de vinho, conforme as taboletas dos seus estabelecimentos.

Estamos todavia em Paris, ao lado do Sacré Coeur, no cimo do Outeiro de Montmartre e é a praça do Tertre que marca o ponto mais alto da capital, pois se eleva a 129 metros acima do nivel do mar.

Quem, portanto, entre as pessoas da cidade, tentaria essa ascensão pelas ruas estreitas e pedregosas, que acabam, na maior parte, em escadaria? Com certeza pequenos burguezes e artistas de uma nova «Vie de Bohème» que se installaram nessas alturas estão ao abrigo dos visitantes indiscretos...

A's 8 horas da noite ahí estamos, e subitamente a pequena praça se enche de uma animação inesperada. De todos os lados, por estas quentes noites de verão, um extranho publico afflue: burguezes abastados, pessoas do povo, personalidades do «Tout-Paris», inglezes e americanos de passagem. Uns vêm a pé ou pelo

funicular de Montmartre, outros em taxi, outros ainda em seu próprio carro, pelas ruas Lepic e Lamarck. Em breve estabelece-se a balburdia. Os automoveis com os motores estafados são arumados com difficuldade.

Como por encanto os passeios, o centro da praça e as calçadas exteriores, inclusive, se cobrem de mesas, cadeiras e bancos que são disputados pela multidão.

Um milagre converteu a menor barraca no maior restaurante que, de uma cosinha de 4 metros quadrados no fundo da loja, fornece cincoenta, cem jantares...

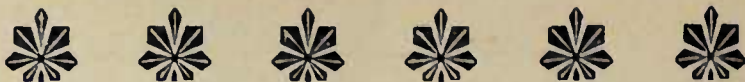
Podeis escolher: aquí a «Maison Catherine», o Clairon des chausseurs à pied», o «Restaurant du Tertre». Num aristocratico isolamento, na praça Calvaire, contigua, está o «Coucou». No canto da rua Saint Rustique está o «Moulin joyeux».

Podeis pedir um menú succulento: Legista á americana, frangos á caçador... O preço está na altura das exigencias.

Si tiverdes que esperar vossa mesa, aproveitae para ir até á loja de antiguidades, sob esta taboleta «The Old Curiosity Shop»: allí encontrareis estatuetas em gesso de Joanna D'Arc e de Napoleão...

Tal é, effectivamente, a ultima predileção parisiense: ir jantar ao ar livre, no Outeiro de Montmartre. E' coisa aliás agradável. Em volta de nós a vida do bairro continua. Um philosopho, num banco, fuma indifferente o seu cachimbo. Um casal familiar, hospede de uma tenda mais





## PÚRPURA Y MÁRMOL

*Desnuda en la opulencia de su carne estatuaria,  
en la alcoba purpúrea de imperial terciopelo,  
está la hembra imponente. Lo excesivo del pelo  
la obliga a andar con cierta molicie involuntaria.*

*Los espejos son de una limpidez visionaria,  
y en su fondo que miente lontananzas de cielo,  
la mujer se contempla con fanático celo,  
entanto que modula las cadencias de un aria.*

*Por las altas ojivas entra el sol de la tarde ;  
reclumba en los tapices ; en las púrpuras arde,  
y en la alcoba el ocaso se refugia y c mpendia.*

*Y entre la llamarada de carmin del instante,  
la mujer es cual una columnata joyante  
de una ciudad de mármol que de pronto se incendia.*

Miguel RASCH ISLA.

(Do livro «Cuando las hojas caen...» recentemente apparecido em Bogotá, Colombia).

## As moscas falam e ouvem



Depois de terem verificado que as aranhas gostam da musica, que os peixes ouvem e outras curiosidades desse jaez, tentaram os sabios descobrir si as moscas falam entre si. Um doutor americano chegou enfim a constatar que essa linguagem existe e que não é puramente mimica como a das formigas. As moscas emittem sons variados e dis-

modesta, está installado sem cerimonia, pois o homem tirou o paletot...

Os «petits Poulbots» andam entre as mesas não recusando alguns vintens, nem punhados de cerejas...

Os cantores populares modulam romanzas seninentacs acompanhando-as nas suas guitarras, antes do peditorio...

Estes hospedes elegantes, cujo auto espera sobre o rude pavimento da rua Mont Ceais, estes estrangeiros que a complacente indicação dum porteiro de hotel fez subir em tão alto na falaz esperança de se misturarem com os «rapins» e que se admiram de se reverem como em uma tour-

tinctos. O aparelho para isso usado foi o microphono e o observador teve occasião de escutar, durante duas horas, a palestra que entretiveram animadamente tres illustres moscas.

As tres distinctas representantes da familia das muscidas commentaram jovialmente a questão do cambio, do desarmamento, da tuberculose e dos assucareiros hygienicos e a conversa terminou com a phrase lapidar da mais velha :

Não! Decididamente o homem é o rei... da blague!

née da Agencia Cook, suspeitarão, porventura, da riqueza de recordações que surgem de todas as partes em volta delles ?

Porque Montmartre. — o verdadeiro, o do Outeiro, que nada tem de commum com as «boîtes de nuit» fraudulentas do bairro Pigalle — conservou o seu acolhimento familiar.

A fama que agora o beneficia durará muito tempo ?

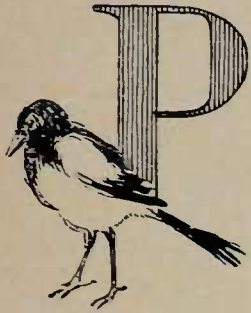
Robert de BEAUPLAN





# DIALOGO SOBRE O AMOR

## O NAMORADO



POIS eu te asseguro: tudo adquire uma realidade luminosa. O mundo iluminou-se para mim. E o que até então era para mim vazio de sentido, o que precisava de explicação, torna-se agora transparente... Na realidade, um sopro do Espírito Divino acaba de visitar-me.

## O MISANTHROPO

Porque todas essas exclamações atropeladas e presumçosas? Simplesmente porque estás apaixonado. Isso te dá um ar grotesco de sufficiencia, quando o natural seria que, conhecendo o ridiculo que ha sempre no amor, tratasses de dissimular-o.

## O NAMORADO

Pois não te commove o espectáculo do a-

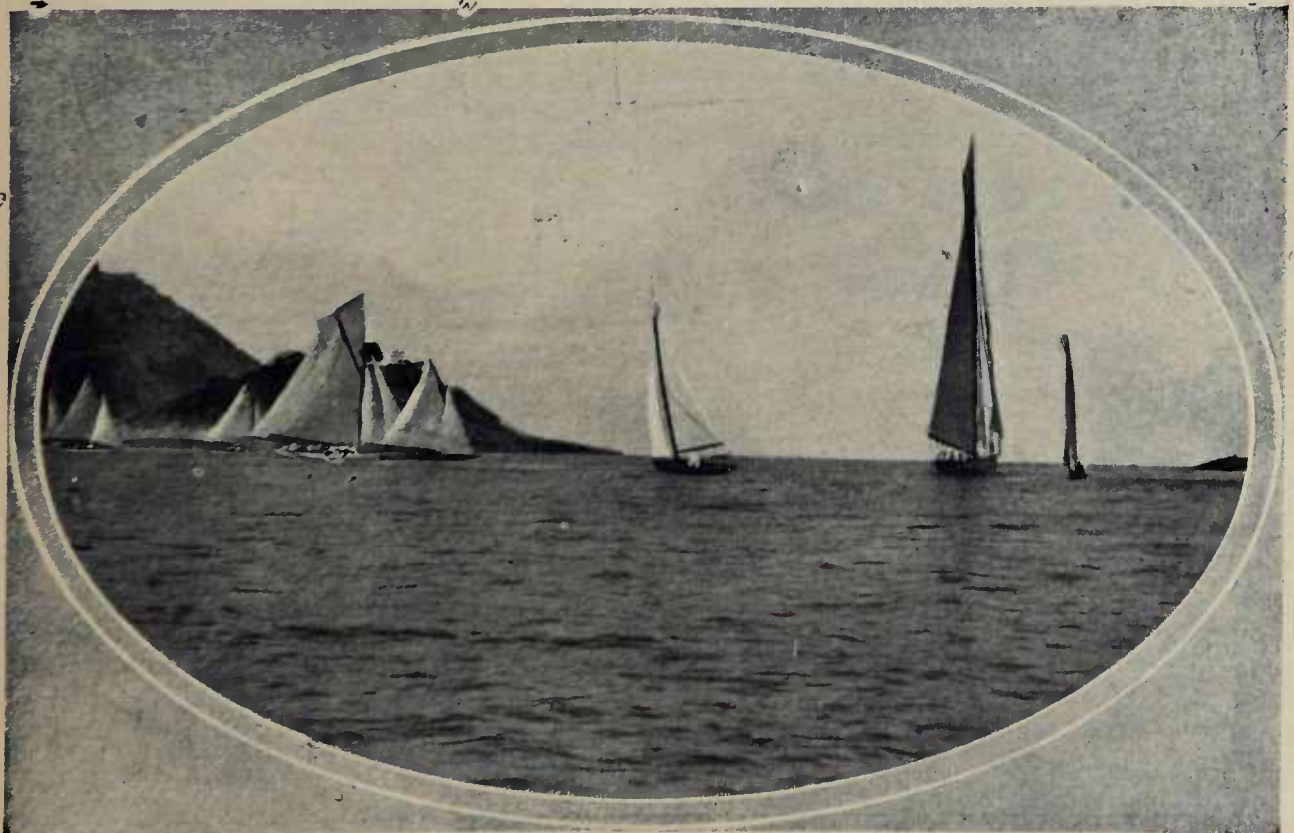
mor? Estás até esse ponto carcomido e aviltado pela tua taciturna misanthropia? Nada ha, sob o céu, tão transcendente como o amor.

## O MISANTHROPO

O amor, ao contrario, é a função mais logica, quotidiana e vulgarmente necessaria que existe no mundo. Por isso se torna sempre ridicula a vaidade com que o apaixonado proclama o seu amor, como si de facto possuísse alguma coisa excepcionalmente rara. Desejarias que eu me commovesse ante essa paixão que te exalta, e eu só posso sorrir. A vaidade do namorado é a coisa mais insupportavel para os outros, e a mais grotesca, como é grotesco assistir, de muito longe, o movimento dos pares num baile. Em summa: o amor nada tem de extraordinario, porque é uma função naturalissima de que se vale a Natureza, e porque se pratica diariamente em tórno de nós.

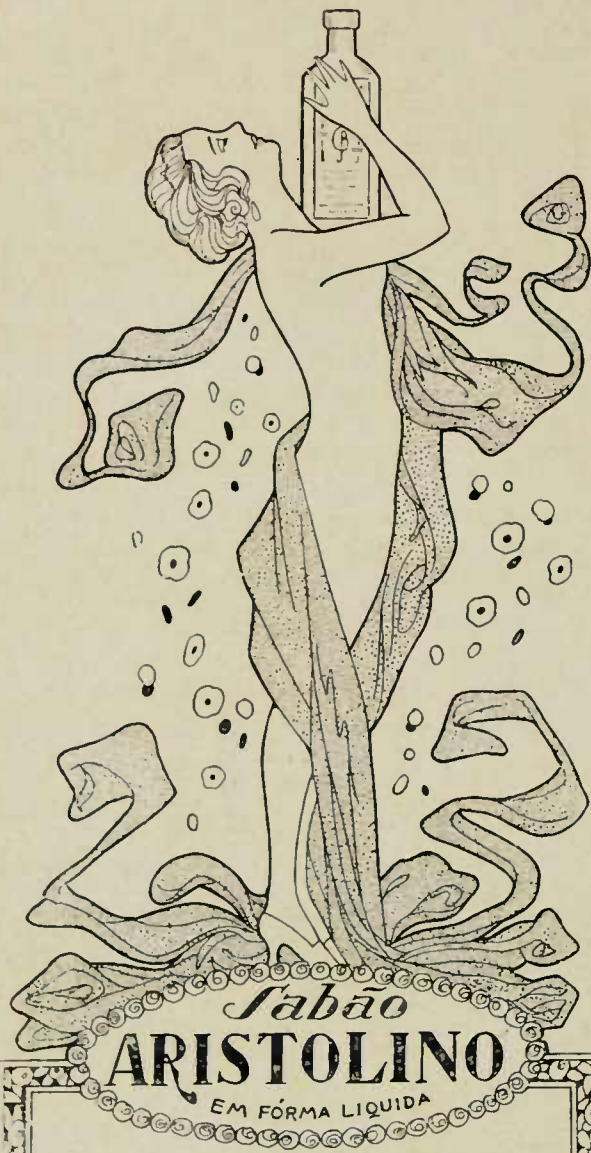
## O NAMORADO

Bem conheço a tua canção, ó taciturno amigo! Nada mais me direis do que está escripto



PHOTOGRAPHIA ARTISTICA—Um aspecto do Cantabrico por occasião das regatas do verão

nos livros dos autores que são como tu. Dirás que a Natureza necessita, para perpetuar-se, do auxilio desse frenesi erotico pelo qual as especies evitam o risco de desaparecer e que o amor é o modesto intermediario da eternidade,



Para o Banho Geral ou Parcial, para as Molestias da Pelle, para a Caspa

**PARA COMBATER**

- |             |                  |
|-------------|------------------|
| Manchas     | Cravos           |
| Sardas      | Vermelhidões     |
| Espinhas    | Comichões        |
| Rugosidades | Irritações       |
| Dôres       | Contusões        |
| Eczemas     | Queimaduras      |
| Darthros    | Inflamações      |
| Golpes      | Frieiras         |
| Feridas     | Perda do cabello |

Poderoso antiseptico, cicatrizante, anti-eczemaloso, anti-parasitario, combate e evita o suor 'elido das mão e dos sovacos, limpa e amacia a pelle.

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito: Drograria ARAUJO FREITAS & C. - RIO



Cartão "America"

que se esvâe logo que a Natureza consegue o seu intento. Mas, desde que tanto agrada aos teus labios a palavra *realidade*, dize-me si em cada minuto não se contém em todo amor a suprema das realidades. Dize-me si o amor não é a maxima realidade, cada vez em que vem encher o coração dos seres. Tu o comparas ao baile. Pois seja! O baile é uma expressão dionysiacca que enlouquece de prazer e de alegria os dansarinos. E é menos enlouquecedor e alegre porque ao espectador afastado parece risivel? A culpa seria da distancia, da frialdade, da falta de realidade do espectador! Assim tambem o amor exalta e enlouquece ao que se sente ferido pela sua divina tortura e cada namorado pensa realizar uma função unica e transcendente, obedecendo a esse impulso natural e necessario que seutem todos os seres de julgar que são o centro do mundo.

**O MISANTHROPO**

Tu mesmo o disséste: o amor é uma tortura.

**O NAMORADO**

O amor é, com effeito, uma tortura, uma divina tortura. Mas seria, sem isso, tão excitante e desejado? A idéa do prazer pacifico e isento de toda perturbação é um mytho inventado para a gente commum que não pensa nem comprehende. A verdade é que o prazer não pode existir si lhe falta o contraste, o lado de sombra, o ponto de inquietude, de espinho, de temor, de perigo. Quanto mais vivas forem essas qualidades, tanto maiores serão as excellencias do prazer. Sabem-n'o perfeitamente os gozadores, os que para chegarem ao prazer saltam sobre o peccado. Não ha porventura em todo prazer um peccado, ou seja uma infracção? Lembra-te de que a Natureza antepõe o perigo á mais simples satisfação do paladar...

**O MISANTHROPO**

A mim a dor parece-me absurda. Si para chegar ao prazer tenho que passar pela dor, prefiro abster-me...

**O NAMORADO**

Falas como delapidador e não como prudente. Pensas ser astuto e não passas de um insensato. Estás malbaratando a tua vida. De que te serve uma vida que não usas? Ainda si a vida fosse interminavel... Mas, ao contrario, ella se está dispersando e consumindo diante dos teus olhos. Si deixares de usar a vida, commetterás a maior dissipação imaginavel. De que vale uma vida sem intensidade? E a maior



intensidade reside no amor, como neste existe a mais profunda força da vida e o prazer que chega ao delírio e á vertigem. Por isso o amor é a eterna causa das maiores tragédias!

#### O MISANTROPO

Tu o disséste: o amor é igual á dor.

#### O NAMORADO

Sim. No amor mais feliz palpita irremediavelmente a dor. Como o amor é o que há de mais perigoso e fragil, vai sempre acompanhando do sofrimento. Sofrer e gozar são coisas idênticas para o apaixonado, a ponto de muitas não saber este discernir si a volúpia que o transfigura provém do prazer ou da dor. A duvida, essa grande geradora de tormentos, segue constantemente o amor; e o ciúme, como uma furia desencadeada, precede-o e o rodeia. Não importa. O namorado quer antes de tudo viver, e o amor é a mais sublime exaltação da vida. Por um momento de deliquio, toda a existencia! grita o namorado. O amor é uma sublime exaltação da personalidade, e aquelle que recebe esse sopro divino está convencido de que o mundo e o céu com todos os seus astros, concederam-lhe a qualidade finalista, a condição do central e do absoluto. Magnifica illusão! O ser mais modesto, ao ter a convicção de que outro ser lhe entregou o seu destino, ao comprehender que aquella que elle admira e adora lhe cáe nos braços, sente-se arrebatado por um indescrivível orgulho. Nada concebe, naquelle instante, que possa existir acima d'elle. Alheia-o a embriaguez do triumpho, engrandece-o e o torna magnifico. É o possuidor do que ha de excelso no mundo, a sua amida, e offerece-se ao mesmo tempo como escravo ao objecto do seu amor. É despota e escravo ao mesmo tempo; agora ciumento e deprimido, logo orgulhoso e exaltado; embriaga-se com todas as volúpias, com todas as inquietudes, com todos os tormentos; abraza-se de tentação; torna-se suave de ternura; convence-se de que o orbe inteiro se concentra na sua vida e no emtanto está prompto a dar essa vida por um nada; assim, o namorado é uma coisa extraordinaria, ou monstruosa, si preferes...

#### O MISANTROPO

Eu, por mim, creio que no amor só existe rhetorica, á parte a necessidade de procreação de que falámos há pouco. Estás apaixonado e bem o demonstras com o teu fogo rhetorico. Supprimamos a eloquencia ao amor: que nos resta? O homem é um temperamento naturalmente litterario e é no amor que elle mais põe litteratura. O homem veste a



#### AS TOILETTES ELEGANTES

*Gracioso modelo "Figaro", de Worth, com saia de setim preto e jaqueta de alpaca branca, ornada de vivos pretos e grandes botões de azeviche.*



mulher com os attributos de que esta carece; attribue-lhe uma espiritualidade e uma emotividade que só existe nelle, eterno imaginativo que é, eterno exaggerado. Quando pedimos á mulher — correspondencia — ella não nola pôde dar, porque não possui os attributos com que a vestimos. E' possível trazermos dentro de nós a mulher que amamos; mas quando exigimos que a mulher seja como essa imagem que está em nós, não a encontramos e somos presa de desespero. Por isso ha em todo amante um fallado. A pobre mulher por sua vez se afflige, porque não sabe como dar o que lhe exigimos; sente-se incapaz de chegar á imagem que trazemos dentro de nós; e sente-se menos mulher, uma mulher de vôo baixo, mulher real e carnal, jungida á terra... Ella só possui o realismo da mulher, uma imaginação terrena e normal e uma ternura profundamente humana, que breve adquire o seu sentido verdadeiro: ternura de mãe. Então estabelece-se o conflicto: não se entendem. Ella procura fingir. Engana o homem, simulando emoções desmesuradas, e elle volve instinctivamente aos seus sonhos, buscando em outra mulher a imagem que havia construido em seu intimo. Eis a verdadeira historia do amor, quando o despimos de eloquencia.

#### O NAMORADO

Si tirares a eloquencia a todas as grandes coisas que fazem a vida digna de ser vivida, só te ficará o vacuo entre os dedos. Sob a tua

frialdade analysadora, tudo perde o que chamas rhetorica, eloquencia, litteratura. E pensas assim possuil-as mais real, mais integralmente. Ensaia o teu systema com um vinho cheiroso e cheio de espirito: tira-lhe o espirito, e quando na tua taça nada mais houver do que um liquido insipido e innocuo, dirás que possues realmente o teu vinho? Ao contrario, tiraste a sua verdadeira realidade. O espirito, o impouderavel, a faculdade de produzir embriaguez, era a unica realidade do vinho. Assim acontece com tudo no mundo. Porque o mundo sem espirito, e o espirito é uma embriaguez, se converteria numa coisa insipida, numa coisa sem realidade. Tudo o que disséste do amor é essa coisa insulsa que fica depois da tua analyse; mas o resto te escapa e o resto, que era o espirito, era tambem a unica realidade.

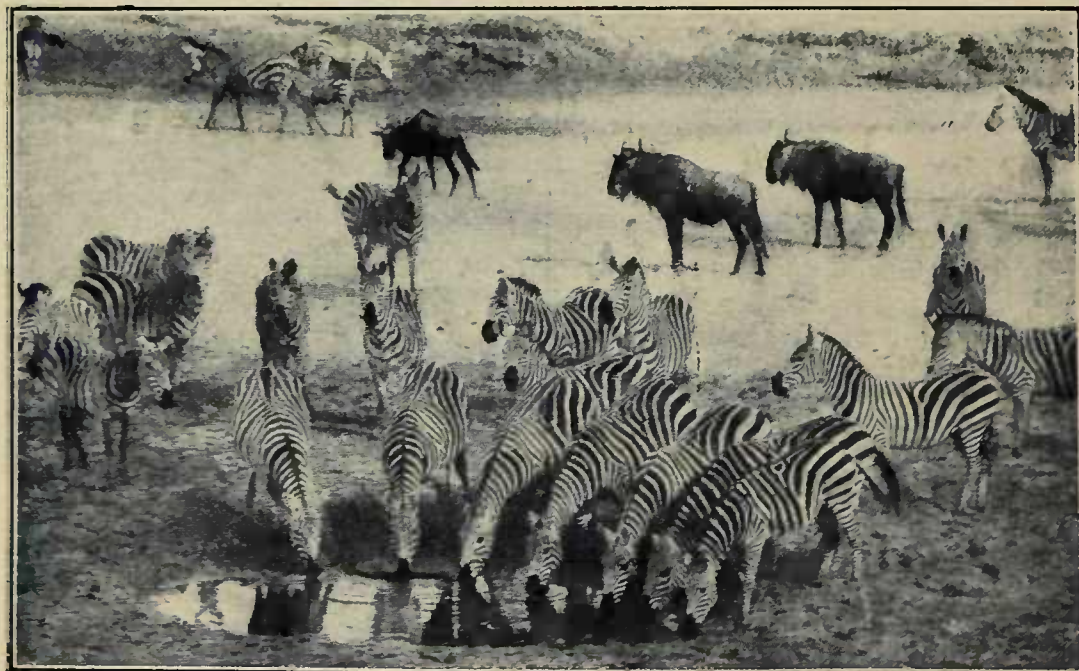
#### O MISANTHROPO

Não. O real no amor é o tedio. O amor termina sempre por um bocejo.

#### O NAMORADO

O' desventurado! Como entendes mal a essencia do amor! O amor é uma tão grande exaltação da personalidade que o infinito mesmo parece-lhe insufficiente para a sua projecção. «Amar-te-ei eternamente!» exclama o namorado. O tedio... Mas isto existirá realmente?

*José M. SALAVERRIA.*



#### O MUNDO PITTORESCO

Na Africa. Um pacifico bando de zebras no bebedouro. Ao fundo, alguns bisões tristes, ultimos representantes de uma especie quasi extinta...



# ◉ ALMIRANTE ALEXANDRINO DE ALENCAR

~~~~~ E A SUA 65.ª DATA NATALICIA ~~~~~

**P**RESTAMOS hoje sincera homenagem ao almirante Alexandrino de Alencar, eminente ministro da Marinha, cujo septuagesimo quinto anniversario passou na data de 12 de Outubro.

Official de um passado de gloriosas tradições, aspirante aos 15 annos de idade e logo enviado ás aguas paraguayas onde tomou parte na campanha e depois disso, quasi 60 annos de actividade productiva, como commandante de torpedeiras, instructor de artilharia, ajudante de

sima, ainda hoje, após quinze annos de execução, o almirante Alexandrino de Alencar é um modelo vivo para a mocidade brasileira, na phrase competente do chefe da Missão Naval Americana, o almirante Vogelgesang.

Estimadissimo no seio de sua classe pelas qualidades de character altivo, de republicano convicto, tratando a todos com rigorosa justiça, desinteresse e completa isenção de animo, unindo á grande modestia e simplicidade de



**Almirante Alexandrino de Alencar**

ordens do almirante Jaceguay e de outros em commissões de excepcional importancia, commandante de diversas unidades da nossa esquadra, capitão-tenente commandante do Riachuelo ao tempo da proclamação da Republica, escoltando o saudoso imperador D. Pedro II, á Europa, heroico commandante do «Aquidaban» nos successos revolucionarios de 93, senador da Republica, actualmente ministro da Marinha pela terceira vez, ministro do Supremo Tribunal Militar, e mais do que tudo isso, o marinheiro illustre das acções promptas, decisivas, reorganizador da Marinha, combatente entusiasta pela elevação moral dos nossos marinheiros, aos quaes beneficiou com uma reforma modernis-

costumes, extraordinaria energia e severidade no manejo dos dinheiros publicos e na defeza das mais palpitantes necessidades da Marinha, de que é a propria historia, no periodo inaugurado a 15 de Novembro de 89, vê o illustre chefe da nossa Armada passar mais um anniversario cercado do respeito, admiração, sympathia e amizade dos brasileiros dignos e patriotas.

A's innumeras felicitações por elle recebidas, juntamos as nossas, fazendo votos para que possa o eminente patricio continuar ao serviço da Nação, sempre forte e activo como tem sido nos 58 annos de verdadeira dedicação e muitas vezes de sacrificio á causa publica.

# DONA



SINO grande da matriz tinha batido o ultimo signal para o terço.

Num passo pesado, atabafada no chale «por via da friagem da bocca da noite», a devota, gordanchuda, subia, vagarosamente, o becco que ia dar no largo onde estava o templo. Topou então com

o Zé Ribeiro que vinha vindo com o Alves, *comêta*, chegado naquelle dia no povoado.

— Adeus, dona! Já sarou bem? perguntou o Zé, que «no cerne» aguentava ainda bem os janeiros, embora já fossem um punhado delles.

— Qual! *seu Zé!* vou ahi d'uma banda, fazendo biscoito p'ra viagem sem chapéo... A *mardita* não me larga, e, quando pega a fazer frio, não tenho mais arrumação... respondeu numa voz cançada a dona, de cara pellancosa, trincada de rugas, uns olhos apagados e tristes.

— *Mas porém*, o terçosinho a dona não perde, hein? voltou o Zé com um sorriso maroto, de *libertino*.

— *Adio!* eu sou lá como você que é parceiro do capêta? E' porque você inda não viu mesmo a magra direito...

—Sou couro nagua, a dona sabe disso... O *ruim* é que os janeiros vão *amontando* na *cucunda*... E é só a gente perrengar sem talvez... Você que diga, dona!

A devota suspirou, e:

— Tá bom, não pegue a *alembrar* o passado... Até outra occasião, *seu Zé*.

Continuou a subir vagarosamente, enquanto o Zé e o Alves proseguiram a caminhada.

— Quem é esta *barata*? perguntou, curioso, o comêta.

— Aquelle mundo de carne e de *fiura*, que você viu, já foi á tentação de muita gente! Hoje é um caco; mas aqui ha um par de annos mais p'ra traz, era um *trem*... Qual! não havia caboclo que, vendo a

quella cara, não gemesse no chodó... Um torresmo, *seu Alves*, um torresmo, por Deus Nosso Senhor! Eu mesmo gastei meus cobres... Malucadas de moço... mas pagava a pena, isso é que pagava mesmo. Não tinha aqui quem andasse mais na *puba* do que essa creatura! Comprava do bom e do melhor nos negocios e sempre «boa dita», *Tacho* não faltava; só o compadre Totonho, coitado! Deus lhe fale nalma, gastou ouro que não foi graça... A diaba era mesmo de botar a cabeça de uma creatura na perdição. No violão, isso é que era de se vêr! Era *sarada* duma feita! Cantava modinha como nunca ninguém mais ha de cantar! Nunca! Muita costaneira nós batemos por essas ruas, *seu Alves!* Tudo rapaziada de ponta de dedo, *dammisca* p'ra gastar com a dona... Depois, você sabe, a gente pega a criar juízo, vae amoitando, o cabello desanda a pintar, e uma creatura não tem remedio sinão perder a *corcha*. Mas que aquillo foi um *trem*... isso não tem quistã...

— E agora deu para devota, não? observou o *cometa*.

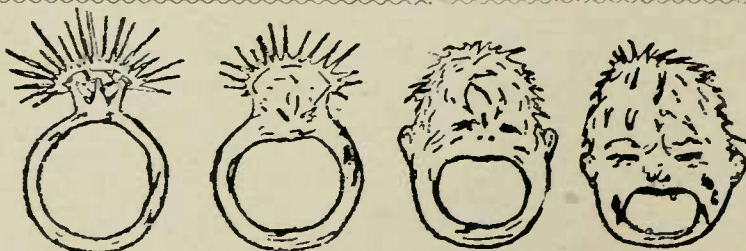
— Pois então! Rezadeira está alli! Não tendo a *mardita*, bate numa toada p'ra igreja, a esta hora, e de manhã não perde missa... Emquanto foi moça, a carne foi de capêta; agora, o *resto*, que é só osso toca p'ra desobriga, de medo de ir p'ro barro... *Mas porém* ha de ir que ninguém fica p'ra semente... concluiu o Zé Ribeiro desconsolado.

— Lá isso tem razão! disse o Alves diminuindo o passo, que já ia fechando a noite, e na rua não havia luz.

Os dois chegaram ao hotel.

Zé Ribeiro não quiz entrar, e, meio corcovado, puxando a gola do paletó surrado, continuou, banzando, sobre o passado, quando elle, de «sangue na guelra», enthusiasmado, era o mantena dos moços, e a «dona», que agora ahi estava feia que até doia, enrabichava muita gente nesse povoado...

— Isso é que foi um tempão! disse alto o Zé, esquecido de que já dei-



A transformação por que passa, em pouco tempo, um anel de noivado.



## OS CABELLOS CURTOS E A PSYCHE FEMININA

**T**HOMAS Graham, juiz superior do tribunal de Chicago e quasi especialista nos processos de divorcio, de que julga por anno uma media de mil e quinhentos, acaba de fazer uma conferencia em favor da nova moda, adoptada pelas moças, de trazer cabellos curtos.

Desde que existe esta moda, ha portanto dois annos, affirmou elle, ainda não vi uma unica senhora de cabelleira curta figurar num processo de divorcio.

«E' verdade, prosegue elle, que conheci muitos maridos de senhoras de cabellos curtos que se queixavam de que estas tinham seduzido outros homens, mas tambem nunca elles tiveram a coragem ou o desejo de as abandonar.

«Além disso está averiguado que, ha mais de um anno, nenhuma moça de cabellos curtos tem feito tentativa de suicidio. Parece que ellas tem um temperamento muito alegre para correrem a tal extremo».

Está portanto entendido: as mulheres que cortam o cabello nem se divorciam, nem se suicidam. Mas onde creio que esse magistrado se engana é na explicação do phenomeno:

«Os maridos, diz elle, não gostam das mulheres que se penteiam mal; e pentear cabellos compridos é um trabalho complicado a que muitas vezes se renuncia».

Isto parece-me de uma mediocre psychologia. Em primeiro lugar, nunca se viu uma mulher deixar de consagrar á sua toilette o tempo indispensavel, e mesmo mais do que isso. Em segundo, ha numerosos casos de mulheres que tinham os cabellos tão curtos que eram obrigadas a usar cabelleiras postigas e isso não as impediu de se divorciarem.

A verdade parece ser que a moda dos cabellos curtos é um signal — feliz ou lamentavel, não sei bem — de uma certa «masculinização» das mulheres. Assim masculinizadas, ha uma porção de coisas de ordem sentimental que ellas não tomam ao serio, nem de modo tragico. Então, não só ellas não se divorciam, mas tambem não se atiram mais á agua nem pela janella. A unica questão é de saber si, sob o ponto de vista social, isso representa um progresso ou um recuo. Digamos que seja apenas uma evolução...

Pierre MILLE

xára o cometa, bobeando na besteira de um hotel *renquem*.

Na igreja, «apoiada» no chão, porque a *mardita* não lhe dava mais moda de ajoelhar, a dona rezava muito devota segurando na *croinha*, presente ainda de *seu* padre vigario.

Foi uma «cara que se podia vér»; hoje, um *caco* de mulher velha, pesadona, de lenço a cabeça, atabafada no chale, e o Zé Ribeiro contava que até ella mascava fumo e pitava cachimbo.

Era «pertar a volta da lua» e a dona ter a *mardita* com um febrão bravo que quasi lambia a coitada.

— A modo que é castigo! costumava a dizer o Manéca, muito desabusado para arreliar as beatas que esconjuravam delle.

A dona assim o via fechava a cara e:

— Cruz nelle! Capéta! Maligno!  
Pobre donal

Azevedo Junior.



## Ô DESENVOLVIMENTO DOS ESTALEIROS NAVAES BRASILEIROS



A Capital da Republica mantém, apesar da crise economica que atravessamos, estaleiros de construcção naval que honram o bom nome brasileiro.

Esses estabelecimentos, quer particulares, quer officiaes, com raras excepções, conseguiram, com o ensinamento que a guerra deu aos demais estabelecimentos congeneres dos paizes em lucta, melhorar grandemente seu aparelhamento e pessoal.

A siderurgia, porem, só agora iniciada entre nós, obriga-nos a depender ainda grandemente do estrangeiro, o que representa uma desvantagem que não é preciso demonstrar.

Temos que favorecel-a em larga escala para que ella nos possa dar de futuro tudo o que, por ventura, precisarmos para todos os mistéres.

Desses estabelecimentos o primeiro que visitamos foi o da firma Prado Peixoto & Cia., optimamente montado, em Nictheroy.

As officinas recém-reformadas, os machinismos aperfeiçoadissimos de que se acham suppridos, offercem ao operario todo o conforto e facilidade de trabalho.

O que importa em operarios bem dispostos á execução dos trabalhos os mais perfeitos e completos.

Tivemos occasião de passar a vista sobre diversas notas de obras executadas nesse estabelecimento e afóra os particulares e as de pequena monta: Concertos geraes de um contra torpedeiro e de um navio mineiro, Transformação de um casco em batelão para carvão. Adaptação de um navio para transporte de óleo combustivel. Construcção de oito lanchas para as capitancias de portos, Concertos de rebocadores e lanchas. Construcção de embarcações meúdas. Construcção de uma ponte batel para o dique "Santa Cruz" E muitos outros.

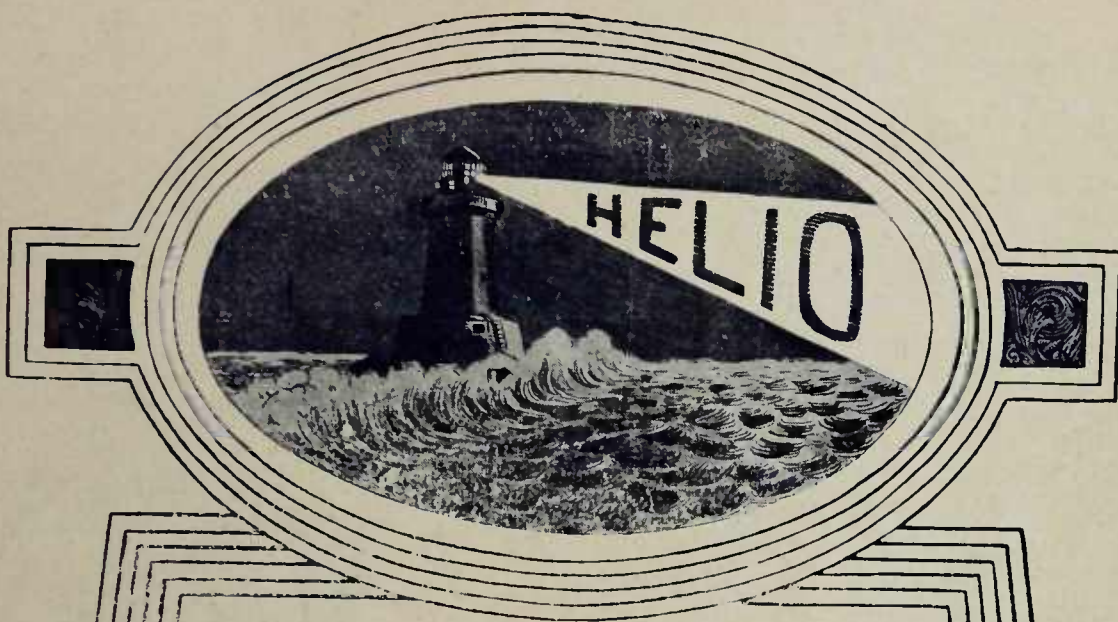
A photographia que hoje apresentamos mostra uma parte das carreiras do alludido estabelecimento.

Ao fundo vê-se a cidade de Nictheroy (S. Lourenço). Atracado está o contra torpedeiro "Matto-Grosso".

Á vista de tudo isso estamos convencidos de que podemos obter desse estabelecimento tudo o que necessitarmos relativamente a construcção naval,

Não podia, pois, ser melhor a impressão de progresso, que trouxemos daquella immensa colmeia onde centenas de operarios exercem a sua actividade e se esforçam por elevar a industria brasileira aos destinos que lhe estão reservados.





A garantia de uma machina

está na lubrificação

Use os oleos de classe

Helio A

Helio B

Helio C

Soviel-Betaluna e Engine Dick





# America



FLIRT ( De Kallxto )

ANNO I  
N.º 3

PREÇOS RIO ..... 500 RS.  
ESTADOS, 600 RS.

NOVEMBRO  
1923

# Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhos com todos os aperfeiçoamentos modernos para  
quaesquer trabalhos de reparação e construcção naval

Extenso cáes accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios

## **LAGE IRMÃOS**

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

---

Grandes depositos de carvão inglez e americano de 1a. qualidade.

Carvão nacional das minas de Lauro Muller e

Crissiuma, em Santa Catharina

---

Beneficiamento de sal por processos modernos

Secções de café e exportação e

importação de quaesquer artigos.

---

Escritorio - Avenida Rodrigues Alves, 303|31



# O NUMERO ESPECIAL DE AMERICA

**A**PROVEITANDO a oportunidade que nos offerece o ultimo mez do anno, resolvemos organizar para Dezembro proximo um numero especial de **America** que, estamos certos, agradecerá immenso aos seus innumerados leitores.

Magazine de cunho caracteristicamente artistico, apresentar-se-á **America** nessa edição especial com o numero de paginas augmentado, além do desenvolvimento das suas secções de arte, moda, cinema e sports a que deve a acceitação lisongeira que teve por parte do publico brasileiro, sempre justo no avaliar os esforços dos que intentam servil-o.

## ARTE

As artes plasticas terão logar condigno no numero especial de **America**, e serão representadas em nitidas gravuras. A pintura e a esculptura, especialmente a americana e a brasileira, apparecerão nas paginas do nosso magazine, numa revelação do seu progresso e da sua pujança.

## MODA

A secção de modas de **America**, que tanta acceitação e gabo mereceu do publico leitor da nossa terra, apresentar-se-á ampliada e enriquecida de gravuras admiraveis que constituirão um «compte-rendu» dos progressos da moda na hora presente. E' uma secção que despertará intenso interesse no bello sexo brasileiro.

## CINEMA

A arte moderna do cinema será homenageada com a exhibição de photographias das estrellas de ambos os sexos mais prestigiadas pela preferencia dos nossos patricios.

## SPORT

Nesta secção, amplamente desenvolvida, será dada conta dos progressos actuaes realizados pelos homens que adoptaram o lemma «mens sana in corpore sano». Tudo illustrado com excellentes gravuras.

**O numero especial de AMERICA é um "tour de force!"**

Era preciso, no entanto, fazer muito mais! E não hesitamos um segundo: commettamos a FRANCISCO ACQUARONE, o joven e talentoso artista patricio, a tarefa de executar para a nossa capa uma illustração a côres, que será um verdadeiro mimo offerecido aos nossos leitores.

Illustrações internas, a duas côres, dos reputados artistas patricios KALIXTO e JEFFERSON, com legendas bem-humoradas, a par de charges de SYLVIO, ornarão as paginas do nosso numero especial.

## LETRAS

Mas era preciso dar á parte litteraria do magazine um desenvolvimento maior e enriquecê-la com obras-primas de artistas nacionaes. Podemos pois, com satisfação, annunciar a publicação, no nosso numero especial, de um admiravel soneto do eminente

poeta patricio MARTINS FONTES, esse ourives do verso que é uma gloria da intellectualidade brasileira. Illustrado pelo lapis de um artista brasileiro, esse soneto inédito, gentilmente offerecido a **America** pelo grande poeta de «Verrão», desperformará nos nossos leitores a admiração que provocam as obras de arte superiores e perfeitas. O corpo de collaboradores de **America**, composto de nomes consagrados nas letras brasileiras, como Carlos Maul, Saul de Navarro, Moacyr de Almeida e Terra de Senna, apresentar-se-á brilhantemente, firmando chronicas sobre assumptos de actualidade. Poesias, contos, novellas, photographias artisticas e curiosidades mundiaes completarão o numero especial de **AMERICA** que apparecerá nas proximidades do

**NATAL DE 1923**

# COMPANHIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E CONSTRUCTORES



**THEATRO E CASINO PARQUE BALNEARIO**  
Construção da Companhia Constructora de Santos

Capital — 3.000:000\$000

Fundo de reserva — 300:000\$000

.....

Officina de Serraria, Carpintaria, Mechanica, Fundição  
e Britador.

.....

Grande fabrica de ladrilhos e manilhas  
de cimento.

.....

## Secção de Transporte

.....

Especialistas em construcções de habitações de luxo  
e economicas.

.....

Construcções em cimento armado

.....

Organisam plantas, projectos e orçamentos

## SÉDE:

**Praça Mauá, 25 - SANTOS**

ESTADO DE S. PAULO

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 222

.....

## FILIAES:

**Em S. Paulo - Rua Bôa Vista, 16**

End. Teleg. "CONSTRUCTO" — Caixa Postal 1264

TELEPH. CENTRAL 4381

~~~~~

**No Rio de Janeiro**

**Avenida Rio Branco, 35-A**

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 607

TELEPHONE NORTE 675



## Um trecho das "Farpas"

**O**LHEMOS agora a litteratura. A litteratura — poesia e romance — sem idéa, sem originalidade, convencional, hypocrita, falsissima, não exprime nada: nem a tendencia collectiva da sociedade, nem o temperamento individual do escriptor. Tudo em tórno d'ella se transformou, só ella ficou immovel. De modo que, pasmada e alheada, nem ella comprehende o seu tempo, nem ninguem a comprehende a ella. E' como um trovador gothico, que accordasse d'um somno secular n'uma fabrica de cerveja.

Fala do *ideal*, do *extasi*, da *febre*, de *Laura*, de *rosas*, de *lyras*, de *primaveras*, de *virgens pallidas* — em tórno d'ella o mundo industrial, fabril, positivo, práctico, experimental, pergunta, meio espantado, meio indignado:

— Que quer esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem, levem-n'a á policia!

Ella, desattendida e desauthorisada, vae todavia soltando, com grandes ares, por entre o gaz e o pó do macadam, as declamações sonoras do lyrismo de Lamartine e do mysticismo de Chateaubriand. E gloria-se de ser nos seus costumes e nas suas obras intransigentemente ideal. Mera questão de rhetorica: os poetas lyricos e os scismadores idealistas trataram de se empregar nas secretarias, cultivam o bife do Aurea, são d'um centro politico, e usam flanela.

Em França ao menos a litteratura, quando a corrupção veiu, exprimiu a corrupção. No Paris da decadencia, no Paris do barão Haussmann, e dos srs. Rouher e Fialin (vulgo de Persigny), os livros detestaveis fôram a expressão genuina e sincera de uma sociedade que se dissolvia. A litteratura de Boulevard ha de ficar por esse motivo, e ha de ter o seu logar na historia do pensamento, assim como da decadencia latina ficaram Apuleu, Petronio e o mordente Tertuliano, cujo estylo tem scintillações ainda hoje tão vivas que parecem emanadas da podridão do moderno mundo poetico.

Na corrente da litteratura portugueza nenhum movimento real se reflecte, nenhuma acção original se espelha. Como nas aguas immoveis e escuras da lagôa dos mortos apenas n'ella se retratam sombras. Mas são sombras que não tem as lividas roupagens usadas no Estygio: estão de fraque e de chapéo alto — e é a unica cousa que lhes dá direito a julgarem-se vivas!

A poesia fala-nos ainda de Julieta, Virginia, Elvira, — bellas e interessantes creaturas no tempo em que Shakspeare se ajoelhava aos seus pés, em que Bernardin de Saint-Pierre lhe offercia rapé da sua caixa de esmalte circundada de perolas, em que Lamartine, embuçado na sua capa romantica de 1830, as passeava em gondola nos lagos da Italia. Hoje são um ideal de museu.

E todavia, além d'estas mulheres, ella nada conhece no mundo. A poesia contemporanea compõe-se assim de pequeninas sensibilidades, pequenamente contadas por pequeninas vozes. O poeta lyrico A diz-nos que Elvira lhe dera um lirio d'uma noite de luar! O poeta lyrico B revela-nos que um desespêro atroz lhe invade a alma, porque Francisca está nos braços de outro! O poeta lyrico C conta-nos uma noite que passou com Euphemia, n'um caramanchão, olhando os astros e dizendo phrases. E no meio das occupações do nosso tempo, das questões que em roda de nós de toda a parte se erguem como temerosos pontos de interrogação, estes senhores veem contar-nos as suas descrençasinhas ou as suas exaltaçõesinhas! No emtanto operarios vivem na miseria por essas trapeiras, e gente do campo vive na miseria por essas aldeias! E o sr. Fulano e o sr. Sicrano empregam toda a sua acção intellectual em se gabarem que apanharam boninas no prado para as ir pôr na cuia de Elvira! Noites e noites movem-se os prelos a vapor, calandra-se o papel, esfalam-se os typographos, arrasam-se os revisores, emprega-se uma immensa quantidade de vida e de trabalho, para que o publico saiba que o poeta lyrico Polycarpo de tal ama uma virgem pallida com olheiras!

E ainda se a poesia lyrica se contentasse com ser de uma inutilidade lórrpa. Mas ella é d'um erotismo offensivo! Ha lupanares mais castos do que certos livros de versos que se chamam melancholicamente *Harpejos* ou *Prcludios*.

Poesia lyrica, poesia lyrica, esconde-te nos conselhos de ministros ou nas secretarias do Estado! Não appareças ao mundo vivo. Sabes qual é o logar que tu n'elle mereces? Não é o Pantheon, é o Limociro.

A poesia individual tem um nobre alcance quando o poeta se chama Bryon, Espronceda, Hugo, Lamartine, Musset. Porque então n'aquellas almas todo o seculo com as suas duvidas, as suas luctas, as suas incertezas as suas tendencias, as suas contradicções, se retrata. São

grandes almas sonoras onde vibra em resumo toda a vida que as cerca. Estuda-se allí como n'um sumunario a existencia de uma época. Mas, com franqueza, que se ha de estudar na alma do sr. João, ou na alma do sr. Francisco? A immensa duvida que pesa sobre a Baixa? Os tormentos ideaes que agitam a rua dos Fanqueiros?

E a maior desgraça e a maior tolice é que, por fantasia lyrica, alguns homens honestos na sua vida veem deante do Publico declarar-se perversos na sua rima!

Tomemos um exemplo, um dos mais piegas — o sr. X. O sr. X. é um rapaz honesto, bom chefe de familia, ganhando honradamente o seu pão. Merece a nossa estima.

Vejamos a sua poesia. Ahi não se fala senão em amores, prazeres, delirios, orgias, virgens sacrificadas... Das seguintes cousas uma:

Ou o sr. X. pinta a verdade quando escreve estes seus versos, e então é um devasso que dá um exemplo detestavel a seus filhos, e desconsidera sua esposa... Como havemos de acreditar em tal caso na seriedade do seu character?

Ou o sr. X. não diz a verdade, e todos aquelles seus extasis são rimados muito aconchegadamente á mesa do chá, entre um liccio-

nario e uma poetica, com um barrete de algodão na cabeça... N'este caso como havemos de acreditar na seriedade da sua arte?

O romance, esse, é a apothese do adulterio. Nada estuda, nada explica; não pinta caracteres, não desenha temperamentos, não analysa paixões. Não tem psychologia, nem acção. Julia pallida, casada com Antonio gordo, atrai as algemas conjugaes á cabeça do esposo, e desmaia lyricamente nos braços de Arthur desganhado e macilento. Para maior commoção do leitor sensível e para desculpa da esposa infiel Antonio trabalha, o que é uma vergonha burguezia, e Arthur é vadio, o que é uma gloria romantica. E é sobre este drama de lupanar que as mulheres honestas estão derramando as lagrimas da sua sensibilidade desde 1830! O auctor, ordinariamente tem o habito de Sant'Iago. O editor tem a perda. O leitor tem o tedio. — Santa distribuição do trabalho!

De resto quando um sujeito consegue ter assim escripto tres romances, a consciencia publica reconhece que elle tem servido a causa do progresso e dá-se-lhe a pasta da fazenda.

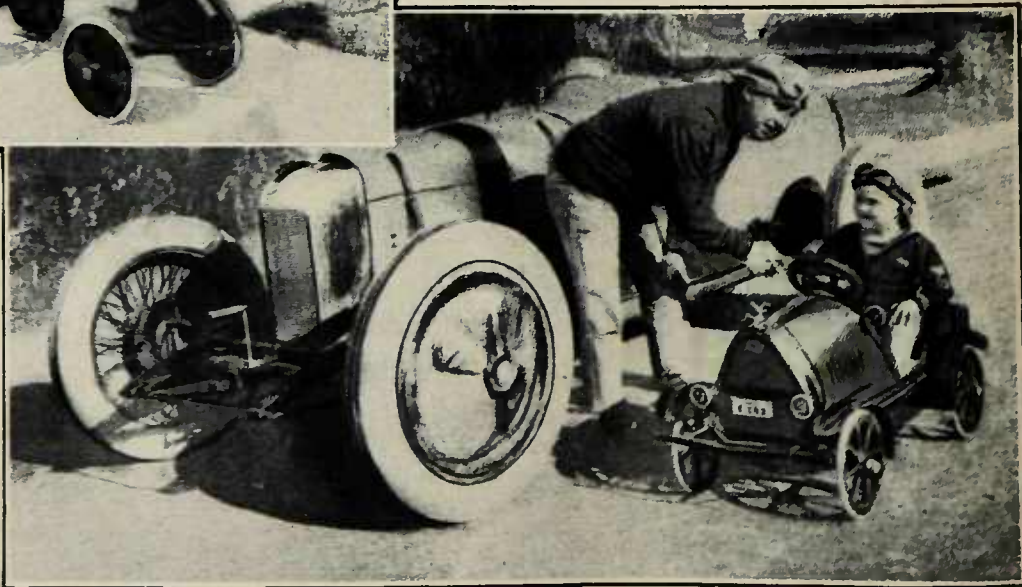
EÇA DE QUEIROZ

---

---

## Os modernos brinquedos para crianças

Os brinquedos para crianças evoluíram tambem e collocaram-se á altura da época. Ahi está por exemplo o carro em que Pat e Micky Moore, pequenos artistas do cinema, brincam nas horas de descanso. A outra photographia representa um automovel em miniatura pilotado por um pequerrucho da terra dos dollars.





# America

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

ARTE - LETTRAS - MODA - CINEMA - SPORT

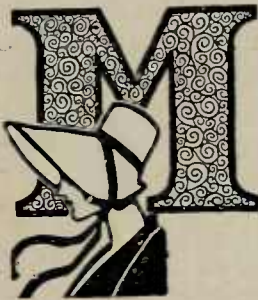
Director - proprietario: SYLVIO FIGUEIREDO - Gerente: M. ESPINDOLA

ANNO I

RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1923

N.º 3

## Moralidades... Immoralidades...



MAIS uma victoria do feminismo! E' esse o nosso grito de satisfação, a cada senhora ou senhorita que ingressa n'uma secretaria de Estado para encanto da burocracia e, dizem os entendidos, tambem para a boa ordem dos serviços publicos.

Estarão as mulheres de accordo com o nosso entusiasmo de concurrentes que se deixam vencer, alegres, por esse suavissimo dominio?

Contentar-se-ão ellas com uma conquista tão pequena que os velhos *ronds de cuir* saúdam com o mais limpido dos seus sorrisos de faunos decrepitos?... Será para ellas, hoje, o funcionalismo do governo o equivalente do «teu amor e uma cabana» dos lindos tempos romanticos?

Talvez... Mas o mais interessante é que, ao passo que as mulheres penetram nas officinas que pareciam privativas dos homens, a sociedade lucha por compellil-as á sua antiga condição de coisa, objecto de luxo, joia musulmana para a delicia dos sultões modernos... Prefere-se á mulher — mulher, a creatura que oscilla entre a ferocidade britannica de uma Pankurst e a bravura indiatica de uma professora Daltro...

Prova desse retrocesso temol-a, de um lado, no recente aviso do Vaticano em que o Papa se recusa a receber as senhoras que não estiverem vestidas segundo um figurino ecclesiastico, e de outro, na nossa ogerisa — falsa ogerisa aliás — á indumentaria das praias de banhos.

Emquanto na Turquia, a «enferma da Europa» como o Occidente desdenhoso chrisinou a patria dos Osmanlis, um revolucionario da fibra de Kemal Pachá arromba as portas dos harens e liberta da vigilancia dos eunuchos os bandos de formosas odaliscas, os povos repre-

sentativos da civilização latina protestam contra os costumes dissolutos, isto é contra a ostentação da belleza feminina, contra a elegancia, a desenvoltura dos movimentos, a graça dos ademanes. O contraste é evidente. Em Constantinopla escancaram-se os serralhos e os rostos se illuminam sem aquelle *tchartcharf* impertinente que lembra o véu espesso com que as carmelitas apagam as visões do mundo.

Em Roma o successor de S. Pedro impõe ás suas fieis ovelhas blusas de golla alta e saias até ao tornozelo para gaudio dos costureiros e indignação dos esthetas...

São os imperativos da moral superando a dictadura da moda. Da moral?... Sim, da moral, ou da moralidade, para aquelles que, repetindo os anathemas da Biblia, sagraram a mulher o foco da immoralidade humana, o symbolo tragico da tentação e do peccado...

Nas praias acontece o mesmo. Os olhares pudicos repudiam a contemplação dos corpos de linhas esplendidas que se entregam á volupia das ondas marinhas, a mais carinhosa e ingenua de todas as volupias.

— E' um escandalo!

— E' uma vergonha!

— As mulheres vão quasi núas ao banho!

E o clamor avulta, pedindo medidas policiaes oppressivas que reconduzam a mulher ao recato de out'ora, aos dias em que os idyllios eram monotonos sob o cuidado das matronas hirsutas... As praias alvissimas estão condemnadas á tristeza. Em vez das correrias alacres, do espectaculo pagão do banho das nymphas, a sombra de um cortejo de monjas afogadas nas dobras de mantos negros.

E d'ahi, — quem sabe? — talvez os moralistas tenham as suas razões serias para exigir que as mulheres occultem a sua belleza. Elles preferem adivinhar o que não vêem, e com isso dão trabalho á imaginação... Cubram-se pois as mulheres e vistam-se as estatuas...

Carlos MAUL

# A SEREIA

**A**PPARECEU de improviso, certa manhã. Sahiu da mansão submarina, onde as princezinhas Borrascas olham com olhos somnolentos bruscamente iluminados pelas scintellas do odio. Sahiu fresca, radiante, moça; e, como devia permanecer por muito tempo fóra do mar, applicava ao ouvido um caracol de nacar, caixa maravilhosa em que ficára prisioneira a majestade do Oceano, como uma aguia numa gaiola de rouxinol. As ondas e as profundezas marinhas engalanaram a donzella com essa garridice com que os grandes disfarçam os seus orgulhos; e todas as metaphoras que o homem teceu para vestir de belleza a belleza feminina voltearam em torno da moça fugida dos dominios de Neptuno. As perolas, rivaes eternas dos dentes, cingiram-lhe o pescaço e lhe pousaram sobre o seio, desejosas de que a sua luz fria se combinasse com a quente brancura da pelle; e as gottas d'agua, modeladas pela inveja, augmentaram as suas irisações até supplantar, cabelleira de ouro acima, ás perolas deliciosas. O coral, elemento muito usado pelos poetas para o fabrico

de labios, entrou em campo e teceu as suas voltas e serpenteios, envoltivamente, com graciosa felinidade; e por ultimo a espuma, a espuma branca e leve e subtil, eterna e ephemera, relampago e frivolidade, elegancia e ponderação, preparou as suas legiões de bolhas e de esta-

lactites e teceu o mais vaporoso traje, exposto á voracidade do vento e á descortezia do sol — sempre tão prosaicos, um e outro, tão realistas e pouco amigos de manter ficções.

Assim, festejada e em festa, a sereia conhecida, a filha dos mares de agora, muito remotamente aparentada com as monstruosas se-reias que attrahiram Ulysses e Argos, chegou á praia, na hora deserta e envolvida nas roupas azues do amanhecer.

Com passo breve percorreu a dou-rada curva, ao pé dos alcantis crispados e tragicos. Subida a uma emi-nencia, olhou a paizagem em todas as direcções, enquanto a ventania revoltava os seus cabellos e modelava com avidéz frenetica as suas fórmas sob a docilidade das vestes. A moça parecia apaixonar-se por toda a formosura, então ainda aspera e rude, do campo e da enseada. Ao Poente, revolto e livido, fugia um bando de nuvens...

E quando ella terminou as suas explorações, sobre que punha a misericordia e o estímulo do seu sorriso, a paizagem se transformou a pouco e pouco. A amarellada espuma

das ondas, que subiam ponteagudas, com pestilencias de naufragio, abandonou a sua furia e adquiriu uma prateada mansidão; o céu ostentou, ainda tremulo de pudor, o seu esmalte de primavera, tão escondido durante oito mezes de intempéries; o campo, que verdejava timidamen-





te, desabrochou, rapido, numa pompa jubilosa; e as arvores se uniram sobre os caminhos, para fazerem os seus docéis, e as flores atapetaram os valles, e a neve dos pincaros desceu á terra cantando, feita transparencia e ligeireza... Tudo se poz a rir na natureza, tudo se consagrou á alegria... E surgiram os vernizes, os enfeites que rejuvenescem as perspectivas e dão firmeza definitiva ao esboçado e ao indeciso. Do seio da mãe-terra começou a fluir o aroma sensual das germinações e dos renascimentos. O homem começou a sentir que os seus pés, ao contacto daquella terra vernal, se deformavam um pouco e tomavam o aspecto da pata do satyro. A mulher desejava, cheia de languidez, a sombra da arvore, a cuja sombra julgava enroscada outra serpente. Tudo na vida era expectativa e na natureza tudo satisfação. A fada do mar, noiva de Maio, havia mobilizado as turbulentas manifestações do bom tempo.

E dominados os vendavaes, aliadas as relvas, bem limpos e aplainados os caminhos, reforçada a alliança entre o mar e a aldeia, acolhedora a praia e mais oxygenada do que nunca, começou entre os homens a éra resplandecente do veraneio.

Pela ribanceira proxima avançavam durante o dia filas intermináveis de carros cheios de viajantes; pela estrada deslisavam, asperos e sussurrantes, os pneumaticos dos automoveis; e todos conduziam no seu interior alguns cavalheiros que haviam resolvido mudar de tedio, oxygenando-o junto do Oceano.

Ao termo de um anno o homem voltava ao campo, sob o pretexto fallaz de que assim o exigia a saude. Exigente saude que não podia tolerar os rigores do estio sem appellar para os remedios da pharmacopéa do *buccarat*, do *joot-ball* e do *flirt* no terrasso de asphalto...

O mar passava a occupar a categoria, aliás honrosa, de pretexto, de alcoviteiro. Cumpría uma missão decorativa, uma missão de cumplicidade. Fazia-se mundano e perdia a sua majestade. Vestia o *smoking*, como certos libertinos. Reservava o seu desprezo e a sua má educação para o inverno, para a rêde e para a nuvem...

Assim, quando a sereia cheia de pedrarias viu consumada a metamorphose da paisagem, realizada em honra da sua belleza e do seu sorriso, julgou-se um estorvo e afastou-se por entre as grutas e os alcantis. O apito dos com-

boios estridulava, substituindo, na solitude arcadica, o canto sonoro dos rouxinóes e dos melros...

E. Ramires ANGEL

## AS CHAMINÉS MAIS ALTAS DO MUNDO

**A** MAIS alta chaminé do mundo é a das fabricas americanas de Anaconda e serve para o escapamento dos gazes que se desprendem com o tratamento do cobre, gazes summamente prejudiciaes a todo ser vivo, incluídas as plantas.

A sua altura é de 178 metros e o seu diametro, na base, de 22,85. A espessura das paredes é de dois metros, na base, e de 60 centímetros no apice. Pode evacuar cem mil metros cubicos de gaz por minuto.

Vem em seguida a chaminé das fabricas metallicas japonezas de Saganosaki, com 167 metros de altura e 8,40 de diametro na parte superior.

## PATRIA

Sem patria não pode haver sentimento collectivo da nacionalidade -- inconfundível com a mentira patriotica explorada em todos os paizes pelos mercadores e pelos militaristas. Só é possível na medida que marca o rythmo unisono dos corações para um nobre aperfeiçoamento e nunca para uma aggressividade ignobil que fira o mesmo sentimento de outras nacionalidades.

Não ha maneira mais baixa de amar a propria patria do que odiar á patria dos outros homens, como si todas não fossem igualmente dignas de gerar em seus filhos iguaes sentimentos. O patriotismo deve ser emulação collectiva para que a propria nação ascenda ás virtudes de que dão exemplos outras melhores e nunca inveja collectiva que faça soffrer com a superioridade alheia e leve a desejar o abaixamento dos outros até ao proprio nivel. Cada patria é um elemento da humanidade; o anhelos da dignificação nacional deve ser um aspecto da nossa fé na dignificação humana. Ascenda cada raça ao seu mais alto nivel como patria, e pelo esforço de todos se alevantará o nivel da especie, como humanidade.

JOSÉ INGENIEROS



## AS PEQUENAS ESTRELLAS DO CINEMA

**F**oi necessaria a invenção e o desenvolvimento da cinematographia para que nascesse a categoria dos pequenos millionarios, feitos pelo seu proprio esforço, e que não se devem confundir com os que nascem riquissimos, «com uma colher de ouro á bocca», segundo a curiosa expressão ingleza.

Receber uma migalha da humanidade, uma pequerrucha de tres annos, ordenades annuaes de milhares de dollars, eis um facto que deverá provocar gritos de inveja ou de horror aos que não ha muito se indignavam de que um pugilista ganhasse outro tanto para se exhibir sobre um estrado e trocar sôccos com um rival.

E é sempre a eterna lei da offerta e da procura. Si o publico reclama crianças — actrizes no *écran*, é preciso dar-lh'as a todo transe. E si um desses minusculos artistas conquista os favores do publico, torna-se logo uma mercadoria rara cuja posse as companhias cinematographicas se disputam.

\*\*\*

Essa é a historia de Babby Peggy, porque essa pequenita de quarenta e tres mezes tem já uma historia que enche columnas de numerosas publicações surgidas da voga cada vez maior que essa arte tomou em todos os paizes.

O seu verdadeiro nome é Montgomery. Os seus pais habitam Los-Angeles, a linda cidade da California que, graças á sua limpida atmosphera e aos seus arredores pittorescos e variados, se tornou o maior centro cinematographico do mundo.

Os seus destinos foram decididos a vapor: em algumas horas. Ha poucos mezes fazia ella parte de um elenco infantil e desempenhou o seu papel mudo com tanta naturalidade que o encenador a notou entre todas e pediu a um autor que compuzesse uma peça de que a pe-

quenita seria a protagonista. A experiencia foi decisiva: Babby Peggy provou que podia arrancar risos e lagrimas aos espectadores.

Uma importante companhia monopolizou logo a pequena, fazendo-a assignar — por procuração! — um contracto de tres annos que lhe assegura o ordenado annual de 1,500,000 dollars!

\*\*\*

Jackie Coogan é outro menino prodigio de enormes salarios: o epitheto de *the million dollar kid* (o gury millionario) que ha quatro annos lhe deram os seus compatriotas (elle tem oito annos, agora) basta para nos informar sobre a sua fortuna.

Jackie foi descoberto e lançado pelo célebre Charlie Chaplin, que com elle representou varias peças antes de commendar os dramas e comedias de que o menino era o heróe. A fama do petiz tornou-se enorme, tão grande que os seus pais o arrebataram a Carlito para fundar com elle uma companhia, *The Jackie Coogan Productions Limited*.



## ROSTAND ASTRONOMO

**S**EDUZIDO pelo mysterio dos mundos longinuos, o autor de *Cyrano*, como Saint-Saëns, fizéa-se astrônomo e interrogava os espaços estellares: Não era um simples astrônomo amador, mas um erudito conhecedor do mundo planetario que entretinha correspondencia com sabios e era por estes tratado de «confrade».

A Sociedade Astronomica da França contava-o entre os seus socios. Rostand foi accedido nesse instituto por unanimidade e teve como padrinhos Bailland, director do Observatorio de Paris e Camille Flammarion.





AS ESTRELLAS DO PALCO

A graciosa atriz Belmira de Almeida, da Companhia do Trianon, que a platéa carioca já se habituou a applaudir, numa calorosa homenagem ao seu talento.

## Da Flandres de cathedraes e nevoas

**F**LANDRES, que nos deu na Renascença toda uma primavera de genios, entre a sangueira daquelles évos épicos, não perdeu com o correr dos seculos o prestigio espiritual que esclarece os seus filhos. Temos visto que, dividida pelos acontecimentos politicos, desdobrada em duas nações, apresenta, de vez em vez, o lampejo da arte que, de época em época, se vem reflectindo nas obras alli apparecidas, brotando em côres nas telas, harmonizando-se em contornos nos marmores, ou prefulgindo nas paginas de seus poetas e escriptores. A Belgica, por exemplo, tem sido um paiz fecundo desses relampagos.

No ultimo quartel do seculo passado, ardia em Bruxellas, e mais tarde em Paris, o entusiasmo pelo apparecimento de um pensador profundo, Maeterlinck. Ao lado desse soturno aedo das brumas, que foi Rodenbach, Maurice Maeterlinck apresentava uma sensibilidade e uma espiritualidade estranhas. Si aquelle se havia perdido na torturante contemplação dos canaes de Bruges, este se abysmara no insulamento em si proprio. Maeterlinck, tal é a profundidade serenissima de seu pensamento, parece ter alcançado ao mais esconso páramo da emotividade universal, ahi descendo através de si proprio, como se transformasse a alma num pôço em cujo fundo fervesse o cósmos. Em todas as suas paginas maravilhosas, filtra-se essa suggestão. Tem deslumbramentos, mas estaticos; arroubamentos paralyzados em extase, e tudo é tão crystallino aos seus olhos que, em cada homem, em vez de ver uma féra acuada, discerne um deus ignorado.

Esta é a serenidade que fez Octave Mirbeau escrever aquelle celebre elogio, inflamado de assombro, dizendo que Maeterlinck deixava á penumbra o proprio Shakespeare, porque Maeterlinck attingiu o horror sem o rasgar dos relampagos da tragedia rubra. «Les aveugles» fazem os cabellos se erriçarem, sem ter, no entretanto o tempestear dos anathemas. A fatalidade não apresenta, em Maeterlinck, uma catadura de medusa; talvez pareça mais uma esphinge entre nevoas.



\*\*\*

Surge agora nos periodicos belgas e parisienses, o annuncio de um novo genio flamengo, a quem a critica não poupa os adjectivos panegyricos. Herman Teirlinck, que somente escreve no idioma flamengo, requintando nesse chauvinismo com que Mistral revocou o passado de seu torrão provençal, recorda muito o symbolista genial de «L'oiseau bleu», suggestionado pelo brilhante mysticismo que, ás vezes, transluz das obras daquelle escriptor.

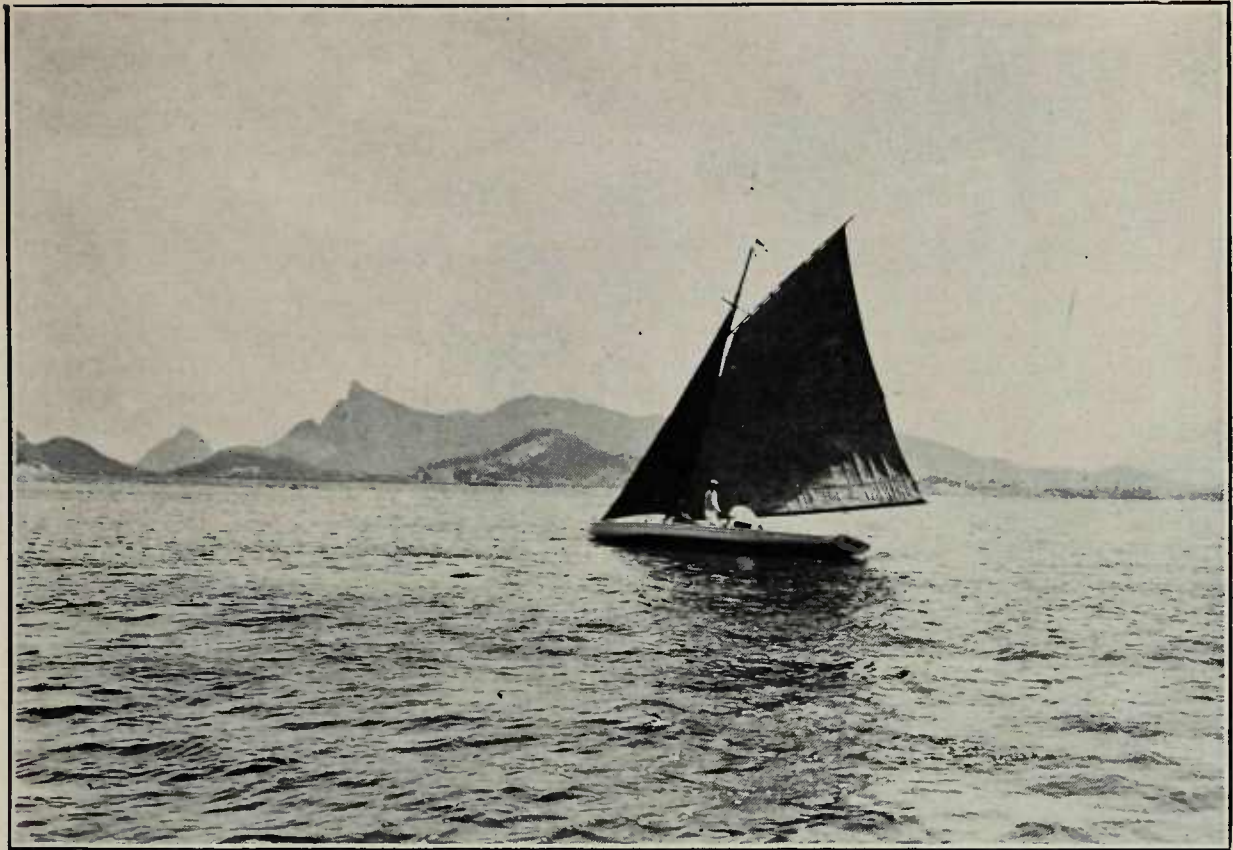
Como o autor de «Pelleas et Melisande», Teirlinck nasceu em Gand. As peças que o Theatro Flamengo, de Bruxellas, acaba de representar, causando «fanatismo» na platéa illustre, são «Der Vertroodge Film» e «Ik dien». Esta ultima, cuja traducção é «Eu sirvo», é o desenvolvimento da lenda de «Irmã Beatriz», de que o dramaturgo de «Monna Vanna» tratou tambem. Contam os «in folios» empoeirados dos tempos antigos, que a pobre freira Beatriz transfugiu do isolamento conventual, arrastada pela paixão para o vortilhão do mundo. Desceu, de queda em queda, os escalões do vicio. Prostituiu-se, e até o infanticidio perpetrou.

Mas, durante todo esse tempo em que a transviada soffria longe do convento, a imagem da Virgem que, todas as manhãs, Beatriz ornava em flores, animou-se, tomou-lhe as feições, e desempenhou no convento obscuros mistéres, afim de que, até a sua volta, a falta da religiosa não fosse percebida.

No tracejar das scenas, no exaltamento ardoroso das phrases, Teirlinck revela um talento prodigioso, que differe do de Maeterlinck pe'lo calor e pelo pathetico que enche os dialogos. Não tem o novo dramaturgo belga o poder subjectivo do seu conterraneo, cujas peças parecem ter sido escriptas com as tintas do silencio e da contemplação.

Emfim, as pennas que detêm a critica na Belgica e na França, traçam encomios transbordantes a esse novo dramaturgo. Escriptores, em





## ASPECTOS CARIOCAS

Uma vista da Guanabara, num lindo domingo de sol em que se realizaram as regatas á vela do "Audax - Club"

---

que fuzile o genio, fallecem actualmente no mundo da dramaturgia. Possa, em Teirlinck, ter a Belgica um genio que, como Maeterlinck, seja uma constellação entre as torres gothicas das cathedraes e as brumas da velha Flandres...

*Moacyr de ALMEIDA.*

---

## O CRESCENTE

---

**D**ISCUTE-SE agora sobre si, depois de haverem mudado a sua capital para Angora, têm os turcos o direito ao crescente da sua bandeira. Segundo certas autoridades, o crescente só pertence ao sultão na qualidade de senhor de Constantinopla. O crescente foi o emblema dessa cidade muito antes da conquista ottomana. Quando Alexandre o Grande sitiava a antiga Bysancio, diz uma legenda, um ataque nocturno foi repellido gra-

ças á viva claridade espalhada pelo crescente lunar. Os cidadãos de Bysancio, reconhecidos, puzeram essa insignia na sua bandeira.

Quando vieram os romanos, estes adoptaram para a nova cidade de Constantinopla o estandarte ornado do crescente. Emfim, quando Mahomet II tomou a grande capital em 1453, ajuntou o emblema já celebre á sua propria bandeira que até então era toda vermelha. E elle costumava explicar aos seus soldados que a nova bandeira representava Constantinopla sobre um campo ensanguentado.

---

Pensamento chinéz.

Mede a altura da agua antes de entrares no váu.

—«O»—

Na arte só têm importancia os que criam almas, e não os que reproduzem costumes. — EÇA DE QUEIROZ.

—«O»—

Os que gostam de dar conselhos devem tambem recebê-los de boa vontade. — CATÃO

# O CAMPEONATO DE FOOT-BALL



O combinado paulista, campeão de 1923

## BOM HUMOR

### A' procura de emprego

- Escreve á machina ?
- Sim, senhor.
- Sabe inglez ?
- Sim, senhor.
- Fuma ? Bebe ?
- Não, senhor. Mas, si fôr necessario, aprenderei...

\*\*\*

- Que fazes, Mariazinha ?
- Escrevo uma carta á Julinha.
- Mas tu não sabes escrever !
- Não faz mal. Ella tambem não sabe ler !

\*\*\*

- Tratas muito mal ao Arthur, sem te lembrares de que elle é um optimo partido !
- Talvez seja. Mas ha duas coisas que me impedem de gostar d'elle.
- Quaes são ?
- A sua cara e... a de um outro rapaz !

— Affirmo-te que fiquei apaixonado por ella na primeira vez em que a vi.

— E vaes casar-te ?

— Não, porque depois falei com ella varias vezes.

\*\*\*

— Depois do diluvio, que aconteceu ?

— Ora ! Deve ter ficado tudo enlameado !

\*\*\*

A arte é inutil como o esplendor corado das petalas sobre a fecundidade do ovario.

RAUL POMPEIA

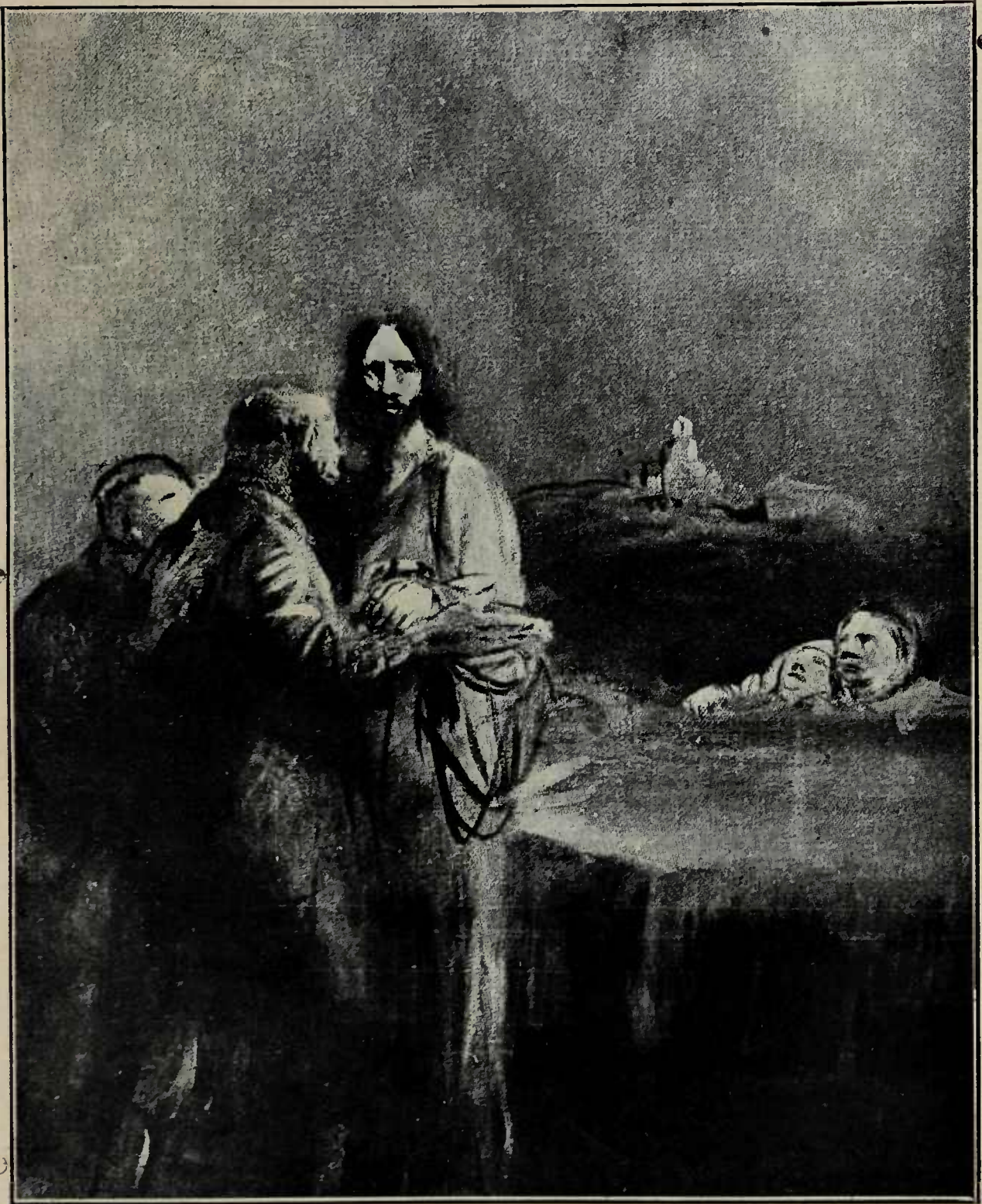
O melhor meio de fazer de alguém um incompetente é obrigar-o a tratar de tudo.

FAGUET

O mundo moderno succumbe sob uma invasão de fealdade.

Pierre LOUYS





A PINTURA CONTEMPORANEA

“Christo aparecendo a Cleopas em Emmaus”,  
quadro do mestre francez Jean Louis Forain.



# EPIGRAMMISMO

**N**ÃO gastes a tua intelligencia em fazer zombarias, satyras, epigrammas, nem mesmo por passatempo.

Não ridicularizes aos homens, nem rias dos seus actos, por absurdos que sejam.

Não te rias das coisas da vida.

Os humoristas, principalmente os mordazes, fazem soffrer e portanto são desgraçados.

Os espiritos burlescos só têm engenho. Falta-lhes talento, que é a aptidão constructora por excellencia. Só sabem criticar em fôrma negativa, dissolvente.

E' um sophisma crer que a critica pungente, por subtil e perfumada que seja, corrige e contribue para o progresso. Só a suggestão educadora, na escola e no lar, modifica e melhora, corrige e enaltece.

E' ao contrario verdade transparente que a critica de tal natureza tem apagado flammias de inspiração genial e quebrado vontades que forjariam novos destinos humanos; envenenando corações e arrastando ao vicio intelligencias creadoras.

Para ascender aos altos e se-

renos cimios do pensamento, para banhar a alma nos espaços do ideal, para attingir a Belleza, é mister despojar-se desse espirito de critica pungente.

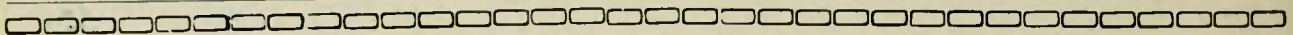
O homem superior toma a vida a serio. Sorri ás vezes docemente, quasi sempre melancolicamente. A's vezes a sua pena derrama subtilissimas ironias, nunca veneno.

Criticar é mostrar sympathia. Sem sympathia não pode haver comprehensão.

A critica dos defeitos está ao alcance de todos, até dos ignorantes. A outra, a philosophia, não. E' patrimonio dos espiritos de escól.

O epigrammismo é vicio que fomenta odios e acaba por dilacerar a quem o exerce. Seja a tua missão dilatar e melhorar a vida, não comprimil-a nem encurtal-a.

Juan Ramon URIARTE



## CURIOSIDADES

Em alguns districtos do Indostão não é permitido á sogra falar com a mulher do seu filho, expediente que, segundo Dubois, é excellente para conservar a paz domestica.

\*\*\*

A escripta pareceu sempre aos selvagens coisa magica. E julgam, ao ver o leitor interpretando os caracteres, que o livro é um espirito que murmura as respostas a quem o interroga.

\*\*\*

O capitão Cook deu alguns pregos aos indigenas de Tahiti e estes os semearam com a esperanza de obter outros.

\*\*\*

O fumar acha-se em toda a America ligado a cerimonias religiosas, do mesmo modo que o incenso no mundo antigo.

\*\*\*

Os selvagens attribuem vida aos objectos inanimados. Por esta razão preferem um anzol que pegou um grande peixe a um punhado desses instrumentos ainda não usados. E tambem não collocam nunca duas rêdes juntas, com receio de que se zanguem uma com a outra.



# HISTORIAS

( Fragmento )

**O** DESPERTAR da sua ardente fantasia fez-se sob a rutilancia das narrações fabulosas da Marianna, a sua ama preta. Embalára-se, como a um arrollo, ao raconto mirifico de acções desenvolvidas num mundo de sonho; a lenda guiára os seus primeiros passos na vida do pensamento. As aventuras extraordinarias que, na bocca exaltada daquella herdeira do sonho incoercível de africanos captivos, tinham um calor e um colorido tão vivos; que palpitavam e viviam ao prestigio evocador daquella voz cantante, ora lenta, arrastando-se mollemente, com pausas insoffrivéis, pela sequencia dos detalhes, ora esperta, precipitada e célere como os episodios fulmineos e inquietantes que narrava, deixavam-n'o entre vibrante e incrédulo, mais amante da belleza e da vida intensa das scenas do que entusiasta do valor dos factos que sabia illusorios: eram as surprehendedentes metamorphoses de seres humanos em animaes, os maleficios de bruxas, o subito rebentar de chammas do seio da terra, que barravam o passo ao paladino, as fugas temerarias, as perseguições encarniçadas, os combates singulares e, dominando o interesse de todos os transes, motivo central, nervo de toda a historia, a bravura indomita de um enamorado que, sorrindo aos mil perigos, salvava a donzella que amava e com quem acabava casando, sob a advertencia da narradora de que «foram inuito felizes e tiveram muitos filhos»... E tudo num scenario de florestas apavorantes, povoadas de animaes fantasticos, ou de castellos inacessiveis cuja entrada guardavam dragões que despediam labaredas pelas narinas, toda uma fantasia medieval de possessos, de guerreiros e de mysticos que criam sinceramente no demonio, escravos de um medo incuravel e imbecil...

Essas narrativas deixavam-n'o pensativo, sobretudo o eterno argumento em que figurava um cavalheiro que se bate pela sua dama e recebe no casamento o premio excelso á sua intrepidez. Achava extranho esse facto de

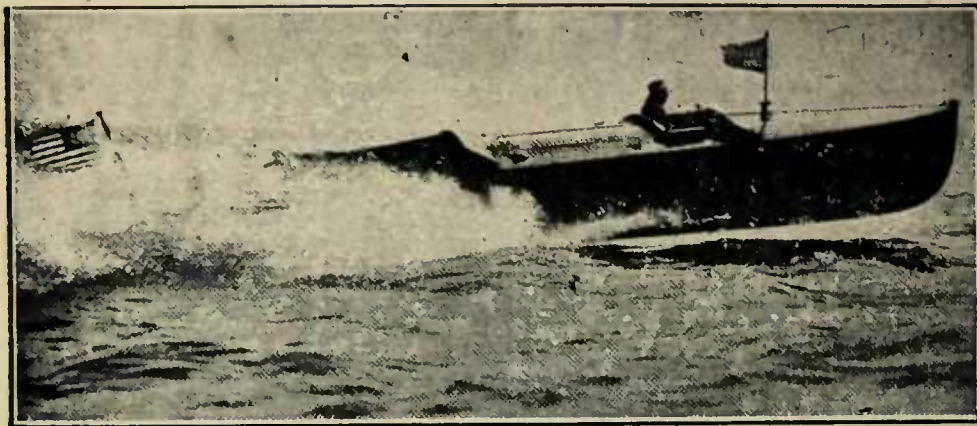
que, para casar, ser feliz e ter muitos filhos, fosse necessario e fatal soffrer com despreendimento tantos perigos e tantas vezes enfrentar a morte...

Mas o que o fazia delirar, fugindo á realidade e immergindo plenamente numa atmospheria de sonho onde encontrava inteíra satisfacção a sua esbatida e incipiente esthesia, eram as descrições fascinadoras de palacios relampejantes ao sol, em que tudo é incrustado de raras pedrarias, em que ha cupolas e thronos forrados de brilhantes, columnas e porticos de ouro massiço, deslumbrantes creações pueris da ardente imaginação oriental, da fantasia demente de homens que só conheciam o deserto... Aqui o monstruoso e terrifico é systematicamente banido e cede logar ao esplendente e ao sumptuoso, á vida ideal para que desprega as azas, no rapto delirante, uma raça infausta e vencida que esmagam a aridez inelutavel do sólo e a perpetua monotonia dos horizontes...

Seguia com curiosidade avida todos os detalhes sobre as construcções obcecantes, esforçando-se por fazer uma idéa bem nitida do que seria um palacio de ouro com zimbórios e minaretes cobertos de gemmas. E identificava-se completamente com os visionarios daquellas cidades excellentes, fundia-se com elles pela comunidade de ideal. Seria porque os povos que o sonharam eram talvez crianças tambem ou porque a criança, pelo restricto campo de experiencia e pelo pobre cabedal de conhecimentos, era tambem o beduino do deserto mental...

Mais tarde, liberto do hypnotismo daquellas narrações e possuidor já de mais apreciavel sciencia do meio physico em que vivia, lembrava-se, com um sorriso, daquella magnificencia convencional e gostava de comparal-a ao esplendor dos «seus» dias de sol: e sentia que ficava immediata e extranhamente diminuida, apresentando o brilho falso de uma apothese que vira no theatro. E' que aquelles palacios deslumbrantes, aquella vida sumptuo-





## UM PAPA-LEGUAS MARITIMO

Um barco-motor com capacidade para 8 pessoas e capaz de fazer 40 milhas por hora. Como se vê na gravura, metade do barco está fóra d'agua...

Morrer um homem ignorante, quando tinha a faculdade de conhecer, eis a que eu chamo uma coisa trágica e que deve acontecer mais de vinte vezes por minuto, como de facto acontece. Porque não se comunicar a todos, diligentemente, a miserável fracção de sciencia que o genero humano adquiriu em um vasto universo de ignorancia?

CARLYLE

\*\*\*

Póde-se distinguir quaes são os sensatos e quaes os loucos, nesta vida em que a razão ás vezes devia chamar-se tollice e genio a loucura?

MAUPASSANT

\*\*\*

A palavra Golgotha significa: lugar do craneo.

*Trivial*, etymologicamente, quer dizer: aquillo que se encontra ao atravessar a rua.

\*\*\*

As leis primitivas faziam parte dos cultos e eram cantadas. Por isso sempre se escreveram em verso, como, por exemplo, os versiculos do livro de Moysés e os çlocas do de Manú. Entre os romanos chamavam-se *carmina* (versos) e entre os gregos, cantos.

\*\*\*

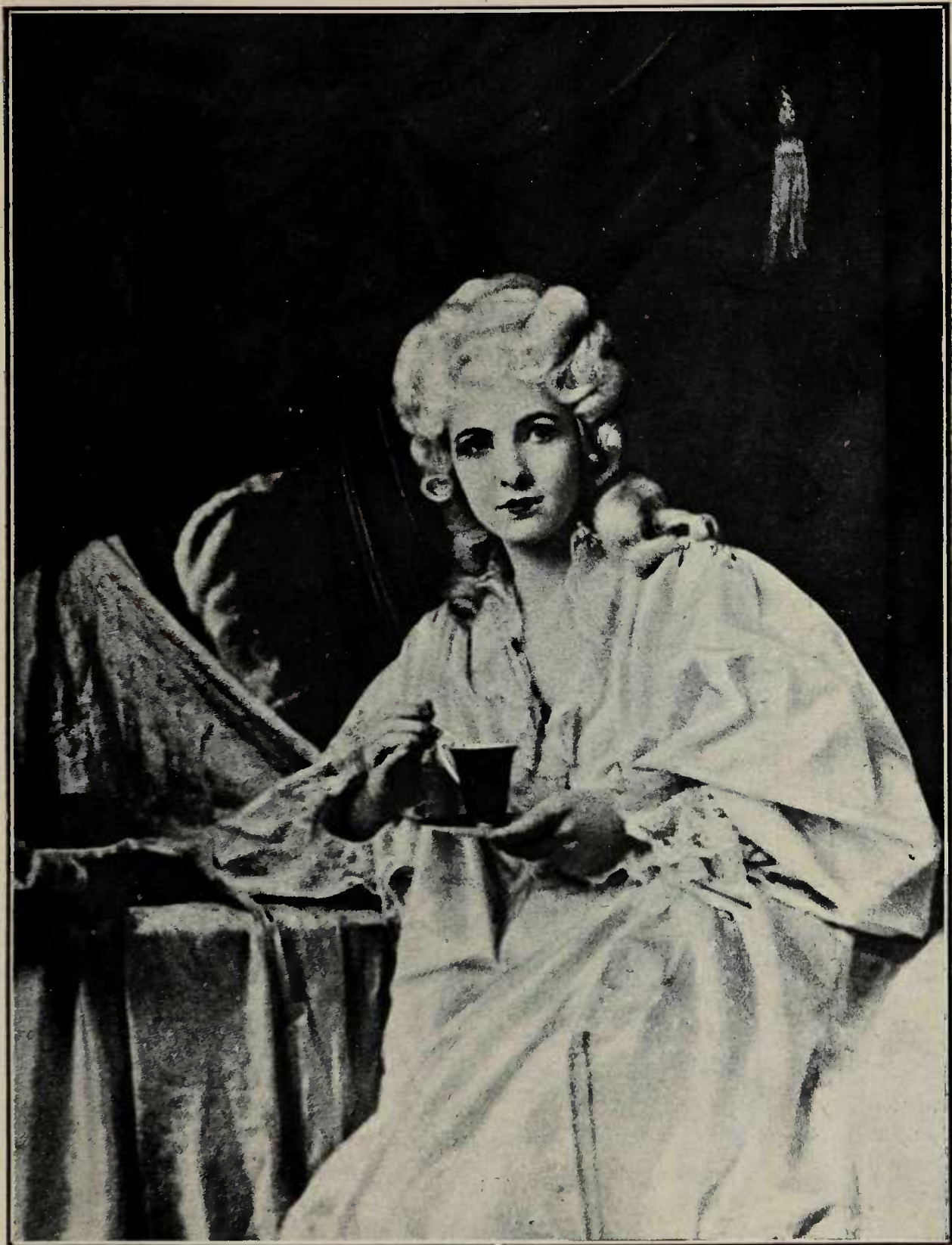
A temperatura do Mediterraneo é de 10 gráus mais elevada que a do Atlantico; a evaporação é, pois, mais activa no mar interior e as suas aguas são por conseguinte mais salgadas do que as do oceano; são aguas azues que, quando chegam a atingir grande profundidade, se tornam verdes.



sa, eram o ideal da inopia de uma raça acorrentada á monotonia do deserto hostile e só podia despertar um interesse mediocre ou uma curiosidade frivola no homem que vive em meio á opulencia de uma natureza que exgottou no incola a capacidade de sonho. O brasileiro, levado á vertigem por um delirio de luz e de côres, existindo junto a um oceano soberbo e

tendo sempre diante de si o espectáculo grandioso de florestas fartas onde corre a gamma toda do verde, de aguas cantantes de rios e cachoeiras, de uma fauna e uma flora maravilhosas, não aspirará o oasis, não sonhará Chanaan...





ESTRELLAS DO CINEMA

Claire Windsor, a linda artista americana, metamorphoseada em Mme. Du Barry, a favorita de Luiz XV.



# SAPHO



S multiplas legendas imaginadas pelos antigos gregos em honra de Sapho, e tambem as aventuras de que ornaram a sua historia, fizeram dessa mulher famosa uma personagem mythica. Ella viveu, ao que parece, entre 630 e 570 antes de Christo e pouca coisa ha de certo sobre a sua existencia real.

Não obstante, sabe-se que ella morou em Lesbos e que foi obrigada a fugir para a Sicilia. Mais tarde voltou a Mitylene, onde costumava fazer reuniões de moças, a quem cantava, ao som da lyra, versos da sua lavra e a quem ensinava a poesia. Sabe-se tambem que ella casou com Cercolas de Andros, teve uma filha, Cleio, e morreu em idade avançada, o que desmente a fabula, repetida por Ovidio, do seu suicidio por ciumes. Muitas outras ficções de que ella foi objecto só têm valor historico por haverem ornado as narrações dos velhos aédos gregos.

Aliás, não se comprehende, examinadas á parte as legendas, o entusiasmo dos hellenos por Sapho, por elles considerada o maior poeta lyrico, superior mesmo a Pindaro. E' verdade que de todas as suas obras só chegaram até nós um hymno a Aphrodite, uma ode a uma

rapariga e alguns fragmentos. Mas ali não se encontra a graça e a doçura do rythmo nem a musica da linguagem que maravilharam os gregos.

No entanto, só pelo facto de ter Sapho inspirado os poetas que a cantaram, os gravadores que reproduziram os seus traços em medalhas e os esculptores que animaram o marmore com a sua figura, deve a arte humana á poetiza grega uma enorme gratidão.



**A infancia na Pintura**

La toilette de la poupée, quadro de A. Faugeron.

de um negro um doutor, mas são necessários seculos para se fazer d'elle um homem civilizado. A guerra mostrou como eram numerosos nos grandes paizes os homens dotados de uma alta cultura mas que não tinham sahido ainda da barbaria ancestral.

Gustave LE BON

## FRAGMENTOS DE

### PHILOSOPHIA

A grande guerra demonstrou dois factos inteiramente novos. O primeiro é que, com o custo actual das batalhas, o vencedor fica tão arruinado como o vencido. O segundo, que as indemnizações devidas pelo vencido são indirectamente pagas pelos povos que não tomaram parte alguma no conflicto.

\*\*\*

A civilização da intelligencia não está em relação com a do sentimento, Alguns annos de educação classica bastam para fazer



## Um Poeta muito nosso

**D**E S. Paulo, daquella admiravel S. Paulo de Klaxistas e que a par da poesia machiavelica dos Andradas nos tem dado, felizmente, o lyrismo encantador de Cleómenes Campos, o poeta encantador de «Coração Encantado» e o estro riquissimo, opulento de Paulo Gonçalves, chegou-me, ha dias, um novo livro de versos absolutamente caipiras: — «As Moreninhas», de Cesidio Ambrogi.

Devo confessar, primeiramente, que tenho em boa conta a classe, que já se vae tornando numerosa, dos chamados poetas caipiras, o nosso Catullo inclusive, mau grado algumas daquellas suas imagens de um lyrismo muito Academia de Letras, mettido a martello na cachóla dos indefesos carreiros do Cariry e dos vaqueiros do Pajahú. Para mim é o poeta caipira o mais sincero de todos os caipiras da nossa chamada poesia indigena, salvaguardados, é certo, os direitos adquiridos pelos versos heroicos do sr. Hermes Fontes, a elegancia poetica do cantor dos «Castellos na Areia» e a melancholia inofensiva e bella de Murillo Araujo.

Porque nelles, nos poetas do sertão, não ha afivellada á alma essa mascara que rouba aos aédos do Flamengo e das mattas super-civilisadas do Largo do Machado a propria individualidade: uma pretensa sensibilidade retocada exaggeradamente a traços largos do «baton» permostico da litteratura.

O nosso caipira é intencionalmente um poeta, um coração profundamente emotivo, um espirito manifestadamente bom, mesmo acocorado sobre os calcanhares como o quiz, nos «Urupês», a visão litteraria do sr. Monteiro Lobato, sentimentos esses que o caboclo faz explodir ostensivamente, ao som de uma viola, com musica de ouvido ou de Eduardo Souto, ou em melosos versinhos, quasi sempre «quadrinhas» sem aquillo a que os bigodes outr'ora parnasianos do sr. Alberto de Oliveira chamam emphaticamente de «technica do verso».

Pouco importará, sem duvida, ao caboclo poeta, a contagem de syllabas e a collocação, não de pronomes, coisa que continúa a ser, na vida publica da lingua portugueza, o mais delicioso dos problemas, um caso muito sério, mas a das to-

nicas nos seus respectivos logares, á maneira das columnas resistentes a qualquer humidade do engenheiro ferro-viario dr. Luiz Carlos.

O que o caipira quer é dizer o que sente, o que lhe vae dentro d'alma, seja lá como fôr. E' a esse salva-vidas poetico — a ingenua liberdade de não fallar correcto — que se agarram com unhas e dentes os senhores poetas caipiras, salva-vidas esse que dispensa os trabalhos estafantes do verso limado e da imagem burlada.

E esse commodismo poetico não deixa de ser, afinal, uma demonstração clara, evidente, de accetivel sinceridade.

Pelo menos não ha nesse genero nacionalisado como caipira, a intenção de pulverizar o leitor com imagens gregas passeiando, de tunica e sapatos a Luiz XV, ás margens do Amazonas, por entre casas de sapê e templos pagãos...

\*\*\*

E, talvez por isso tudo, encontrei no sr. Cesidio Ambrogi, como ha tempos no sr. Cornelio Pires, um dos mais recommendaveis poetas caipiras.

Buscando os seus assumptos por entre o sapê que cerca discretamente a intimidade do lar caipira; compondo os seus quadrinhos em motivos da vida do nosso interior, o poeta de «As Moreninhas» tem, pois, de ante-mão o seu «habeas-corpus» garantido, como todos os vates de chóças, restingas e juritys, pelas rimas de «muiê» com café ou ramo com «estamo» (estomago).

E dentro dos principios defendidos por esse «habeas-corpus», de que o caipira diz «estamo» em vez de estomago, acceto e sou o primeiro a justificar o ultimo tercetto do soneto «Na caçada», que se encontra á pag. 50 do volume:

Mas nisso, oh susto tivéra!

O bicho salta na espéra

E os pés lhe mette no «estamo».

Não ha duvida, porém, sobre a authenticidade do episodio, como é nosso tambem e muito nosso esse quadrinho delicioso de um bucolismo encantador:



«Primavera. Sol. Rumores.  
Cruzam-se azas, chilram ninhos.  
É anda uma orgia de côres  
É sons, ao léo, nos caminhos.

No terreiro nhã Dolores  
Dá quiréra a uns pintainhos;  
Junto ao «paió», grunhidores,  
Fossam alguns bacorinhos.

Rebrinha o sol, triumphal...  
Nhô Zéca Antonho a cavallo  
Se abyssina num cafezal.

Geme, perto, uma cancella,  
Ao longe clarina um gallo  
É uma araponga martella...

Vejamos agora o sr. Cesidio  
Ambrogio mettido na pelle de  
poeta civilisado, a descrever,  
com ares de philosopho anti-  
quado, um velho monjolo de  
uma fazenda proxima:

«Velho monjolo, á magua con-  
[demnado!  
Quem sabe si por um estranho  
[fado  
Não tens nervos tambem e não  
[tens alma?

Prefiro, pois, a essas explo-  
sões pyrotechnicas de imagens  
avoengas, a sinceridade de ex-  
pressão dos versos caipiras:

Um foguete no ar espóca  
«Tão chegado» — diz Nhô João.  
E estúa to.la a sitióca  
N'uma enorme confusão.

Na frente a noiva, a Silóca  
Vem cavalgando o Alazão,  
Um cavallinho macóta  
Que nem tem geito de «bão».

E ao chegar, sem mais recatos,  
Dos pés arranca os sapatos  
E ao ver-se livre de peias,

— Safa! — exclama em meio ao povo,  
Sí eu me casasse de novo,  
Me casava só de meias!»

Continue, portanto, o sr. Cesidio Ambrogio  
a ver e observar as choças dos nossos pacatos  
caboclos, deixando de parte a malfadada poe-  
sia symbolista dos sertões do nosso Parnaso.

E quanto á Posteridade, não se incommo-

A angustia e o arrependimento causados  
pelos nossos actos não são muitas vezes mais  
do que o receio das suas consequencias. — SCHO-  
PENHAUER

## OS ANIMAES E O SPORT

O homem é, por principio, o rei da crea-  
ção. No entanto, sob o ponto de vista de «per-  
formances» athleticas, elle está collocado muito  
abaixo dos seus irmãos inferiores.

Não ha corredor capaz de cobrir em 10  
segundos uma distancia de 100  
metros, o que representa uma  
distancia horaria de 36 kilome-  
tros. Ora, um galgo, em per-  
curso reduzido, consegue facil-  
mente a velocidade de 72 ki-  
lometros.

Quanto á corrida de resis-  
tencia, os detentores do record  
são o lobo, que pode fazer nu-  
ma noite 150 kilometros, e o  
canello, que mantém facilmente  
a andadura de 25 kilometros á  
hora durante um dia.

Quanto ao salto de altura,  
nós nada somos em face do  
cabrito montez e do antilope,  
que transpõem habitualmente  
obstaculos de 4 metros de al-  
tura, e do jaguar, que alcança  
de um salto um galho colloca-  
do a 5 metros do sólo.

O consólo é que, em outros  
dominios, o homem é o mo-  
narcha absoluto; e tanto que,  
quando Sadi Lecointe se eleva  
a 10.500 metros, não encon-  
tra nessas alturas um só espe-  
cimen do reino animal. E quan-  
to ao record de duração, não

tardaremos em superar o albatróz, a unica ave  
marinha capaz de fazer a travessia dos oceanos.

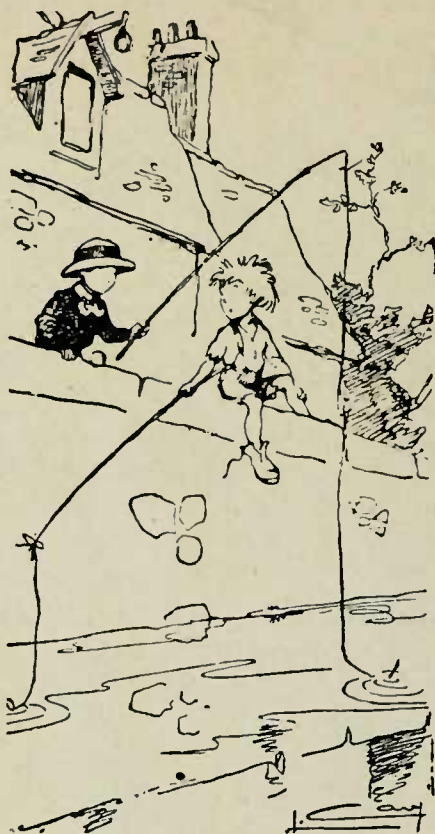
O titulo mais curto é o de um diario de  
New-York dedicado ás mathematicas e que se  
chamava simplesmente X.

O mais comprido é o de um periodico  
de Varsovia, que se chama: «Sprawosdania z —  
pismiennietwa — naukowego — polskiego — w  
— dzi — edzinie — nauk — matem — atycznych  
— i — przyrodni — czych».

de o poeta: essa exigente senhora quando pre-  
tende homenagear alguém não se recusa nunca  
a tomar uma passagem, acredite o sr. Cesidio,  
no proprio trem da Mogyana...

Terra de SENNA

### PESCADORES...



- Os meus pais têm medo que eu caia á agua..
- Pois os meus não se incommodam; eu não  
denho chapéu novo...





THEDA BARA

A fama, de que sempre foi favorita a formosa Theda Bara, parece havel-a esquecido um pouco... E no entanto Theda foi uma artista que escravizou platéas... Os seus olhos liquidos, profundos, expressivos, ainda hoje mantêm nos olhos que os viram o prestigio que emana de todas as coisas magneticas.



### OS SPORTS NA ARGENTINA

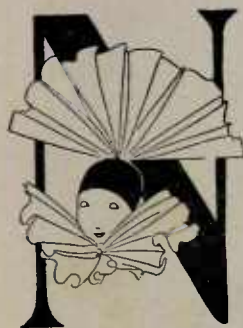
Uma vista geral do importante edifício do Club de Regatas de Rosario, tomada numa tarde calma de verão.

*PARA  
TINGIR  
EM CASA  
USEM  
SÓ*

**Germania**



## CABELLOS CORTADOS



UMA interessante *enquête*, em «Les Annales», Yvonne Sarcey dá conta da opinião de varios representantes do sexo feio sobre a moda dos cabellos cortados, em plena voga entre as lindas criaturas do sexo lindo.

Aquí vão alguns desses *veredicta*, que devem de certo interessar (interessar

sómente, porque a mulher costuma considerar de pouco peso a opinião dos individuos do sexo contrario), que deve interessar, diziamos as louras ou morenas deidades que sacrificaram no altar da Moda as suas formosas madeixas de ouro ou de ébano.

Jacques Gaudet escreve. «Apezar de não ser mais um homem casado, responde ei sem hesitação que difficilmente me casaria com uma mulher de cabellos cortados. Digo *difficilmente*, em lugar de pôr a negativa absoluta, porque algumas mulheres ficam apezar de tudo bellas com esse penteado e porque, a sua finura, a sua intelligencia e o seu espirito não soffrem com isso a menor diminuição; e admitto mesmo que se possa ficar loucamente apaixonado por uma mulher de cabellos curtos, pois que sempre fica a esperança de que ella os deixe crescer de novo.

Isso não quer dizer que eu ache esse penteado absolutamente feio; mas não creio que haja nada mais admiravel, mais captivante numa mulher (á excepção dos olhos) do que uma bella cabelleira, que lhe dá uma physionomia propria e bem feminina, uma cabelleira longa e basta, arranjada de mil maneiras durante o dia, uma cabelleira cujos re-

flexos se pôdem modificar á vontade e que deixa ver uma nuca com cachos caprichosamente enrolados e macios, uma cabelleira enfim que á noite se desenrola amorosamente em madeixas odorantes, com reflexos louros, ruivos, negros ou castanhos...

Haverá coisa mais maravilhosa? Como não comprehendem as mulheres que até ás feias dará belleza e attractivos magneticos uma cabelleira sumptuosa e bem arranjada, como as que se vêm ainda na Hespanha e na Italia? Será possivel que ellas não se saíam olhar diante de um espelho? O homem é já feissimo com os seus cabellos cortados; que dizer então da

mulher cujo pescoço raspado e aspero deixa ver uma côr azulada sob os cabellos estupidamente curtos que parecem uma peruca mal collocada? E' horrendo e ás vezes repugnante! E como isso se harmoniza mal com as toilettes femininas!

O homem teve outra razão imperiosa para tosar a cabelleira e o uso fez o resto — mas nós somos e continuaremos a ser o «sexo feio».

Sou um feminista encarniçado. E desejaria que a mulher tivesse todos os direitos do homem, absolutamente todos e que vivesse como elle. Mas porque razão têm as mulheres desde algum tempo a mania absurda de tomar ao homem justamente o que elle possui de mais desagradavel ou ridiculo? Nada mais justo que a mulher cobice as liberdades do homem; mas é horrivel que ella

pretenda os nossos trajos, os nossos cabellos cortados e talvez a nossa calvicie, e as nossas manias de fumar e de jogar!

Si não houver uma reacção salutar, creio que dentro de algumas décadas só haverá um sexo, o feio, o que será uma coisa bem triste!»





### AS CAPITAES NORTISTAS

Vista geral de Aracajú, capital do pequeno mas prospero Estado, tomada de um avião. Vêm-se junto á praia, dois hydroplanos em evoluções.

Jacques Favier opina: «Cabellos cortados, olhos alongados pelo bistre, carmin nas faces e *rouge* nos labios: não! este quadro da moça de agora não é feito para seduzir os futuros maridos que nós somos!»

Paul Ainaud chega a ser rude: «Nunca poderei compreender que moças honestas tenham prazer em se parecer com as *outras*. Ha em Marselha uma categoria de jovens ou velhas criaturas de cabellos cortados a que chamam *cagoles*. E eu queria saber si «Mlle. Blonde-aux-cheveux-coupés» gostaria de ser assim chamada.»

Jacques Trévière sentença: «Penso que tudo está na «maneira»; algumas atrevidas, com o nariz no ar, gestos bruscos, vóz forte, são simplesmente odiosas com essa cabelleira de homem; outras sabem ficar sedutoras com os cabellos curtos. Não ha, a bem dizer, cabelleiras feias ou bonitas, mas bonitas ou feias maneiras de a trazer. Em summa, ha duas raças: a das que são mulheres e a das que o não são.»

Como se vê, a opinião masculina sobre a moda dos cabellos curtos é a menos favoravel possível; mas isso não importa: a questão é que as mulheres a estimem...

### “Ellas” por “Elles”

As mulheres são tolas; uma vez que o amor lhes entra no cerebro, nada mais comprehendem. Não ha sensatez que resista: o amor acima de tudo, tudo pelo amor!

MAUPASSANT

As razões por que uma mulher ama a um homem são sempre razões secretas.

HENRI BATAILLE

As mulheres que amam perdoam mais facilmente as grandes indiscrições do que as pequenas infidelidades.

LA ROCHEFOUCAULD

Aos cincoenta annos as mulheres se fazem devotas, porque esse é para ellas o tempo da apparição do diabo.

HELVECIO





A GRAÇA FEMININA NO CINEMA

Alice Terry, uma das mais lindas artistas da scena muda, que acaba de fazer um retumbante successo como protagonista do film "Scaramouche"

# As modernas instalações d'A OPTICA

RUA DA QUITANDA — Esquina da RUA BUENOS AIRES



Gabinete  
para exames



Officinas



**Exames da VISTA, GRATIS**  
**Diariamente**

**Consultorio a cargo do Dr. RODRIGUES CAÓ**  
Especialista das molestias dos olhos, com pratica nos hospitaes europeus



## ASSOPRANDO O BORE'



MERICANOS!

E' preciso que haja musculos de ferro que levantem o El-Dorado, e o apresentem rudemente á Europa, á Asia, á Africa, á Oceania! E' tempo de levarmos á bocca as

pocemas enormes, e, com ellas, apavorarmos as estrellas! E' tempo de manejarmos os tacapes deante do Sol!

A pujança da America ruge pelos seus titans de luz, que não a plasmam como ella é! Que é dos esculptores, de veias entumescidas, que lhe deem o relevo dos astros, com seus buris faiscentes? Que é dos pintores que esboçam os troncos das suas florestas e as catadupas dos seus rios, em toda a sua grandeza natural? Que é dos trovadores musculosos que a cantem em balladas e estrondos; e, com o arco retezado ao busto moreno, entõem o pean da sua alegria até as regiões inter-planetárias?

Que é dos seus artistas?

Que é dos seus sacerdotes, que professem a idolatria dos raios e dos condores? Que é dos seus juizes, nus e severos, que distribuam a justiça impeccavel de

Deus, e regulem a acção dos homens pelo movimento dos sóes?...

Nada d'isso possueis ainda, America! Nada de espiritualmente grandioso te enverga a lombada de cordilheiras e de rios-mares! Nada d'isso te faz sorrir como um jequitibá orgulhoso das suas centenas de franças. Nada d'isso, noiva de Tupan...

Tal o cacique exilado das suas hordas de bronze, — espera, ó virgem abandonada, que os teus gigantes remidos descerrem os braços para o Azul, coalhando os teus sertões, desde o Amazonas ao enxame de ilhas do Canadá e da Patagonia. Espera!

Espera, que uma geração de cyclopes vem a caminho de ti, neste seculo...

Padua de ALMEIDA.



O despertar da America

### Sarah Bernhardt confeiteira

Pouco faltou para que a insigne tragica franceza fosse uma... confeiteira.

Num momento de raiva e de despeito, quando se achava no theatro do Gymnasio e Martigny lhe havia confiado um papel que lhe desagradava, Sarah pensou seriamente em dedicar-se ao commercio; tão seriamente, que até já havia escolhido o ramo a que ia consagrar-se: a confeitaria.

Para isso chegou mesmo a tratar uma no *boulevard* dos Italianos, que afinal não chegou a adquirir por uma questão de accommodações.

Esse motivo insignificante bastou para que Sarah Bernhardt voltasse á carreira de que estava desgostosa no momento e que mais tarde lhe daria tanta gloria e tantos lucros...





# O NOVO FAUSTO



PROLONGAMENTO da vida é um desejo que nasceu talvez com o primeiro homem. Em todos os tempos essa esperança sorriu á especie. Houve quem, sonhando demasiado, procurasse tornal-a eterna, que seria o peior dos supplicios,

porque a eternidade deve ser para os deuses e para os immortaes o supremo tedio...

A vida... Uma illusão, como tudo no mundo. Morremos a cada instante, isto é, transformo-nos a cada minuto. A vida, portanto, é uma dança de Proteu. Prolongal-a equivaleria a augmentar o ludibrio de nossa condição. A nossa existencia, quiçá, a de tudo, pode ser definida pelo verso dantesco:

*Non e il mondan rumor altro che un fiato  
Di vento, ch'or vien quinci ed or vien quindi,  
E muta nome, perché muta lato.*

Deixando de definil-a pela musa dos poetas, a mesma finalidade se depara na verdade da sciencia:

«Pontes de passagem, machinas reductoras da materia e libertadoras da energia, eis o que somos.» diz o Dr. Teixeira Coimbra, na sua admiravel these de doutoramento — «A vida e a morte.»

Na Edade Media — esse calabouço da Historia — o problema foi uma idéa fixa, absorvente, dando origem á poesia dos sabios da alchimia, metaphysicos do impossivel, que sofriam o mal da vaidade incoercivel de tentar abrir as portas bronzeeas do mysterio, que ainda detêm a ansia humana de quebrar o inviolavel segredo de seu destino. Os alchimistas, com o elixir da longa vida, anhelavam uma solução para o problema do scr.

Fausto é o symbolo eterno dessa volição obscdante, infatigavel, do homem que não se conforma com a sua contingencia de ser um Prometheu que se não liberta... e envelhece.

Goethe, com a sua

obra prodigiosa de genio, deu á lenda medieval o sopro genesico da Arte, o clarão impercível da Belleza. Ahi, nesse poema immortal, o esforço para alcançar a mocidade perenne motiva osurto da alma de todos os homens que, sob o doloroso influxo do pensamento, na tortura da duvida e na angustia da razão, interrogam o Absoluto, se abysmam no universo, para roubar o fogo do ceu, para arrancar o arcano das esphinges que os envolvem, numa sublime rebeldia de titans.

Fausto, para tanto, vende a alma ao Diabo. O homem moderno, o torturado de hoje, o novo Fausto tem a mesma aspiração incontida. Absorve-o o problema inextricavel da vida e, ao revez do symbolo goethiano, entrega o seu corpo á Sciencia.

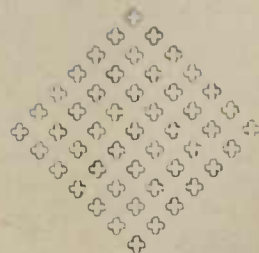
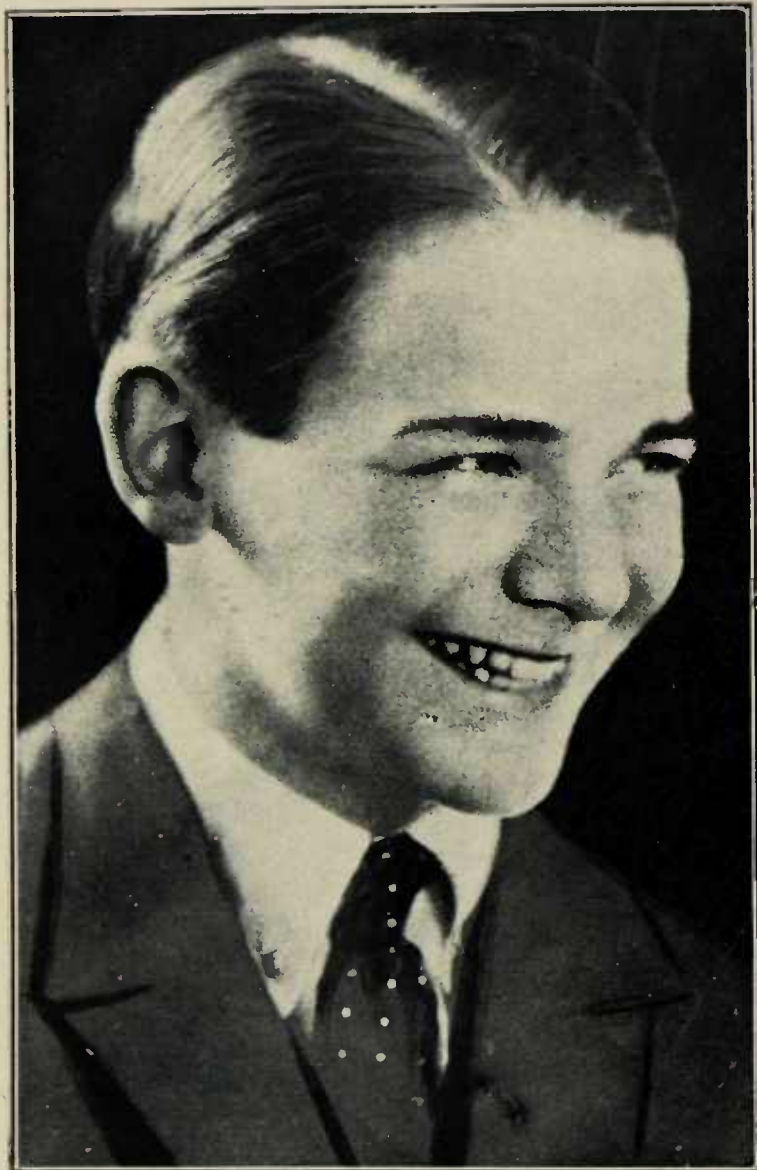
O Dr. Voronoff é, neste seculo, um Mephistopheles de bisturi, acenando-nos com a esmeralda symbolica, que representa, por signal, a esperança, esse demonio de olhos verdes, na phrase preciosa de Machado de Assis.

O rejuvenescimnto do homem serve-lhe de applicação pratica, consistindo o systema do medico diabolico em enxertar glandulas de macaco. Ha uma certa logica nesse processo maravilhoso, que actualmente interessa todas as creaturas que «dobraram» o cabo dos sessenta annos... O simio, na theoria de Darwin, é o nosso genitor veneravel, estando já muito abalada a crença de que tenhamos origem divina. Adão, sem o euphemismo lyrico da Biblia, não é senão um chimpanzé authentico. Ora, sendo assim, é justo que as glandulas do nosso pae presumível sirvam, providencialmente, para nos livrar dos horrores da longevidade, dando-nos a delicia de um retorno á edade viril.

O Dr. Voronoff torna-se, dest'arte, um thau-maturgo, um excellento Satanaz, um portentoso Messias.

Todos os velhos, neste momento, acompanham com alvoroçada soffreguidão os resultados dessa alchimia cirurgica. E até o divino Anatole France, octogenario de edade e de scepticismo, vae, ao que propala o ironico e indiscreto telegrapho, sujeitar-se á

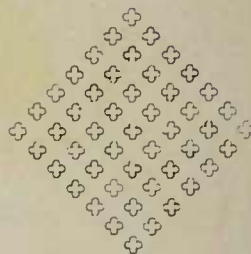




## ARTISTAS DE CINEMA



*A segunda geração de artistas da scena muda entra em scena. Agora é Douglas Fairbanks Junior que, com treze annos, começa, sob os melhores auspícios, a carreira em que o seu pai se celebrou.*



experiencia, levado talvez, pelos caprichos do amor, porquanto, depois de ter, como abelha do espirito, construido uma colméa immensa de ironia philosophica, de amavel e irreverente pessimismo, acabou victima da propria penna-estylite, ferindo-se nos espinhos das rosas que lhe perfumam O jardim de Epicuro... E, velho, fez uma tolice, perdoavel quando se tem pouco juizo e vinte annos ardorosos e inexperientes: casou-se :

Casou-se... E, *pour cause*, entrega-se á pericia do Dr. Voronoff, que, ao lhe enxertar as glandulas do macaco — o novo martyr da sciencia, que vae concorrer com os coelhos e as cobaias, victimas predilectas dos laboratorios, ha de sorrir com uma malicia de Mephistopheles e uma subtil perversidade de Sylvestre Bonnard.

Os ironistas, para não serem victimas de si mesmos, deveriam, na idade critica, abs-

ter-se do casamento, que é uma loucura justifiavel na mocidade.

O mundo, neste instante, soffre uma transformação completa. Dir-se-ia que ha uma reversão ao cahos...

Valha-me o proprio Anatole : «*Créer le monde est moins impossible que de le comprendre...*»

Saul de NAVARRO.

---

### MAXIMA PERSA

A paciencia é uma arvore de raiz amarga e de fructos saborosos.

—«O»—

O amor proprio é o maior inimigo da verdade. — SIVRY.





A DEUSA DOS FILMS DE LUXO

MAE MURRAY é uma bailarina deliciosa que toma os  
films para pretexto da exhibição dos seus admiraveis dotes  
plasticos. Os seus films representam, pois, horas de esthesia,  
de rythmo, de fascinação...



## Os figurinos modernos

Vestido para a tarde, de organdi havana, com saia bordada. A golla e as mangas, bem curtas, são enfeitadas com bordados diferentes. O fundo do vestido é de tafetá preto.

## A vitalidade activa dos livros

**E'** PRECISO constatar mais uma vez uma grande lei de todas as criações de arte: o que ha de melhor, de essencial, de mais vivo nellas, não é o que o artista meditou e quiz fazer, é o elemento inconsciente que elle lhes ajuntou, ás mais das vezes sem o saber e não raro máu grado seu. Devo acrescentar que é justo ver nessa inconsciencia, não uma humilhação para o artista, mas um ennobrecimento da sua obra e uma recompensa a um outro trabalho, o que elle executou, não sobre a sua propria obra, mas sobre o seu proprio espirito. Esse dom de pôr num livro mais do que se pretendia e de ultrapassar a sua propria ambição, só é concedido aos genios soffredores e sinceros que trazem no fundo do seu ser o rico thesouro de uma corajosa e alta experiencia desinteressada. Foi assim que Cervantes escreveu o «Don Quixote» e Daniel de Foë o «Robinson», sem suspeitarem do que irsnuavam: um, todo o ardor heroico do hespanhol, o outro, toda a energia solitaria do anglo-saxão. Si elles não tivessem praticado essas virtudes desde longos annos, o primeiro uma empreza cavalheiresca, o segundo uma invencivel paciencia, os seus romances na.la mais teriam sido do que aquillo que elles pretendiam, isto é, simples narrações de aventuras. Mas a sua alma valia mais do que a sua arte e ella passou nessa arte para dar-lhe o poder de symbolismo que é a vitalidade activa dos livros.

Paul BOURGET





I

**N**ÃO gostavam os outros meninos do pequeno Kostia, que era doentio e tinha o rosto transparente e os cabellos castanhos sempre despenteados.

Não gostavam delle... Porque? Com certeza pelo mesmo motivo que os adultos não gostavam dos adultos semelhantes ao Kostia pensativo e de olhos claros. Um grupo e outro se differenceiam apenas pela idade; mas o desamor subsiste.

Quasi todos os meninos repelliam igualmente a Kostia; quando este se chegava a um grupo de crianças, levantava-se um grito unanime:

— Vae-te! Vae-te! Não te queremos aqui!

Depois de permanecer um instante junto dellas, suspirava e começava a contar de um modo suave e indeciso:

— O nosso porteiro estava no pateo a fazer um buraco para plantar uma arvore e a pá bateu numa qualquer coisa dura. Olhou e eram ossos, uma caveira e uma caixa de ferro... Abriam-n'a e nella...

— Vae-te embora! Não precisamos sabel-o...

Suspirava de novo, submisso, retirava-se para um canto e, assentando-se num banco do parque aquecido pelo sol, punha-se a meditar...

— Como te chamas, menino?

— Jim...

— Vamos lá! Não és russo?

— Não, senhor; sou inglez.

— Ora, ora! E como fallas tão bem o russo?

— E' que fugimos de Londres quando eu era ainda muito pequeno.

— Fugistes? Como? Quem vos obrigou a fugir?

Os pensativos olhos do menino ergueram-se ao céu e seguiam a passagem altissima das nuvens.

— Oh! E' uma historia longa, senhor; é o caso que o meu pai matou um homem...

O senhor começou a inquietar-se e afastou-se um tanto do menino melancolico que fallava com simplicidade de coisas tão horriveis.

— Matou um homem? Porque?

— Na City havia um Banco que ainda existe e se chama... «Deustch Bank»... O meu pai estava empregado nelle e logo, graças á sua honorabilidade, foi feito caixa... Uma noite, quando punha em ordem algumas contas, viu um vulto que deslisava furtivamente pelo corredor, em direcção aos subterraneos em que se guardava o ouro... O meu pai escondeu-se e se dispoz a segui-lo. E quem julga o senhor que era aquelle homem? O director do Banco! Des-

ceu ao subterraneo, encheu uma carteira de ouro e de notas e quando sabiu o meu pai saltou-lhe á garganta, apertando-a. Papae comprehendeu que si o outro conseguisse escapar toda a culpa recabiria sobre elle. O desespero deu-lhe forças; atracou-se com o canalha e logrou estrangulal-o. Chegou á casa na mesma noite, tomou-me nos braços, atravessámos o Tamisa e viemos para a Russia.

— Pobre cabecinha! disse com pena o homem, dando-lhe palmadinhas no hombro. E a tua mãe, onde está?

— Morreu queimada, senhor.

— Queimada?

— Uma vez os garotos de Londres embeberam de petroleo um rato e atearam-lhe fogo; naquelle momento passava a mamãe pela rua, com as compras que fizera; o rato, que ardia, mettu-se pelo seu capote e ao cabo de um minuto a mamãe parecia um archote...

O pequeno pendeu tristemente a cabeça e emmudeceu; pouco faltou para que o compassivo senhor se desfizesse em pranto, profundamente chocado por tanta desdita.

— Pobre creaturinha! Vem, vou acompanhar-te até á casa, afim de que nada te aconteça de mal.

Jim sorria brandamente.

— Não, senhor; nada me acontecerá! Vê este talisman? Elle me protege contra tudo e contra todos!

Tirou do bolso um pedaço de madeira e mostrou-o confiadamente ao seu interlocutor.

— Que talisman é este?

— Deu-m'o na Criméa uma velha tartara. Lembro-me ainda: estavamos trepados a um penhasco altissimo, bem á borda do mar.

E que succedeu? Enquanto eu o tinha em meu poder, a pedra rolou debaixo dos seus pés e... pum! Ella e a pedra, no mar!...

— Um milagre! Um verdadeiro milagre! Esta é a tua casa? Bem; adeus, Jim; sê feliz, meu pequeno!

Jim subiu animosamente a escada e o senhor acompanhou-o com a vista admirada...

E ficou tão largo tempo, abstracto, que a porteira, com as saias arregaçadas, chegou-se a elle, perguntando-lhe:

— Quem procura o senhor?

— Ninguém. Diga-me:

quem é o menino que acaba de entrar ahí?

— E' Kostia, o filhinho dos Cherepitzin. Porque pergunta?

— Como? Não é inguez?

— Que pergunta! E' um fedelho, e nada mais.

Com certeza lhe pregou algum carapetão, não é? A sua mãe faz todo o possivel para cural-o desse vicio, sem nada conseguir.

— Elle tem a mãe viva?

— Sem duvida! Mas com certeza acabará com ella si proseguir nas suas mentiras. Que pequeno embusteiro! Já o conhecem em toda a rua. E' surprehendente!

11

Ao chamado insistente da campainha, abriu-lhe a porta a empregada Uliacha.

— Onde esteve você, Kostia, a estas horas?

— Distrahindo-me na rua; um automovel acaba de atropelar o nosso porteiro e estive vendo. Vê si tenho sangue nos sapatos...

— Quem foi atropelado, Estevão? Mataram-n'o?

— Sim. Os cavallos tomaram o freio nos dentes... O carro levava uma senhora elegante... e Estevão atirou-se para segurar as re-deas dos animaes...

— Porque é que mentes assim, Kostia? A principio era um automovel, agora é um cavallo. Sempre inventas cada coisa!

— Não. Não é invenção. E a condessa affirmou que, depois de curada, se casaria com elle...

— Está bem, basta de mentiras. A comida está esfriando; a mamãe sabiu e a vóvó está te esperando...

Balançando-se nas suas perniilhas delgadas, Kostia fez um tregeito mysterioso e dirigiu-se para a sala de jantar.

— Porque vens tão tarde? perguntou-lhe a avósinha, indo ao seu encontro. Onde estiveste mettido?

— Estive uma hora defronte á nossa porta. Uma historia interessantissima!

— Que foi?

— Comprehendes, vóvó?

— Já chegando á nossa porta, olhei e... dois sujeitos estavam a fazer não sei que com a fechadura; um dizia: «A cêra está muito dura, não sáe o molde» e o outro, que era mais baixo, respondeu-lhe: «Aperta, aperta, que sahirá!»

— Kostia, gritava a avó alarmada, não mintas!

— Está bem; si julgas que são mentiras... respondeu Kostia, sorrindo sarcasticamente; deixa que elles penetrem na casa e nos roubem tudo e nos degollem. Então verás si são mentiras ou verdades. A minha obrigação é contar o que vi...

A avósinha se desesperava.

— Kostia, estás mentindol





Vejo pelos teus olhos que acabas de inventar essa história.

— Inventar? fez elle, dando ás suas palavras um tom sibyllino. E si eu te mostrar o pedaço de cêra, dirás tambem que o inventei?

— E como o tens em teu poder?

— Muito simplesmente: elles subiram a um carro, eu tomei a trazeira e, quando chegámos aos suburbios, passei correndo junto do homem mais baixo, dei-lhe um tranco e tirei-lhe do bolso o molde de cêra. Aqui está elle!

Tomou pela segunda vez do mesmo pedaço de madeira que havia mostrado no jardim e mostrou-o de longe á avósinha de vista fraca.

A duvida apossava-se do coração desta: «Bem sei que é mentira... Mas si acaso é verdade o que elle diz? Ha casos de ladrões que tiram moldes das fechaduras, penetram nas casas e degolam os moradores. Ainda hontem li no jornal um caso destes. E' preciso dizer a Uliacha que feche o ferrolho da porta...»

— Vae chamar Uliacha. Kostia obedeceu e foi a correr até ao vestibulo, onde gritou a Uliacha, que falava ao telephone:

— Uliacha! Deixaste outra vez aberta a torneira da cosinha. Está cheia d'agua e os moveis estão sahindo pela janella!

Uliacha abandona depressa o phone que bate ruidosamente contra a parede; corre até á cosinha, tropeçando nos moveis que encontra no caminho.

Ao cabo de um minuto desenrolou-se uma scena tremenda.

— Kostia! Mentiste outra vez! Vou-me embora desta casa, que não posso mais supportar isto!

— Eu pensava que corria agua — disse Kostia, justificando-se timidamente, a olhar com olhos supplicantes a criada enfurecida. Pelo menos ouvi o barulho...

Quem sabe o que era esse doce e inoffensivo menino? Talvez lhe parecesse uma realidade que os homens que estavam fumando pacificamente junto de sua casa intentassem de facto tirar o molde de cêra da fechadura...

### III

A' noite estava Kostia no gabinete do seu pai, junto á mesa de escrever, e com olhos muito abertos olhava as mãos do seu progenitor que mexiam varios papeis.

— Onde estiveste hoje, Kostia?

— No jardim.

— Viste boas coisas?

— Vi a mãe de Lidochka Priaguina.

—Que dizes? A mãe de Lidochka já morreu!

— Pois ahi está o que assombra. Estava eu sentado num banco quando, de repente, do meio da folhagem, começou a surgir e a approximar-se de mim, assim como uma nuvem cinzenta... mais perto... cada vez mais perto. Olhei: era a mãe de Lidochka. Estava tão triste! Chegou-se rapidamente a mim, poz-me a mão á cabeça, ameaçou-me com um dedo e foi-se, sem me dizer palavra...

— Sim, senhor, exclamou o pai, olhando o filho com um sorriso indulgente. Que coisas acontecem ás vezes!

— Que papel é este, papai? perguntou Kostia, olhando o pai por cima do hombro. Tem uma pistola desenhada...

— Isto é a conta da casa de armas. Comprei um revolver para o nosso Banco.

— Um revolevr?

— Sim, para o cobrador.

— Um revolver?

Kostia, com os olhos muito abertos, olhava fixamente a face sorridente do pai. Já haviam voado muito longe os seus pensamentos e pelo seu rostinho passavam sombras imperceptíveis de idéas...

Tremeu, levantou-se de um salto e sahiu do gabinete, no seu passinho miúdo. Atravessou como um vendaval as salas e como um vendaval, os cabellos desgrednhados, entrou no quarto da mamãe, que trabalhava calmamente junto á mesa.

— Mamãe! Papai está passando mal!

— Que foi?

— Ao entrar no seu gabinete vi-o ahi do chão, junto á mesa, ao lado de um revolver. Perto ha uma mancha de...

Um grito selvagem, espantoso...

— Que heide fazer deste menino? interrogava a mãe, chorando e olhando Kostia quasi com odio, ao passo que este, assustado como um passaro em dia de tormenta, atracava-se ao pescoço do pai.

Com as suas mentiras este pequeno acabará fazendo-nos loucos! A criada nem pode vel-o, e os meninos o repellem como a um cachorro leproso. E' uma criança que faz pena. Que será delle quando crescer?

— Bem o imagino, infelizmente, disse o pai a meia voz, estreitando contra o peito a cabeinha do filho. Crescerá e todo mundo se afastará delle, como agora; não o comprehenderão e zombarão delle...

— E quando se tornar homem enfim?

— Querida, disse tristemente o pai, abanando a cabeça que já começava a encanecer. Será poeta...

Arcadio AVERCHENKO





## A VIDA URBANA

Esperando que passe a chuva...

### Philosophia para os dias de chuva

A arte não passa talvez do dom de oinar a verdade com as graças irresistíveis da mentira.

\*\*\*

O vento que apaga o phosphoro accende o brazeiro.

\*\*\*

A desgraça alheia nunca nos parece inteiramente immerecida.

\*\*\*

### PROVERBIOS TURCOS

A bocca do sensato está no coração. O coração do louco está na bocca.

\*\*\*

Quem dá pouco, dá do coração; quem dá muito, dá da fortuna.

\*\*\*

A pouco e pouco o rouxinol canta na gaiola.

*Émile Bergerat*

## AMERICA

### EXPEDIENTE

Numero avulso	Na Capital	\$500
	Nos Estados	\$600

E' nosso representante na cidade de Santos, o Sr. José Spindola Teixeira.

### SÃO NOSSOS AGENTES :

Para todo Estado de São Paulo, o Sr. Antonio de Maria, rua da Boa Vista 5 A, Capital, por cujo intermedio devem ser feitos os pedidos dos agentes de revistas do interior do Estado.

Na cidade de Santos, Sr. Daiva Magalhães.

No Estado da Bahia, o Sr. Manoel Porto, Portão da Piedade 11, Capital.

### IMPRESSO NA CASA

**HOEPFNER & CIA. LTD.**

AV. MEM DE SÁ 236-240 — RIO

Redacção: R. da Quitanda 157, 1.º andar

RIO DE JANEIRO





**M**ME. Naquette, muito animada, conversa com a filha. Magdalena desenha no ar um gesto de certeza.

— Mamãe, eu o amo!

— Ora!

— Como, assim? São coisas que se sentem, ahí está!

— E's uma menina!

— Tenho vinte e seis annos!

— Nem por isso deixas de ser uma menina e a imaginação das meninas póde enganar-as.

— Estou segura de mim.

— E estás certa de que Gérard Nageur também te ama?

— Certíssima.

— Eu, de mim, te confesso, minha filha, que não me encarregaria de fazer a felicidade de um homem divorciado. E' peor do que casar com um viuvo.

— Porque, mamãe?

— Porque, num viuvo, foi a força maior que rompeu os laços. Talvez seja um homem serio que soffreu; posso acreditar no seu bom coração, ao passo que um divorciado...

— Bem sabes, que a razão está com Gérard e que foi essa Odette que o fez infeliz...

— Não é isso que diz o processo...

— Ora, o processo! Creio que não irás censurar a Gérard o ter-se elle mostrado um ca-

valheiro e o haver assumido responsabilidades imaginarias para não comprometter a reputação de uma mulher que tinha usado o seu nome. Em summa, elle procedeu correctamente!

Mme. Naquette dá de hombros:

— Nunca ouvi dizer que Odette tivesse enganado o marido!

Magdalena desatou a rir:

— Isso lhe teria sido difficil, feia como é! Garanto-te que ninguem tentaria seduzil-a...

— Então, porque motivo Nageur se divorciou?

— Porque? fez Magdalena com vehemencia. Mas, mamãe, não é só porque um conjuge engana o outro que a gente se divorcia...

— Confesso-te mesmo, Magdalena, que isso ainda não é uma razão sufficiente.

— Que é que julgas necessario, minha pobre mamãe?

— Eu sou assim. Não gosto do divorcio. Tenho horror ao divorcio. As nossas mães não se divorciavam e o mundo não andava peor; ao contrario. Quanto a Nageur, uma vez que a sua mulher não o enganava...

— Era peor ainda! O pobre rapaz fez-me as suas confidencias. Essa Odette tinha um genio terrivel.

— Elle o devia ter verificado antes do casamento.

— Foi só depois que ella se revelou. Parece que ella era exigente, tyrannica, autoritaria. Tinha ciumes de tudo. Acabára por indispor Gérard com todos os amigos; invejosa, cheia de orgulho, ella brigava com elle sempre que a mulher de um amigo lhe mostrava uma joia nova: «Ella tem sorte, ao passo que eu...» Podes imaginar a existencia agradavel que o misero levava...

— Evidentemente, si...

— Quanto ao interior, Odette não accitava a menor observação. Si Gérard se queixava de que as suas camisas não tinham botões, a megéra respondia-lhe que elle proprio os pregasse... Si elle timidamente mostrava o desejo de comer um prato predilecto, a perversa objectava logo que custava muito caro. Si trazia um camarada para jantar, ella fazia máu modo e num dia em que elle se zangou e lhe respondeu, ella quebrou dois pratos de raiva, e amouu durante uma semana!

Mme. Naquette não poude deixar de rir:

— E' um numero, essa Mme. Nageur!

Magdalena irritou-se:

— Ella não é mais Mme. Nageur! Não tem mais direito de chamar-se assim! Ella retomou o seu nome de solteira «Goulache» que é afinal bem ridiculo e parece feito para ella!

— E tu, então, queres por tua vez chamar-te Mme. Nageur? Estás decidida?

— Eu e Gérard nos amamos, mamãe.

— Tu és maior, minha filha. Não te posso impedir de fazer o que queres. Permite-me apenas que te dê alguns conselhos.

— Escuta-os-ei, mamãe. Escutarei o que te dictarem a tua affeição por mim e a tua experiencia.

— Muito bem. O meu conselho é que deverás mostrar-te tanto mais meiga para o teu marido quanto a outra era aspera.

— E' a minha intenção.

— Deixarás esse homem exercer no seu lar a sua legitima autoridade...

— Estamos de accordo.

— Seguirás a sua opinião em todos os assumptos...

— Fal-o-ei.

— Prepararás gulodices para elle...

— Estou prompta a isso.

— Nesse caso elle achará uma tal differença entre a sua vida passada e a nova, que se sentirá feliz e te adorará.

— Mamãe, exclamou Magdalena exaltada e satisfeita, estou certa de que Gérard me dará a felicidade.

— Escreve-lhe pois, para que venha verme e pedir-me a tua mão. Que pretendo eu, minha querida? Que nada lamentes, mais tarde.

— Nada lamentarei, descansa!

— Beija-me e trata de ti como desejas...

\*\*\*

Ha um anno Magdalena tornou-se Mme. Gérard Nageur.

A principio elles formaram o lar mais lindo que se pode imaginar.

Mme. Naquette todos os dias se felicitava pela escolha da sua filha.

Depois verificou ligeiras mudanças na attitude dos esposos. Gérard por qualquer coisa se irritava. Magdalena esforçava-se por agradar-lhe, mas não o conseguia tão facilmente como ao principio.

A's palavras doces e submissas da mulher, Nageur respondia de máo humor. Um dia em que Magdalena havia ousado contrariar a sua opinião a proposito de uma peça de theatro que havia visto na véspera, Gérard se exaltou e chamou-a tola.

Num outro dia Magdalena, com um vestido novo, dizia ao marido:

— Vês? Comprei este vestido rosa porque me disséste que gostavas dessa côr...

Ao que Nageur respondeu:

— Não queres então ter um gôsto só teu?

Uma manhã em que Gérard dava o laço a uma gravata de um verde berante, Magdalena disse-lhe delicadamente:

— Que côr engraçada escolheste!

Nageur voltou-se







OS  
VITRAES  
ARTISTICOS

A arte do vitral, que foi uma das maiores bellezas da architectura do Norte, continúa a merecer dos italianos o maior carinho. Ha artistas mediterraneos que se consagram com esforço á produçção de obras-primas nesse genero difficel. Vittorio Grassi, por exemplo, desenhou esse admiravel vitral "O idolo" verdadeiro prodigio de estylizaçção que é uma gloria para a moderna arte italiana.

e, batendo com o pé, atirou-lhe:

— Eu faço o que queres, entendes? Não recebo ordens de ninguem. Trata de ti e deixa-me em paz!

Essas discussões se repetiam a miudo e acabaram por levar Magdalena, banhada em pranto, á pobre Mme. Naquette, que não pode occultar a sua emoção.

Mme. Naquette não hesitou, porque era resoluta e principalmente porque era mãe.

Foi procurar o genro e teve com elle uma longa conversação.

Depois dessa longa conversação ella teve outra com Magdalena, que encontrou abatida e dolente:

— Acabo de ver o teu marido. Compreendo tudo. Nós nos enganámos. Accuso-me de te haver dado maus conselhos. Vamos mudar de methodo, minha querida Magdalena. O teu marido é um patife. E' um covarde. A sua primeira mulher fazia-o tremer; e agia como bem entendia. Tomaste o meio contrario e esse imbecil logo abusou. Quanto mais de abaixaste diante d'elle, mais elle pensou que se elevava. Quanto mais gentil e complacente te mostravas, tanto mais elle se fazia autoritario. E' preciso mudar tudo isso!

Vaes fazer-me o favor de resistir francamente e de, á primeira palavra, abater a prôa desse tratante. A minha opinião está formada. Elle é apenas estúpido. Ha pois um recurso. Porque para não fazer o que se quer, de um marido estúpido, é preciso ser mais estúpido do que elle. Faze o que te digo. Faze-o hoje mesmo, e dá-me noticias. Em ultima analyse, não deviamos ter mudado os seus habitos...

\*\*\*

Mme. Naquette percebia que o lar da sua filha já ia melhor. Nageur perdêra os seus ares fanfarrões e falava de novo com doçura a Magdalena. Até que um dia a joven Mme. Nageur chegou a casa da sua mãe com o olhar brilhante e a alegria estampada no rosto:

— Vê, mamãe, o que Gérard me trouxe ainda agora!

E mostrava no braço um lindo bracelete ornado de brilhantes e de esmeraldas.

— Como foi isso, meu Deus! exclamou Mme. Naquette extasiada.

— Oh! pouca coisa. Esta manhã, ao almoço, Gérard me irritava. Então eu lhe atirei o meu copo á cara...

Pierre VALDAGNE

# CAVALLINHOS

O TEMPO — uma boniteza! Dias muito claros, sol que era uma gostosura, pela manhã então, para aquecer a gente; noites de luar, convidando ás *costaneiras* com as suas valsas muito lentas, os seus *lundús* buliçosos e as suas modinhas apaixonadas.

Mas, faltava alguma coisa... Nas rodas de palestra, queixavam-se de um «*aburcemento* que não tinha arrumação», e os *assustados*, organizados ás pressas, aos domingos, concorrendo os rapazes na *provata* para os sequilhos e o cervejame, não bastavam.

Um velhote sertanejo, contando suas prosas á porta do negocio do Quincas, dizia que nunca vira o «paiz tão esturdio e chué» que até parecia o «*anno da fumaça*». Nos dias de serviço, quem não entrava no *lasca*, ao menos para *barranquear*, bobeava á tóa, sem ter onde ir.

Num *átimo*, porém, tudo mudou. Chegaram os *cavallinhos*. Não tardou que, á entrada da cidade, na beira da estrada que ia dar ao rio, começassem a armar o circo. A menina «*amontou*» lá, rente, assistindo ao trabalho de «fazer» as *archibancadas*. Ergueu-se o mastro, um cujo tope, desbotada e suja, fluctuava a bandeira nacional.

Em poucos dias, promptinho o barracão de panno velho, com remendos.

Na tarde da estréa, o palhaço passeou a cavallo por toda a cidade, annunciando o *espectaque* da grande companhia «*Estrella do Norte*». A garotada, na fiuza de apanhar entrada, seguia, ruído magote, o cavallincoque, a passo. Ora enganchado, ora de pé no largo sellim, o palhaço, a cara lustrosa de preto, os beiços muito vermelhos, os olhos muito brancos, cantarlava o *prégão*; quando elle, alçando os braços, dizia: «O paiáço é bão!», a menina respondia: «Pra comê feijão!» Fazia uma pirueta e: «Catirina na jinella!» e os garotos logo de prompto: «Com carinho de pannela!»

Todos accorriam para vêr, e o palhaço, notando moças, rindo-se, careteava, bamboleando-se, a dizer: «Catirina, qué que tem?» o grupo, sem tardança: «Perna fina, meu bem!», E o

remate era «Rapadura é coisa dura?» a que todos, voz bem forte, respondiam: «E' sim sinhô!»

Mal principiava o *lusco-fusco* da tardinha, começava a subir gente pela rua que ia dar ao circo; eram os crioulos com *taboleiros*, os negociantes miudos que collocavam perto da entrada mesas com garrafas de cerveja e de *samba*; negras que armavam *trepes* para «quentar» café, e outras que vendiam *quitandas* e pasteis, cobertos com uma toalha muto anilada, nos balaios; luzes de lanternas picavam o escuro, e, á porta do circo, o *pharol*, tresandando a «oleo», dava uma luz fumarenta.

Com pouco, vinha a musica. Um dobrado de «mexer com o povo». Vozeio constante, risadas, e a meninada, rondando o barracão, *caçando* meio de entrar por debaixo do panno. De vez em vez, um foguete listrava o ar. Povo vinha vindo, e destacava-se a figura de algum *cometa*, lenço de sêda ao pescoço, paletot de palha de sêda, *pharol* no annular, bem á mostra, falando com o sotaque portuguez. Comprava-se o *buleto*; entrava-se. Nas geraes, já um *povão*. Os *belgas*, em roda do mastro, clareavam o recinto. Nas cadeiras, as moças *só na puba* de vestidos *pimpões*; o dr. juiz de direito, com o seu todo achamboado; o promotor, de lunetas, muito na «*imposturia* de ser doutor», namorador como ninguem, fariscando *casamento ourado*; o juiz municipal, solteirão incorrigivel, sempre «de nariz torcido», achando tudo aquillo uma «*besteira*».

Começava o *espectaculo*. Da hi a nada, rebentavam as *pipocas*: o povo estava achando tudo bom. A's graças do palhaço, encalistrando seu mestre, — estouravam as gargalhadas. A' aparição da artista, a cavallo, com o saio azul esvoaçando, corpete com lentejoulas, deixando vêr o collo empoadado, risonha, faceira, cumprimentando, atirando beijos, a roceirada, o olhar acceso, resmungava um «Eh! dona!» e era toda attenção. Alguns apreciavam o animal, davam opinião, como entendidos.

A musica *chorava* uma valsa, depois atacava um galope: a artista, agitando o *chicotinho*, va-





rava arcos de papel, pulava faixas que os criados esticavam.

Das geraes, rompiam «bravos!», mais fortes as palmas, e, quando o animal, a passo, dava a volta ao picadeiro, a *dona* sorria, agradecendo as saudações.

O espectáculo estava «bom na circumstancia» — commentava o povinho que, no intervalo, vinha todo cá para fóra «arejar». Em redor dos botequins, a freguezia chuchurreava o café na tigela, e as *quitandas* tinham sahida; outros toravam um *golo* da «branca», pigarreavam; muitos, acororando-se junto aos fogõesinhos, puxavam brazas para o *pito* que haviam posto detraz da orelha ou na fita do chapéu.

Conversavam: Estava bom devéras! A *dona* era um *trem na conta*. .. Agora, que o palhaço, no violão, fosse como o da terra, isso *ádio!* era *baixo p'ra topá!*

O *cometa*, muito liberal, offerecia cerveja aos conhecidos, abraçando-os, aproveitando o ensejo para um «pedidosinho». Baforava uma fumarda do charuto, conservando-lhe a cinza «fazendo um bonito» e acrescentava que em fazendas tinha um sortimento como si «*pudia desejar*». Um zum-zum continuo; pregões de botequineiros cantavam no ar, a que subia uma poeira fina que as luzes douravam. Noctivagos, sem *tacho*, rondavam os arredores; não raro o carreirão dos meninos, em algazarra, porque o «homem dos cavallinhos» pegára um rapazinho entrando por baixo do panno. Outros, lamuriantes, pediam á gente que passava: «Moço, *mi dá um buleto?*»

Dentro, tocava a sineta. Todo o povo abalava. A musica quebrava uma polka. Era a vez dos trabalhos ao trapezio. Tudo erguia olhos lá para cima; nos lances mais difficeis, ouvia-se um «chii». Muitos baixavam a cabeça achando aquillo um «disparate». Respiravam mais desafogados, quando os artistas desciam vagorosamente, volteando na corda, e pulavam em terra. Atroava o vivorio; reboava a salva de palmas. Então, uma voz grossa partia das geraes: «Palhaço, a chula!» Outras vozes secundavam: «A chula!»

O palhaço accedia. Era de vêr como a roceirada applaudia. Choviam os apartes: «Ahi, damnisco!» «Isso, macota!» «Tá sósinho, malungo!»

Após a pantomima, ainda a rapaziada, já no *chodó* por alguma das «moças do circo», gritava-lhe pelo nome, applaudindo muito, tirando os chapéus, num entusiasmo *onça*.

Gente da roça desamarrava os animaes presos nas estacas, e ia-se, aproveitando a *lua*, que já havia apparecido.

Lá no alto, o velho relógio da capella batia meia noite.

Aos grupos, vinha o povo descendo, commentando o que vira, recordando-se de outras companhias, cotejando o merito dos artistas. Senhoras, zangando creanças que dormiam, caminhavam apressadas, afflictas por casa.

Em volta dos *botequins*, palestrava-se ainda; mas não tardava que tudo silenciasse e, do fogosinho das trempes, morrendo aos poucos, sahia tenue fumo.

Ao primeiro cantar dos gallos, já a cidade repousava a somno solto. Ao luar, descido o panno, via-se o mastro do circo, muito alto, sem bandeira.

Oito dias depois, iam-se os *cavallinhos*. E ganharam bem «ali na nota», diziam todos. A meninada assistia aos desmanchar do circo; por muito tempo, lá ficava, no chão de terra vermelha, o signal do picadeiro; nas cinzas dos fogõesinhos ronronavam os gatos vadios; nas palestras, repetiam-se as graçolas do palhaço, os seus lundús, e faziam-se referencias brejeiras á plastica das artistas, que deixavam, saudosos, os seus partidarios.

Azevedo JUNIOR.

## AS MARAVILHAS DO CINEMA

OS biologists americanos ligam a maior importancia ás experiencias ha pouco realizadas pelo Dr. Herm, do museu americano de historia natural, com um novo typo de cine-microscopio.

O Dr. Herm conseguiu photographar a lenta incubação de um pinto no ovo. Com um extremo cuidado, um pedaço de dois centímetros e meio da casca de um ovo foi substituído pelo vidro e, por essa pequena janella, foram tomados automaticamente clichés, de 10 em 10 minutos, durante um periodo de trinta e tres horas. O film obtido mostra nitidamente a transformação do ovo fresco até ao momento em que começa a bater o coração do pinto.

Julgam os sabios que com o aperfeiçoamento desse processo chegar-se-á a estudar os progressos das colonias de microbios pathogenos em certas molestias.





## Réclame Yankee

Os americanos imaginaram uma curiosa réclame para «lançar» a praia estival de Ventnor: uma longa fila de banhistas encantadoras que traziam grandes letras brancas sobre os maillots negros, passeava pela cidade e pela praia. As letras, reunidas, formavam esta phrase: *If you want live, live in Ventnor.* (Si quereis viver, vivei em Ventnor).

Em varios pontos da India cada noivo se marca com o sangue do bupro, provavelmente para significar a intima união realizada entre elles.

## A esculptura franceza

“Rei morto, rei posto” *Antoine Bourdelle é hoje considerado o digno substituto de Rodin na arte franceza. A esculptura do mestre vivo tem a nobre severidade, o cunho emocional e torturado que fizeram a gloria do mestre que a França perdeu. Além do retrato do grande esculptor, estampamos aqui dois trabalhos seus: um busto de Anatole France, seu amigo, e “A esculptora” composição exquisita que é um verdadeiro padrão da sua obra.*

## ..... A VISÃO DA GUERRA .....

**A** GUERRA é formosa para ti, ó joven ardente que, cheio de illusões de glória, nasceste com boa estrella: as baixas inimigas te pouparão, enquanto os teus companheiros irão cahindo como fructos maduros de um ramo secco; sahirás victorioso nas lutas, e quando voltares, cheio do orgulho do vencedor, todos te aclamarão como um dos primeiros filhos da Patria.

Para ti, mercador, que passarás bem explorando iniquamente os patriotas necessitados negociando com a Republica, que bendirás essa discordia que te encherá de dinheiro e de satisfações.

Para ti, banqueiro, que emprestarás o teu dinheiro a juro alto: para ti, senhor da polvora e de machinas de matar homens, que venderás os teus ferros a preços fabulosos — sangue e ouro — verdugo de miseros povos lançados ao mar, ao vento á sepultura.

Para ti, eterno descontente, politico ambicioso que, depois da carnificina, irás alegrar-te com os restos da desgraça ou inflar-te com a victoria que tramarás uma nova infamia para que, quando a nação houver recobrado a saude perdida e as suas vejas de novo se entumecerem, consigas novas discordias que tragam nova vingança de odios de invejas.

Para ti, artista pensador, que achas um campo admiravel em que deixes voar as tuas fantasias...

Mas para aquellas pobres velhas que sómente poderão chorar, para aquellas mulheres pallidas, para aquellas miseras crianças desamparadas... para aquellas pensões solicitadas, para aquella luz á noite, para aquellas tristes machinas de costura... para aquellos vestidos pretos...

Ruben DARIO.



## MARAT E A VIVISECCÃO

As linhas que se vão lêr, extrahidas da correspondencia de Marat e traçadas dez annos antes dos sombrios dias do Terror, constituem um documento curioso sobre a mentalidade do famoso revolucionario.

«Affirmaes, escreve o futuro terrorista a um dos seus amigos, que não podeis ver innocentes animaes rasgados pelo escalpêllo; o meu coração é tão terno como o vosso e eu tambem não gosto de ver soffrer pobres creaturas; mas seria impossivel comprehender as secretas, pasmosas e inexplicaveis maravilhas do corpo humano si se não tentasse surpreender a natureza na sua obra e não se poderia chegar a esse resultado sem fazer um pouco de mal por muito bem: só assim se pode ser bemfeitor da humanidade. A observação dos musculos e as differentes propriedades do sangue levaram-me a fazer importantes descobertas, a que eu nunca teria chegado si não houvesse cortado a cabe-

ça e os membrós a uma porção de animaes. Confesso que ao principio sentia pena e repugnancia; mas acostumei-me pouco a pouco a isso e consolo-me com a idéa de que assim procedi para allivio da humanidade.»



**OS PINTORES DO NÚ**

«Après le tub», de Frère Beau (Salão de Paris, 1912).

## LEITURAS DE INFANCIA

**E**M tempo de férias, as minhas exigencias intellectuaes se reduzem a bem pouca coisa.

Isso porque é agradável, e ao mesmo tempo hygienico, descansar o cerebro por algumas semanas. Bem sei que se poderia aspirar um uso mais intenso da intellectualidade. Ha tantos genios eminentes, porém mais ou menos absconsos, aos quaes nunca tivemos a coragem de procurar e a que poderíamos consagrar algumas tardes! Embora fique diminuido aos vossos olhos, confesso ter da philosophia de Spinoza e do poema de Dante idéas singularmente superficiaes. Não seria a occasião de aprofundal-as?

Sem duvida, mas não a aproveitarei. Porque ha igualmente ao alcance da minha mão «As desventuras de Sophia», «Os filhos do Capitão Grant» e «Robinson».

E aposto cem contra um em que, si eu daqui a pouco abrir um livro, hade ser um destes.

Porque? Não é unicamente por causa do seu valor intrinseco. Não que eu negue os meritos de Mme. de Ségur, cujos contos não cessam de entusiasmar as gerações successivas, nem os de Julio Verne, antecipador maravilhoso e suggestivo de todas as descobertas do ultimo meio



## O moderno vitral italiano

Um artistico vitral desenhado por Duilio Cambellotti e executado por Picchiarini. Numa época em que a decoração chegou a uma vóga extraordinária, em que os mínimos objectos se ornaram para tornarem mais bella a existencia, os pintores põem todo o engenho na confecção de trabalhos como o desse artista da Península, que com tanta felicidade estylizou um grupo de aves entre ramos de arvores.

seculo, e ainda menos os de Daniel de Foë, cuja narrativa tem tanto mérito philosophico quanto litterario.

Mas não é unicamente nem sobretudo por causa das suas qualidades que eu relerei esses livros. E' porque os li quando criança; porque elles fizeram vibrar a minha incipiente sensibilidade e porque, ao folhear-os de novo, é a mim mesmo que revejo, um eu que é o mesmo do menino cujos traços se apagam sobre photographias amarelladas.

Pensar que esse menino foi morto para sempre pelo velho senhor que escreve estas linhas é uma idéa inexprimivelmente melancolica. E ha um prazer, que eu me sinto inteiramente incapaz de definir, em achar de novo, aqui e alli, alguns fragmentos delle entre as paginas fanadas dos livros que povoaram com as suas visões a alma sedenta e anciosa da criança...

Quando as releio, despertam em mim velhas pequeninas coisas delicadas. E tenho a idéa de que estou muito menos morto.

André LICHTENBERGER





## A história do verdadeiro d'Artagnan

Si de facto existiu, não teve no entanto a existencia aventureira imaginada por Alexandre Dumas, que delle fez o heróe do seu celebre romance. Não obstante, não ha muita differença entre o d'Artagnan ficticio e o cadete da realidade que, chegado a Paris famelico e cheio de ambições, ter-se-ia tornado marechal de França si não fosse um deasastrado tiro de mosquete. E' o que se vae vêr com a leitura desta narrativa do historiador H. de Fels.

**F**ELTRO galantemente recurvado, dentes de lobo sob um bigode retorcido, a mão pousada sobre a concha de uma longa espada; intrepido mas reflectido: orgulhoso, mas astuto; habil no manejo das armas, mas com o espirito fino como a lamina da sua espada, tal se apresenta á nossa imaginação o d'Artagnan, heróe do romance. Que perderá, comparado a elle, o verdadeiro mosqueteiro do rei, Charles de Batz-Castelmore, chamado d'Artagnan? E' que os homens de lettras se mostram prodigos de anedotas aventureiras a seu respeito. Antes de Alexandre Dumas, um outro escriptor, Courtils de Sandras, começou a legenda. Desde 1700, isto é, vinte e sete annos depois da morte da per sonagem, já esse folliculario orna a sua historia de episodios cheios de imaginação e de erros. Para melhor illudir o leitor, elle publica as memorias de d'Artagnan, de que o heróe jamais escreveu uma linha, mas através das quaes, sempre com a espada á mão e a fanfarrice aos labios, elle se eleva á fortuna sob o sorriso das bellas e a admiração dos poderosos.

Na aldeia de Lupiac, não longe de

Mirande, o castello de Castelmore, em que o nosso homem nasceu ahi por 1620, não tinha razão alguma de erguer uma torre orgulhosa. O seu dominio media-se pela sombra que elle projectava sobre o solo; o interior era nu' e apenas continha moveis usuaes, sem pretensão a luxo. A vida era mediocre e as sete crianças que se comprimiam em torno da mesa paterna alli saboreavam este prato bem pouco custoso: a esperanza que lhes davam as narrativas familiares sobre tantos gascões miseraveis tornados illustres na côrte de Henrique IV este mesmo um heróe afortunado.

\*\*\*

Quando, em 1640, o futuro mosqueteiro tomou o caminho de Paris, é provavel que, com tal regimen, estivesse magro como um pastor da sua terra. Elle não perdera tempo em estudar; a sua instrucção se limitava a saber manejar uma espada, e elle a manejava bem.

Essa espada era a sua principal riqueza; si nada prova que elle partisse do castello natal com uma golla de 22 francos e com dez escudos nas botas, o que é certo é que elle não possuía as 250 libras necessarias, nesse tempo de vida barata, para ir a Paris equipar-se convenientemente e esperar o bom vento. Miseravel dos maiores, elle era além disso de uma nobreza duvidosa, o que prova a multa imposta mais tarde, por usurpação de titulo aos seus irmãos, como elle Batz-Castelmore. Por prudencia, pois, o nosso cavalheiro intitoulou-se Artagnan, nome já usado com vantagem na côrte e oriundo da illustre familia dos Montesquiou, a que pertencia a sua mãe, cuja alliança havia enchido de orgulho os Batz-Castelmore, descendentes de commerciante de Lupiac. Não importa. Não era necessario



possuir tantos escudos, nem títulos de nobreza para vencer sob Luiz XIII, quando se era gascão, isto é, bravo, ambicioso, cheio de presumpção, com o nariz assestado para a fortuna.

Em Paris Artagnan instalou-se na rua des Fossoyeurs, no albergue do Gaillard-Bois, a dois passos da rua de Tournon, em que estava o palacio do senhor de Troisville, capitão dos mosqueteiros.

E' exacto que elle tinha uma carta de recomendação para de Troisville e que elle travou conhecimento, em casa deste, mas sem episodios romancescos, com tres outros gascões, grandes espadachins, chamados pela lenda: Athos, Porthos e Aramis.

O primeiro que elle encontrou, Porthos (na realidade, Isaac de Portau) depois de ouvir o joven Artagnan elogiar os seus parentes de Montesquiou, disse-lhe mais ou menos o seguinte:

— Está bem. Deveis, pois, imital-os em tudo; do contrario o melhor é voltardes para o logar de que viestes.

Artagnan ligou-se tambem a Henry d'Aramitz, a que o titulo feudal de abbade leigo d'Aramitz valeu, sob o reino de Alexandre Du-

mas, um episcopado imaginario e gostos ecclesiasticos provavelmente tambem imaginarios.

O terceiro amigo, Armand de Sillègue d'Athos, nunca teve nada de mysterioso. Franco-mosqueteiro, elle não se tornou conde de la Fère, na sua velhice, pela simples razão de que morreu em 1643, de um ferimento a espada recebido talvez no curso de um combate no qual elle assistia o nosso heroe.

Artagnan certamente tomou parte em duellos. Mas si se ignora que elle tenha sido algum dia ferido em combate regular, muito menos se sabe que elle haja participado de encontros sensacionaes. Quando elle appareceu em Paris os editos de Richelieu tinham acalmado os duellistas. Havia ainda quem se batesse por questões de honra, mas a moda estava em declinio.

Bastou pois a d'Artagnan mostrar-se, em algumas circunstancias banaes, com a espada á mão, para estabelecer a sua reputação de gentilhomem valoroso. Em todo caso, é certo que sobre o seu destino os duellos nenhuma influencia exerceram; nem o sitio de La Rochelle, tampouco, nem as contendas de Richelieu com Anna d'Austria e Buckingham, pois o nosso cadete de Gasconha, nessa epoca, ainda brincava nas ruas de Lupiac com fedelhos da sua idade.

Entrando para as guardas elle ficou quasi sempre nos exercitos e se conduziu brilhantemente nos assedios de Arras, de La Bassée e de algumas outras cidades. Em Gravelines elle penetra só num forte avançado dos hespanhóes. O camarada que o acompanhava abandonou-o e conta na

companhia que Artagnan morreu crivado de golpes. Os francezes atacam e o encontram bem vivo, occupando sósinho a posição onde aliás elle não achára inimigo algum. Foi sem duvida este episodio que fez conceber a Dumas a idéa do bastião de La Rochelle. No entanto, apesar dos seus serviços, Artagnan arrasta sempre botas sem solas; afinal, nomeado mosqueteiro, elle entrevê as primeiras perspectivas. E' no



### PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

"O FLIRT" POSE DE HANNA GATH E ILSE EILERS, DE BERLIM.



campo de Amiens. Mazarino pede a de Troisville a designação de dois mosqueteiros que sejam fidalgos mas que tenham apenas a capa e a espada, afim de estar certo do seu zelo em troca da fortuna que lhes promette. De Troisville apresenta-lhe d'Artagnan e um certo Besmaun.

Os dois mosqueteiros imaginam-se já subitamente ricos; mas têm de fazer largo desconto, porque a generosidade de Mazarino é limitada. O ministro os emprega em várias missões, para as quaes lhes entregaram algum dinheiro; mas, pagas as despesas, ficava-lhes tão pequeno lucro que para elles não havia differença do passado.

Havia no emtanto uma para Artagnan; porque elle bem depressa se fez apreciar pelas suas qualidades de homem de confiança e pelo seu valor de infatigavel cavalleiro. Tornando creatura do primeiro ministro, o mosqueteiro executava logo proezas formidaveis. Assim, durante a Fronde, recebida a noticia da batalha de Rethel, elle é enviado a esta cidade, ao marechal du Plessis. No dia seguinte elle já se acha de volta.

A sua celeridade e exactidão no cumprimento de ordens, o partido que tomou de seguir Mazarino durante a sua desgraça, o cuidado com que serviu ao ministro de mensageiro para a França, fizeram já d'elle uma pequena personagem. Artagnan obteve já uma patente de capitão das guardas, mas espera coisa melhor, pois, quando Mazarino entra triumphante em Paris, o ministro sabe, e o joven rei muito menos o ignora, que Artagnan é tão valente soldado quanto servidor seguro nas missões que demandam discreção e esperteza. O gascão agil e frio, como diz Cyrano, está portanto em pleno exito.

Quando o rei reorganiza a sua companhia de mosqueteiros, dissolvida em 1646, é a Artagnan que elle nomeia o seu sub-logar-tenente. E, em realidade, entregal-a á sua direcção, porque o capitão de titulo, o duque de Nevers, della não se occupa. Já não se trata, aliás, dos espadachins esfarapados de Luiz XIII, amadores de duellos e de grandes bebedeiras nas tavernas. E' o esquadrão de escól que dá ao seu chefe um lugar entre as altos dignitarios do exercito, composto que é de fidalgos disciplinados, todos vestidos com a casaca azul com grandes cruces de prata, todos montados em magnificos cavallos uniformemente pardos.

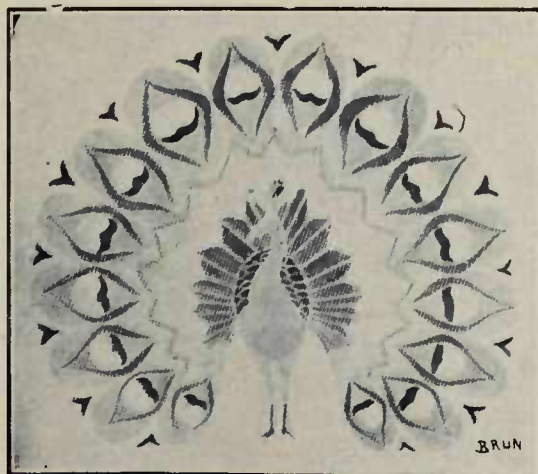
Saudado na cidade pelo olhar admirado das burguezas, Artagnan procura imitar a alta personagem na cõrte em que elle tem o favor do soberano; frequenta a casa de Mme. de Sévigné, perde-se ás vezes pelos salões das preciosas e necessita de uma singular finura de espirito para não deixar transparecer, sob o seu gibão de cavalleiro *parvenu*, o fidalgo ignorante e rude que vinte annos de campanha ainda mais embruteceiram. Elle fará ainda melhor neste genero.

Falta apenas á sua fortuna um casamento rico; este se apresenta. A 5 de Março de 1659, no Louvre, em presença de Luiz XIV, elle assigna o seu contracto de casamento, com a nobre dama Charlotte-Anne de Chanlecy.

No emtanto os mosqueteiros acompanham a Saint-Jean-de-Luz Luiz XIV que vai desposar nessa cidade Maria Thereza. Talvez, ao passar não muito longe de Castelmoré, Artagnan tivesse deixado o cortejo para ir de uma caminhada saudar a mansão paterna. Mas a visita foi rapida, porque o gascão não era homem que medisse melancolicamente sobre o limiar dos seus paes a fuga do tempo e se enternecesse com as lembranças da sua mocidade. Só o interessava a acção e um bello dia se preparava para elle, esse 26 de Agosto de 1660, em que Paris, coberto de arcos de triumpho, ia acolher com enthusiasmo a nova rainha que lhe trazia Luiz XIV, na aurora gloriosa do seu reino. Artagnan, nessa circumstancia, foi magnifico, precedendo os soberanos á frente da sua companhia, pomposamente vestido e montado num cavallo de preço «ornado, nada mais nada menos, como um altar de confraria», que levava cerca de vinte pistolas de fitas.

O sub logar-tenente está a ponto de tornar-se capitão; ao horizonte se desenha mesmo para elle o bastão de marechal. Elle é chamado para as grandes fortunas, diz Saint-Simon. Luiz XIV lhe confia, primeiramente, a missão mais delicada: encarrega-o de prender em grande segredo Fouquet, o superintendente das

finanças que, quasi tão poderoso como o rei, é por este accusado de prevaricação. Fouquet é preso em sigillo. O soberano só tem confiança em Artagnan, o unico que póde ver o prisioneiro. Durante longos mezes elle não o deixará, como a sua sombra e, facto unico nos annaes das prisões, cumpriu a sua missão satisfazendo o rei, Fou-



quiet e os amigos de Fouquet, de que elle foi a unica consolação.

\*\*\*

Cinco annos depois de ter conduzido o superintendente á fortaleza de Pignerol, Artagnan é chamado a exercer os mesmos talentos e as mesmas funcções para com uma outra personagem consideravel, Lauzun, de quem a *Grande Mademoiselle* queria fazer o seu marido. O já então capitão de mosqueteiros executou mais uma vez a tarefa com os louvores combinados do que den a ordem de prisão e do proprio prisioneiro.

Que tacto e que habilidade, nesse soldado sem cultura! Habilidade e tacto que fazem delie uma figura muito mais complexa e rara do que a do duellista legendario.

Só lhe restava esperar tranquillamente as ultimas honrarias que lhe faltavam. Mas Artagnan, apesar de ter mais de cincoenta annos e de haver dado provas de capacidade como diplomata de côrte, era ainda, antes de tudo, um fogoso militar.

Em 1673 elle toma parte no sitio de Maestricht. Ataca com os seus mosqueteiros e quando estes voltam, com a espada amolgada e sangrenta, tendo perdido cento e trinta dos seus, em tresentos, o capitão falta á chamada. Muito amado pelos seus homens, alguns vão á sua procura numa meialua hatida pelo fogo inimigo, e acham Artagnan morto, com o pescoço atravessado por uma hala de mosquete. O cadette de Gasconha morria como heróe.

«O rei, diz *La Gazette de France*, falou muito bem de d'Artagnan nessa occasião, e louvou-o em particular pelo facto de ser elle o unico homem que achou meios de se fazer amar pelos outros, sem fazer aliás para elles coisas extremamente agradaveis.»

Mesmo despojado das aventuras que o fizeram celebre através do romance, não vale o verdadeiro Artagnan tanto como a sua legenda?

H. de FELS.

---

## O CAVALLLO DE CIRCO

---

(Conto para crianças)

**N**ELUSKO era um cavallinho malhado, elegante e ligeiro, que fazia inveja aos outros individuos da sua especie. Nenhum animal apparecia com mais garbo no picadeiro do circo em que trabalhava e onde fôra criado. Quando elle surgia, airoso, meneando a cabeça, com o seu trote miudo, a agitar a

crina soberba, orgulhoso de supportar no seu dorso a graciosa artista acrobata que mais o aflagava do que lhe hatia com o chicotinho, um sussurro corria pela multidão que enchia a casa de espectaculos. As crianças hatiam palmas e não se cansavam de admirar o intelligente e bello animal.

Habitado a fazer, desde pequeno, apenas aquelle trabalho, Nelusko nunca se preoccupou de aprender outra coisa. E si sabia do trote em volta do picadeiro, apenas tinha geito para marchar lentamente pelo gramado do campo em que pastava, e isso mesmo por que era obrigado a procurar os melhores sitios em que havia grama tenra. Nelusko era indolente e julgava que com o facil trabalho do circo estaria eternamente a salvo de difficuldades.

Ora, aconteceu que o dono do circo resolveu acabar com aquella profissão e dedicar-se a outros negocios. Vendeu, pois, o material, os artistas dispersaram-se, á procura de outros trabalhos e Nelusko foi vendido a um leiteiro, para puchar uma carrocinha de distribuição domiciliar de leite.

Mas, habituado á marcha circular em torno do picadeiro, o antigo cavallo de circo começou a gyrar com a carroça no meio da praça publica, mostrando-se imprestavel para o novo serviço. Resultado: apanhou muitas chicotadas, que nem de longe se pareciam com as cariciosas chicotadas da acrobata, e, além disso foi vendido a um roceiro, para montaria. Com o roceiro não se mostrou melhor o pobre Nelusko e dava a impressão de um cavallo maluco todas as vezes em que o seu proprietario o cavalgava e começavam os dois a andar á roda.

Está claro que o cavalleiro tambem parecia doido.

Vendido novamente, Nelusko passou de mão a mão durante muitos annos, sempre incapaz de se adaptar a outro trabalho que não fosse andar á roda e a apanhar sempre bordoadas dos seus donos enfurecidos.

E, como só aprendera a gyrar, acabou medio-cemente, elle, que fôra um cavallo admirado e invejado, a puxar o braço de um moinho de farinha, trabalho monotono e sem brilho, muito proprio para a paciencia dos pobres burrinhos.

Isto mostra que animaes e homens necessitam de ter conhecimentos variados, para serem applicados quando novas condições de vida o exigirem.

G. L.

---

Quem sabe viver com pouco, de nada sente falta. — PUBLIUS SYRUS.







## O MASCARA — DE — FERRO

O *Mascara de ferro*, de que Maurice Rostand fez o herói de um drama, é um enigma histórico que por muito tempo apaixonou os espiritos. Nesta página G. Lenôtre expõe uma das mais estranhas hypotheses imaginadas, a de pretender que o prisioneiro mysterioso não era outro sinão Molière.

—«O»—

**H**A cerca de quarenta annos, Anatole Loquin, que manifestamente tinha vagares e não sabia em que occupal-os, imaginou que nem tudo era normal nas circumstancias conhecidas da morte de Molière; depois de ler o livro de Yung sobre o Mascara de ferro, elle reparou que a primeiro menção que se fez desse prisioneiro mysterioso remonta ao mez de abril de 1673. Estabeleceu-se pois no seu espirito uma correlação funesta: o desgraçado que arrastam de prisão em prisão, cujo rosto cobrem, não com uma mascara de ferro, mas com uma de velludo... E' que esse rosto era, pois, muito conhecido! Porque occultar os seus traços physionomicos aos camponios francezes que o viam passar com o seu guarda, o Snr. de Saint-Mars, si esses traços não fossem populares? Si o prisioneiro mascarado era, como se disse, Mattioli, o agente do duque de Mantua, ou o patriarcha armenio Avedick, ou mesmo o duque de Monmouth, ou o duque de Beaufort, ou o conde de Vermandois, ou um irmão de Luiz XIV, como mais tarde insinuou Voltaire, porque dissimular o seu rosto, que ninguem na provincia conhecia? Ao passo que a precaução se impunha e justificava, si se tratasse de um comediante que, durante dezeseis annos, corrêra as aldeias da França, que todos os camponezes ha-

viam visto representar as suas farças. A concordancia das datas é aliás eloquente. Julga-se que Molière morreu a 16 de fevereiro; o prisioneiro mascarado, um mez mais tarde, estava a caminho de Pignerol, a sua primeira Bastilha. Não ha duvida: era Molière! Os seus inimigos tudo conseguiram da indulgencia culpada do rei; conseguiu-se fazer comprehender a Sua Magestade que o seu protegido era indigno do augusto favor. Mas como não se podia incriminar as comedias que o proprio Luiz XIV apoiára e applaudira, foi necessario precisar o crime do Escriptor immoral que por muito tempo zombára das leis divinas e humanas e achou-se isto: Molière, casando-se com Armande Béjart, desposára a propria filha; estabeleceu-se uma confusão voluntaria entre Armande, nascida 24 annos depois da sua irmã Madeleine, e a pequena Françoise, filha dessa mesma Madeleine; affirmou-se audaciosamente que nunca houvera Françoise alguma, mas sómente uma Armande e que esse nascimento datava do tempo em que Molière vivia com a sua linda camarada. Deve-se crer que de todos os odios, o dos autores sem talento e invejosos do successo dos seus confrades felizes é o que se revêla mais tenaz e rancoroso, porque essa odiosa calumnia era da invenção do poeta Montfleury; este vingava-se assim dos motes com que Molière o zurzira em *L'Impromptu de Versailles*.

Enganado, Luiz XIV indignou-se. O caso estava para decidir-se; mas o rei não podia pensar em entregar ao carrasco um homem de que elle sempre tomára a defesa: fôra dar-se um desmentido a si proprio. Elle consentiu, afinal, em que o autor do *Tartufe* se sumisse de tal modo que ninguem mais ouvisse falar delle. Dahi essa «desgraça» subita, essa morte supposta, essa inhumação ficticia e a mascara, precaução supre-



## FOOT-BALL

O combinado carioca, vencido pelos paulistas no último jogo do campeonato deste anno.

ma que evitasse todo perigo de um eventual reconhecimento.

\*\*\*

Convém observar que, quando uma supposição desse genero se fórma no cerebro de um erudito amator, effectua-se espontaneamente um phenomeno de crystallização que sem cessar a refôrça. Tudo o mais que ler, tudo o que souber, servirá para subsidio da sua idéa. Não mais será senhor da sua critica e fechará voluntariamente os olhos ás contradicções mais evidentes. Tal foi o caso de Anatole Loquin. Elle estudou primeiro a certidão de obito de Molière, e o que ahí achou, ou melhor, o que não achou, encheu-o de confiança. Officialmente, com effeito, Molière não morreu a 17 de janeiro de 1673; a certidão que constata esse pretendido obito, não assignada por testemunhas, é legalmente nulla. Póde-se, ao menos, encontrar o tumulo do autor das *Precieuses*? Não. Elle foi inhumado «ao pé da Cruz» do cemiterio Saint-Joseph, diz esse documento suspeito e foi nesse logar que Mme. Molière fez collocar uma pedra «de um pé de altura acima do solo»; mas a desgraça (ou a

intriga) quíz que o tumulo fosse excavado em 1722, e os ossos fossem depositados «proximo á casa do capellão»; dahi foram retirados em 1750 e levados para a igreja de Saint-Joseph «onde ainda estavam em 1770»; só então os inhumaram de novo «no local primitivo», para de novo os exhumarem em 1792. Collocados numa caixa e etiquetados, foram mettidos na crypta da igreja, depois levados para o sotão do corpo de guarda visinho; em 1799 viajaram até ao Museu dos Monumentos Francezes (jardim da actual Escola de Bellas Artes) e foram emfim collocados, em 1817, no cemiterio *du Père-Lachaise*. Portanto, nem certidão de obito, nem tumulo.

Anatole Loquin, preocupado com decifrar o enigma do Mascara de ferro, propunha-se assim o problema:

«Achar um homem célebre, extremamente em vista, de rosto bem conhecido, julgado morto repentinamente depois de 1670 e antes de 1674 e que tivesse provocado odios e temores bastante vivos para que fosse afastado definitivamente, sem morrer, do tracto dos vivos».

Deve-se reconhecer que nunca um dialectico foi menos inspirado porque certamente, sem





### As toilettes elegantes

Elegante traje de tarde em «crêpe georgette» resedá sobre fundo da mesma côr.

A frente é ornada nos dois lados com um entremeio de crivo sobre organil.

O cinto que augmenta o corpo do vestido, tem o mesmo enfeite que a saia.

se dar conta, Anatole Loquin adaptava os seus dados a uma solução que tinha toda prompta, em vez de subordinar essa solução a premissas estabelecidas com intencão de animo.

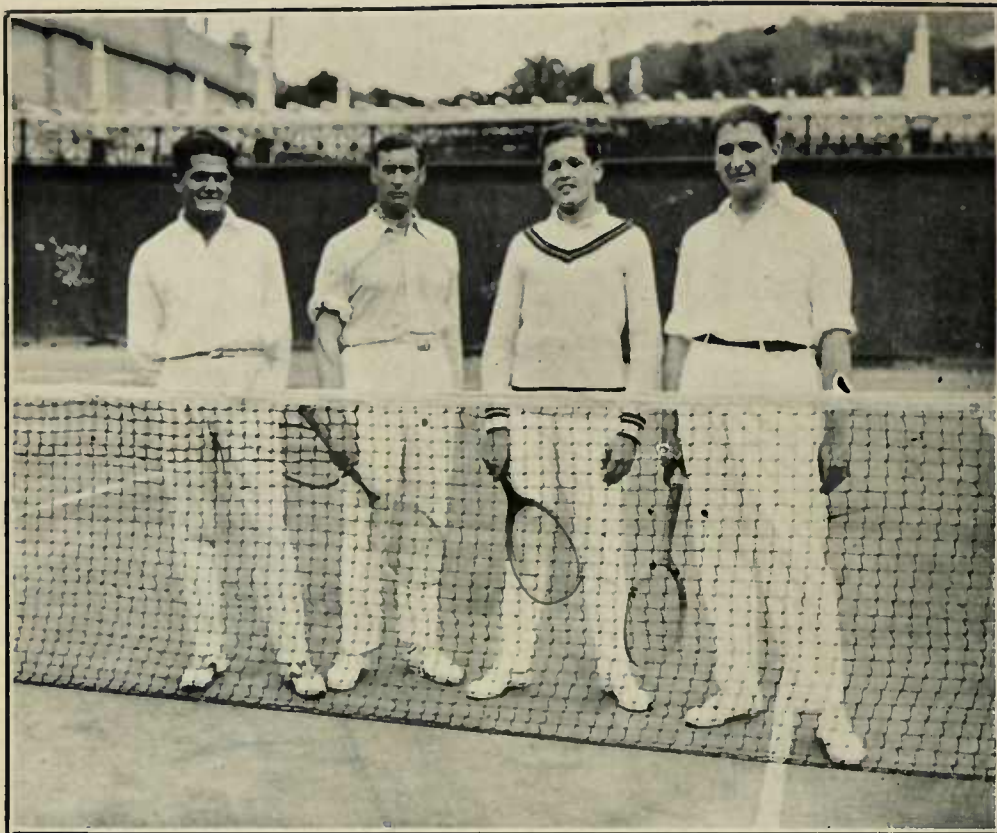
As suas eram arbitrias. Nada faz crer, com effeito, que o homem de mascaras de ferro fosse celebre nem *extremamente em vista*; a data em que essa sinistra apparição faz a sua entrada na Historia não está forçosamente comprehendida entre 1670 e 1674 pois que Voltaire, que se fez o seu primeiro empregar, indica a de 1661; outros se inclinam por 1669. Depois dos trabalhos decisivos de Frantz Funck-Brentano, devemos-nos deter na data de 1678.

Aliás eu me admiro de que elle não tenha sido detido na sua demonstração fantasista pela constatação de um facto innegavel e que oppõe á sua these uma objecção peremptoria. Ninguem ignora que Armande Béjart, depois da morte, ou, si qui zerm, do desaparecimento de Molière, casou-se a 31 de maio de 1677 com o comediante Guérin, conhecido no theatro pelo nome de Estriche. Ora, é verosimil que si, pelo respeito para com a religião e os seus ministros, Luiz XIV tivesse sacrificado Molière ao odio dos seus devotos, elle supportaria que a 'mulher *não viuva* do seu prisioneiro mascarado casasse de novo? Isso teria sido tornar-se cumplice de um acto de bigamia, crime julgado no seculo XVII muito mais severamente do que hoje e considerado então um sacrilegio pelas leis da Igreja.

Decididamente, a supposição de Anatole Loquin levaria a consequencias imprevistas; o seu ponto de partida era visivelmente falso e Molière não era o Mascara de ferro.

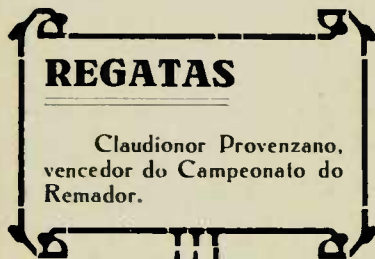
G. LENOTRE





## TENNIS

Alguns vencedores  
dos jogos entre S.  
Paulo e Rio.



## REGATAS

Claudionor Provenzano,  
vencedor do Campeonato do  
Remador.





# O PLAGIO DA MODA

Os grandes modistas francezes se prepararam para perseguir os plagiarios.

Já não é só a litteratura que soffre esta praga de imitadores. Os modelos que tantos desvelos custam aos artistas da moda e que são apresentados orgulhosamente por seus creadores, soffrem o ultraje da imitação.

O papel do plagiario é bastante facil e se exerce sem esforço de imaginação.

Os industriaes americanos que fazem edições clandestinas de obras europeas, chegaram a estabelecer um centro de imitações em Paris.

Os modistas não acham meio de se defender. Não ha nenhum modelo que esteja livre de uma copia, tão bem feita, que é inutil aos grandes modistas invocarem os fóros de sua arte, dizendo que o traje ou chapéu copiado não tem a graça e a distincção do modelo original; a differença de preço faz com que as copias alcancem maior venda.

E' verdade que a copia dos modelos é um delicto. Os modelos da alta costura são, como se sabe, patentes e a reprodução prohibida; a copia é sujeita ás penas da lei.

E' tão difficil porém ao modista provar um destes delictos, como ao escriptor ou ao pintor que vê sua obra desfigurada por um imitador.

Quando um plagiario compra um modelo, imita-o variando pequenos detalhes, porém o sufficiente para que perca a identidade e o põe á venda a preços sem competencia, vulgarizando-o para a exportação.

O desespero dos modistas está nessa fal-

ta de provas. A moda é plagiaria por natureza. No tocante á moda a mulher tem um grande instincto de imitação. Copiam uma das outras, penteados, chapéus, trajes, adornos.

Sempre a moda foi plagio. Um dia a Imperatriz Eugenia que tão plagiada foi nas suas crinlinas e suas modas, apresentando-se com seu filho, em uma parada militar, collocou uma ban-

deira vermelha como insignia de guerra, sobre o seu traje preto. Surprehendida assim pela vista da esposa do Embaixador Inglez e seduzida esta, pela graça da hesnhola, foi lançada a moda das bandeiras vermelhas.

A faixa que amarrrou nos seus cabellos a bella Marqueza de Fontanges deu origem ao penteado de seu nome.

Bastou que um dia uma bella levantasse as mangas do vestido deante do soberano que elogiára seus braços, para que todas as outras passassem a usar mangas curtas.

O mesmo motivo fez cahir aquelles imensos penteados que eram castellos com armadura de arame, para que imperasse o penteado baixo.

Não se usam em nossos dias os bandós á Cleo de Merode e ainda não impera a cinta á Langle como a usa a bella nadadora?

A moda sempre foi imitação. Até uma das prendas de mais antigo e discutido uso, o *corset*, foi inventado pelas mulheres para imitar a cintura de véspera dos guerreiros do Norte.

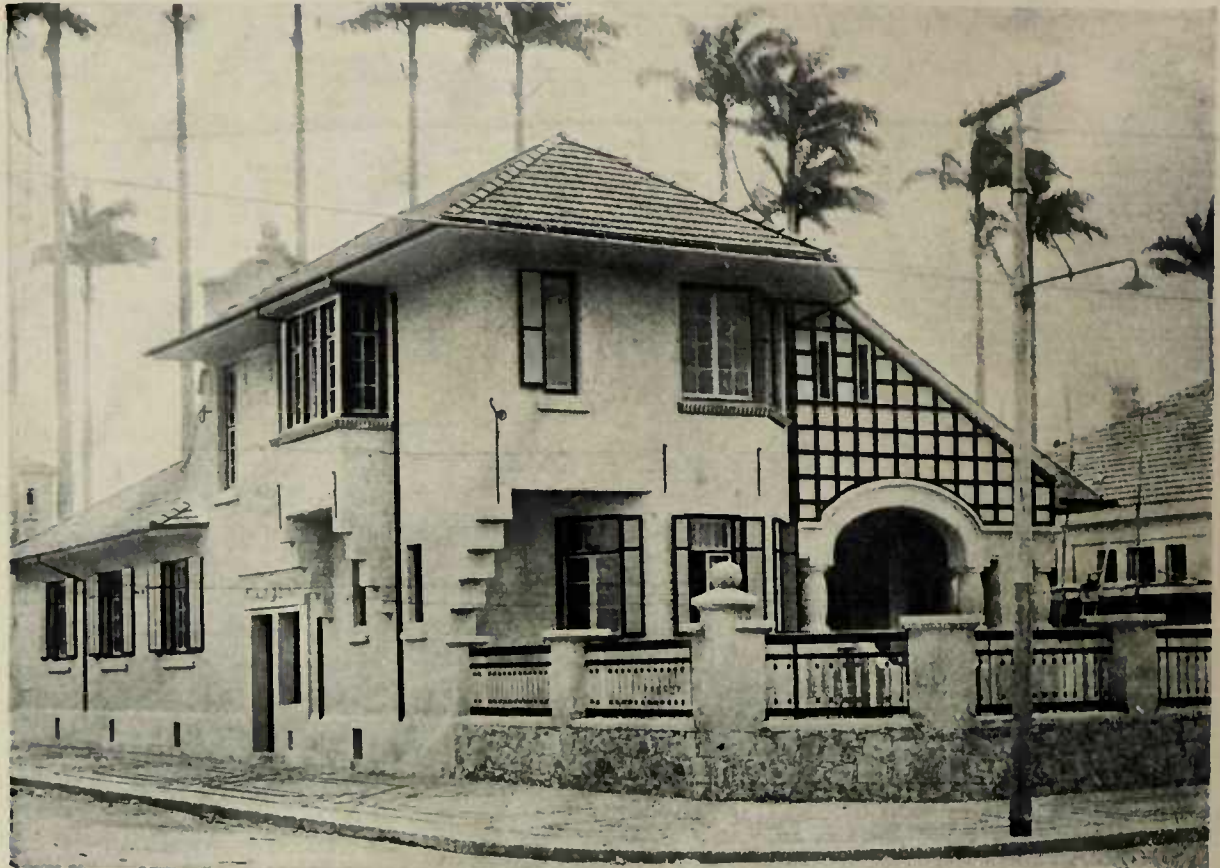
O que salva o grande modista é poder satisfazer o anhelos de originalidade, o lesejo de ser o primeiro em apresentar um modelo que usem todas as mulheres, e o orgulho de ostentar uma grande firma, como garantia de elegancia, no forro das toilettes. Isso deve bastar-lhes.

CARMEN.



## OS BOUDOIRS MODERNOS

Uma elegante "coiffeuse" da ultima moda.



### AS CONSTRUÇÕES MODERNAS

O lindo e elegante predio construido em Santos para o Coronel Joaquim Montenegro, pela Companhia Constructora de Santos. E' uma residencia confortavel e distincta, no genero em que se tornou especialista a companhia referida.

## OS PROGRESSOS DE SANTOS

Em exposição clara e magnifica, um brilhante collaborador da «A Tribuna», estylista impecavel, de merito assás reconhecido, tem discriminado os evidentes progressos grandiosos da cidade de Santos, nos ultimos annos, sob a administração do seu actual prefeito, apesar da situação precaria e oppressiva das finanças do municipio, oriunda das gestões transactas.

Opportunamente, com a succinta apreciação que exige o exiguo espaço de uma revista que, como *America*, se occupa de assumptos diversos e multiplos, trataremos dos surprehendentes progressos da legendaria terra dos Andradas, detalhadas agora pela «A Tribuna» de Santos.

### Uma boa recommendação

Para qualquer casa é ter seus impressos perfeitos e nitidos

### Consegue-se

quando seus impressos são feitos na : — — — — —

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

“ PEIXINHO ”

DE

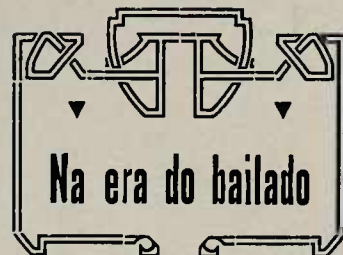
L. CARVALHO & CO.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 149

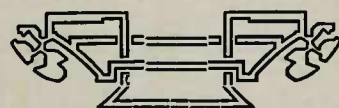
Telephone, Central 4-4-7

SANTOS





«Tudo dança!» é uma expressão brasileira que bem se pode aplicar ao mundo actual. Nunca, talvez, como hoje, a dança esteve tão em vóga e exerceu tal prestígio: bailarinas ganham milhões, organizam-se *records* que são verdadeiras corridas á morte... As irmãs Dolly, que estão fazendo furor nos Estados Unidos, por enquanto só têm batido o *record* de graça e de belleza. Quanto á excentricidade... nem se discute!



## OS COSTUMES

**C**ADA dia se torna mais indispensavel o traje *tailleur* no guarda roupa de uma dama elegante. Para a manhã, para essas saídas improvisadas ás lojas, á casa da modista, etc., a mulher hoje necessita desses trajes simples de linha severa e graciosa que resistem a todas as modas de fantasia, conservando sua integridade e sua distincção...

Para a rua, quer para a dama de alta roda como para a mulher modesta que sae de sua casa para o trabalho, é o traje ideal.

Requer essa toilette, como complemento, um chapéu de pequenas dimensões e de extrema simplicidade.

Na mão a bengala ou o guarda-chuva, segundo o tempo.

Empregam-se actualmente para a confecção destes costumes, fazendas lisas de tons cinzentos. Fazem-se tambem com a combinação da saia preta com o casaco em tom «beije» escuro; porém esse traje, na realidade, parece indicado para excursões de caracter sportivo.

# PRADO PEIXOTO & C.<sup>IA</sup>



Construção da porta-batel para o dique "Santa Cruz".

(Antigas Oficinas Camuyrano)

OFFICINAS DE MACHINAS E FUNDIÇÃO

**Rua da Harmonia, 5, 7 e 9**

Telephone Norte, 2351

Estalérios e Oficinas de Construções  
e Reparações Navaes

**Rua Miguel Lemos, 59 e 71**

Telephone. 555 — Nietheroy

Especialistas em trabalhos de  
machinas e caldeiras,  
vapores e electricidade, tanques  
e pontes.

ESCRITORIO :

**RUA DA HARMONIA, 7**

Telephone Norte 1261

**RIO DE JANEIRO**



Vista parcial das carreiras da firma Prado Peixo'o & C. tomada de aeroplano

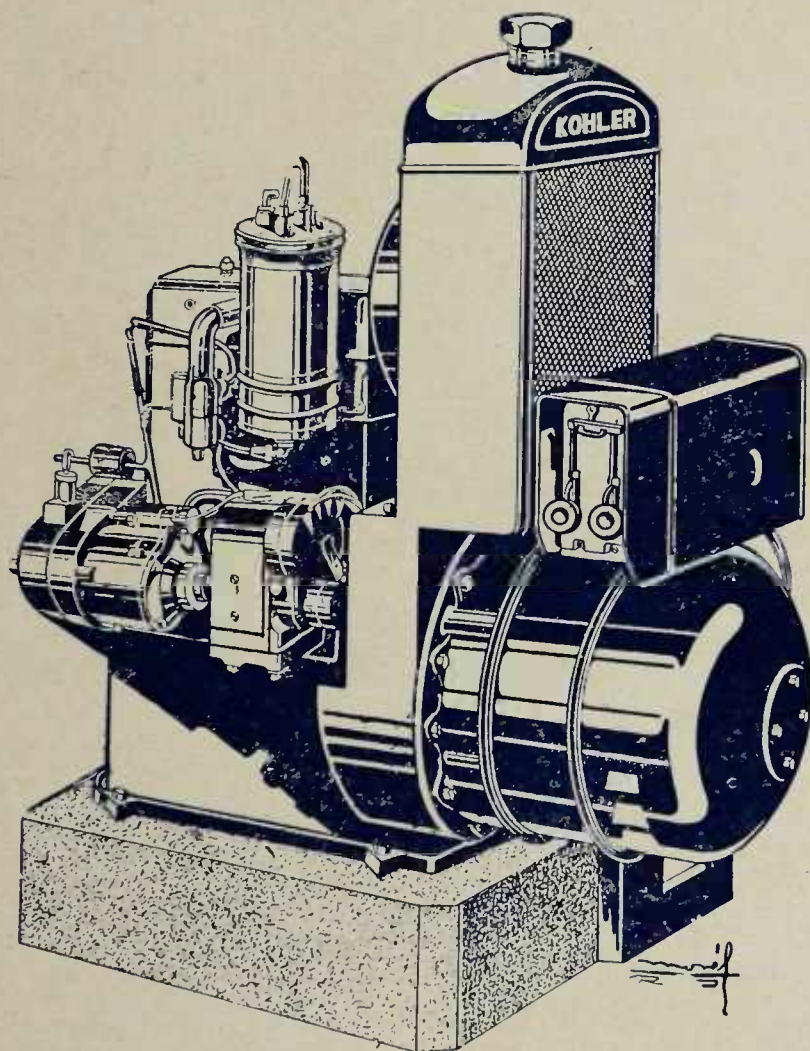


# GRUPOS KOHLER

FABRICADOS PELA Co. U. S. A.

Para iluminação electrica de:

FAZENDAS — ESTAÇÕES — ESTRADAS DE FERRO — NAVIOS  
DE GUERRA — MERCANTES — ETC.



Verifiquem as grandes vantagens que seguem, sobre os seus similares:

- 1ª) — Não têm bateria de acumuladores.
- 2ª) — São de 110 volts. 1500 watts.
- 3ª) — De partida e parada inteiramente automaticas, bastando para isso accender ou apagar qualquer lampada da installação.
- 4ª) — Economia incomparavel de combustivel.
- 5ª) — Espaço occupado, o minimo possivel.

AGENTES E DEPOSITARIOS:

**MAYRINK VEIGA & C.**

Engenheiros Importadores e Exportadores

15, 17 — Rua Municipal — 19, 21

RIO DE JANEIRO

Peçam informações mais detalhadas



**SYPHILIS?**  
**só Luetyl**



### **A PALAVRA OFFICIAL**

.....  
**Contra factos não ha argu-  
mentos nem concurrentes**

**O que diz o Governo no  
Hospital Central do Exercito**

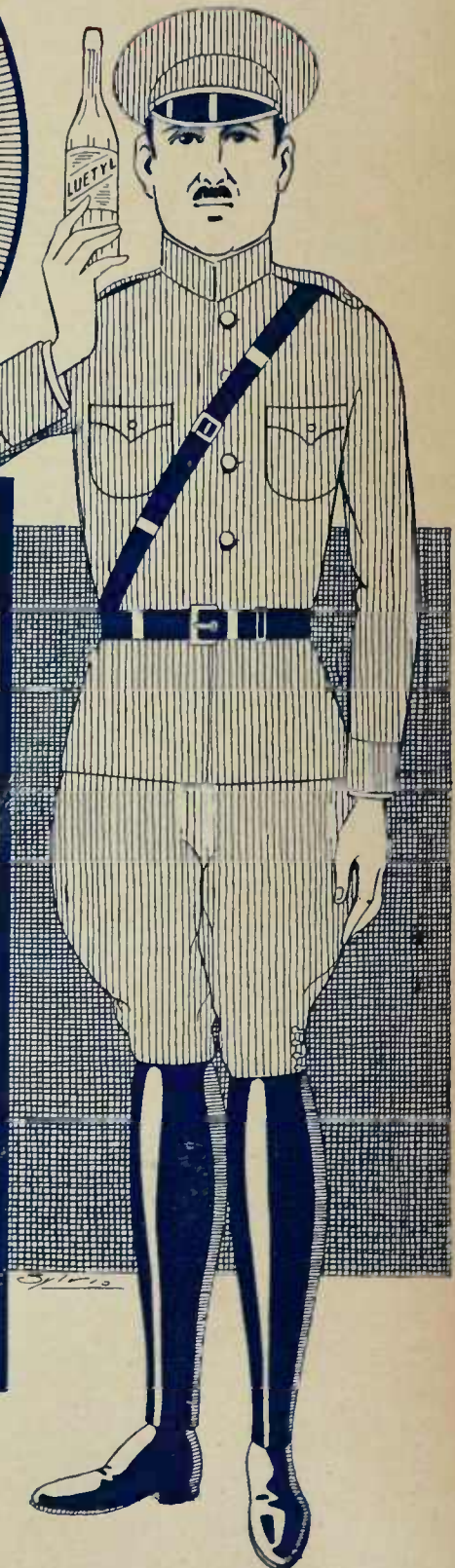
Attesto que empreguei o prepara-  
do **LUETYL**, em um caso de sy-  
philis cutanea, na 8.<sup>a</sup> enfermaria obten-  
do um resultado surprehendente. O  
doente, que pesava 38 kilos, augmen-  
tou **seis kilos** com o uso de vidro e  
meio do referido preparado, tendo as  
manifestações cutaneas cicatrizado  
completamente.

(Assignado). Dr. Humberto Mello,  
1.<sup>a</sup> tenente encarregado da 8.<sup>a</sup> enfer-  
maria.

### **O UNICO QUE DIZ**

**Basta tomar um vidro, si for Syphilis  
ficará melhor, aumentará de 1 a 4  
kilos; si não ficar melhor procure o  
seu medico.**

**LEIAM A BULLA**



**Licenciado sob o N. 253, em 7 de Dezembro de 1916**



# America



DANSARINA MEXICANA ( De F. Acquarone )

ANNO I  
N.º 4

**NUMERO ESPECIAL**  
**PREÇO PARA TODO O BRASIL :**  
**1\$000**

DEZEMBRO  
1923





A garantia de uma máquina  
está na lubrificação

Use os óleos de classe

Helio A

Helio B

Helio C

Soviel-Betaluna e Engine Dick



# PRADO PEIXOTO & C.<sup>ia</sup>

(Antigas Officinas Camuyrano)

OFFICINAS DE MACHINAS E FUNDIÇÃO

Rua da Harmonia, 5, 7 e 9

Telephone Norte 2351

Estaleiros e Officinas de Construções  
e Reparações Navaes

Rua Miguel Lemos, 59 e 71

Telephone. 555 -- Nictheroy

Especialistas em trabalhos de  
machinas e caldeiras,  
vapores e electricidade, tan-  
ques e pontes.

ESCRITORIO:

**RUA DA HARMONIA, 7**

Telephone Norte 1261

— RIO DE JANEIRO —



Construção da porta-batel para o dique "Santa Cruz"



Vista parcial das carreiras da firma Prado Peixoto & C. tomada de aeroplano

## As cidades já não podem prescindir dos campos de aviação

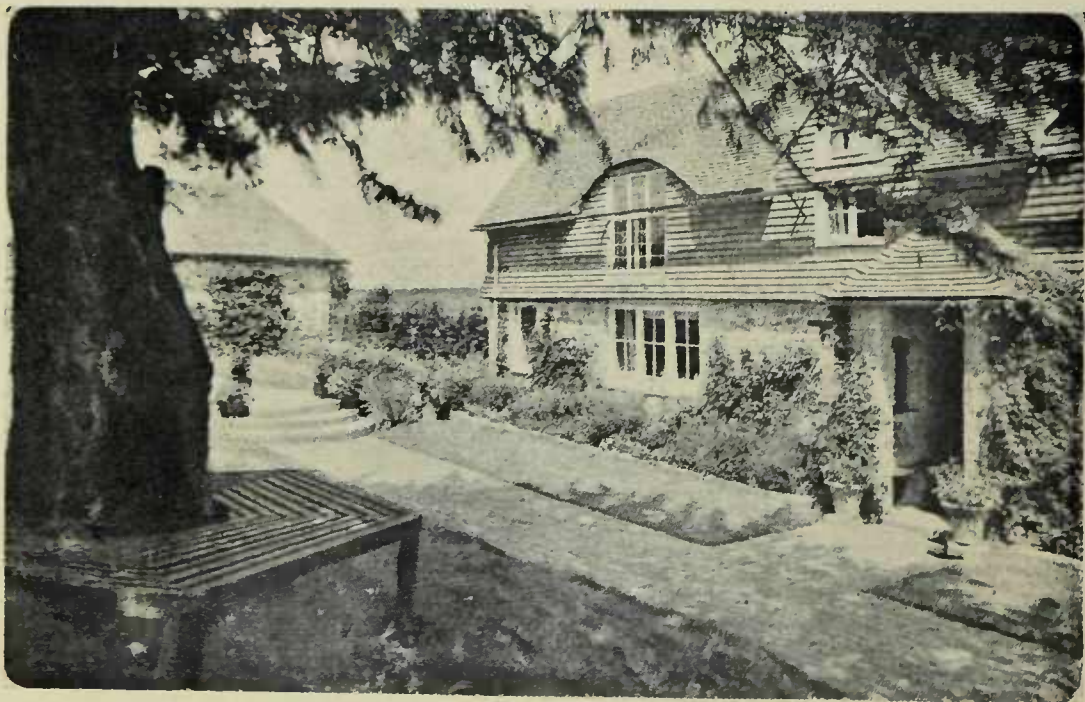
**U**MA revista norte-americana publica uma serie de observações curiosas sobre a aviação e as necessidades que esta faz apparecer.

Aeroplanos norte-americanos, em vôo recente que fizeram por sobre San Diego, afim de observar as condições de aterrissagem n'aquella zona, verificaram, com tristeza, que o campo municipal de Veneza (pequena cidade da California), havia sido dividido em lotes para construcções.

Este facto despertou a attenção dos interessados sobre o descuido que se nota da parte de muitas cidades no que respeita a aerodromos municipaes e campos de aterrissagem, os quaes precisam ser preparados, em tempo, e visando um futuro talvez bem proximo.

A politica de vistas estreitas que leva as municipalidades a dividir bons campos para aterrissagem em lotes de terreno para construcções, terá como consequencia a localização dos campos de aterrissagem em pontos muito afastados do centro das cidades e onde a sua utilidade como depositos para a navegação aerea commercial ficará diminuida de muito.

O grande valor da navegação aerea commercial está na sua velocidade. Ora, se os passageiros e as mercadorias forem obrigados a desembarcar a uma distancia consideravel do centro das cidades a que se destinam, perderão um tempo precioso quando o que exactamente buscavam com aquelle meio de transporte era a rapidez.



### RESIDENCIAS MODERNAS

No meio do torvelinho vertiginoso da vida contemporanea, o homem soube crear-se moradias que são um refrigerio e um repouso às suas multiplas preoccupações. E o typo da residencia actual se caracteriza por uma elegancia discreta que faz bem á vista e alegre o coração.



# MARIA VICTORIA



**Q**UANDO nasceu a menina, perguntaram a D. Victoria qual devia ser o nome da sua filha. Sentada majestosamente no leito, e julgando ter beneficiado a humanidade, dando mais uma parochia na ao senhor vigario, ella respondeu seccamente — Não sei.

Tia Rita e nh'Anna, a ama e a curiosa, depois de terem affirmado, como de costume, sacudindo as velhas cabeças, que nunca se tinha visto creança assim, cochicharam durante algum tempo.

Disto resultou, depois de uma consulta ao juiz, que a recém-nascida passou a chamar-se Maria Victoria.

Parecia não poder viver sob o peso do nome de sua mãe. Cresceu pallida e magra, tendo os olhos sempre tapados por uma mecha de cabellos, cheia de manchas ruivas como queimaduras.

Quando sahia, a mulher do juiz repuxava-os brutalmente para trás, prendendo-os com uma fita azul. Ella abaixava a cabeça, e não a levantava nunca, sempre calada e agarrada

ao vestido de D. Victoria, roçando os dedos pelos muros.

Maria Victoria completou vinte e oito annos solteira; o juiz já tinha morrido, talvez de aborrecimento, pois toda a sua vida tinha sido um longo bocejo. Viviam mãe e filha, uma ao lado da outra, no casarão cujo telhado arruinado cobria metade do becco que passava ao lado.

Era calçado com grandes pedras como tumulos e por sobre ellas corria um filete de agua, rolando preguiçoso, muito cansado, parecendo evitar passar por baixo da janella onde o visinho pharmaceutico se debruçava todos os dias.

Elle babava um pouco, e, na sua sala de jantar havia uma esteira enrolada, para quando tivesse os ataques... Victoria sentia o seu olhar morno seguil-a pela casa, atravez das paredes, todas as tardes.

A viuva do juiz, concertando os oculos e com uma ruga má ao canto da bocca, disse um dia á filha: — O pharmaceutico Andrade pediu a tua mão; o casamento será daqui a



## FIGURINHAS

### DA MODA



Um majestoso chapéu e dois vestidos typicos da moda actual.



um mez — Victoria não respondeu, e continuou a costura, pensando, pensando... Aos poucos, foi-lhe subindo ao rosto um rubor que quasi a tornou bonita...

O pharmaceutico, um mez depois, já não chegava á janella do becco, nem Victoria morava mais com sua mãe. Os notaveis da pequena cidade não se reuniram mais na botica para não perturbarem os recém-casados, e a pharmacia parecia deserta, com a sua lampada sempre accesa, ao lado do bocal vermelho.

Mas foram voltando, e, dentro em breve, já se falava alto e ria de novo na pequena loja. O promotor, o tabellião e o irmão do advogado contavam, á meia voz, o que se passava na casa do novo juiz e na do medico. O pharmaceutico era inimigo antigo do medico, e as receitas deste eram sempre mal feitas por aquelle.

O doutor passou um dia pela rua principal do lugar. Nesse mesmo momento explodiu uma ruidosa gargalhada na pharmacia, e, quando o pharmaceutico foi assassinado, todos

disseram que o fora a mandado do medico; e quando o negro que o matára foi encontrado agonizante na prisão, todos disseram que Maria Victoria, a viuva, o envenenára.

A cadeia era muito grande e na calça branca a humidade traçara signaes mysteriosos, esverdeados. Avançava sobre uma lúbrica fronteira á pharmacia. Parecia o craneo apodrecido de uma caveira enterrada allí havia muitos annos, olhando para Maria Victoria com as suas janellas gradeadas, como olhos negros e raia-dos. E, quando chovia, sahia da porta da cadeia uma baba escura e lenta, que vinha passar sob o alpendre, de onde Maria Victoria, chamada pelos gritos, pudera distinguir o preto, agarrado ás grades, delirando com as dores do veneno.

Aquelles olhos vãos seguiram Maria Victoria pela casa, através das paredes, e aquella baba lenta, quando chovia, corria até á sua porta e isso por muitos annos, muitos annos...

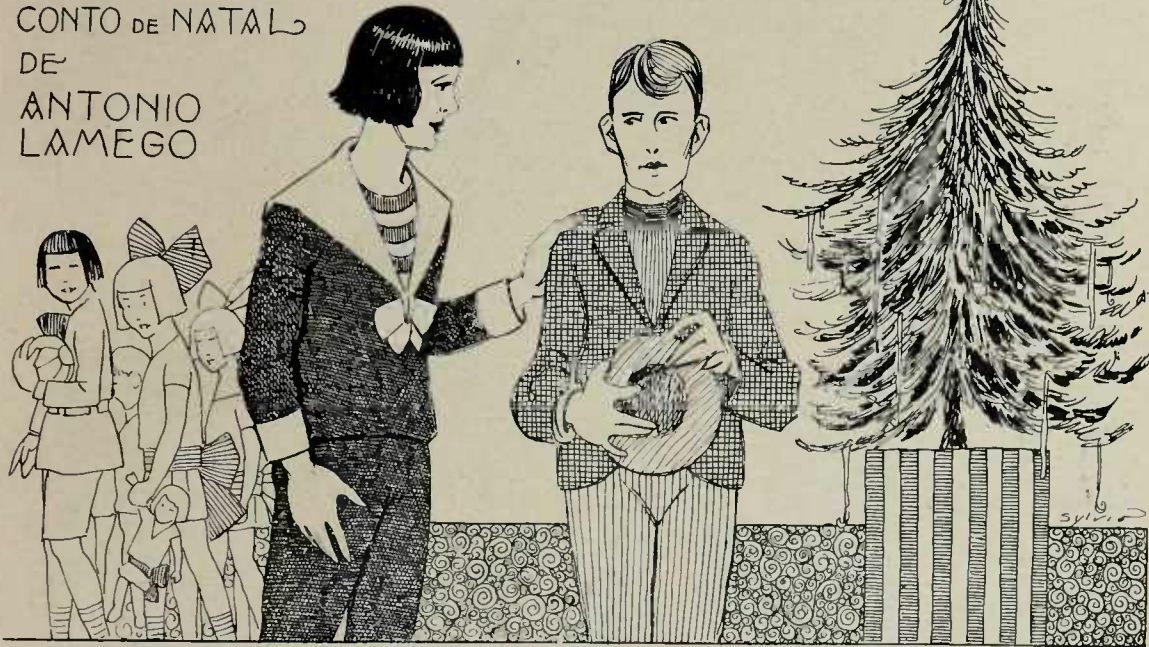
(Desenho de JEFFERSON)

Cornelio de Oliveira PENNA.



# O MELHOR PRESENTE

CONTO DE NATAL  
DE  
ANTONIO  
LAMEGO



**J**OÃO SINHO era um bom menino. Obediente, socegado, excessivamente affectuoso e muito applicado ao estudo das primeiras letras, era apontado como o modelo das crianças ajuizadas, por sua índole invejavel. O pae satisfeito com os seus progressos, com a sua conducta irreprehensivel e pelos bons sentimentos que já despertavam em su'alma, cumulava-o de carinhos e de brinquedos, orgulhoso de guiar aquella intelligencia precoce que já se manifestava tão promittente de bons fructos. Não era commum numa criança de oito annos tanto discernimento e cordura. Nessa noite o pae perguntou-lhe:

— Sahes que estamos na vespera do Natal?

— Já fiz o meu pedido ao Menino Jesus. Quero uma arvore com brinquedos.

— Onde vaes pôr os sapatos?

— Debaixo da cama...

— Não seria melhor pôr-os na sala de visitas?

— Porque, paesinho?

— E' que o Menino Jesus não gosta de ser visto. Podias estar acordado...

— Ah!

No dia seguinte o pae foi despertar o filho.

— Levanta-te e anda ver o presente do Menino Jesus.

Joãosinho saltou da cama e encaminhou-se para a sala. Uma bella arvore de Natal lá estava carregada de brinquedos. Viam-se, pendentes de cada galho, em profusão, meias de filô, de diversos tamanhos, contendo grande variedade de surpresas, carrinhos de madeira e de folha, mysteriosas caixinhas envoltas em papel de sêda, cartuchos com bombons, polichinelos, pequenas esferas coloridas, minusculos lampeços venezianos e muitos objectos mais. Joãozinho, radiante de contentamento, permaneceu por muito tempo a contemplar o regio presente do Menino Jesus.

— Vês, meu filho, como o Menino Jesus é bom para os meninos que são bons?

E abraçando a criança beijou-lhe as faces com ternura.

— Obrigado, paesinho!

— Não é a mim que deves agradecer.

— Eu sei que o Menino Jesus é você...

Ficou resolvido, conforme o desejo de Joãozinho, que todos aquelles brinquedos fossem distribuidos pelas creanças pobres da vizinhança. E assim se fez. Procedeu-se ao sorteio das prendas que foram entregues com a maior sa-



### O ECLECTISMO NO MOBILIARIO

Num dormitório moderno, o leito toscano do século XVI combina perfeitamente com a rica tapeçaria hespanhola. A arte das duas penínsulas fornece ainda es outros objectos accessorios formando um conjunto harmonico e elegante.

tisfação por Joãosinho, que demonstrava o seu jubilo quando as melhores premios eram adjudicados ás creanças mais pobres. Tamanho desprendimento caracterizava a sua bondade. Quando já não restava na arvore um unico brinquedo, viu-se encostado ao portal da sala um pobresinho descalço e esfarrapado que olhava desconsolado e humilde para a arvore despojada. A sua attitude, a tristeza que se lhe revelava no semblante inspiraram grande compaixão a Joãosinho, que se approximou do retardatario.

— Não ganhaste um brinquedo?

— Não...

— Porque não entraste?

— Estou de pé no chão, disse a creança sensibilizada até ás lagrimas pelo modo carinhoso com que era interrogado.

— Vem cá. O teu presente está lá em cima.

E dando a mão á criança, levou-o atravez das salas até ao seu quarto. O pae que observava a scena não quiz intervir e esperou com anciedade o seu desfecho.

Joãosinho entrou com o menino e a creada que chamára e fechou a porta.

Passado algum tempo o pobresinho appareceu. Vestia um terno de fustão branco, á marinheira, trazia á cabeça um bonet novo de pala envernizada e calçava uns elegantes sapatos de camurça. Joãosinho tinha dado ao pobre menino o presente que o pae lhe fizera nesse dia. Diante da nobreza daquelle gesto, de uma acção tão magnanima, o pae, tomando Joãosinho nos braços, beijou-o demoradamente e disse-lhe comovido;

— Muito bem, meu filho!

— Foi o Menino Jesus...

— Foi elle, replicou o garotinho, desmentindo-o a sorrir.

— Como te chamas?

— Luizinho.

— Pois agradece-lhe, Luizinho, que elle é o Menino Jesus...

**Antonio Lamego**





TERPSYCHORE NO SECULO XX

Mae Murray, a excelente bailarina cujas poses harmoniosas e perfeitas são realçadas pelo luxo delirante de suas foilettes e dos scenarios inauditos que lhe servem de fundo.



## CARTAS DE AMOR



**U**M dos meus confrades endereçou-me (a mim e a outros escriptores) um questionario a respeito das cartas de amor. Devemos destruil-as, pergunta-se, ou, ao contrario, guardal-as? E podemos esperar dellas um reconforto ou uma decepção? Porque ha duas escolas: a de Dante, que escrevia:

A maior desventura  
E' a lembrança feliz num dia de infortunio!  
e a de Alfred de Musset, a quem devemos estes versos celebres:

*Un souvenir heureux est peut-être sur terre  
Plus vrai que le bonheur.*

Não é facil, em verdade, solucionar esse pequeno problema sentimental. E aposto em que as respostas nos surpreenderão pela sua diversidade. Tudo depende do estado de espirito ou, como diriam os psychologos, do estado de alma do homem que relê as cartas, no momento em que as relê. Si depois da ruptura, da separação, elle saboreou outras venturas e mais ardentes, mais completas do que aquella cujo perfume sente de novo em paginas amareladas, elle as percorrerá com o olhar um tanto secco, um tanto indifferente e ligeiramente desilludido (sobretudo si uma nova paixão o domina actualmente). Ao contrario, si elle se sente isolado, viuvo de coração, e si ha muitos

annos vem experimentando em vão outros amores, a evocação de um amor pelo qual conheceu tantas alegrias (ou soffrimentos) não deixará de commovel-o melancolicamente, talvez deliciosamente. E as cartas relidas nessas condições recobrarão todo o seu sabor. Repito-o: as soluções do problema são variaveis ao infinito. E não se pode responder á questão definitiva e categoricamente.

No entanto, reflectindo bem, creio que ha interesse em destruir as cartas de amor, porque, em tres vezes sobre quatro, ellas se evaporam quando as relemos depois de alguns mezes ou annos e provocam no leitor um sentimento de magoa e de humilhação. Humilhação de nada mais acharmos em nós do que sentiamos outr'ora com tanta febre e violencia e, o que é mais doloroso, de nada mais acharmos nessas phrases da graça, do encanto, da elegancia, da originalidade, do ardor que lhes attribuíamos outr'ora de boa fé, quando estavamos apaixonados por aquella que as escrevia.

Sim, queimemos as cartas á medida que as formos recebendo. Assim, primeiramente, evitaremos mais catastrophes e depois conservaremos no futuro a illusão de que ellas eram unicas, que nunca ninguém havia escripto nem recebido iguaes e que é uma pena não as haver conservado. Ao passo que, conservando-as, sabemos o que nos espera. E mais vale um remorso ou uma saudade lisongeira do que uma illusão humilhante.

Edmond SÉE.



### ARTE ALLEMÃ MODERNA

Os modernos artista allemães trabalham com esforço e talento para a producção de obras que não desmintam as tradições artisticas da Germania. Aqui estão duas amostras das suggestivas applicações da arte decorativa na ceramica, trabalhos de A. Flad, e uma esculptura, "O mono" concepção "ultraista" de A. Pukegger.



# America

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

ARTE - LETTRAS - MODA - CINEMA - SPORT

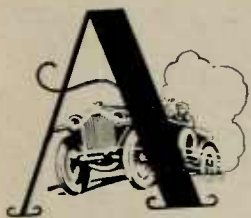
Director - proprietario: SYLVIO FIGUEIREDO Gerente: M. ESPINDOLA

ANNO I

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 1923

N.º 4

## O PREMIO DA VIRTUDE



CENSURA interdizou o  
film de *La Garçonne*...

— Quer dizer que os  
nossos pornographos se  
transformaram em guar-  
da-negra da immoral-  
idade...

— Como?...

— Pois não foi em  
nome dos bons costumes que se impeliu a vul-  
garização, na t'ela, das scenas desse livro bem  
menos escandaloso do que o «Cantico dos Can-  
ticos», e talvez mais efficiente, como castigo ao  
vicio, do que todos os anáthemias da Biblia?...

— E *La Garçonne* não é um poço de  
ignomínias?... Confesso que não o li, cumprindo  
á risca os conselhos do meu director espirital...  
Então, Margueritte não é um romancista in-  
decente?...

— Nada disso... *La Garçonne* existe. Vive  
em todas as sociedades roídas de preconceitos  
e que acreditam nas virtudes miraculosas da fo-  
lha de parra...

— Mas, talvez no cinema as paginas do ro-  
mance apparecessem demasiado escabrosas...

— Não é possível. Mais escabrosas do que  
o *Ba-ta-clan*, do que os *vaudevilles* das tempo-  
radas officiaes do Municipal?... O que poderia  
espantar era a appareição do quadro em que a  
rapariga emancipada surge, entre outras do seu  
meio, fumando opio... É isso pelo facto de  
certas analogias... Houve, ou ha ainda, em Bo-  
tafogo, uma casa desse genero... que a po-  
licia não conhece prudentemente...

— Estás defendendo a litteratura fescennina,  
pelo que vejo...

— Não defendo nem accuso. Constato ape-  
nas um phenomeno alarmante de desequilibrio.  
Falta-nos nesse particular o senso psychologico.  
Sem querer, com essa prohibição fizemos dois

males: um, o de dar aos leitores ingenuos desse  
livro a impressão de que elles commetteram um  
feio peccado, e outro o de estimular os restantes  
incautos a devorar, clandestinamente, a obra de  
Margueritte, com a satisfação perigosa de quem  
mastiga um pomo vedado ao nosso appetite.  
Imitamos Jeovah no Paraiso: «Adão, aquelle fru-  
cto é delicioso e revelar-te-á a vida. Não debes  
comel-o...» E' sabido que o nosso pae sym-  
bolico, que devia ser um homem intelligente,  
não respeitou a ordem divina, legando á sua  
progenie o habito de preferir sempre as cousas  
prohibidas áquellas que nos estão ao alcance  
da mão... Esses moralistas contemporaneos são  
os melhores auxiliares dos livreiros... A Legião  
de Honra não contribuiu para que *La Garçonne*  
obtivesse em mezes uma tiragem de quinhen-  
tos mil exemplares?... A censura que não con-  
sentiu que os nossos olhos passassem sobre as  
paginas de Margueritte humanizadas pelo cine-  
matographo, veio em auxilio dos commerciantes...

— Então *La Garçonne* é uma obra honesta?...

— Honestissima! Eis o termo. Não é mor-  
ral nem immoral. Amoral é a sociedade que ella  
retrata. Poderíamos applicar-lhe o verso profun-  
do de Sully Prudhomme:

«Le beau reste dans l'art ce qu'il est dans la vie.»

Na arte o mal continúa a ser o mal...  
Os individuos, os costumees, desenhados por um  
artista, quando são torpes não se transfiguram...

Margueritte deve estar contentissimo com  
a sua sorte. Imaginem si os criticos, dizendo aliás  
a verdade, houvessem dito que *La Garçonne*,  
como o mais candido dos dramalhões de Ponsou,  
termina com o castigo do vicio e o premio da  
virtude?... Que lastima para os editores... E  
Margueritte que se contentasse com o *prix Mon-  
tyon*...

Carlos MAUL



# O ANNO THEATRAL



**S** I nesses 365 dias de 1923 não se consolidou, e de uma vez para sempre, o theatro nacional, apregoado desde os tempos aureos da arte colonial de João Caetano no Theatro S. Januario, pode-se, entretanto, afirmar que o anno prestes a findar foi, como os já passados, um anno verdadeiramente promissor para o problema que tantos cabellos brancos creou na cabelleira negra e espessa do incansavel batalhador que foi Arthur Azevedo.

Basta dizer-se que 1923 começou com a noticia sensacional de que o auctor-actor Leopoldo Fróes iria á Europa comprar peças e descobrir auctores, como qualquer persanagem de Pirandello, para uma temporada de puro resurgimento da Arte Nacional, promessa realizada em Agosto com uma série, no S. José, de 4 peças francezas: «Signal de Alarme», «As Vinhas do Senhor», «O Rei dos Grandes Hoteis» e «Mlle Tallharim».

Isso, apóza commemoração do centenário, animou um pouco o mercado estrangeiro que nos forneceu, além do trivial-Chaby, Satanella e Henrique Alves, Ba-ta-clan, (esta com uma unica novidade em 4 peças: as pernas espirituaes de Mistinguette que só fez as 2 primeiras «C'est la Miss» e «La Marche à l'Etoile» a Lyrica e a Franzeza do Municipal, com Mlle. Gabrielle Dorziat á frente — as companhias italianas das sras. Vera Vergani e Maria Melato, servida esta á ultima hora como doce sobremeza aos assignantes.

Do mercado europeu nos veio ainda a

Companhia do Theatro Apollo de Madrid, com o concurso de 4 estrellas de real valor no genero: Rosa Rodrigo, ex-soprano do Scala, de Milão, e que aqui já esteve, ha dois annos, na temporada Lyrica Official; Eugenia Gallindo, Clara Milani e Maria Caballé, preenchendo toda a sua temporada com duas revistas de grande espectáculo «Arco-Iris» e «La tierra de Carmen».

A prata da casa teve um movimento relativamente compensador.

No Trianon a Companhia sob a direcção de Viriato Corrêa representou as seguintes peças, todas nacionaes: «E o Amor Venceu», e «O Filho de Papae», de Paulo Magalhães; «O

Noviço» de Martins Penna; «Travessuras de Bertha», de Antonio Guimarães; «Eva no Ministerio», de Mario Domingues e Mario Magalhães; «O mímico Colibri», «O Tio Salvador», «Discipulo Amado» e «Graças a Deus», de Armando Gonzaga; «Zúzú» de Viriato Corrêa; «O Outro André» e «Casado sem ter mulher», de Corrêa Varella; «Fogo de Vista», de Coelho Netto; «Dr. Sem Sorte», de Zé Antonio e «Escola da Mentira», de Claudio de Souza. No Recreio, apóza o successo da peça de estrêa — «Meu bem, não chora», tivemos pela companhia Ottilia Amorim, que ainda hoje occupa o theatro, as revis-



A actriz Sra. Amada Fronfredo

tas e burletas «A Escripta é outra», de Alfredo Brêda; «Rio Alegre», de Gastão Tojeiro; «Olha á Direita», de Fritz e Frotz; «Cabocla Bonita», de Marques Porto e Ary Pavão, «Foi ella que me deixou», de Bittencourt Menezes; «A Botica do Anacleto», de Marques Porto; «A Maçã» dos Irmãos Quintiliano; «Vida Aperta



da», de Freire Junior; «Minha Terra tem palmeiras» e «Pennas de Pavão», de Marques Porto e Affonso de Carvalho.

No S. José a companhia de revistas representou as revistas «Tatú subiu no páu», dos Irmãos Quintiliano, «Você Vae», de José Paulista e Renato Alvim e «Meia noite e trinta», de Luiz Peixoto.

Deixando o theatro em Julho voltou em Novembro, estreando com a revista «Sonho de Opio», de Oscar Lopes e Duque.

A Companhia de comédias dirigida pelo actor Francisco Marzullo, occupando o Carlos Gomes, de Janeiro a Março, representou os seguintes originaes: «A Menina do Café», de Victor Pujol e o «Microbio do Carnaval», de Gastão Tojeiro.

Encerrou a sua odysseá pelo mar, sem *enchentes*, do velho theatro, com uma peça de Paulo Magalhães — «O Homem que morreu», sendo substituida pela Companhia Garrido, que sob a direcção de Alda Garrido tem representado até hoje as seguintes burletas «Quem paga é o Coronel», «Luar de Paquetá», «Rainha de Belleza» e «A Pequena da Marmita», de Freire Junior; «Marriz Sabida», de Victor Pujol; «A Francezinha do Bataclan», de Gastão Tojeiro; «O Embaixador», de Armando Gonzaga e «Morena Salomé», de Corrêa da Silva.

Em Maio a Sra. Lucilia Peres tentou, de mãos dadas ao sr. Antonio Ramôes, reeditar o velho repertorio das glórias de Dias Braga, mal de que foi acommetida, ha dias, a sra. Maria Castro e no mesmo theatro João Cactano.

Tivemos ainda em 1923 a tentativa do actor Christiano de Souza no Cinema Central, tentativa essa fracassada graças a uma formidavel desorganização technica alliada a uma sen-

sivel má vontade do empresario Pinfield.

Finalmente, tivemos, além do projecto Nina Sanzi, que pretende com os dois mil contos que possui construir um theatro de comedia, um exito formidavel do theatro italiano da sra. Vera Vergani: a famosa peça de Pirandello «Seis personagens á procura de um autor», e mais as temporadas de opereta, no Lyrico e no Republica, das Companhias Clara Weiss, que nos trouxe as ultimas novidades como «Danse delle Libellule», «La Bayadera» e «Noite de Dansa» e, já no apagar das luzes, essa «blague» que

atende pelo pomposo nome de Companhia Bataclan Antonio de Souza.

\*  
\*

Felizmente um facto auspicioso, que não foi positivamente as «reprises» successivas de Bataille e Bernstein de Mlle. Dorziat, justifica o titulo honorifico de promissor dado ao anno theatral de 1923: a temporada da Companhia Brasileira Abigail Maia em Buenos-Ayres e Montevideo, com artistas e repertorio exclusivamente nacionaes, graças a esse espirito de trabalho formidavel que é Oduvaldo Vianna. E para fechar este rapido retrospecto do nosso movimento scenico, enquanto a sra. Nina Sanzi não constrói, com os seus 2 mil contos, o theatro nacional definitivo (facto esse que já garante o titulo de promissor ao anno de 1924) vale transcrever o que da nossa Arte

affirmou, apóz a estréa da Companhia Abigail Maia no Urquiza, o chronista theatral de «El Dia» de Montevideo, a proposito da comedia de Armando Gonzaga «O Ministro do Supremo».

«Es ésta de Gonzaga la primera obra cómica que se nos dá a conocer, y nos resulta interesante el apreciar el sentido que se tiene en el teatro brasileño de los motivos hilariantes. No hay



O actor Sr. Armando Gonzaga

chistes. Esa pirueta antipática a que se obliga una palabra para que aparezca diciendo otra cosa que lo de su real significado, no existe — hasta ahora y por lo que llevamos visto — en el teatro brasileño. No utilizan tampoco los recursos siempre eficaces del miedo irre-

mediable y pueril, ni al familiar, ni al maton aparatoso y cobarde, ni al marido engañado, ni a ninguno de los usuales tipos que en el teatro rioplatense se utilizan en procura de comedia y redados de la escena hispanola y franceza».

### Alguns records Mundiaes de vôo

São os seguintes alguns dos records mundiaes mais importantes:

*Altura:* 10.741 metros, obido por Sadi-Lecoq, n'um biplano Nicuport-Delage, em Villacoublay, no dia 5 de Setembro deste anno.

*Duração, sem escala:* 37 hs. 15 m. 14 s. 45, por Lowell H. Smith e Richter, em San Diego, nos dias 27 e 28 de Agosto.

*Velocidade* — Os mesmos norte-americanos Lowell Smith e Richter obtiveram 5 records sobre diferentes distancias, a saber:

sobre 2.500 kms.....	142. k. 182 p. hora
3.000 > .....	141. k. 870 >
3.500 > .....	142. k. 170 >
4.000 > .....	142. k. 000 >
5.000 > .....	142. k. 530 >

*Distancia em avião sem motor* — 8.100, por Thoret, n'um aparelho Bardin, em Vauville, no dia 26 de Agosto.

*Duração em balões de 1.ª categoria* — 19hs. 43m. por M. Fleury, n'um balão com 400 m3 de hydrogenio.



A cantora Sra. Rosita Rodrigo

## CÁ E LÁ

Ha muito quem ria das nossas infundáveis e fatigantes (e talvez inúteis) controversias grammaticaes e quem estranhe a falta de normas positivas, seguras e definitivas para a arte difficil de falar e de escrever. Não temos regras firmes para a collocação de pronomes, o emprego do infinito pessoal impessoal e a cuisa meos inconcussa que existe na nossa lingua. A unica regra segura, por enquanto, é esta, de uma latitude accommodadora: cada qual escreva e fale como bem entender. Portanto, Brasil com **S** ou com **Z**. Tudo o mais nesse conseguinte.

Mas, no meio de toda essa insegurança e confusão, salve-nos o consolo de que não somos nós, os que falamos dioma que Camões limou. Ego — Euclides poliram, as unicas victimas do mal. Outros povos soffrem as torturas... de não saber falar (si isso chegada ser uma tortura, diante dos quotidianos desperales e habozeiras dos que o sabem). Ainda agora um grande jornal francez, o "Excelsior", abre columnas nas suas paginas para explicar aos herdeiros dos gaullezes esta coisa maravilhosa: o modo certo, cor-

recto, perfeito, de pronunciar francez. Porque é preciso que se saiba: ha na França milhares de pessoas que não sabem pronunciar ao certo palavras corriqueiras como *neuf, wuf, bruf*; etc. Tal qual como nós...

S.

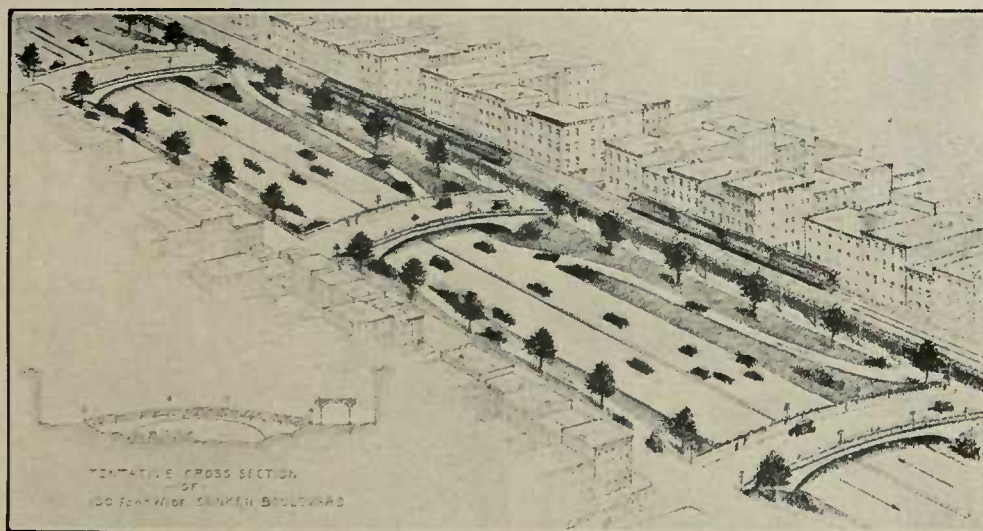


## UMA SOLUÇÃO PARA O DESCONGESTIONAMENTO DO TRAFEGO

**A** CIDADE de Nova York, na parte correspondente á ilha de Manhattan, apresenta um contorno bastante original, pois que para um comprimento de doze milhas tem uma largura de duas. E apesar do seu desenvolvimento se ter realizado em todas as direcções, é em Manhattan que mais se faz sentir a necessidade da solução do problema do trafego.

guma teve largura sufficiente para que n'ella se formem duas linhas de circulação, em cada sentido e ha mesmo tres ruas que soffrem ainda da complicação de serem mais ou menos obstruidas pelas columnas do «Elevated».

Si juntarmos a isto a necessidade que têm os omnibus e automoveis de praça, de parar para desembarcarem ou receberem passageiros e si levamos em conta que não se pode sup-



O movimento de vehiculos no sentido da largura da cidade é grande, mas bem pequena é a sua importancia se o compararmos com o que se realiza no sentido do comprimento (o «up-down» dos norte-americanos). Para o movimento este-oeste ha cerca de duzentas ruas, ao passo que para o enorme transito norte-sul ha apenas onze grandes arterias principaes, com uma extensão apreciavel e sem a interrupção do Central Park.

Estudadas as causas da lentidão do trafego nas ruas congestionadas, encontraram-se duas causas principaes.

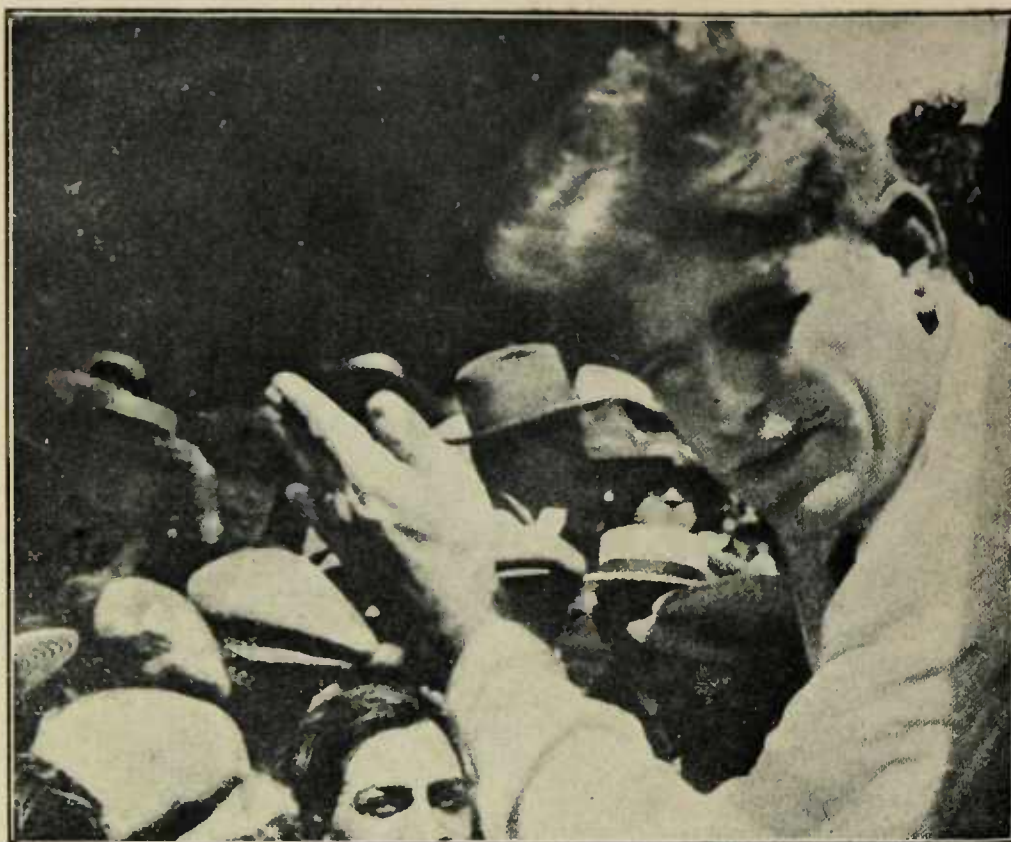
A primeira d'ellas residia no factó de trafegarem, em uma mesma rua, carros, caminhões, carros tirados por animaes, omnibus etc. Além d'isso, salvo uma ou duas excepções, rua al-

primir, inteiramente, os pontos de parada para automoveis, comprehenderemos porque não é continua a circulação nas grandes ruas. A unica solução para estas difficuldades consistiria na separação das varias classes de vehiculos por vias differentes. O «Sub-way» e o «Elevated», exactamente porque têm um caminho que lhes é próprio, são muito mais rapidos.

A segunda causa da lentidão no trafego são os cruzamentos de ruas.

O transito leste-oeste não é grande, mas concentra-se em certas ruas, com especialidade, e cerca de 90 % do trafego transversal são absorvidos por umas doze ruas, talvez: aquellas que servem as pontes e os Ferry-boats.

A solução ideal para esta difficuldade seria a eliminação dos cruzamentos de ruas, n'estes pontos em que o movimento é muito intenso.



### O REGRESSO DO VENCIDO

Firpo ao chegar a Buenos Aires, agradece, da janella do trem, as saudações da multidão apinhada na estação

---

Ha sempre espiritos investigadores que procuram resolver estes problemas interessantes e, quando apparecem soluções intelligentes, ha toda a vantagem em que d'ellas se dê publicidade, para que sejam aproveitadas como merecem.

Está n'este caso a solução ideada por Cameron Clark para uma melhor circulação de vehiculos na cidade de Nova York. Este norte-americano imaginou um grande boulevard, com 100 pés de largura (tanto como a nossa Avenida Rio Branco -de edificio a edificio), passando pelo centro de Manhattan e em um nivel mais baixo que o nivel normal das ruas. Este boulevard deveria dar espaço para quatro linhas de trafego de carros em cada sentido, com uma linha extra de cada lado para os carros parados.

Para fazermos uma idéa da importancia da solução imaginada, basta que comparemos a capacidade da 5.<sup>a</sup> Avenida, que é de 3.000 carros por hora, com a que teria este boulevard com os seus 18.000 por hora.

Segundo a idéa de Clark, o trafego transversal cortaria esta grande arteria por meio de pontes (como nos mostra a figura) e com isto augmentar-se-ia, de muito, a velocidade do trafego.

O acesso para o boulevard, ou a sahida d'elle seriam feitos por meio de simples caminhos em rampa, partindo de cada cruzamento de ruas. E o modo porque foram traçados estes caminhos sempre aos pares, um descendo e outro subindo, evita habilmente a manobra para a mudança de direcção, dentro do boulevard.

De accordo com esta idéa, o carro que quizer mudar de direcção será o unico *caceteado* com a manobra a fazer, em vez de obrigar os demais carros, de ambas as direcções, a modificarem as suas marchas por causa d'elle.

Clark imaginou traçar este boulevard na 2.<sup>a</sup> Avenida, fazendo-o seguir através da Canal Street e da Canal Avenue até ligar-se com o Riverside drive.





## ALMAS DE MULHERES

(CONTO)

**N**ÃO têm coração, nem romantismo, nem ancias infinitas de amar e de ser amadas?...

— Pff!

— Falta lhes espirito de sacrificio...

— Quem disse isso?

Esta conversação era travada num café-cantante entre varios amigos, o primeiro dos quaes, um pintor famoso e ao mesmo tempo inspiradissimo poeta, era o que falava com tanta vehemencia das raparigas que em outras mesas distrahiam os seus ocios ingerindo absurdas e diabolicas bebidas.

Douradas mariposas attrahidas pela luz dos galanteios, nella queimavam as azas dos seus sonhos, passando a vida na doce interinidade a que as condemnava o seu sexo e tambem a sua propria significação social.

Pobres bonecas! Pobres pequenas inspiradoras de tantas novelas futeis e transitorias!

— Ah! está a Marina Guerra, accrescentou o pintor indicando uma mulher de lucto e elegantissima, porém muda e espectral como uma sombra, que, occulta num dos angulos do salão, parecia perdida num mundo de lembranças, evocações e presentimentos. — Ah! está ella!

— Ah! A Marina... disse outro.

— Parece louca, commentou um terceiro.

— Mas louca como a nobre Ophelia immortal e eterna, insistiu o pintor. Ah! está como de costume, absorta e petrificada como uma esphinge dolorosa e incomprehensivel.

— Você a conhece?

— E a admiro.

— Porque?

— Pela sua historia e por esse mesmo espirito de sacrificio que vocês negavam que se pudesse aninhar nessas almas tão propensas aos formosos e redemptores sonhos do coração. Dvidam? Riem burlescamente? Sou eu que os lamento, porque vocês, tendo olhos, não vêm, e tendo ouvidos, não ouvem.

Sim. Marina. Marina Guerra, que foi noiva do pobre Guilherme Alvarez.

— Do que morreu no accidente de aviação de Citruénigo?

— Isso! Do que se suicidou.

— Ha de tudo no mundo, affirmou o artista. Guilherme Alvarez suicidou-se quando, arruinado, se viu perdido e não quiz manchar o seu nome com nenhuma acção indigna. Conheci-o. Fui testemunha das suas primeiras loucuras, quando, apenas sahido da Academia, se fez aviador pelo seu amor ao extraordinario e ao perigoso. Foi então que conheceu Marina Guerra e se entregaram ao seu tragico idyllio. Guilherme, filho de uma familia rica de Cadiz, vivia com tal independencia que não queria receber dos seus pais a menor ajuda.

Desertor de todas as Universidades e Escolas, entrou para uma Academia onde se fez aviador, como ficou dito, pela ancia de novidades e pelo desejo de aventuras. Occultando a sua modesta posição, vivia junto de Marina, a quem pintava o seu destino e a sua situação com cores lisongeiras, empenhando-se e empobrecendo, sem que ella suspeitasse a verdade. Dessa falsa maneira de viver sobrevieram não poucas desventuras, das quaes a menor não foi ter a familia de



Guilherme, escandalizada pelas extravagancias do filho, retirado toda a protecção que lhe dispensava. Aquella bala perdida era fatal. Coisas da vida!

— E' exacto, commentou outro.

— A eterna historia, affirmou terceiro.

— Isso: a eterna historia; mas historia dolorosa e sangrenta, pois Guilherme, arruinado, miseravel e em via de commetter algumas dessas vilezas a que a má vida frequentemente nos lança, preferiu eliminar-se a deixar uma recordação amarga na memoria de alguém. E, premeditando-o, procurou um meio de disfarçar o suicidio, occultando-o nas duvidas que surgiriam si elle se precipitasse com o seu apparelho. E assim o fez...

— Mas a pobre Marina...

— Lá ia eu: a pobre Marina, como disse você, soube da verdade quando já não havia remedio.

E soube-o por uma carta do proprio Guilherme.

— Infeliz!

— Mas, assim que com a morte do seu amante soube do succedido, mandou á familia de Guilherme Alvarez a carta do desgraçado, supplicando por Deus que pagassem uma sepultura luxuosa e christã para o pobresinho. Mas a familia não quiz tratar com semelhante mulher; catholicos todos, não podiam tampouco honrar assim a memoria do condemnado suicida. E então Marina, mulher toda coração, alma, romantismo e espirito de sacrificio, tomou sobre si a tarefa de enaltecer e honrar a triste memoria daquelle que fôra o seu amor. Dedicou-se a reunir todo o dinheiro preciso para que lhe construissem um luxuoso mausoléu, e, empilhando e vendendo tudo o que possuia, só agora sorri de longe em longe; mas fê-lo porque, arruinada tambem, fica-lhe o consólo de haver cumprido o dever que lhe dictaram a sua consciencia e o seu coração. Que lhes parece?

— Que Marina morrerá talvez num azylo ou em qualquer abrigo, mas que é uma nobre mulher.

— São muito complicadas e extranhas estas mulheres para serem julgadas tão ligeiramente, disse finalmente o pintor.

E os amigos, curiosos e emocionados, puzeram-se a contemplar Marina que, apartada, sorria a qualquer coisa invisivel, mysteriosa e inolvidavel.

Juan Lopes NUNEZ.

## O BURRO SEM CABEÇA

### CONTO PARA CRIANÇAS

Zézinho é um vivo e intelligente menino, filho de um fazendeiro do Estado de Minas. Zézinho frequenta a escola na cidade e vai passar as férias na fazenda, onde se delicia com os admiraveis quadros da vida dos campos: a paisagem linda, com os seus campos verdes, fechados ao longe pelas montanhas de recortes caprichosos, que parecem abraçar, com um abraço de pedra, valles e mattas que se estendem até aos seus musculos de granito; o movimento do trabalho da roça, os carros, as «tropas», as colheitas e o espectáculo do gado que recolhe pachorrentamente aos curraes, ao cahir da noite, mugindo como si estivesse desgostoso de ter findado o dia e com saudades do sol fulgente do sertão.

Zézinho gosta destas scenas, da vida tranquilla da roça, ao ar livre, sob a luz cariciosa.

Uma tarde estava elle na varanda, em companhia dos pais e da irmãsinha, quando se aproximou, de chapéo á mão, num «boas-tardes» arrastado e ronquenho, Chico, foreiro da fazenda, homem trabalhador mas ignorante, que lhes contou um encontro terrivel que tivera na vespera, pelo qual ainda tinha os cabellos arrepiados.

Narrou elle ter visto, á noite, quando se dirigia para casa, um burro sem cabeça, que passára por elle com a velocidade do raio.

Amedrontado, deitou a correr, até que chegou á casa, offegante e suado, tremendo ainda pela singular apparição.

O fazendeiro sorria. Foi quando Zézinho, que, apesar de muito pequeno, é instruido, encarou de fazer Chico e lhe disse:

— «Seu» Chico, quem é que lhe contou que um burro sem cabeça pôde andar!

Você não sabe que um animal decapitado morre instantaneamente?

O Chico enfiou e não achou palavras que dizer.

E assim um menino de oito annos, pelo facto de ter aprendido nos livros, deu um quinau a um velho roceiro, contado, cuja ignorancia o fazia presa da superstição.

Os males da ignorancia são incontaveis e enormes. Um homem instruido vale por dois.

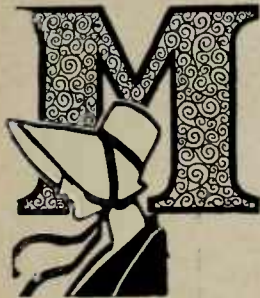
G. L.





# EL TRAIADOR

(CONTO HISTORICO)



MUITAS noites sob a chamma dos astros, muitos dias sob o incendio do sol, os devassadores das matas brutas haviam já caminhado por essa região barbara e equatorial. Vinham das bandas do Pacifico, onde as grimpas andinas, no esplendor do céu, talhavam-se em vultos cyclopicos como esculturas de granito, e luz, e neve. As terras peruanas, nesse tempo, convulsionavam-se numa espantosa tragedia que até em nossos dias repercute, sob o nome de «conquista do Perú», em estrondos de batalhas e tempestades de paixões. Entre os milhares de aventureiros, que se mudavam em feras ao jogo das ambições enormes, a uns attrahia a gloria immorredoura alcançada em prelios pela bandeira do Rey; mas a todos seduzia e arrebatava a perspectiva dos thesouros que a terra trazia nas entranhas. E foi esse sentimento, que afogueava todos os animos, que arrastara um dia, em Lima, essa multidão quasi bravia, á conquista de fortuna como nunca fôra ainda descoberta, nessa era de maravilhas scheherazadicas. Falaram-lhes de uma terra, onde as montanhas eram de sol transformado em pedra rutilante. E havia cachoeiras verdes petrificadas, as jazidas de esmeraldas; e rubins sangrando no fundo dos valles; diamantes estrellando as grutas de amethista. Prasios, chrysoprasios, granadas e saphiras, todo um pandemonio de radiações e côres, mergulhado no silencio sinistro das florestas, onde o pello listrado dos tigres punha tonalidades flammeas. O sonho de Eldorado allucinára os homens rudes na provincia americo-espanhola. Quando Pedro de Urzua, fidalgo navarez, obteve permissão de partir á descoberta das minas desvairadoras, os aventureiros se agglomeraram em volta de sua espada que apontaria, como um cometa, entre as selvas assombrosas, o caminho das riquezas. E assim era que muitos dias e muitas noites, em marcha incessante, atravessaram o mysterio dos sertões, travando lucta contra as feras, transpondo os rios e

os pantanos, torturados pelo fogo do sol e da febre. Tudo fôra em vão... Onde, então, se escondiam as montanhas magnificas, cujo fulgor apparecia nos sonhos desses seres tantalizados? Onde as cavernas scintillantes, as montanhas, os rios coalhados de gemmas?

O desanimo começou a abater os jorna-deantes, enlouquecidos pela revolta contra a natureza aspera e bruta que sómente descentranhava em pedrarias o horizonte, no deslumbramento de alvoradas e occasos...

Um dia, um homem deu o grito de rebellião. Era pequeno de corpo, de olhos de tigre, e feições duras. Coxeava de uma perna, mas tinha um braço temivel quando fazia brilhar a espada, ou a lança. Uma fama sangrenta cercava-o de terror, pois, numa noite de tormenta, á frente de um bando de aventureiros, desgarrados na matta, havia erguido o punho cerrado contra o céu livido, insultando e ameaçando Deus. Ao erguer a voz de revolta, todos os seguiram atrahidos por esse sentimento de pavor e admiração cruel com que os lobos humanos olham o mais feroz da alcatéia. O nome de Lope de Aguirre foi aclamado, em meio das arvores titanicas, e o bandido, após embeber o punhal no coração de Pedro de Urzua, fez-se proclamar mestre de campo da expedição, e um fidalgo sevilhano, d. Fernando de Guzman, teve o titulo de general. O assassino, numa assembléa na clareira da floresta virgem, empunhando o ferro ensanguentado, agitára as almas desses homens terriveis com as suas palavras roucas:

—Eldorado? Para que o queremos? Eldorado mais fascinante que ha é o Perú. O céu foi feito para quem o merece: o mundo, para quem o conquista. Si quizerdes, o Perú será nosso!»

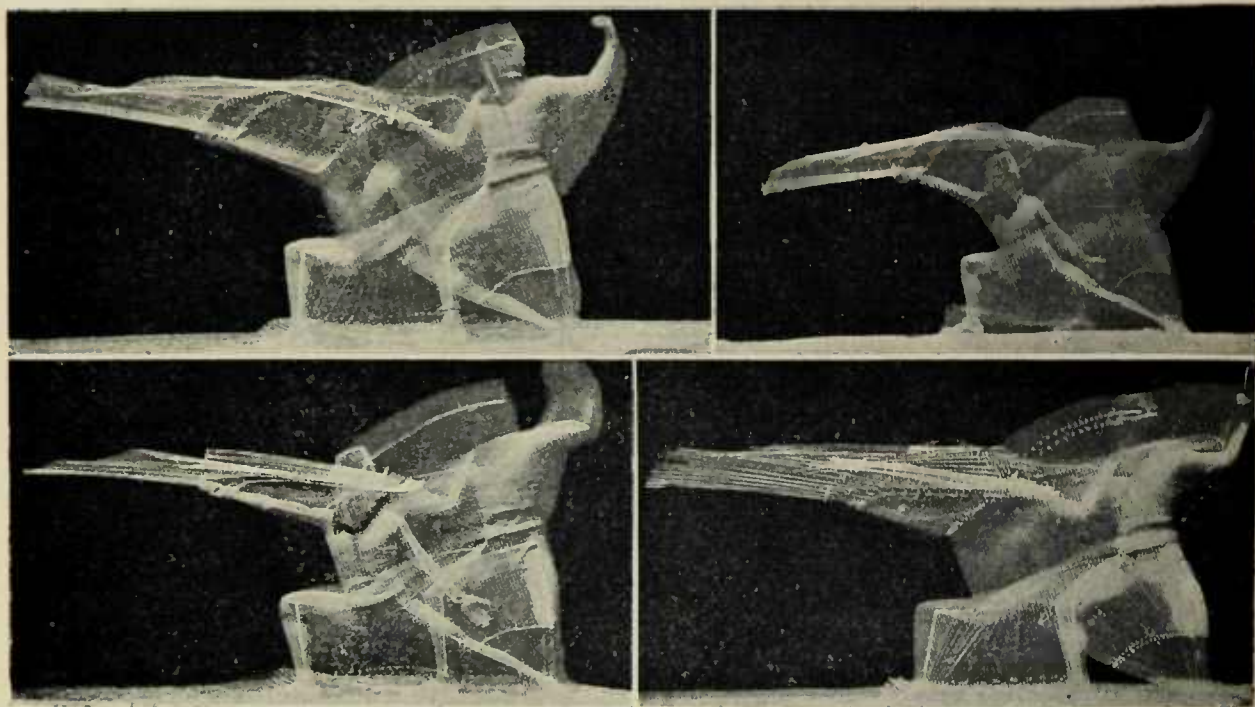
E ante esse vulto impressionante, de cabellos ao vento rugidor da noite, as physionomias dos expedicionarios, avermelhadas pelo clarão de uma fogueira vacillante, contrahiram-se violentamente. Os olhos faiscaram; e, mais rubros que a chamma da fogueira, arderam os corações.

\*

\* \*

A multidão que partira em busca





### A CHRONOPHOTOGRAPHIA DA ESGRIMA

Uma série de curiosos documentos obtidos com o aparelho chronophotographico de Marey e que mostram a decomposição de um golpe de esgrima.

de Eldorado rareára, tempos depois. Eram chamados os «marañones», e oitenta delles existiam sob a bandeira de Aguirre: um pedaço de tafettá negro, cortado por duas espadas vermelhas, em cruz. Em noite de luar muito branco e macio, proximo a um «pueblo» de Venezuela, um dos aventureiros que obedeciam ás ordens do bandido, chegava a uma grotta, onde um homem o aguardava. Desceu do animal resfolegante e tirando o largo sombrero, saudou aquelle que o esperava.

— Galindo, falou este, ha muito que te espero, bem duas horas... Ha successo grave no acampamento do traidor?

O que chegára, enxugando o suor que lhe banhava a fronte, sentou-se a um pedrouço, e disse:

— Sim, Melendez. Aguirre, que como sabes é hoje o unico chefe dos «marañones», anda transtornado nos ultimos dias. Outr'ora, esse miseravel tinha uma frieza incrível, fóra de combate; uma serenidade pasmosa, na intimidade. Na invasão dos «pueblos» da Venezuela, matando, saqueando, incendiando, elle não se transfigurava senão pelo odio que lhe cerrava os dentes rangentes, e inflammava-lhe os olhos. De-

pois do banditismo, era o homem mais frio de todos, nunca se presentiu em sua fronte a sombra do remorso. Ha dias, no entretanto, vive afastado e sombrio. Murmura e gesticula sosinho como um louco. Parece que o persegue uma turba de espectros. Embalde se desmandou em novas atrocidades: o sangue já o não alegra e incita. Pela manhã de hoje, ao despertarmos, houve assombro em todo o acampamento. Aguirre mandára buscar ao «pueblo» um dos frades missionarios, para ouvil-o em confissão. E como esse não o quizesse absolver, ordenou que o enforcassemos...

— Por Deus! — clamou o que fóra chamado de Melendez — E quando será enforcado o santo missionario?

E como se erguesse para saltar sobre a sella do seu ginete, Galindo prendeu-lhe o braço:

— Ha tempo, Melendez. Amanhã sómente o frade será assassinado. O que preciso é dizer-te porque tenho trahido Aguirre...

— Sim, não atino com a razão. Nem pedes ouro, nem outro galardão, atraiçoando o Traidor...

— E' o que te contarei agora, Melendez.

E sentando-se novamente, falou pausadamente:





### O SORRISO DA TERRA

Como as physionomias rudes e angustiadas pôdem desabrochar um dia num sorriso, tambem a face adusta e escabrosa da Terra sorri pela corolla das flores. E são sorrisos esses estonteadores e divinos, porque exhalam a magia do perfume divino e estonteador...



— Tu me conhecestes ha vinte e um annos, em Potosi, quando tu e eu, e centenas de castelhanos, alli nos achavamos, desvairados pelo ouro. Era eu então o maior amigo de Hinojosa, o corregedor. E, como te lembras, em Potosi, Lope de Aguirre era um dos aventureiros de peor fama de toda a provincia. Sabiamos das traições que praticára desde a sua chegada a Lima, quando ao pelear sob o pavilhão revoltoso de Gonzalo Pizarro, atraiçooou-o na fuga da cidade. Havia sido encarregado de cobrir a retirada do valente general e, no emtanto, voltou a Lima, dando vivas ao Rei e matando os pizarristas para obter os favores de Lagasca. Sabiamos de mil outras vilezas de Aguirre, mas toleravamos o infame porque não praticára ainda nenhuma atrocidade em Potosi. Foi numa noite, como esta, lavada de luar, que o bandido, encabeçando a rebellião que tanto sangue derramou na região do ouro, deu largas ao seu instincto de féra. A primeira idéa que me veio nessa noite tragica foi o odio que Aguirre nutria surdamente contra Hinojosa. Eu morava então além das minas, ao sopé da montanha, quando um dos creados do corregedor, escorrendo sangue, veio morrer a meus pés dando

a triste noticia do assassinato de meu amigo. Hinojosa era um irmão para mim, que nasci sem familia e que elle protegeu desde Sevilha em que me encontrou vagabundo e esfarapado, arrancando-me ás mãos dos alarbadeiros da guarda. Eu o segui na sua vinda para o Perú, e sempre me devotei á sua amizade. No momento em que Juan, o servo de Hinojosa, rasgadas as vestes, golphando a vida por mil chagas, tombou á minha frente, eu jurei sobre a cruz do meu punhal que, a ferro ou fogo, haveria um dia de matar o assassino.

Calou-se, um instante, para tomar folego. No alto céu, varando a alvura da lua, um passaro negro passou rapido. E Galindo, depois de descansar, recommçou:

— Segui-o. Nas suas traições teve-me elle sempre por testemunha. Perdi-o de vista quando partiu em companhia de Urzua. E, passado muito tempo, ao saber de seu paradeiro pela noticia de suas crueldades nesta região, para aqui me fiz de viagem, e alistei-me entre os «marañones». Mas os soldados do Rei chegaram proximo ao acampamento. Soube que tu os commandavas, e decidi entregar-te Aguirre. Tu o terás amanhã, ao romper do sol.



A cabana de Aguirre ficava á entrada de um valle resplandescnte, á sombra de altíssimos píncaros que se estorciam na vertigem do azul, faulhantes ao sol. Rompera a manhã, e antes desta esclarecer o céu, apagando os astros, já o cadaver de um frade balouçava-se a extremidade de uma corda, numa volta do carreiro. O chefe dos «marañones», que não dormira um instante, havia modificado a ordem que dera, e alguns de seus homens, madrugados, arrastaram o religioso e enforcaram-n'o na primeira arvore deparada.

Sinistro, Aguirre, em sua choupana, mais hediondo que nunca, pois em seu semblante havia como que a sombra de uma aza satânica murmurava palavras que aterrorizavam a sua filha, e a amante, a celebre Torralba, que o havia seguido em todas as jornadas. A luz do sol que illuminára, á beira do carreiro, o oscillante cadaver do frade, alumou as feições desse homem mil vezes assassino. O miseravel, a quem os linchinhos tinham qualificado, pelas suas atrocidades, «el loco Aguirre», scismava negros pensamentos que lhe davam aos olhos reflexos infernaes.

— Matei muito — disse elle, em dado momento, á amante que se achava abraçada á filha a um canto — Matei, trucei. Agora sinto que vou morrer; espalhei tanto sangue que vou morrer afogado em suas ondas. Todos me amaldiçoam, a propria natureza me odeia. As montanhas têm uma expressão de raiva, em seus perfis, quando as olho. Odeia-me a luz, e a treva...

E mirando a filha que se abraçava á Torralba, assustada desses continuos divagares de seu abominavel pae, Aguirre teve uma idéa horrosa.

— Tu vaes ficar no mundo, após a minha morte! — exclamou — Nunca! Nunca perdure sobre a terra o sangue de Aguirre. Filho ou filha que ficasse depois de eu ser prostrado, perpetuaria uma raça de malvados, e de maldictos. O maior malvado e maldicto, sou eu, em minha raça; e eu quero que essa desapareça.

Neste momento, na entrada do valle, estendendo-se na manhã radiosa, rebentou uma fanfarra de cornetas.

— Ah! os realistas! — bradou o bandi-

do — Houve quem me trahisse guiando as a este acampamento. Bem presentiu eu que ia morrer. Inutil é lutar... E travando um punhal na mão violenta, arrojou-se contra a propria filha.

— E' tua, é minha filha, Lope! — rugiu a Torralba, allucinada.

Um forte repellão, um relampago, e o baquear de um corpo, e a jovem filha do scelerado, uma creança de uns dezessete annos, cahiu varada pelo aço miseravel...

— Não quero que a chamem — a filha do Traidor! — exclamou o Aguirre, enquanto a Torralba perdia os sentidos de pavor.

Já então os soldados de Melendez, guiados por Cristobal Galindo, tinham occupado o acampamento, prendendo os remanescentes do bando que trouxe em agonia as populações andinas, nesses tempos revoltos. Contam os chronistas que o Traidor recebeu riudo os soldados, apontando para o cadaver da filha, que apunhalára. Cristobal Galindo, que era um dos primeiros a cercal-o, ergueu ao hombro o arcabuz e despediu o tiro.

— Aprende a atirar, perro! — gritou-lhe Aguirre, ferido no braço.

Ao segundo projectil, que o attingia em cheio no peito, bruceou pesadamente. Mas não antes de chalacear ainda:

— Ah! este foi em regra!

\*

\*

E assim morreu aquelle cuja tradição perdura ainda na memoria de algumas povoações de Venezuela e Colombia. A cabeça de Aguirre conservou-se muitos annos, encerrada numa jaula de ferro, num «pueblo» á sombra dos Andes. E' o que nos contam os chronistas, entre os quaes Ricardo Palma, fazendo que esse typo de legenda infame nos surja aos olhos, cercado de uma nuvem vermelha e de uma revoada de abutres...

**Moacyr de ALMEIDA**

---

As pessoas fracas são as tropas ligéras do exercito dos máus; são mais maleficas do que o proprio exercito: infestam e devastam.

CHAMFORT







## OS JARDINS DE LUXO

Ao lado da residência confortável, estendendo-se o jardim cuidado, em toda a sua elegancia moderna, ostentando a sua *terrasse*, o seu caramanchel e a profusão das suas flores variadas.

E os raios alegres do sol projectam sombras avelludadas que lambem as columnas com uma indolencia de caricia...



### A VELHICE DE LAMARTINE

○ GRANDE poeta francez teve uma velhice lamentavel. A proposito, Monselet cita esta passagem pungente:

Era uma tarde de musica, nas Tulherias. Uma moça muito elegante, acompanhada dum rapaz não menos correcto, voltou-se para um ancião apertado na sua sobrecasaca de golla alta e que tinha «uma cara de aguiá e de cavallo inglez». Ella mostrou o velho ao seu companheiro e poz-se a rir.

Então um escriptor em vóga aproximou-se da moça e perguntou-lhe:

— Conhece o nome desse velho que a faz rir?

— Absolutamente.

— E' Lamartine!

A joven olhou ainda uma vez o ancião que se afastava, comprehendeu a crueldade de uma tal miseria num tão grande coração e baixou a fronte, sentindo que os seus lindos olhos se humedeciam...

## ENCERADOR e LUSTRADOR

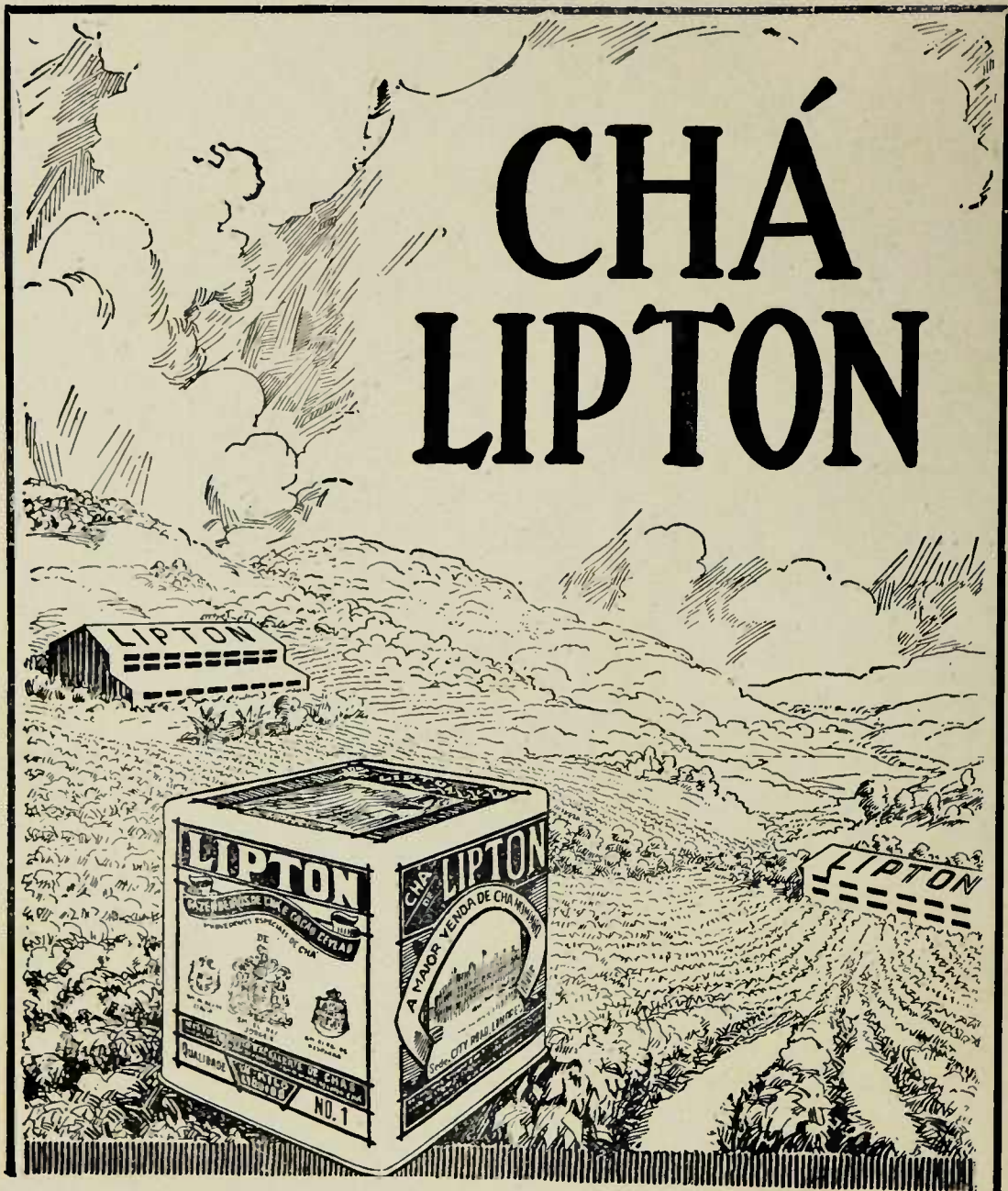
de Moveis, Pianos, Armações, etc.

EDUARDO MENEZES

Rua S. Pedro, 142 Tel. N. 1488



# CHÁ LIPTON













A PINTURA HESPANHOLA

A duqueza de Alba , retrato do mestre  
hespanhol Ignacio Zuloaga



### OS CHAPÉUS ELEGANTES

Dois lindos modelos de chapéu: o primeiro, *cloche* de feltro malva com plumas, criação Alphonsine; o outro, de seda preta e rajada de branco e azul, modelo Suzanne Castelli.

## A lição de Franklin

Um homem que havia passado uma hora inteira diante da vitrine da livraria de Benjamin Franklin entrou finalmente e perguntou ao empregado:

- Quanto custa este livro?
- Um dollar.
- Não o pôde deixar por menos?
- Custa um dollar.

O nosso homem lançou pezarosamente um olhar sobre os livros postos á venda e continuou a perguntar:

- O Snr. Franklin está?
- Sim, senhor. Mas está muito occupado.
- E' que eu desejava falar-lhe,

O empregado foi avisar o patrão. Quando este veio, perguntou-lhe o comprador:

- Snr. Franklin, qual o ultimo preço deste livro?

- Um dollar e um quarto.
- Mas si o empregado acaba de pedir apenas um dollar?

— E' verdade: e isto porque eu preferia receber apenas um dollar a deixar o meu trabalho.

O homem pareceu surprehendido com a resposta e, desejoso de encerrar a conversa, indagou:

- Bem, m's digi-me o ultimo preço.
- Dollar e meio.

— Como, si acaba de pedir um dollar e um quarto?

— E' verdade: é que antes eu achava mais vantajoso um dollar e um quarto do que agora dollar e meio.

O homemsinho deixou silenciosamente as moedas sobre o balcão e sahiu do estabelecimento com o livro e a lição salutar recb da do mestre na arte de transformar á vontade o tempo em riqueza ou em sabedoria.

Em toda parte ha gastadores de tempo...

## UMA ANECDOTA

Dirigia-se um pobre diabo de advogado americano ao Far-West para ahi tentar fortuna.

Audacioso em extremo, tomou logar no trem sem se munir do bilhete de viagem.

O seu bilhete, faz favor?

— Não o tenho, responde o viajante de contrabando, mas faço parte da redacção do *Daily News* de Nashville...

— A sua carteira de redactor?

— Tambem a não trago...

— Então o senhor hade pagar a viagem, a não ser que o director do *Daily News*, que viaja neste trem o reconheça...

Seguindo o corredor que atravessa todos os trens americanos, chegam os dois á presença do todo-poderoso director do *Daily News*, a quem o cobrador explica a

situação irregular do seu redactor. O director lança um olhar sobre este e hesita um instante.

— Si o conheço? pergunta afinal, Sem duvida, é Brownly Smith, um dos meus melhores auxiliares...

O truque serviu e o advogado respirou emfim.

Chegados ao destino, o advogado encontra-se com o director do *Daily News* e aproveita a occasião para agradecer-lhe o favor que lhe havia feito.

— Que favor?

— O de me haver reconhecido como redactor do seu jornal.

— Então o senhor não é o redactor?...

— Infelizmente, não!

— Pois bem. Nem eu tambem sou o director do *Daily News*. Eu havia "cavado" um passe em nome d'elle e estava com um medo rôxo de que você me estragassem o negocio! Não tem nada que agradecer!







IRENE CASTLE

A formosa artista do cinema na dança "O espirito da Juventude" com que maravilhou o publico de Londres.





AS ESTRELLAS  
DO CINEMA

O perfil  
encantador de  
**Mae Marsh**

(Desenho a penna)

Sylvio



## A Dansarina que fez emmudecer um principe

O principe Salih Hamado fez solemne voto de mutismo até conseguir o amor de sua adorada, a bella dansarina russa Vera Vratislawa.

Recorrer a tal processo para forçar o coração de uma mulher parece a todos uma candida ingenuidade, impropria dos nossos dias.

Si não conseguir o seu fim com a sua figura gentil, a sua juventude, o fogo sombrio de seus olhos, a vehemencia das suas palavras, conseguil-o-á com o silencio?

A esphinge não despertará a sympathia piedosa que pretende.

Ao responder por si-gnaes, o amante desdenhado, ás palavras que lhe dirigem, julgar-se-á que não sabe expressar-se no idioma que lhe falam e isto, mais do que admiração respeitosa que inspira um voto, causará o riso franco que provoca o ridiculo.

Em que mente juvenil sonhadora ou romantica produzirá impressão a attitude do principe, si a loquacidade, a exaltação da palavra, é o que predispõe á sympathia e ao amor as imaginações femininas?

Que pensaria a bella dansarina que, movida pela volubidade de seu espirito, pelo anhelio de expandir a sua alma, se lançou á mariposear pelo mundo, ávida de emoções para seu coração, de luz para os seus olhos e de caminhos para a sua vida e o seu pensamento?

Como poderia a bella Vratislawa sentir-se comovida ante a estatua do silencio e da quietude

em que se tornára o principe, a bella Vratislawa que só nas agitações da dansa, na alegria da vida nomade, procurava encontrar a satisfação das suas curiosidades, dos seus irresistiveis desejos de emoções, e as vivas e fortes impressões de que necessita a sua alma de passaro?

Não parece ás leitoras que esse gesto romantico de Salih carece da gallardia, da intensa exaltação amorosa de um espirito joven, tanto mais quanto esse espirito se nutre no saugue ardente de um arabe?

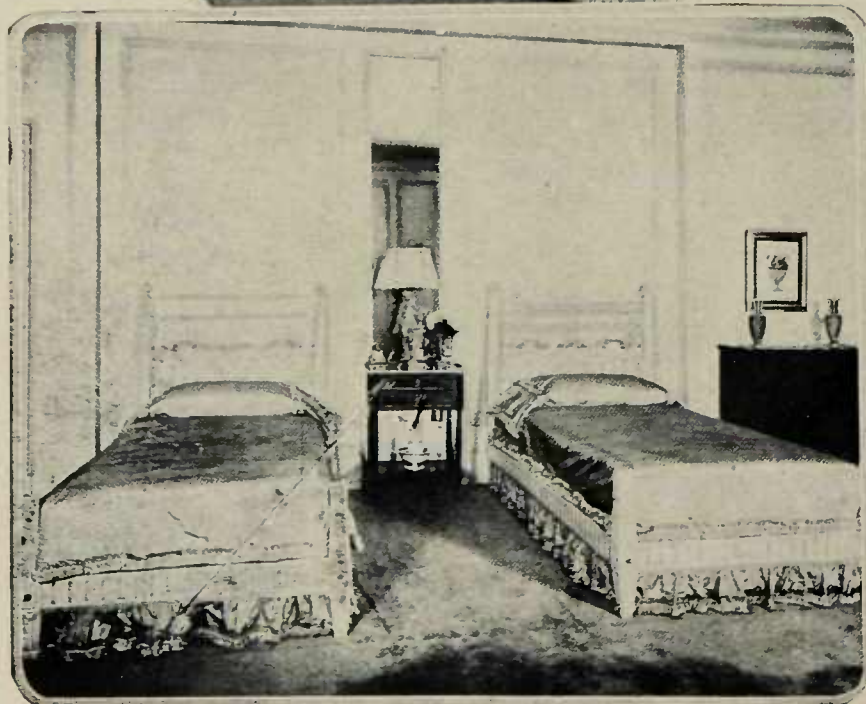
Sem ter nas veias o fogo abrazador da Turquia asiatica, qualquer joven meridional, mesmo não sendo principe, haveria adoptado numa attitude menos resignada, um gesto vehemente, mais sympathico e commovedor.

E talvez esse joven se condemnasse a um mutismo tambem, quando as suas palavras fogosas e as suas exaltadas demonstrações de amor não houvessem logrado accender no peito amado a chamma correspondente: não a esse mutismo convencional mas ao que cerra os labios para sempre e deixa no rosto a expressão da angusta immobibilidade.



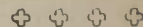
Com as flores murchas da recordação e as flores frescas da esperança, se tece a corôa da nossa vida, que é trabalho, amor e desengano.

Ha no British Museum uma colleção de discos phonographicos com as vozes de todos os grandes oradores actuaes.



## MOVEIS E

## DECORAÇÃO



A industria moderna tem empregado o melhor dos seus esforços para conseguir o maximo de elegancia, de simplicidade e de conforto nos interiores dos nossos dias. E os resultados são excellentes, como o demonstram as tres gravuras juntas, de um boudoir e de dois dormitorios a que mesmo o luxo não é extranho...



## A VIA LACTEA

COMO todos os astros e todas as manifestações celestes conhecidas dos antigos, a Via Lactea deve o seu nome a legendas mythologicas. Os gregos affirmavam que essa faixa esbranquiçada, tão visivel nas bellas noites de verão, devia a sua origem a algumas gottas de leite cahidas do seio de Juno, sugado por Hercules infante.

Foi essa a legenda que prevaleceu, porém não a unica pela qual os gregos explicaram a formação da nebulosa. Elles affirmavam tambem ser ella o sulco inflammado feito por Phaeton quando conduziu inconsideradamente o carro do Sol através do Azul. Ovidio, emfim, declarava que ella era o caminho dos deuses e a via da immortalidade.





### AS CAPITAES DO NORTE

Vista parcial da cidade de S. Salvador, Bahia, tomada de um avião. Vêm-se a praia de Nazareth, o pharol de Santo Antonio da Barra e o forte de S. Marcello.

---

## □ □ □ **A ESTRELLA** □ □ □

A Sylvio Figueiredo

Chispa de ouro que o olhar humano ao longe alcança,  
Fóco illuminador de outros mundos da altura,  
Surge a estrella a brilhar no espaço de bonança,  
Como um trevo de luz dentro da noite escura.

Millenios, sob a paz da bem-aventurança,  
Pelo crysol de luz a alva tempera apura;  
Da phosphorea materia evoluida ora lança  
As ondas de calor, circumgira, fulgura.

E hoje que — chamma astral de primeira grandeza,  
A ellipse de ouro traça e espalha a esteira clara  
A seguil-a, atravéz do infinito, aurea, accesa,

Penso vel-a no céu do Levante fecundo,  
Como o astro protector que os Reis magos guiára  
Ao estabulo natal do Salvador do mundo.

*Ibrantina Cardona*

(Do Kosmos)

## LEQUES HESPANHOES



**R**ICARDO MARIN, o personalissimo artista que possui magico poder de reunir em linhas magnificas nervosas o segredo do movimento e a graça propria pittoresca das mais genuinas scenas hespanholas, ratificou o seu prestigio triumphando plenamente em Londres, onde uma exposiçào de seus trabalhos constituiu um verdadeiro acontecimento artistico. As grandes damas inglezas disputaram os leques hespanhòes de Ricardo Marin, verdadeiros quadros de pura espiritualidade hespanhola.

## OS DIVORCIOS IMPREVISTOS

**S**i se fizesse um catalogo dos motivos de divorcio admitidos nos Estados Unidos, ter-se-ia um documento bem curioso. Não se passa um dia sem que se apresentem casaes ao tribunal, a reclamar a sua separaçào por um motivo novo.

Tal marido quer abandonar a esposa porque tem a idéa particular de que um lar não deve durar mais de sete annos. E allega que os conjuges, nesse lapso de tempo, já se deram o melhor e o peor de si proprios. Conhecem a fundo os seus defeitos e qualidades. Com o prolongamento da co-habitaçào, elles sómente poderão obter uma repetiçào fastidiosa. Mais vale romper uma uniào do que conserva-la gasta e monòtona!

Tal outro reclama o divorcio por incompatibilidade de legumes. A mulher, que é joven, bella e intelligente, seria perfeita sem este pequeno detalhe: ella só gosta dos legumes verdes. O marido os detesta. Si a vida fosse menos cara, um e outro poderiam ter o seu alimento particular.

Mas com os preços actuaes, nem se deve pensar nisso, sob pena de ruina. Os dois esposos pedem autorizaçào de procurar, cada um do seu lado, um conjuge mais conveniente.

Tal outro, ainda, havia prohibido, desde o dia do seu casamento, que a sua sogra viesse vel-o. Elle lhe fixára mesmo um sector de circulaçào. Fizéra-lhe a prohibiçào absoluta de morar a menos de dez milhas da sua casa. E como a infeliz mulher houvesse desobedecido á ordem, o marido julga que a sua felicidade conjugal está ameaçada. E a se empenhar em disputas inuteis, elle prefere a renuncia e abandona a mulher.

Esses exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito. Mas o ponto mais curioso é este: nunca, nos Estados Unidos, se viu tanto divorcio pronunciado por embriaguez do marido como depois do advento da chamada «lei secca».

Albert ACREMANT





## FLOR!

*Flor! teu corpo é tal qual uma rosea corolla!  
A lu'alma subtil lembra um aroma azul!  
De ti, filtro lendário, a poesia se evola,  
Como o olor nos jardins da princeza Budrul!*

*A sombra, ao leu passar, loda se acatasola!  
O solo, ao te sentir, faz-se de paina e lul!  
Para le adormecer, ouve-se a barcarola  
Do passaro encantado, o divino bulbul!*

*Roseia-se, ao tocar-te, a caricia da brisa!  
E, pelo teu perfume, a luz se saphiriza,  
Ao sorrir da manhan, sob o orvalho do sol!*

*Flor! escula a ballada, o — Era uma vez... do poeta,  
Tu que és, para o meu beijo, a ventura completa,  
A rosa de Xirás, noiva do rouxinol!*

MARTINS FONTES

# PARNASO AMERICANO

## EL JARDÍN ENCANTADO

(El clavel; la rosa; la margarita; el lirio.)

*Quando suena la campana  
De media noche, en mundana  
Charla están: la arquiduquesa  
Doña Rosa, la marquesa  
Margarita, el fraile Lirio  
(pobre carne de martirio)  
Y Clavel, chulo sin blanca  
A quien el vino y la banca  
Quieren echar la carlanca.  
Hablan como en un delirio:*

*CLAVEL.- Según vá la cosa,  
Archiduquesa, hará quiebra  
Mi ilusion. Dadme piadosa  
La postrer dorada hebra  
Que vuestros cabellos glosa.*

*DONA ROSA.- Pobre amigo!  
No hay yá en vuestros ojos  
[fuego...!]*

*CLAVEL.- Vuestra estrella sigo  
Y además, señora, os digo  
Que el ruiseñor canta ciego.*

*MARGARITA.- Gentil frase!  
Mientras un rayo lunar  
Anide en nuestro pesar,  
Dejad que el ensueño pase.*

*LIRIO.- Un ensueño, marquesa,  
Es el vivir, un espasmo.  
Tened por breviario de esa  
Cordial suma al padre Erasmo.*

*DONA ROSA. Confesión  
Hacéis, fray Lis, de un secreto:  
El ayuno, la oración.  
Son, pues, llamas de pasión?*

*MARGARITA.- Es cruel el reto?*

*LIRIO.- Es cruel la tentacion...*

*Pausa.- Un pájaro en viaje  
Lamenta sobre el paisaje.  
Bosteza la luna llena  
Y entre la fronda de encaje  
Cada voz dice una pena.*

*CLAVEL.- No tengo un ochavo.  
Fuy gran señor; soy esclavo...  
DONA ROSA.- Qué amargura!  
Pavesa es ya mi hermosura!*

*MARGARITA.- Amor, amor,  
Hasta en el mismo dolor!*

*LIRIO.- Es esto un cuento brujo?  
Callo; soy fraile cartujo.*

*Y a tiempo que la campana  
Llama a misa la mañana  
Y huye del jardín la luna,  
Oportuna,  
En caravana se ván  
(Ta-lán...ta-lán...ta-lán...)  
La gentil archiduquesa,  
La marquesa,  
El fraile y el  
Señorito don Clavel.*

CASTAÑEDA ARAGON  
(COLUMBIA)





A MAIS BELLA DO MUNDO...

É assim que os americanos qualificam Katherine Mac Donald, talvez por lhe verem na cabeça airosa, no busto perfeito, na graça das linhas do corpo, uma similhaça com a Venus de Milo, o eterno canon da beleza feminina...

## UM ESTABELECIMENTO MODELAR DE OPTICA

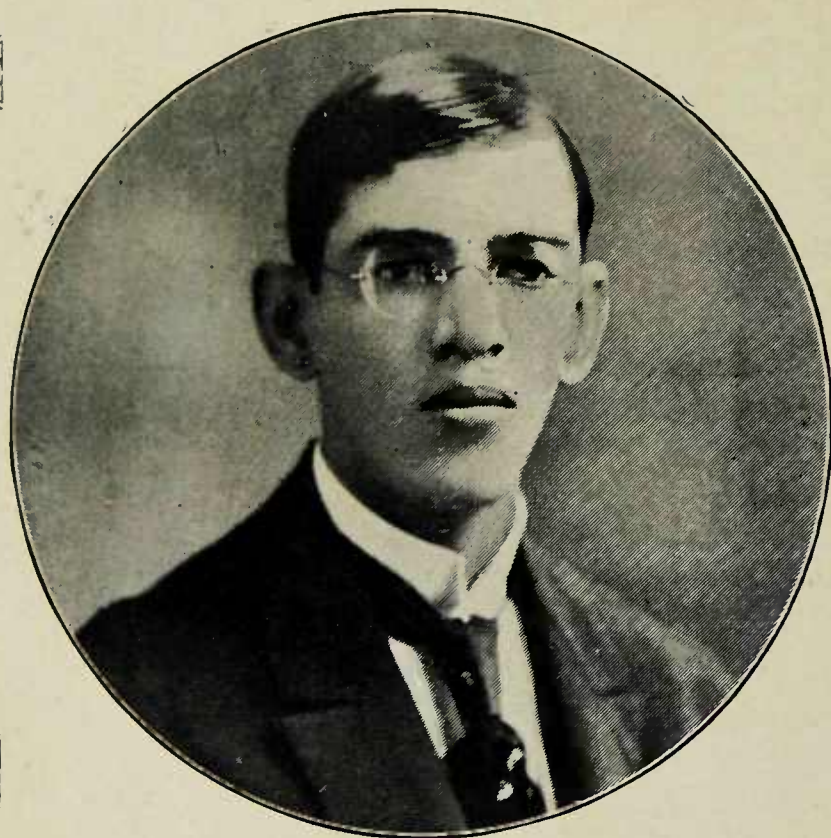
O Rio de Janeiro já se pode orgulhar de possuir hoje, em todos os ramos da actividade commercial, estabelecimentos que mantêm uma determinada especialidade e cujos negocios são feitos com alto criterio, dentro das normas da mais rigorosa ethica profissional.

E' a esses factores que deve a sua rapida prosperidade o estabelecimento «A Optica», cujo chefe, o Sur. Luiz Nonguê, além de

belecimento, que é hoje «A Optica», sob a firma Nougne & C., no mesmo local onde funcionava a antiga secção da Casa Vieitas (Rua Buenos Aires, esquina da rua da Quitanda).

Encusado se torna patentear a assombrosa prosperidade da nova casa, sob a direcção de tão escrupuloso e competente especialista.

A Optica dispõe hoje das melhores officinas que no genero funcionam no Rio; além disso possui tambem um optimo consul-



um profissional capaz, é um estudioso infatigavel dos problemas do oculismo.

Em 16 de Junho do anno p. findo, deixou elle, espontaneamente, o cargo de chefe da secção de Optica da Casa Vieitas, onde adquiriu um grande cabedal de conhecimentos, sendo cerca de 60.000 o numero de pessoas por elle examinadas e, logo em seguida, acompanhado de todo o pessoal tecnico, seus antigos auxiliares, installou o modelar esta-

torio clinico, de molestias dos olhos, a cargo do illustre medico oculista Dr. Rodrigues Caó.

Os artigos de venda da casa, taes como oculos e pince-nez, "face-à-mains", binoculos de campo e de theatro, etc., são de uma impecabilidade a toda prova; e para justificar o que asseguramos basta-nos invocar o testemunho sincero do immenso publico que hoje em dia dispensa a sua preferencia a esse estabelecimento modelar.





COMO SE CRÉA A MODA

Soulié, o grande desenhista das mais apuradas elegancias parisienses, crea neste seu desenho, que tem a graça sumptuosa e aristocrática que caracteriza sempre as suas illustrações, um admiravel modelo de traje de noite, cheio de encanto entre severo e gracioso, como convém a esse genero de toilette.

## A preparação das crianças para os sports



Se estudantes parisienses não constituem uma excepção. Elles são taes quaes com a maioria dos seus camaradas e as suas deformações hereditarias ou adquiridas são communs.

Essas taras, que ás vezes denotam um estado de rachitismo e sempre uma insufficiencia muscular resultante de diversas causas, são ás mais das vezes ignoradas por causa da negligencia da familia, da indifferença da Escola e não raro dos medicos.

Numa occasião em que, por discursos e promessas vãs, pretende-se melhorar a raça, é necessario cuidar da forma que se deve dar á educação physica da infancia. Nunca é demais repetir, é esse o primeiro dever a cumprir para com a Humanidade.

Os exercicios systematicos de conjuncto, executados com uma cadencia uniforme, não correspondem ao que se espera de uma bôa educação. Servem apenas para mostrar grandes agrupamentos mecanizados e se oppõem a toda transformação individual progressiva. Só se poderia admittir esse processo si se tratase de individuos identicos. Ora, os seres são dissimilhantes e só se podem aperfeiçoar por uma educação individual.

E' no estudo dos «gestos naturaes» que se devem procurar os processos de desenvolvimento ou de educação que convêm a cada um, pois a sua execução é pessoal e comporta sempre effeitos uteis, além de que permite evitar a monotonia.

Podemos admittir, em principio, que crian-

ças educadas ao ar livre, sem nenhum constrangimento, se tornassem bellos especimens da Humanidade.

Guiados por esse ideal de liberdade, os pais e os educadores deviam constituir o seu «Methodo».

Mas infelizmente a vida sedentaria dos civilizados cria deformações multiplas, occultas e apparentes, como por exemplo o dorso arqueado e os pés achutados, que são os mais frequentes.

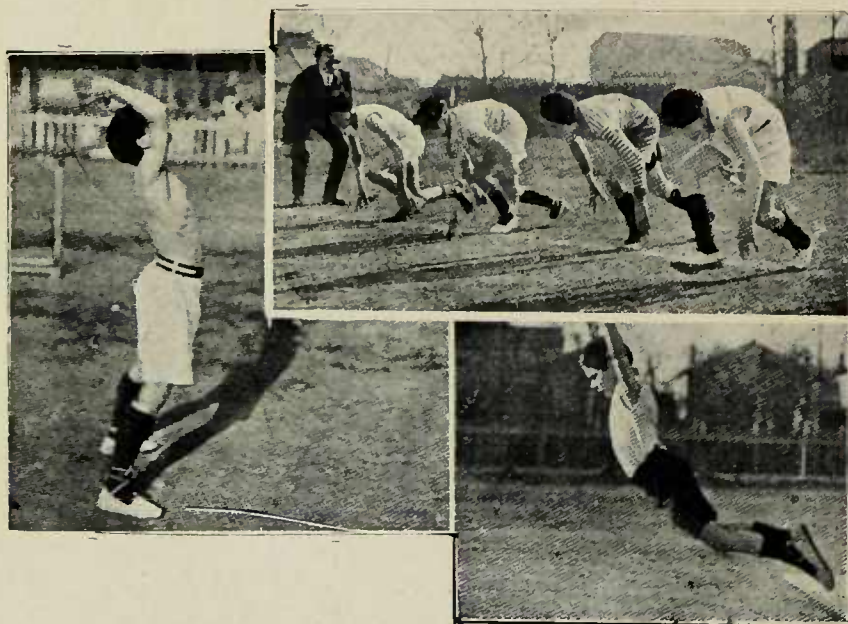
E' preciso lutar diariamente contra essas deploraveis transformações quotidianas que affectam profundamente e para sempre os organismos em desenvolvimento.

Os exercicios proprios para as taras pessoas devem ser alternados com jogos que sejam esboços dos movimentos a que se entregará o pequeno ser numa idade mais avançada.

Os pequenos saltos variados, os exercicios de fixação das omoplatas e a rectificação da columna vertebral serão praticados diariamente e, sempre que se apresentar a occasião, acompanhados de sports elementares individuaes cuja technica é instinctivamente conhecida: a corrida, o salto sem impulso, o arremesso, a ascensão por meio de cordas, etc.

Com a applicação deste programma minimo se preparariam adolescentes, depois adultos solidos entre os quaes a selecção revelaria ou aperfeiçoaria os campeões de todos os generos, gymnastas, nadadores, atletas, etc.

O futuro de uma raça depende da observação de uma rigorosa hygiene physica quotidiana.



Alguns sports elementares para as crianças: o arremesso da esphera, a corrida a pé, o salto sem impulso



O INDICIO

— Mas como sabes que o Fritz quer ser teu marido?

— Muito simplesmente. Quando elle vê mamãe fala logo em neurasthenia...



## As figuras de relêvo das nossas industrias

OMO ao admiravel espirito empreheador de Roberto Simonsen, o illustre engenheiro de capacidade tecnica sem rival, a Companhia Constructora de Santos deve igualmente o seu estupendo e formidavel progresso ao seu digno vice-presidente, o Sr. Harold R. Murray, cujo tirocinio administrativo tem contribuido bastante para o engrandecimento da poderosa empresa industrial santista

O Sr. Harold R. Murray, ao seu tratto assás cavalheiresco e lhano, allia as qualidades primordiaes e mais accentuadas e perfeitas do verdadeiro *business man*, possuindo a clara visao do brilhante exito dos negocios que lhe estao affectos, graças á criteriosa direcção que s. s. lhes dá, e aos quaes, com a energia e o discernimento das pessoas ciosas, como elle, do cumprimento exacto do dever e movido por uma vontade perseverante e inabalavel, uma decisão firme e resoluta de trabalho persistente e infatigavel, imprime orientação acertada e proficua.

«America», nestas columnas, presta homenagem sincera ao distincto cavalheiro, que tanto gosa de conceito e sympathia nos meios commerciaes e na sociedade de Santos, para onde regressou ha dias do Rio, depois de ser por algum tempo hospede da terra carioca, em que é estimadissimo.



**O Sr. Harold R. Murray.**  
vice presidente da C. Constructora de Santos

A mulher inspira-nos sempre o desejo de fazer obras bellas, porém tira-nos o tempo de fazel-as.

Oscar WILDE.

Pode-se definir o vicio: o sacrificio do futuro ao presente.

J. B. SAY.

Como havemos de pretender que um outro guarde o nosso segredo, si nós mesmos não o podemos guardar?

LA ROCHEFOUCAULD.

A vingança não apaga a offensa.

CALDERON.

### APOLOGO

Havia um homem que era muito estimado na sua aldeia porque contava historias. Todas as manhãs sahia da aldeia e á tarde, quando voltava, todos os trabalhadores, depois de terem mourejado o dia todo, rodeavam-n'o, dizendo:

— Conta-nos, vamos! Que é que viste hoje?

— Vi no bosque um fauno a tocar flauta e um côro de faunosinhos a bailar em volta...

— Continúa, continúa... Que viste mais? inquiriam os homens.

— Ao chegar á beira-mar vi tres sereias, á borda das ondas, a pentear com um pente de ouro os seus cabellos verdes...

E os homens o amavam porque elle contava historias.

Uma manhã sahio, como todas as manhãs,

da sua aldeia; mas ao chegar á beira-mar, eis que vê tres sereias á borda das ondas, penteando com um pente de ouro os seus cabellos verdes. E, continuando o seu passeio, viu, ao chegar ao bosque, um fauno a tocar flauta e um côro de faunosinhos a bailar em volta... E naquella noite, quando voltou á aldeia e lhe pediram, como todas as noites:

— Conta-nos, vamos! Que viste hoje?

— Não vi nada! respondeu, — Oscar WILDE



## INFLUENCIAS

— O destino de uma mulher, depen-  
de muito do seu meio...

— E das suas meias!







### O MOBILIARIO ELEGANTE

Um salão de bibliotheca em que o menor detalhe trõe um apurado gôsto artistico.

### SONETO DE ARVERS

Tenho um segredo n'alma e um mysterio na vida:  
este infinito amor nascido sem pensar...  
Ella nunca entreviu esta febre contida,  
pois, sendo o mal sem cura, achei melhor calar.

E, ignorado, andarei na minha obscura lida,  
sempre a seu lado e sempre a sós, com o meu penar,  
calcando, até morrer, esta paixão prohibida,  
sem d'Ella nada obter, sem nada lhe implorar.

Ella, entretanto, absorta, irá no seu caminho,  
sem ouvir murmurar, em derredor, baixinho,  
este arrulho de amor, que a segue aonde Ella vá.

Fiel ao rude dever, erguendo a fronte bella,  
dirá, depois de ler meus versos cheios d'Ella:  
"Que mulher será essa?"... e não comprehenderá!

JOSÉ OITICICA



# POESIA

## Noite de Natal

LUIZ LAMEGO

*Que solidão em torno a mim! Dir-se-ia  
que, no seio da sombra triste e incerta,  
detêm-se a vida, sob a noite fria,  
da terra inculca à abobada deserta.*

*Scismo... Que noite linda! Emfim, liberta,  
volta ao passado a minha phantasia.  
O' velha noite de Natal! Desperta  
a saudade, e me punge, e me crucia...*

*Papae Noel, meu tremulo velhinho!  
Quando passares por aqui, na estrada,  
detêm-te um pouco à beira do caminho,*

*e, com a tua graça eterna e extranha,  
deixa para minh'alma torturada  
um pouco da illusão que te acompanha!*

25 — Dezembro — 1922.

SILVERIO ROSAS

## A Apostrophe

*Ixion distende os musculos. A usura  
da terra hostil as fôrças lhe consome ;  
e, escravo dos anceios de fartura,  
urge que a terra, como a um pôtro, dome!*

*Resignado à infinita desventura,  
luta e, quando sacia a sêde e a fome,  
á agua que bebe as lagrimas mixtura,  
e o suor amargurado ao pão que come.*

*E, condemnado à millenar empreza,  
o homem, fraco, invectiva a Natureza,  
como o servo acurvado à gleba ardente :*

*— Porque me impões tão asperas refregas  
e, sómente domada, o seio entregas,  
si as mãos são boas espontaneamente?*

# CHOPIN, O POETA DA MUSICA



FREDERICO Chopin nasceu a 22 de fevereiro de 1810, em Zelazowa-Wola, perto de Varsovia. O seu paé, de origem lorena, era preceptor do filho unico da condessa Skarbeck.

A sua mãe, Justina Krzyzanovska, era polaca.

Menino prodigio, Chopin dava concertos aos oito annos; aos dezeseite realizou a sua primeira excursão pela Europa e em novembro de 1831 deixou Varsovia para nunca mais voltar.

Chegou a Paris e soffreu a desillusão que a todo artista causa a vulgaridade cosmopolita do *boulevard*. Mas não tardou em conhecer e amar ao Paris verdadeiro e um tanto hermetico das aristocracias: aristocracia do talento, aristocracia do sangue e aristocracia do dinheiro.

Chopin havia ganhado uma pequena fortuna durante as suas viagens, entre 1827 e 1831: isso permittiu que elle se installasse em Paris com um certo ruido. Vestia com gosto e cuidado apurados. Ornava os dedos com aneis antigos e preciosos e calçava, sempre que sahia á rua, luvas brancas impeccaveis. As suas capas, as suas bengalas, as suas gravatas eram copiadas pelos devotos daquella romantica elegancia do tempo, que tão bem quadrava com o typo delicado e com o character sonhador de Chopin.

Desse modo aquelle artista, que ao talento reunia a juventude dos seus vinte e um annos, uma grande belleza physica e uma insuperavel distincção, viu abrirem-se para o receber com toda a honra as portas dos salões menos accessiveis dos *jaubourgs* Saint-Germain e Saint-Honoré. Pouco depois de chegar era já Chopin o homem da moda em Paris; e assim começou para o grande musico aquelle caminho triumphal que devia ser de perfeita ventura e que, por obra da fatalidade, foi de implacavel soffrimento até á morte...

Frederico Chopin, que inspirava paixões avassaladoras ás mulheres mais bellas e queridas do Paris de então; Frederico Chopin, a quem as suas admiradoras recebiam em salões cujos tapetes haviam sido préviamente

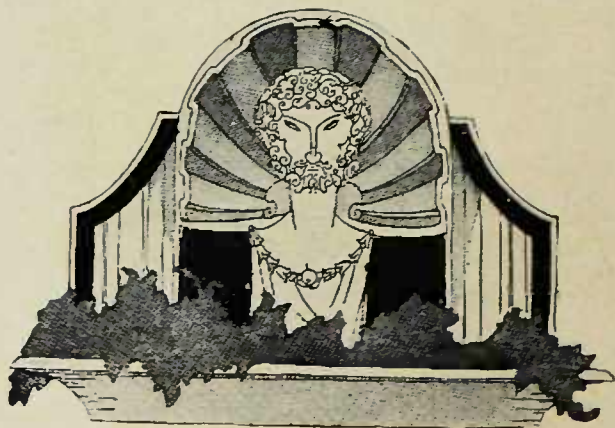
cobertos de petalas de rosas; Frederico Chopin amou com uma paixão desgraçada a uma mulher que nunca quiz ser sua. Maria Wodzinska, a polaca dominada pelo atavismo barbaro de um espirito de casta, desdenhou sempre o artista a quem só via quando este tocava. E sobre essa funesta influencia exercida á distancia, pela Mãe Patria; sobre essa recordação inesquecivel — um maço de cartas de Maria Wodzinska achado entre os papéis de Chopin depois da sua morte — escreveu o «poeta da musica» o seguinte epitaphio que o era da sua vida sentimental: *Moã brenda! Minha desdita!*

Buscando esquecimento para esse mal de amor, Chopin teve amores breves, entre os quaes sobresahiram as suas relações com a condessa de Agoult e com Joanna Stirling. Mais tarde ali por 1838, começou a sua lamentavel ligação com George Sand: uma convivencia sem ternuras e sem comprehensão mutuas, que durou dez annos pela força do habito e que acabou em 1847, quando o maravilhoso pianista, vencido pela tísica da larynge, já não era mais do que uma ruina.

Os dois ultimos annos de sua vida foram de infinita amargura. A 17 de outubro de 1849, ao cahir da tarde, Chopin sentiu-se morrer. Comprehendendo que não veria luzir o sol do dia seguinte, quiz expirar entre as suas devoções de arte e os seus affectos humanos. Fez chamar as suas amigas e as suas amantes. As amigas vieram. As amantes, não.

Acompanharam o moribundo, naquella noite, a princeza Potoka, a princeza Marceline de Vienne, a princeza Czartoriska, madame Solange Cle-singer e Gutman, o seu discipulo predilecto.

Antes do alvorecer Chopin pediu á princeza Potoka que lhe cantasse o «Psalmo» de Stradella. A princeza, diante do piano, cantou, a reprimir os soluços. As outras senhoras choravam tambem, de joelhos, reclinadas sobre o leito. Quando a vóz da princeza Potoka se extinguiu com a ultima nota do «Psalmo», Chopin havia morrido...







## O MADRIGAL

— Elle começou dizendo-me que, sendo eu uma "gemma", não devia chamar-me "Clara"...

Não procura indagar de onde vens;  
trata de ver aonde vais.

*BEAUMARCHAIS.*

—o—

O que merece ser feito, merece ser  
bem feito.

*POUSSIN.*

—o—

O homem que tem o tempo diante de  
si é um deus.

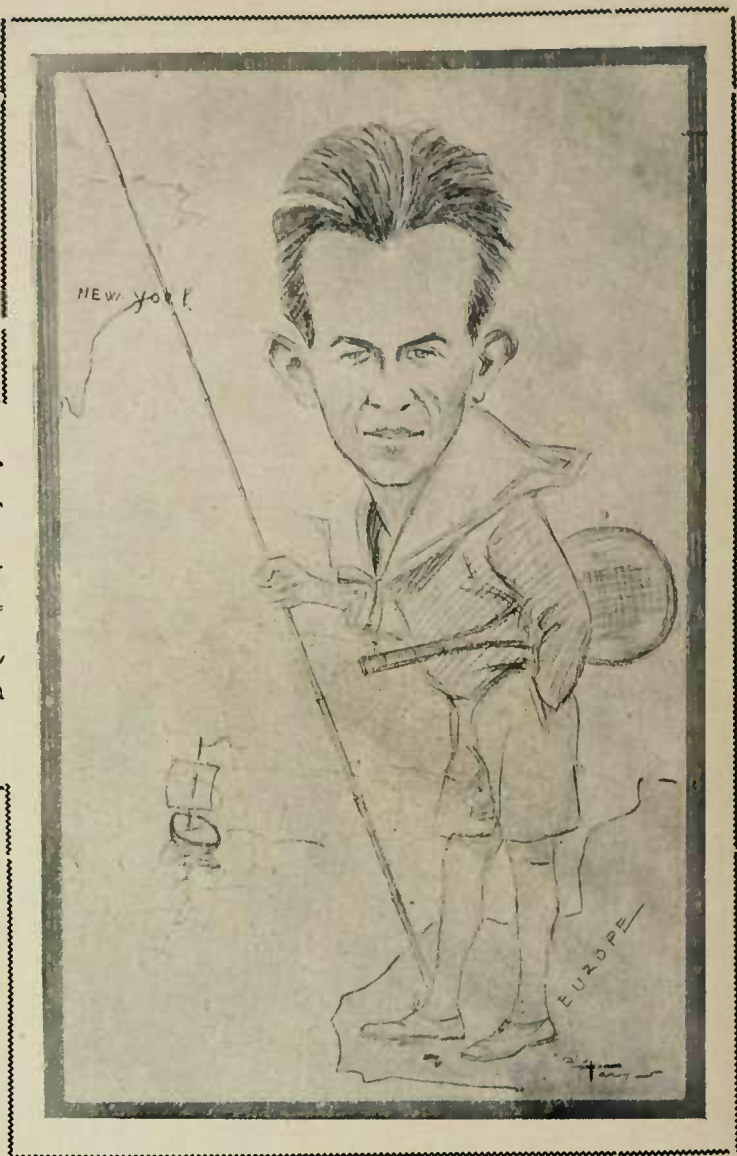
*BATAILLE.*

## *As travessias arrojadas*

Alain Gerbault, o temerário sportsman que realizou a travessia do Atlântico, sózinho, a bordo de uma balandra de 10 metros.

E' uma questão importante a de saber si a civilização não enfraquece nos homens a coragem ao mesmo tempo que a ferocidade. Mas os homens civilizados affectam a coragem pelo respeito humano e fazem assim uma virtude artificial mais bella talvez do que a natural.

*Anatole FRANCE.*



## **O ARTISTA**

Tu, artista revél, na tortura inaudita  
Desse tédio immortal, sonhador delirante,  
Vives; e em torno a ti, em espasmos, se agita  
A humanidade, — tórva e barbara bacchante!

Para a tua alma, a Vida inclemente e maldita  
É um inferno maior do que o inferno de Dante!  
E o Mundo não comprehende essa angustia infinita;  
E ha Alguem que não sente esse amor crepitante!

Soffres. Choras. Por fim, ás alturas elevas  
Os braços, na afflicção das titanicas luctas,  
E tombas, no amargor de um sudario de trevas!

As tuas ansias, quem chegará a entendel-as?  
— O' grande soffredor, ó poeta, as pedras brutas  
Não podem comprehender o sonho das estrellas...





- SEMEADOR -

Eu, sementeiro, semeio a messe imensa  
sem perceber ao menos quanto valho,  
indiferente ao que me não pertença  
pelo esforço feliz do meu trabalho.

Campos em flôr cultivo, ao sol espalho  
as sementes sem vêr a recompensa;  
pobre — em meu seio tepido, agasalho  
para o fausto da Vida — a indiferença.

Mas a minha alma dorme satisfeita  
si as espigas promettem farta messe  
para o divino instante da colheita;

porque, sonhando á luz dos pyrilampos,  
feliz, estendo o olhar que se entenece  
sobre o verde milagre dos meus campos.

**Francisco Galvão**

# COMPANHIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E CONSTRUCTORES



**THEATRO E CASINO PARQUE BALNEARIO**  
Construção da Companhia Constructora de Santos

**Capital — 3.000:000\$000**

**Fundo de reserva — 300:000\$000**

.....

Officina de Serraria, Carpintaria, Mechanica, Fundição  
e Britador.

.....

Grande fabrica de ladrilhos e manilhas  
de cimento.

.....

## **Secção de Transporte**

.....

Especialistas em construções de habitações de luxo  
e economicas.

.....

Construções em cimento armado

.....

Organisam plantas, projectos e orçamentos

## **SÉDE:**

**Praça Mauá, 25 - SANTOS**

ESTADO DE S. PAULO

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 222

.....

## **FILIAES:**

**Em S. Paulo - Rua Bôa Vista, 6**

End. Teleg. "CONSTRUCTO" — Caixa Postal 1264

TELEPH. CENTRAL 4381

.....

**No Rio de Janeiro**

**Avenida Rio Branco, 35-A**

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 607

TELEPHONE NORTE 675





# — QUEBRANTO —



ÃO tem talvez, sentenciou a *dona*, depois de olhar o doentinho; o que esta creatura de Deus tem é que branto. Neste mundo não falta nunca um *capeta* para *atentar* a vida de uma gente.

A cabocla, que já estava toda se derretendo no *prant* do *chôro*, vendo que o seu «quero bem» perrengava sem geito, concordou com a *dona* e contou entre lágrimas que, para o pequeno ficar daquella moda, só mesmo coisa feita.

Ia crescendo, com a graça de Deus, bôzinhos devéras e puxando bem o seu angú. Estava creando corpo, rodava a casa toda, enfim, para encurtar palavra, o pequeno era mesmo «caboclo sarado».

Quando no arraial andou a tosse comprida que foi um disparate, o damnado do menino não teve nada. Brincava no brejo, quando o sol estava de queimar como labarela, e nunca apanhou uma febre, e até parecia que nem a sezão brava da beirada do rio, na baixada das aguas, podia com elle.

De um par de dias para cá, pegou a ficar assim só no canto, tremendo com uns arrepios como no tempo de geada, em que o frio urra numa toada; perdeu o «appetite de comer» e achava tudo enjoado.

Catarrhão não era.

Levou o pequeno a *seu* Chico boticario, que mandou dar azeitinho.

Foi uma campanha! O menino berrou como um marruá, que não queria beber essa «porqueira», mas, afinal, tanto engambellou, que elle virou uma golada.

Qual! ficou assim mesmo, todo encorujado na cama e com uma canseira nos peitos como a *dona* estava vendo.

Voltou na botica, e *seu* Chico disse que não era nada e achou que o *gumitorio* cortava o mal de uma vez. Não vê!

— E o coitadinho de Deus está ahí desse modo, que é de cortar o coiração, terminou a cabocla muito agoniada, limpando os olhos na ponta do paletó.

— Seu menino não andava por ahí *escapriando*? perguntou a *dona*, que era já velhota, mascadeira de fumo, e muito sabida em «coisas feitas».

— Andava, «nhora» sim, respondeu a mãe do doente.

— Pois está ahí! elle apanhou quebranto... Algum *maligno* olhou para elle, e o pobresinho está agora pensando... Tem máo olhado, ora si tem!

— E a *dona* sabe tirar? perguntou a cabocla.

— Saber eu sei, mas aqui mesmo no arraial tem uma mestra disso.

— Quem é, inda que mal pergunte?

— A *siá* Quiteria do Benedicto, aquella que mora no caminho do *munho*, assim um tico mais p'ra riba.

E a *dona* offereceu-se para ir chamar a benzedeira, enquanto a cabocla ficava sentada ao pé do catre, onde o filho, caboclinho de seus quatro annos, gemia baixinho de barriga para o ar, devorado pelo febrão.

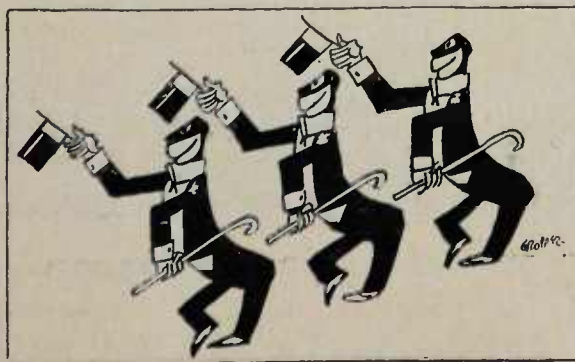
O pae andava pelejando na roça para ganhar seus cobres.

Com pouca duvida chegaram a *dona* e *siá* Quiteria, atabafada num chale, porque tambem não estava boa nem nada, com umas *suffocações* que não a deixavam dormir.

— 'Tou mesmo um caco, observou rindo, mostrando as gengivas murchas.

Entrou no quartinho do doente. *Siá* Quiteria olhou *fixe* para o pequeno, palpou-lhe a barriga que «estava que nem um tambor», e concordou que era *quebranto* e dos *brabos*.

— Mas olhe, disse dirigindo-se para a cabocla, não pegue a se arrelhar dessa moda; com a graça de Deus, o pequeno não escangoteia ainda desta vez... Eu tiro o que o maligno botou no corpo d'elle e fica fechado p'ra sempre.



A cabocla sorriu tristemente, esperançada da promessa da *dona*, que se mostrava tão serviçal.

*Siá* Quiteria desamarrou o lenço grande de ramagens e tirou de dentro tres raminhos de arruda; enfiou um delles num vidrinho de azeite doce, fazendo tres cruces sobre o doente, borrhifando-o e

rezando á meia voz. Jogou fóra os raminhos e, depois, muito grave, pediu um fogareiro.

A cabocla, muito espantada, disse que não tinha *isso*, mas a *dona* deu logo um pulo á casa e trouxe um com umas brazas muito vivas. Sobre ellas, *siá* Quiteria jogou benjoim, incenso e alfazema, saindo a defumar os quatro cantos do quarto para «botar para fóra o quebranto» e veiu depois defumar o doentinho, que gemeu mais alto, *ug'rizado* com a fumaça.

Aos estalidos das brazas, *siá* Quiteria rezando, sorriu contente e explicou que era a «por-queira que estava sain'lo.»

A *dona*, mãos juntas, sentada num tamborete, rezava tambem, acreditando que a «coisa feita» havia de acabar.

— Inda tenho de voltar dois dias, acrescentou a benzedeira. Veja lá: não carece você estar nessa paixão tola, o pequeno inda ha de pescar muita piaba lá no *corgo* quando mais grandinho. Bote isso no pescoço delle: é figa de Guiné e quero vêr qual é o inimigo que pode com ella.

Fez meação de se retirar; mas a cabocla, muito agradecida, quiz por força que ella tomasse um cafésinho coado de «agorinha mesmo».

— Eu fico obrigada, disse a benzedeira, *seje* para outra vez. Vá para perto do pequeno...

Ha de vêr que aquella canseira passa num *atimo*... Mas, foi um quebranto dos diabos p'ra riba!

— Eu bem falei, atalhou a *dona*, que nunca falta *capeta* neste mundo para *attentar* uma gente.

— Até amanhã! Ponha seu «coiração» no quieto, e que, com a vontade de Deus, não ha de *assucceder* nada de mal ao pequeno.

Sairam as duas velhas da casa de sapé do caboclo.

O arraial modorrava ao sol de duas horas; nas ruas a criação ciscava, e nas arvores cantavam os passarinhos, fugindo ao rigor da calma.

— Então, o pequeno como vac? perguntou o Nico, lá de dentro da tenda do sapateiro, á *s'á* Quiteria.

— Assim... E' quebranto *brab*! respondeu a velha.

O Nico sorriu descrente, achando uma bobagem; e para elle não tinha que vêr — o menino estava carecendo de tomar «lombriagueiro».

No quartinho, o enfermo agonizava lentamente: presa numa fitasinha encarnada, sobre o peito descarnado, já se ostentava a figa que *siá* Quiteria havia dado.

Azevedo JUNIOR



### OS PARQUES MODERNOS

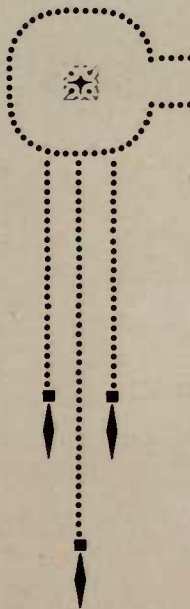
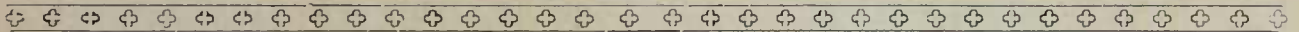
Um lindo recanto de parque silencioso e tranquillo onde uma plantação de peonias, surgindo no mysterio das moitas, parece um cortejo alacre em saudação á Primavera





### ASPECTOS DO PAIZ

Uma vista da praia José Menino, em Santos, tomada de um avião



## AO CAVALLEIRO DO RAI0...

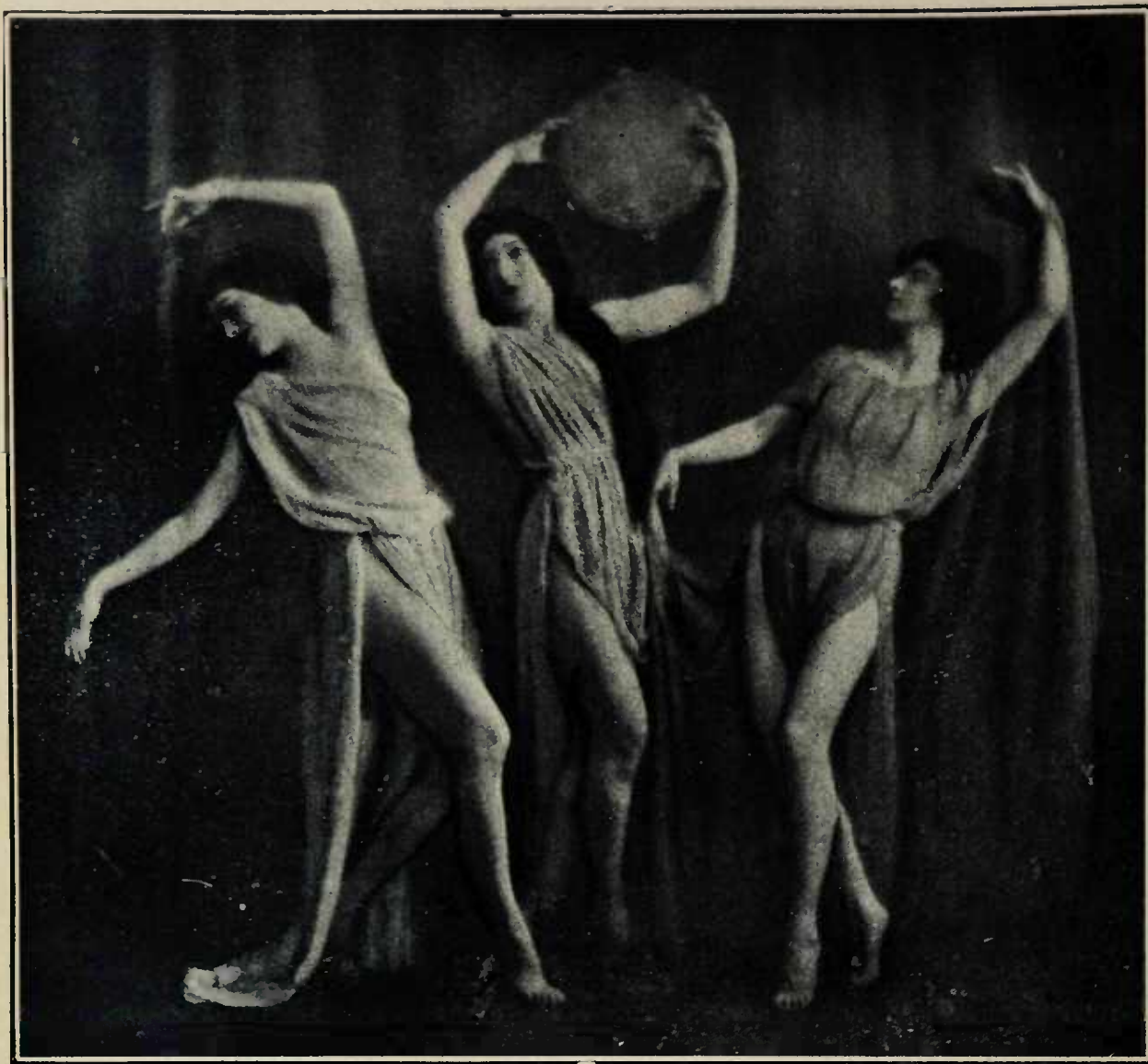
**Oh! Desfralda o pendão, senhor dos ventos!  
Brande os frankiskes! Rufa os atambores!  
E, mergulhado entre bulhões e açores,  
derriba os grossos muros dos conventos!**

**Racha albarrans! Nos feudos eversores  
dos mais rudos caudilhos trueulentos,  
desaba a voz dos quatro firmamentos,  
— derrúe todas as crastas e pendores!**

**Leva as aldeias e os carvalhos, tudo  
que puderes, no arranco, levantar  
sobre a concha terrível desse escudo!**

**Leva! E, ao sumir das trompas, ao calar  
dos teus guerreiros no Infinito mudo,  
planta o balzão do arco-iris sobre o mar!**

**PADUA DE ALMEIDA**



### ESTUDOS DE RYTHMO

“A dança”, pose das dançarinas Marion Morgan.

## -- A VERDADEIRA VIDA --

**N**ÃO sabemos compreender que em toda existência ha alegria e dor e que ambas são necessarias á harmonia universal e á formação de almas. A felicidade — que imaginamos em nosso sonho de vida superior — nunca é completa, e mesmo que a possuissemos, breve nos fatigariamos della, porque, segundo um profundo pensamento de Maurice Barrès, ha uma cousa superior á belleza: é a variedade. No dia em que ninguem mais acceitar o seu destino, o mundo saltará. Mesmo pobre e abandonado, ninguem deve desesperar, porque não ha desgraça completa e definitiva, como não felicidade absoluta. Tudo se entrelaça, tudo se attenúa, e a vida não é nem tão boa nem tão má como julgamos.

Todos os livros modernos cuja psychologia pretende denunciar o mal do pensamento e a nossa dolorosa impos-

sibilidade de amar e de querer esquecem-se demasiado das dores materiaes da existencia. Ha sem duvida pezares vagos e complicados cuja elegancia e distincção arrebetam os jovens que andam em busca de sensações raras e as lindas senhoras avidas de emoções refinadas; mas que são elles em face das tremendas miserias da inquieta humanidade a procurar a luz entre as trévas invasoras e a lutar, pela sua incerta durabilidade, contra a pobreza, o abandono e a enfermidade? A verdadeira vida não é a vida artificial e vã dos fantoches psychologicos que limitam o universo ao estudos dos seus pequeninos tedios íntimos e derramam, sobre a multidão de desgraçados que elles desdenham, a sua piedade de dilettantes.

**Henry BORDEAUX**





## PSYCHOLOGIA DO ARABE



**C**ONTRA a crença geral Reniero Dozy, em *Historia dos Musulmanos da Hespanha*, nega a imaginação dos arabes». O seu sangue, diz elle, é mais impetuoso e fêrvido do que o nosso, são mais fogosas as suas paixões, mas elles formam o povo menos imaginativo do mundo.»

E accrescenta que em religião não tiveram mythologia, nem epopeia em litteratura.

A sua religião é «a mais simples e a mais isenta de mysterios». Os poetas «descrevem o que vêem e sentem, porém nada inventam.»

Os contos fantasticos das Mil e uma noites são de origem persa e índia. Só têm de arabe o real, o costume e a anecdota.

O primeiro olhar do viajante encheu-se de luz e de côr. E pensou erroneamente que se achava diante do povo mais imaginativo do mundo.

Depois, no entanto, meditou sobre essas palavras de Dozy e achou-as verdadeiras. O sol provoca a sensualidade, o «colorismo», a religião apaixonada. O homem dos paizes brumosos é mais imaginativo e a sua religião tem um mysticismo delicado.

Dahi o ter o gelado paiz escandinavo creado a potente mythologia dos Eddas e o não possuir a Arabia de sol causticante nem rudimentos de mythologia.

Talvez haja casos particulares que constituam excepção, apesar de não ser possível a existencia de uma palmeira nos gelos do Norte, ou de um iceberg sob o sol do Sahara.

A raça arabe é antes contemplativa. Os mouros fumam durante horas inteiras os seus enormes cachimbos de kif, em que ha arabescos lavrados, e ficam-se a contemplar as volutas aromaticas. Admiram silenciosamente uma bella paizagem. Olham a rua vistosa acocorados, arrimados a uma parede.

Ao vel-os assim, imaginar-se-ia que elles estão a meditar ou a imaginar; no entanto elles estão apenas em lethargo. A visão e a idéa não lhes passa dos olhos adormecidos.

O kif, o hachish, o opio, excitam a imaginação do europeu, enchem-lhe o cerebro de imagens de fantasia. A um arabe só causam somno.

Imaginação parece o synonymo de evolução. A raça arabe não evolue. Ao contrario,

veio decahindo desde o Califado de Cordova, fastigio da sua perfeição e -espiritualidade. Daquella maravilhosa civilização só conserva o orgulho da procedencia. Muitos mouros de Tetuan conservam com amor, secretamente, as chaves da casa de Cordova ou de Granada.

O viajante a principio é deslumbrado e confundido pela côr do ambiente, pela sensualidade do costume, pelo fanatismo de uma religião exterior.

Pareceria que o arabe desenvolveu as suas demais qualidades para occultar a sua falta de essencia imaginativa.

Si essa raça tivesse imaginação seria a mais perfeita e a mais poderosa do mundo.

A ancía guerre'ra, o seu maior atavismo, desaparece com a civilização. A guerra se converte em uma imposição de cultura e de commercio. Na retaguarda do imperialismo inglez ou allemão vão os navios mercantes e os professores.

Essa raça tem, como nenhuma outra, em alto gráu, o sentido da arte, o epicurismo para a vida, uma simples e ardente fé.

Em qualquer outra o artista, o sybarita, o religioso, são casos isolados, homens predilectos.

Os mais toscos artifices bordam primorosamente com fios de ouro e de prata; pintam com muito bom gosto um *taifor*, estampam delicadamente uma carteira de couro, a encadernação de um livro; tecem luxuosos tapetes, luminosas sedas de côres.

Mas reproduzem continuamente um archetipo, um modelo.

Talvez o Propheta lhes houvesse prohibido a reprodução da figura humana, não tanto para evitar a idolatria, mas por haver notado ausencia de imaginação na sua raça.

Por esse motivo o artifice mouro — carpinteiro, ferreiro, tecelão, — reduziu o ornato das suas obras a motivos geometricos.

O proprio architecto nada imaginou. Dahi a uniformidade da cidade. O constructor faz



os pavimentos com marmores brancos e negros axadrezados ou com miudos mosaicos de côres; põe ladrilhos ás escadinhas que vão de uma a outra habitação, nos vãos das janellas e das portas, nas columnas; estuca os tetos com versículos do Korão; o carpinteiro, por sua vez, construirá os seus labores pintados, as portas em fôrma de ferradura, e sempre 'do mesmo modo.

Os themes da arte mourisca se reduzem, portanto, a complicadas geometrias de cores. A geometria artistica alcança entre os arabes um intenso desenvolvimeto. Seria interessante, dado o seu instincto congenito, imaginar até onde chegaria a arte do arabe sem a coacção religiosa. Seria uma apothose de côr, embora reproduzisse a vida tal qual é.

O arabe, diziamos, é tambem um sybarita.

Gosta de cavallos esbeltos, de mulheres formosas, de jardins, de côres, de musicas de sumptuosidades, mas exclue do prazer toda idealidade.

O europeu intensifica o prazer pela imaginação. O arabe busca a imaginação pelos grandes e numerosos prazeres, isto é, extráe uma gotta de essencia de uma braçada de rosas.

Ama a vida com epicurismo, como si nada esperasse do Além, depois da morte. O jardim é o Paraíso que lhes promete um continuado prazer exaltado e infavel.

E não é somente o homem da cidade que se rodeia de magnificencias, mas até o mais rude montanhez.

E' na minucia, no detalhe, que se vê a fina sensualidade dessa raça.

Mesmo no café mais immundo ha sobre as sujas mesas de madeira um grande ramo de flores. De vez em quando acerca-se delle, para aspirar-lhe o perfume, algum mouro miseravel.

Nesses cafés os mouros montanhezes passam horas a combinar simples harmonias com as duas cordas do *guembri*. Si elles tivessem imaginação, não lhes bastariam duas cordas para desenvolver a sua fantasia musical.

A' excepção do mendigo que estende a mão ou o prato de cobre, vestido com andrajos, que é igual em todos os paizes, o mouro mais humilde da cidade veste com cuidado e limpeza trajes de côres claras. E melhor resaltar a sua sybaritismo, a sua sensualidade no vestir, si o compararmos a outra raça isolada no seu bairro, os hebreus, que vestem uns raros e tetricos balandrás cheios de manchas de oleo e de cera.

A sua religião, diz muito tem Dozy, «é o mais simples e isenta de mysterios.»

E por isso o Korão é menos um livro de regras espirituacs do que um livro de normas de proceder na vida.

Assim, por exemplo, exige o Korão: «O' crentes, quando tiverdes de fazer a oração, livae o rosto, e as mãos até aos cotovellos; enxugae a cabeça, e os pés até aos tornozellos.»

No enorme territorio islamico ha dilatadas regiões sem rio, nem poço, nem manancial. O Propheta previu este facto, ordenando que si os beduinos não tivessem agua, poderiam esfregar o rosto e as mãos «com areia fina e pura.»

A unica promessa que se faz aos que cumprem esses mandamentos é o Paraíso, um jardim «irrigado por muitos correjos» e em que ha «virgens de olhos honestos».

Para o christão e o buddhista ha um Além illimitado e innumeravel que não se chega a descrever:

O beduino devia ser o homem mais religioso dessa raça, porque para elle, symbolo da solidade, um regato ou uma virgem seriam a felicidade completa.

E no entanto é o mais sceptico.

O arabe sedentario, mesmo que possa conseguir na vida o prazer prometido, refugia-se no mysticismo para augmentar a mollicia. Tive occasião de ver esta cidade no Ramadan, o mez do jejum e da abstinencia.

E observei o rigor com que se guardavam os preceitos propheticos.

Durante o mez de Ramadan, o arabe jejúa todo o dia e sómente pôde comer entre o occaso e a aurora.

O homem um pouco descrente admira essa constancia na fé.

E pensa em si a civilização não enfraqueceria essa fanatica e ardente fé. Porque os mouros que estiveram em Paris ou em Madrid já não guardam com tanto rigor o Ramadan.

Si o arabe tivesse sobre essas qualidades a imaginação e perdesse o seu instincto de feroz individualidade, seria a raça mais poderosa e perfeita.

**Correa - CALDERON**

Tctuan (Marrocos).





## A MULHER IDEAL

UM proprietário inglês recém-fallecido, a quem sobrava dinheiro e faltavam parentes dignos de atenção, deixou em seu testamento uma boa parte da sua fortuna destinada à instituição de um premio, muito importante e pouco vulgar, que será concedido, annualmente, à «mulher ideal».

Si no legado não se especificassem mais condições que esta, a missão das pessoas encarregadas de outorgar o premio não seria extremamente difficil; porém o instituidor do premio, solteiro empedernido, tinha, desgraçadamente, suas ideas sobre o que se pode chamar uma «mulher ideal...»

E assim estabeleceu no testamento a serie de qualidades que devem reunir as candidatas, qualidades estas que difficultam de uma maneira terrivel a administração do legado e que são as seguintes:

«A mulher ideal deve:

Ter menos de 30 annos.

Não ser casada.

Não ser filha de primos irmãos.

Ser alegre.

Saber montar a cavallo.

Saber nadar.

Ser capaz de ter filhos sãos e de tratel-os convenientemente.

Conhecer Historia.

Saber Geographia.

Possuir noções de Anatomia e Physiolog'a.

Conhecer a fundo a economia domestica.

Haver lido e comprehendido a obra de Shakespeare.

Ser leitora assidua do «Quixote» e das novelas de Dickens.

Conhecer a obra litteraria de sir Walter Scott, de Kipling e de Stevenson.

Não ignorar Carlyle nem o Americano Walt Whitman, nem o escossez Roberto Burns.

Haver lido a «Feira da Vaidade», de Thackeray e os «Prazeres da Vida», de Lubbock.

Haver estudado e saber commentar a Biblia.»

Como vêm, a esta mulher ideal, a quem se supõe preparada para ser tambem esposa ideal, pois que se lhe exige capacidade para ter filhos e tratel-os convenientemente, pedem-se muitas cousas que de modo nenhum podem contribuir para fazer a felicidade do marido e algumas que seguramente fariam a sua desgraça.

O premio ora instituido, em Londres, para a «mulher ideal» seria cousa admiravel e digna de ser imitada em todos os paizes, se fosse um premio sem condições, ou ao menos com as condições que propõe mestre de La Fouchardière:

«... será considerada mulher ideal a que for capaz de offerecer a seu marido um bom beijo para despedil o pela manhã, e uma boa ceia para recebê-lo á noite.»

A. G. de LINHARES

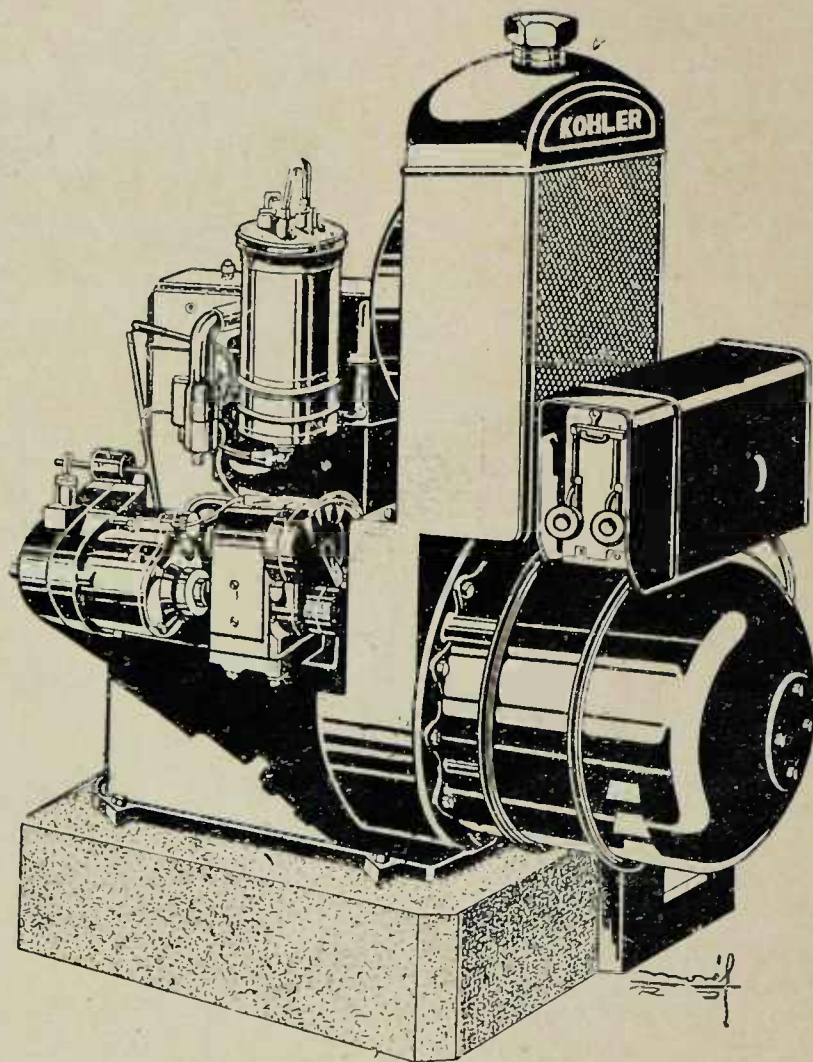
Tres «raparigas ideaes» premiadas por um grande diario de Paris, sem mais condições que serem bellas e boas... Porque estas «raparigas ideaes» não conhecem Historia nem comprehendem Shakespeare.



# GRUPOS KOHLER

FABRICADOS PELA Co. U. S. A.

Para iluminação electrica de:  
FAZENDAS — ESTAÇÕES — ESTRADAS DE FERRO — NAVIOS  
DE GUERRA — MERCANTES — ETC.



Verifiquem as grandes vantagens que seguem, sobre os seus similares:

- 1ª) — Não têm bateria de acumuladores.
- 2ª) — São de 110 volts. 1500 watts.
- 3ª) — De partida e parada inteiramente automaticas, bastando para isso accender ou apagar qualquer lampada da installação.
- 4ª) — Economia incomparavel de combustivel.
- 5ª) — Espaço occupado, o minimo possivel.

AGENTES E DEPOSITARIOS:

**MAYRINK VEIGA & C.**

Engenheiros Importadores e Exportadores

15, 17 — Rua Municipal — 19, 21

RIO DE JANEIRO

Peçam informações mais detalhadas



# O CATECISMO

(FRAGMENTO)



TURBA juvenil dos alumnos de catecismo era recrutada, de casa em casa, por devotas diligentes que, á frente do batalhão de futuros soldados do Senhor (e quantos desertores!) se dirigiam á igreja com um aprumo de caudilhos, a balouçarem sobre o peito murcho a sua insignia pendente de uma fita roxa enlaçada ao pescoço.

Á hora do termo das aulas dos collegios leigos, ellas saham a arrebanhar os pequenos legionarios, num trabalho fatigante, serviçaes para com Deus, com os sacerdotes e com os paes dos catechumenos. Era a hora em que as crianças, pela prolongada reclusão numa sala de escola, ás voltas com estudos complicados e muitas vezes fastidiosos, fizeram jus a uma liberdade plena, ao ar livre, nas tardes lindas da nossa terra, onde pudessem dar expansão á sua alegria natural, como os passaros a que basta espaço e um raio de sol para que desfiem das minusculas gargantas o rosario dos seus gorgeios dionysiacos.

É conhecida a alacridade com que as crianças deixam a escola, disseminando-se ruidosamente pelas ruas, depois das horas de circumspecção impostas pelo estudo. Cantam, com o seu riso franco, o epinio da liberdade reconquistada, o hymno espontaneo que rompe de mil peitos incendiados por um sangue novo, e que rola por mil boccas soffregas de vida, a *marselheza* que os impelle ao assalto das arvores, na conquista dos frutos tão amados...

Mas vinha a senhora do catecismo e consumava-se o esbulho. Largava-se ás pressas sobre a mesa o livro de leitura, engulia-se rapidamente uma merenda; e, tomando do *Catecismo da Doutrina Christã*, o recruta confundia-se no grupo que, impaciente, o esperava á porta. Adeus, jardins e arvores, e areias das praias! O bando rompia, a deis de fundo, num marche-

marche descontrado, com paradas bruscas para se resolver uma questão entre dois meninos que se disputavam o lado de fóra da calçada ou para esperar o fedelho tresmalhado que lá ficára, á esquina, a amarrar os cordões do sapato...

E a caminhada proseguia. Adiante, raziase de novo alto em frente de outra casa de aspecto rebarbativo. Batiam-se palmas. Uma criada negra assomava ao flanco do predio, limpando as mãos ao avental, espiava estupidamente, interdicta; depois eclipsava-se. Decorriam minutos. E de subito, abrindo uma porta com estrondo, sahia da casa feia e carrancuda, como um lepidoptero da crysalida, uma menina graciosa, com os cabellos cacheados, um laço petulante pousado sobre a cabeça como uma grande borboleta rubra. E vinha, sorridente, no curioso e bamboleante passo infantil, que choca um contra o outro os joelhos; descia como um passarinho, saltitante, os degraus da varanda, empunhando o seu catecismo encardido; e misturava-se no grupo, acolhida entre murmurios e afagos.

O bando engrossava sempre. Faziam-se voltas estafantes pelo centro da cidade, contornavam-se os longos quarteirões, em marchas e contra-marchas interminaveis. De caminho, as crianças contendiam por um objecto achado nas calçadas, uma *figura* de carteira de cigarros, uma ponta de lapis ou qualquer fragmento de metal. Á porta dos armazens apanhavam-se mancheias de grãos de milho que eram roidos por desfastio. *Mexia-se* com os cachorros nos portões, para provocar alarido. Subitamente, nova parada, novo companheiro para as fileiras. Até que se chegava ao poial do templo. Entrava-se. O contraste da penumbra com a luz de fóra desgostava um pouco. Mas os aspirantes á gloria celeste eram distribuidos promiscuamente pelos bancos, no meio de uma confusão bastante ruidosa para ser uma irreverencia...

Para quem olhasse de longe



e do alto, a nave cheia do bando alacre de crianças vestidas de côres variadas e com as suas cabecinhas inquietas tinha o aspecto de um theatrinho infantil. E imaginava-se que os deuses no altar mór, como num palco, iam representar qualquer farça bem-humorada aos seus pequeninos espectadores.

No triste scenario do templo a criança jovial fica deslocada. E não cabe a alegria dos que vêm para a vida, cheios de entusiasmos, no ambiente funereo consagrado ás meditações sobre a Morte...

Apezar da severidade soturna da igreja, o pensamento infantil era levado irresistivelmente para fóra, para a cidade que se agitava ao sol como uma ave que arrufa as pennas e se delicia á luz acariciadora. Vinha á recordação dos reclusos a liberdade das creanças encontradas pelo caminho, a brincar despreocupadamente, livres da séca formidavel do catecismo, da beata e do padre melifluo. E um fastio immenso, que a companhia das outras crianças não era bastante para minorar, enchia a alma do catechumeno, forçado a supportar tres vezes na semana essas aulas sem sentido, a ouvir, diante de fileiras de santos immoveis como personagens de um mundo petrificado, a vóz dolente e mysteriosa de um sacerdote, interpretador litteral de symbolos ora suaves, ora terrificos, que se baralhavam e perdiam na universal incompreensão dos seus tenros ouvintes.

Oh! como exultavam quando, numa tarde de catecismo, ainda no collegio, viam formarem-se sobre a limpidez do céu grossos bulções que subiam pelo azul como uma cathedral que crescêsse milagrosamente! Passava-se um tempo. E de repente troava, longinqua e surda, a artilharia grossa precursora da violenta fusilaria das gottas d'agua. E ao soar das tres horas, sob um céu plumbeo e aterrador, sahiam da escola em fuga, como os habitantes de uma cidade ameaçada de invasão e dispersavam-se pelas ruas, entre nuvens de pó e com as vestes batidas pelas rajadas, rumo ás casas, esgueirando-se sob os beiraes, ao abrigo dos primeiros pingos grossos que precediam as bategas, como os batedores do liquido exercito.

Nessas tardes em que, até ao cahir da noite, o trovão rolava victoriosamente pelos céus subvertidos, secundado pela carga cerrada das chuvas fortes, não havia catecismo! E as

## OS PRECURSORES DA TELEGRAPHIA

**J**

Á o mundo antigo havia procurado expedir mensagens mais rapidas do que pelo systema de portadores. Nas circumstancias importantes, accendiam-se á noite, sobre morros, de distancia em distancia, varias fogueiras para a transmissão de noticias. Empregando-se alguns archotes que ardiavam em maior ou menor tempo, chegava-se mesmo a compor phrases. O autor Polybio, que viveu mais ou menos em 150 antes de Christo, indica um systema engenhoso e complicado. Punha-se sobre morros vasos cylindricos exactamente iguaes, graduados, sendo que cada gráu correspondia a uma phrase a transmitir.

Esses vasos eram cheios dagua e ao primeiro signal dado por um archote, abria-se as torneiras. Quando o posto transmissor apagava o archote, o outro abria as torneiras e só restava ler a phrase transmittida — pela altura do nivel dagua.

Os gaulezes, para annunciarem de Orleans aos seus irmãos de Auvergne um massacre de romanos, collocaram homens de distancia em distancia. A noticia foi recebida no lugar de destino, de vóz em vóz, na mesma tarde. Foi esse o processo que se empregou de Saint-Germain a Paris para anunciar o nascimento de Luiz XIV.

O verdadeiro telegrapho por signaes, que permite transmittir rapidamente qualquer phrase, data de Chappe que, a 22 de março de 1792, expóz o seu systema á Convenção. Consistia tal systema em collocar sobre eminencias torres em cujo topo um mastro, munido de tres peças de madeira, podia dar cento e noventa e seis signaes differentes. Com esses apparatus, uma mensagem de Toulon a Paris (840 kilometros) gastava nada menos de ... quinze dias!

crianças podiam tranquillamente occupar-se, junto ás vidraças fustigadas pelo aguaceiro, dos seus ingenuos brincos — os castellos de armar, as bonecas esgrouviadas e estrabicas e o povo enorme das figuras de papel recortadas a tesoura, molles e retorcidas como numa dança epileptica...





# O 50.<sup>o</sup> anniversario da machina de escrever

**F**IEL á memoria dos homens que crearam a sua prosperidade economica, a Norte-America celebrou ha pouco o 50.<sup>o</sup> anniversario da entrada em circulaçào do primeiro modelo commercial da machina de escrever.

Sem duvida, muitos *brevets* de machinas de imprimir ou de transcrever successivamente as letras como na escripta haviam sido tomados por inventores antes da venda das primeiras *typ<sup>e</sup> writng machines* construidas em 1873 por Latham Sholes.

O primeiro em data foi o engenheiro inglez Henry Mill (1713), mas o seu aparelho ficou apenas em theoria. O americano William Burt, em 1829; o francez Xavier Projean, em 1833; o americano Thurber, e o francez Foucaud, em 1843; os americanos Eddy e Hughes, em 1850; Jones em 1852; Thomas, em 1854; Beach e John Cooper em 1856, todos construíram machinas de imprimir caracteres, mas nenhuma dellas podia pretender substituir praticamente a escripta corrente.

A *Francis Printing Machine*, primeira machina de teclado analogo ao do piano, data de 1857. A *House Typewriter*, de 1865, foi a primeira machina de cylindro movel. Deve-se mencionar ainda a *Peeler Writing and Printing Machine*, americana, de 1866; a *Pterotype John Pratt*, de 1868, e a *Pastor Hansen Schreilbkugel* espherica de 1872.

Realizando uma synthese feliz de todas essas tentativas, Christopher Latham Sholes tornou-se o verdadeiro creador de uma industria destinada a enriquecer a Norte-America, a transformar os methodos commerciaes, a fazer viver no mundo inteiro milhões de dactylographos e a revolucionar mais tarde a imprensa pela lino-  
typo.

Os primeiros modelos de Sholes, brevetados em 1868 e construidos em 1873, acham-se no Smithsonian Institute de Washington. Uma photographia tirada em 1872 representa a filha do inventor assentada diante de um dos modelos por elle construidos. Sholes era natural da cidade de Ilion, no Estado de Nova-York. Miss Sholes, actualmente *Mistress Charles L. Fortier*, assistiu com o seu marido ás festas do 50.<sup>o</sup> anniversario da machina de

escrever celebradas naquella cidade, em Setembro ultimo, sob os auspicios da *Herkimer County Historical Society*, que fez erigir um monumento a Christopher Latham Sholes na sua cidade natal.

Sob o ponto de vista economico, sinão sob o intellectual, a invençào da machina de escrever pôde ser comparada á invençào da imprensa.

Ha milhares e milhares de operarios empregados, no Antigo e no Novo Mundo, na construcção de machinas de escrever, cujas marcas conhecidas são mais de tresentas, conforme a lista dos *Typewriter Top cs*.

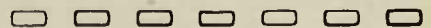
Calculado numa média de dez o numero de series lançadas por cada uma dessas 300 marcas, teremos cerca de 3.000 modelos existentes.

A maior parte das marcas afamadas se gaba de ter posto em circulaçào um milhão ou dois de machinas; de maneira que se pode calcular em mais de 100 milhões o numero de machinas de escrever actualmente existentes no mundo inteiro.

Quasi sempre o pessoal empregado na dactylographia é feminino. Pode-se pois imaginar que revoluçào nos costumes se effectuou; no curso dos últimos vinte annos, por motivo dessa absorpção crescente de mão de obra feminina pelas administrações publicas e privadas, pelo commercio, pelo banco, pela industria...

Cincoenta annos bastaram á machina de escrever e ás suas cognatas, a machina de calcular, a duplicadora, a lino-  
typo, etc., para conquistarem o mundo. Como negar, diante de tal facto, a rapidez do progresso scientifico e industrial que subverte e subverterá cada vez mais as condições economicas e sociaes da vida?

M. P.



Todas as idéas elaras são verdadeiras.

De *scartes*



O destino de muito homem depende de haver ou não uma boa bibliotheca na casa paterna.

De *Amicis*



# The Gourock Ropework Export Co., Ltd.

Fabricas : PORT GLASGOW, GREENOCK & LANARK - GRA-BRETANHA  
ESTABELECIDA EM 1736

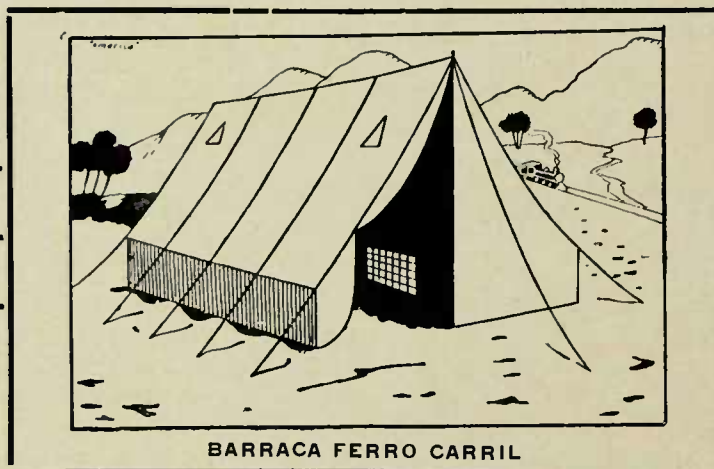
Escriptorio: Rua 1.º Março, 119 - :: :: - Deposito: Rua Acre, 41 - 45

Caixa do Correo 1081 **RIO DE JANEIRO** End. Electr. "GOUROCK"  
TELEPHONE 2041 - NORTE — RIO —

Codigos : Bentley, A 1, Ribeiro, 5th. Edition A. B. C.

## LONA IMPERMEAVEL "BIRKMYRE'S" ENCERADOS, BARRACAS, TOLDOS

Fabrica-se de todos os tamanhos com a maior presteza



BARRACA FERRO CARRIL

Cabos : ARAME DE AÇO, CAIRO, LINHO, MANILHA, FIO DE VELA,  
REDES e ARTIGOS para PESCA

LONA DE LINHO,  
LONA DE ALGODÃO,  
LONA DE JUTA,  
BRIM DE ALGODÃO,  
BRIM DE LINHO.

Correntes de Ferro, Moitões e Cadernaes Galvanizados

Sapatilhos, Gatos Singelos e Dobrados, Ancoras, etc.



## AS SURPREZAS DA SCIENCIA

### O cinema não mais será mudo

*O sabio americano Lee de Forest, inventor da lampada «audion», fez, depois de quatro annos de pesquisas, uma descoberta consideravel: a da photographia dos sons, graças á qual fica definitivamente resolvido o problema do «cinema falado». Neste artigo René Brocard expõe os resultados dos trabalhos de Lee de Forest.*

MUITOS foram os que intentaram curar a Arte Muda da sua enfermidade. Léon Gaumont, tão grande sabio quanto grande industrial foi um delles e talvez o primeiro. Foi com effeito em dezembro de 1910 que elle fez apresentar á Academia de Sciencias, pelo professor d'Arsonval, um apparelho graças ao qual este pode escutar a sua propria comunicação á douta companhia, ao passo que na tela apparecia a sua imagem lendo essa comunicação.

Infelizmente o registro vocal ou musical por meio do phonographo mal se podia fazer ao mesmo tempo que a photographia da scena, não, como se poderia suppor, por causa do synchronismo a estabelecer (este synchronismo não apresenta aliás grandes difficuldades) mas porque o phonographo não podia ser collocado sufficientemente longe dos actores para livral-os de uma sujeição de que o seu jogo de scena fatalmente se resentiria: a de ficar muito perto da trompa, de exaggerar a dicção e a articulação da voz; em uma palavra, de representar para o phonographo.

Emfim, apezar dos aperfeiçoamentos reaes de que foi objecto, o phonographo ainda hoje não está isento de ruidos adventicios e principalmente o ruido provocado pelo attrito da agulha sobre o disco. Ora, o resultado é que, quanto mais se amplifica a sua audi-

ção — e essa amplificação é evidentemente muito grande quando se trata de fazer falar um film numa sala de espectaculos — tanto mais importancia tomam esses ruidos adventicios em relação aos sons musicaes.

\*

Esses inconvenientes lançaram os pesquisadores noutra via: a da photographia dos sons e da sua reproducção por meio da pilha photo-electrica.

Infelizmente o processo photographico, apezar dos seus animadores resultados, não sahira ainda do laboratorio, quando recentemente de Forest, o celebre inventor do *audion*, apresentou ao publico o resultado das suas investigações.

De Forest adoptou o processo photographico mas, no inicio dos seus trabalhos, assentou um certo numero de principios determinando as condições a que devia satisfazer um systema de cinema falante para ter um successo commercial. Esses principios são os seguintes:

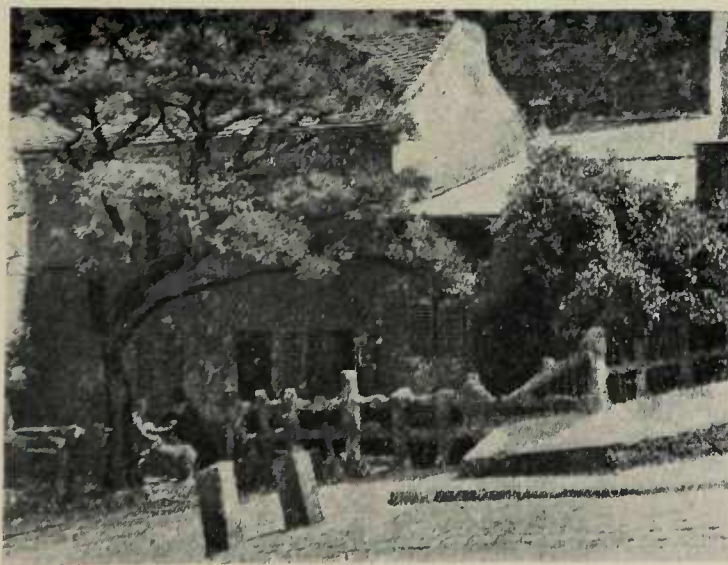
1.º — Preliminarmente, de Forest pensou, com razão, ser necessario registrar simultaneamente as imagens e os sons num film de largura normal, afim de evitar o fabrico de apparelhos especiaes ou a modificação, que aliás parece impossivel, dos apparelhos actuaes.

2.º — Que era preciso restringir-se á velocidade normal da projecção.

3.º — Realizar dispositivos de registro e de reproducção tanto quanto possivel isentos de inercia.

4.º — Imaginar um microphono sufficientemente sensivel para ser collocado a uma razoavel distancia do actor ou da fonte sonora, de modo a ficar fóra do campo da objectiva e a não constituir para o actor uma sujeição penosa e capaz de comprometter o seu jogo de scena.

5.º — Conseguir que a reproducção seja tão boa (ou, si possivel, melhor) como a das



### CURIOSIDADES DE MONTMARTRE

“Le Lapin Agile” um lindo recanto do famoso bairro, que é ao mesmo tempo o refugio preferido pelos seus poetas e bohemios.

audições phonographicas e sufficientemente forte para ser ouvida em todos os pontos das maiores salas de spectaculo.

6.º — Registrar os sons a um canto do film bastante estreito para não reduzir sensivelmente a dimensão das imagens. Isto significa que o registro photographico dos sons deve ser tal que a largura ou a amplitude dos traços seja constante. Para isto é preciso que as variações sonoras sejam interpretadas photographicamente, não por linhas de diferentes dimensões, mas de igual comprimento e mais ou menos cerradas. Em outros termos, o registro luminoso deve tomar a forma de braços paralelos que risquem toda a largura da faixa a elle reservada, traços esses extremamente finos e sempre perpendiculares á direcção em que corre o film.

E' claro que estabelecer principios é uma coisa e outra achar o meio de applical-os. De Forest e os seus collaboradores gastaram, com effeito, mais de quatro annos de esforços ininterruptos para preparar o processo que vamos descrever e que emergiu de numerosas pesquisas e tentativas em cujos detalhes não entraremos.

Vejamos primeiramente o registro. De Forest repelliu como improprio o microphono de diaphragma e substituiu-o por um microphono thermico. Este instrumento contém um certo numero de fios de platina muito finos e curtos que são aquecidos ao rubro por uma fonte local de corrente electrica. Quando se emittem sons diante desse aparelho, a resistencia dos fios á electricidade varia continuamente, mas de perfeito accordo com as variações de extensão das ondas de sons.

O aparelho tem tal sensibilidade que pôde ser collocado a uma distancia sufficientemente larga dos actores ou dos instrumentos para que nada appareça na pellicula exposta simultaneamente.

As correntes telephonicas geradas pelo microphono são evidentemente de muito fraca intensidade; mas consegue-se amplificar-as varios milhares de vezes por meio de uma série de amplificadores de lampadas (esta lampada é o *audion* e veremos, a seu tempo, que só graças a elle poude ser realizado o film falante). E' preciso, com effeito, que elles possam chegar a modular uma corrente alternada de alta frequencia fornecida tambem por um *audion*, mas, neste caso, por um *audion* gerador de ondas. Essa corrente de alta frequencia atravessa um pequeno tubo cheio de um gaz judiciosamente escolhido, chamado *photion*, segundo uma suggestão do professor Wood.

Essa lampada *photion* é collocada no interior do aparelho de projecção, num ponto em que o film se desenrola com movimento continuo a cerca de vinte e cinco centimetros da objectiva (sabe-se que, junto desta, o film é, ao contrario, animado de um movimento sacudido, para permittir a photo-

graphia das imagens uma por uma); sob o effeito da corrente de alta frequencia, a lampada irradia constantemente uma luz violeta-rosa, á qual a emulsão photographica é muito sensivel; o tubo é collocado num aparelho cinematographico de tomada de vistas, de modelo commum.

A luz irradiada pela lampada *photion* é



### CARICATURAS DE ESTRELLAS...

Marg Pickford, Hila Haldi e Norma Talmadge, segundo o lapis maldoso de Kliz

A luz irradiada pela lampada *photion* é



concentrada por uma lente sobre uma fenda excessivamente fina, aberta a prumo sobre uma pequena parte da superfície sensibilizada do film. Como a intensidade dessa luz cresce e decresce em relação ao seu brilho normal, de perfeito accordo com as variações de intensidade da corrente de alta frequência que provoca a illumination do tubo (corrente que por sua vez segue as variações das correntes telephonicas, isto é, as modulações proprias dos sons recolhidos pelo microphono), a voz ou a musica ficam litteralmente photographadas sobre o film e isso ao mesmo tempo que as imagens correspondentes. Não ha, neste caso, nenhum problema de synchronização a resolver, como era o caso quando se tratava de fazer coincidir a audição do phonographo com o movimento dos labios de um actor de cinema, por exemplo.

Si se examinar com attenção um fragmento do film nessas condições, ver-se-á á sua margem esquerda, entre as imagens e as perfurações, uma estreita faixa de menos de tres millimetros, riscada, em toda a sua largura,

de uma infinidade de traços parallellos de uma finura extrema e unidas a ponto de só se perceberem com o auxilio da lente.

Esses traços ou riscas interpretam, simplesmente pela sua variação de densidade, isto é, pelo seu numero maior ou menor na unidade de comprimento — o intervallo de um decimo de millimetro, por exemplo — todos os sons imaginaveis.

\*

Esse registro photographico dos sons por

traços parallellos do mesmo tamanho constitue uma das caracteristicas mais interessantes da invenção de Forest. Até então, com effeito, empregando-se um espelho ligado a um diaphragma, photographavam-se os sons sob a fórma de sinuozidades de amplitude desigual e correspondente á altura dos sons. Não se podia portanto pensar em photographal-os sobre o proprio film, pois que era preciso ter conta da largura do traço correspondente á amplitude maxima e de outro lado, não se podia reduzir esse traço aquem de um certo limite sem correr o risco de fazer desaparecer o registro dos sons muito fracos.

Ora, uma invenção só vale pelas suas applicações commerciaes, ou não será mais do que uma curiosidade de laboratorio. Modificar a largura dos films seria exigir novos apparatus de photographia e de projecção, films de duas dimensões, etc. Com o systema de de Forest, ao contrario, as dimensões *standard* são conservadas e os apparatus têm necessidade apenas de ligeiras modificações: o tubo luminoso, nas machinas



### O MUNDO PITTORESCO

Uma cerejeira florida, em Vienna, Austria

photographicas, e nas de projecção a lampada e a pilha photo-electrica.

\*

Já vimos o que se passava com a tomada de vistas. Examinemos agora a projecção, ou a reproducção.

No apparatus de projecção, a parte do film que traz o registro photographico dos sons desenrola-se diante de um pequeno orificio analogo ao do apparatus photographico. Por esse



orificio passa a luz de uma pequena lampada de grande brilho que, atravessando a parte referida, incide sobre uma pilha photo-electrica de sulphito de thalio. Convém lembrar que o sulphito de thalio, como o selenio e o potassio, tem a propriedade curiosa de mudar de capacidade de resistencia electrica segundo o grau de illuminação a que é submettido. Mais ou menos illuminada, segundo a densidade das linhas que passam diante do orificio, essa pilha, que foi consideravelmente aperfeiçoada por Theodore W. Case, collaborador de de Forest, retransforma em correntes de intensidade variavel os sons photographados sobre o film. Como no acto do registro, uma bateria de tres lampadas *audion* amplia cerca de mil vezes o valor dessas correntes, afim de que estas possam accionar os potentes alto-falantes dissimulados por traz do *écran*.

Isso não quer dizer que os sons reproduzidos sejam mil vezes mais fortes do que os sons originaes, pois ha entre o registro e a reproducção uma enorme perda de intensidade.

\*

Talvez ao leitor ocorra a pergunta:

— Deve-se desajar que os actores de cinema falem e cantem?

Não, responderemos. Esses actores não têm com certeza vozes agradaveis: alguns possuem uma linguagem incorrecta, outros não conhecem quasi a lingua do paiz. Aliás, não se deve procurar transformar o cinema em theatro. E' verdade que ha numerosos casos em que a introduccção conveniente de textos falados ou de selecções musicas augmentará consideravelmente o interesse de um film, quer sob o ponto de vista artistico, quer sob o ponto de vista recreativo ou educativo.

Assim, algumas emoções, certos sentimentos, só poderão ser expressos com justeza no

*écran* por uma musica ou um poema apropriados.

Notemos, para terminar, que, si supprirmos as imagens ao film falante, restar-nos-á um film falado ou de musica. Ora, nenhum disco phonographico poderia apresentar um registro tão fiel, e nenhuma agulha seria capaz de o reproduzir sem o menor attrito. Além disso os discos são pesados, frageis, custosos e se estragam rapidamente.

A invenção de de Forest constitue portanto uma dupla revolução, pois que ao mesmo tempo transforma o cinema e promette substituir o actual aparelho phonographico por um inteiramente novo, isento de todos os inconvenientes do seu predecessor e tão proximo da perfeição quanto humanamente se póde pretender.

René BROCARD



### O IRRESISTIVEL HAROLDO

O jovial artis'ta, cansado de fazer rir o publico, vae para junto da esposa que o olha desconfiado, temendo uma nova farça...

hendendo o papel grotesco a que o obrigam, embezérra, baixa a cabeça, com lagrimas de vergonha e dor nos olhos bondosos, e não se presta mais ás sorfes.

O papel do boi será idiota, mas o do toureiro é vil.

No entanto, o homem é que é o rei dos animaes...

Monteiro LOBATO

Quem é feliz não pode morrer sereno. Felicidade e morte tranquilla são termos antagónicos.

Bertha von SUTTNER.

### O REI

METTE dô, nas farradas, o papel do boi, animal branco —mas cheio da nobreza respeitavel de toda bronquidão honrada e séria—posto a lutar com uns macacos enfeitados, que ora fogem para aqui, ora se escondem alli, ora se esgueiram aos botes, bobcando o pobre animal com uma capa vermelha. Não ha lucha. O boi, tomado de colera, investe contra o inimigo, para se bater á noda heroica, de habito entre os seus. Mas só encontra vultos fugidios, miragens de homens que se somem ante suas morradas. Por fim o touro, compre-



## A INFLUENCIA DO PRETO NO THEATRO NACIONAL



COMMENTANDO, ha dias, a recente «tournée» a o Prata da Companhia Abigail Maia, dizia o brilhante actor Manoel Durães, primeira figura masculina daquelle bello conjuncto que Oduvaldo Vianna dirige, ser a impressão geral da noite

de estréa no Odeon de Buenos-Ayres que, ao subir o panno, estrugisse como saudação o classico e irreverente «macaquito.» Não vamos discutir aqui a improcedencia dessa «impressão geral», principalmente em se tratando de um povo relativamente culto, como o argentino e que, mau grado todo esse lamentavel trabalho de sapatos chamados nacionalistas dos ultimos modelos do fusil Mauser, ainda é um dos nossos bons e pacatos amigos. O que pretendemos constatar com esses poucos bonecos que ahí vão é tão sómente a benefica influencia exercida pela côr preta sobre a evolução do nosso parco theatro nacional, influencia essa que não comportaria um amúo, siquer, por parte do sentimento patrio da companhia brasileira, ante um «macaquito!» no caso da estréa ter sido uma peça como o «Demonio Familiar» ou «Manhãs de Sol», peças que retratam diferentes epochas, mas onde o preto contribue para o exito dos seus interpretes e, por consequencia dos seus autores, do nosso theatro.

Porque a verdade é que o nosso theatro está ligado

por laços inquebrantaveis ao preto africano ou mesmo ao nacional de côr preta.

Rebuscando os nossos poucos annos de vida scenica, encontraremos poucos artistas, muito poucos mesmo, que não tenham o seu primeiro successo acorrentado a uma carapinha e a uma beijoleta de massa decorada a «baton» vermelho, exceptuado, é claro, o sr. Benjamin de Oliveira, que arranca sem esforço as gargalhadas dos seus admiradores de cara pintada de branco, como qualquer chicharrão de circo de Araruama.

Quem não se lembrará, por exemplo, daquelle maravilhosa creação do actor Claudino de Oliveira — o velho «Pae João» d'«O Dote» de Arthur Azevedo?

No theatro de revistas encontramos então, de cara lambusada de pó de sapato preto e gaforinha revolta, a fazer o negro ou o mulato, toda uma legião de artistas. Alfredo Silva será sempre aquelle typo mestiço do guarda do «Forrobódo» de Luiz Peixoto, como o barbeiro Ananias revelou ha annos, na revista de Bastos Tigre — O Rapadura, um comico que ainda hoje se conserva no primeiro plano — o actor Pinto Filho.

Esther Bergerath foi no seu tempo a melhor mulata brasileira do nosso theatro ligeiro e Julia Martins chegou a ser Julia Martins graças a um sem numero de mulatas que legou á historia dos palcos nacionaes.

O actor João Martins, a graça commedida da nossa revista, possui dentre os seus exitos, esse admiravel typo da revista de João Canali — «Posso desabafá?»:

Augusto Annibal e Palmyra Silva, naquelle casal de pretos da comedia «Terra Natal» foram, não ha muito, a «isca» do publico elegante do Trianon; Celia Zenatti na «Meia noite e trinta», uma preta retinta, foi 80 % do successo da revista de Luiz Peixoto.

E Celia Zenatti é uma legitima argentina...



Jayme Costa na «Princeza de Bagdad»



Manoel Durães no "Velho Domingos" da comedia  
"Manhãs de Sol"

Otilia Amorim deve parte do seu prestigio no theatro de revistas aos admiraveis typos de mulata e Alda Garrido, essa garrula excentrica das burletas rigorosamente nacionaes, firmou o seu nome na «Mulata do Cinema» de Gastão Tojeiro, da mesma forma que Procopio Ferreira, que, possuindo no «Capitão Corcoran»

um papel de relêvo, nos aureos tempos do «Cha-telet» do S. Pedro, fez-se o «inimitavel Pro-copio» no moleque fogueteiro da «Jurity...» Jay-me Costa o joven «estrello» da actual Compa-nhia do Trianon, onde acaba de fazer no «Dr. Sem Sorte» o typo brasileiramente nacional do Basilio Vianna, teve as suas primeiras glorias no creoulão da «Princeza de Bagdad».

Carlos Torres só conseguiu mostrar a le-galidade do seu titulo honorifico de actor co-mico quando, na companhia Leopoldo Fróes, fez aquelle interessante «chauffeur» de «Longe dos Olhos...»

Finalmente o actor Manoel Durães tem en-tre outras não inferiores creações o velho Domingos de «Manhãs de Sol», que a critica do Prata consagrou e esse engraçado cabo «Meu Nêgo» da Flôr Tapuya.

A Companhia Abigail Maia não foi saudada em Buenos Ayres com o classico e anti-brasileiro «macaquitos», para a felicidade geral da nação.

O que não resta duvida, porém, é que aos typos admiraveis de «macaquitos» devemos nós uns tantos nomes de incontestavel merito no nos-so theatro de comedia, drama e revista.

Saudemos, pois, o pó de sapato e a rolha queimada como uns dos mais fortes alicerces desse palacio inacabavel, emulo, ao que parece, do edi-fício do Forum, que é o theatro nacional dos sonhos de Arthur Azevedo e dos milhões da sra. Nina Sanzi.

Terra de SENNA

## A MÉRICA

EXPEDIENTE

NUMERO ESPECIAL

Preço: 1\$000 para todo o Brasil

É nosso representante na cidade de Santos,  
o Sr. José Spindola Teixeira.

### SÃO NOSSOS AGENTES:

Para todo o Estado de São Paulo, Sr. Antonio de  
Maria, rua da Boa Vista 5 A, Capital, por cujo intermedio  
devem ser feitos os pedidos dos agentes de revistas do interior  
do Estado.

Na cidade de Santos, Sr. Paiva Magalhães.

No Estado da Bahia, o Sr. Manoel Porto, Portão da  
Piedade 11, Capital.

Em Bello Horizonte, os Srs. Giacomo Aluolfo & C., Rua  
da Bahia.

IMPRESSO NA CASA

HOEPLNER & CIA. LTD.

AV. MEM DE SÁ 236-240 — RIO

Redacção: Rua da Quitanda, 157, 1. andar

RIO DE JANEIRO



## OS NOVOS PROCESSOS DE IRRIGAÇÃO DAS CULTURAS

**U**MA das operações mais necessárias á fertilidade das terras, e das mais difficeis, é a réga. É bem oneroso será o trabalho para quem quizer fazer uma irrigação copiosa e uniformemente distribuída.

Procurando solucionar esta difficuldade foram inventados os apparatus de réga rotativos, os quaes apresentam entretanto o inconveniente de exigirem que se regue duas vezes a mesma porção de terra para que se possa cobrir toda a superficie do terreno. De facto, a juxtaposição pelo apparatus rotativo deixaria espaços sem agua; isto, entretanto, não invalida o seu emprego se consideramos a facilidade extrema de sua instalação.

Mas ha melhor.

O apparatus representado pela photographia que illustra estas notas, permite que se obtenha uma irrigação abundante e regular, sobre qualquer superficie de terreno, seja elle grande ou pequeno, e isto sem necessidade de pessoal. A cousa é tão engenhosa, que o funcionamento completo d'este systema de irrigação automatica, se obtem com a manobra de uma simples torneira.

O «Pluviose» (este o nome dado ao apparatus) é constituído por duas partes: uma fixa e outra movel. A parte fixa consiste em uma trave de ferro mantida a uma certa altura por meio de columnas fixas em bases de concreto. Esta viga supporta uma especie de caixa que constitue um reservatorio longitudinal de agua.

O comprimento d'esta trave deve ser igual ao do terreno a regar. Sobre ella se desloca um cano, levando em um plano perpendicular

áquelle da trave uma armação metallica, á qual estão fixadas as torneiras de réga.

A agua, fornecida por uma bomba especial ou pela propria canalização da cidade, acciona uma pequena turbina situada na extremidade da viga, assegura o movimento do carro e vac, através do reservatorio longitudinal, regar as plantações.

Um systema de 4 polias, postas em movimento pela turbina, por meio de um cabo sem fim, move o carro n'um ou n'outro sentido. Um contrapeso immobiliza as duas rodas de um mesmo lado do carro, o que determina o avanço d'este. Quando elle chega ao fim do curso, encontra um esbarro, o qual, provocando um balanço no contrapeso, faz com que entrem em acção as outras duas polias e estas, accionando, por sua vez o carro, fazem-n'o voltar em sentido contrario.

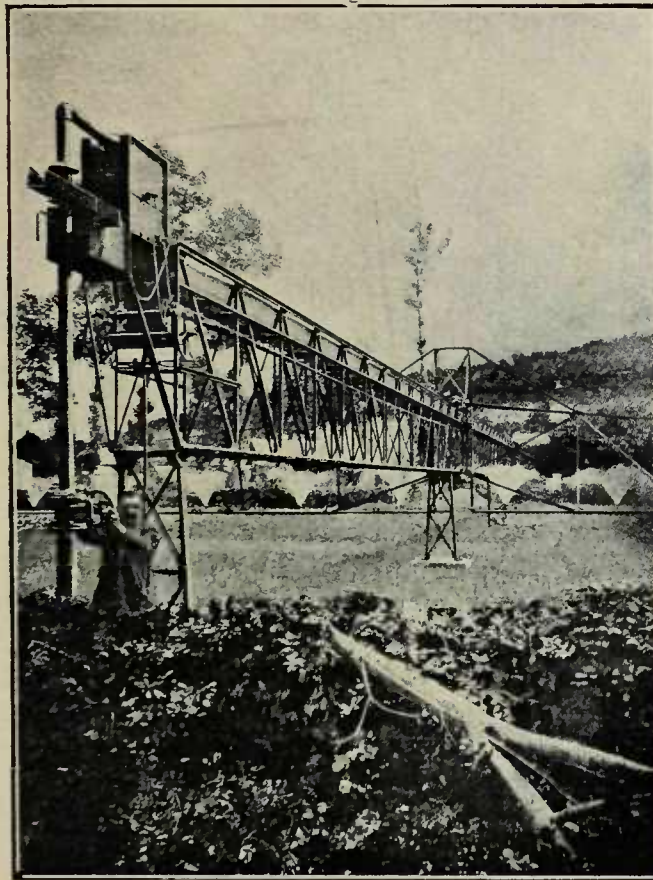
Ha um dispositivo que faz com que cesse a irrigação quando o carro pára. Consiste elle em que o carro, em movimento, acciona uma bomba que tem por effeito abrir valvulas situadas abaixo dos syphões de ali-

mentação das torneiras de réga.

Assim que o cano pára, pára a bomba e as valvulas se fecham automaticamente. Não ha, por isso, perda de agua e os syphões conservam-se sempre escorvados e promptos para quando se os queira utilizar.

Aliás o nivel d'agua é mantido constante graças a um fluctuador que age sobre a comporta de admissão de agua.

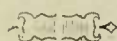
A velocidade do carro é de 6 metros por minuto, o que assegura uma irrigação muito regular. Pode-se diminuir o curso do carro, tanto quanto se queira, por meio de esbarros intermediarios.





# MOLHADOS E CEREAEES

CASA FUNDADA EM 1852



# TEIXEIRA, BORGES & C.<sup>IA</sup>

COMMISSARIOS DE CAFE' E MAIS GENEROS DO PAIZ

Caixa do Correio 294

Endereço Telegraphico ARIEXIET

Telephones Norte 132 e 3904

110, Rua do Rosario, 112

RIO DE JANEIRO



## NO VALLE DOS LACRAUS

**S**OL: muito sol que calcina as pedras; areia que ao mais leve sópro se levanta em torvelinhos, sepultando tudo o que encontra em seu caminho. Respira-se pó: pó na roupa, no cabelo, nas sobrancelhas, entre os dentes que rangem... e nos pulmões. Sêde. Sêde! allí se sente o que vale a agua! Só o filho do deserto sabe apreciar-a verdadeiramente. Cheiro, cheiro a camello; allí tudo rescende a camello: o ar, as pedras, os indigenas... e os camellos.

Silencio! silencio absoluto; o silencio domina, esmaga. E' o reino do mutismo. A palavra destôa. Espera-se a vóz potente de Jehová. Crê-se...

Depois da terra limitada, o céu sem limites. O gigantesco prisma gyra, passam as côres da palheta celeste uma atrás das outras: verde, côr da esperança — começa é todo o despertar — depois rosa, amarello, branco, azul, violeta, vermelho, ocre e de repente, nêgro, que se coalha de diamantes. Estas côres intensas, sempre as mesmas, ás mesmas horas, succedem-se desde a criação do mundo, sem descanso.

Nesse clima sente-se que sua propria pelle incommoda... e tem-te na bocca... e sabor a sangue... No meio de tudo isso... o «Valle dos reis» e debaixo de cada pedra um escorpião.

Ahí dormem os pharaós o somno da morte, rodeados de artefactos ridiculos, esperando a total decomposição do planeta para acabarem de ser.

Perturbando essa paz secular... um inglez.

\* \* \*

Um homem que se aborrece. Cançado de seus cachimbos, de seus cavallos, de seus licores, de suas idéas e de seu cerebro impregnado de nevoa britannica, intoxicado

por ella, espalhando-a por onde passe; intentando divertir-se e aborrecendo os seus semelhantes.

E não contente com isso, trata de comunicar seu tedio aos que elle crê que se aborrecem debaixo da terra, tanto quanto elle sobre ella.

Para esse fim, acampou em pleno reino dos reis mortos. Esse novo Barnum que ensurdece o mundo inteiro, batendo um bombo nunca ouvido, habita o valle do silencio, gôza o deserto, os tumulos e... o «spleen».

Os dias succedem-se ás noites e estas aos dias; uns atrás dos outros, todos iguaes. O mesmo esplendor ao desaparecer do sol como á sua apparição... e o inglez imperterrito se aborrece em seu sitio.

A enorme reclame resoou pela terra e atrahiu gente de todas as raças, côres, gostos e categorias. Correspondentes, photographos, pintores, reis, millionarios, scientistas, cosinheiros, egyptologos, pedreiros. Todos aquí pagam ou são pagos — tudo é negocio, o «business» mais

repugnante que jamais se fez com um cadaver.

Esse saque em nada se assemelha ao napoleónico. Aquelle era pela gloria, este é pelo dinheiro. Parece que só se trata de tirar as «pellegas» ao publico: por meio dos jornaes, do cinema ou do quer que seja.

Em compensação, servem-se os despojos de um infeliz que morreu ha tres mil annos, enfeitados com as diversas bugigangas de um gosto pessimo, que parecem tiradas do guarda-roupa de theatro de terceira ordem.

Trastes bichados, cousas sem arte nem razão; objectos que só poderiam appetere-



THEATRO BRASILEIRO  
A actriz Sra. Abigail Maia



### O PRETO NO NOSSO THEATRO

João Martins na revista "Posso desabatá?"

cer a um Guilherme II, de nefasta memoria.

Bens que si fossem mostrados a um beduíno, seriam queimados para separar o ouro do resto.

Do triangulo que forma o ser do inglez, o lado mais innocuo é, sem duvida, a sua vaidade, essa vaidade britannica que não sorri, como a latina — que parece pedir desculpas — senão séria e estúpida como tudo o que é sério. Nosso homem tem a fraqueza de querer que o seu nome passe á historia, cousa facil quando se tem dinheiro.

Apezar de tudo se aborrece. Aborrece-se porque terminou o perigo, a acção e o imprevisto: tres cousas que fazem a vida agradável.

\*

Uma tarde de modorra, depois de uma refeição pesada e de um vinho ordinario, longe, muito longe do club londrino e de seu primoroso bar, o nobre lord acabou por dormir devéras e teve um sonho. Não uma visão como a pôde ter um artista ou um scienista, não. Teve uma visão de homem rico... uma visão de film, preparado e confeccionado por uma fabrica americana... e viu...

Viu bailarinas de «variedades», com pouca roupa e muita pintura, dançando o «shimmy».

Viu pharaós enfeitados com mantos rajados e cafeteiras sobre a cabeça; viu... fumo, palmeiras que se moviam da direita para a esquerda e vice-versa; viu um lago, viu... um grupo de banhistas da Mack Semet, o Ben Turpin, e um tigre bocejando. Viu palacios de madeira e «papier mâché» de estylo arabe. Por fim, viu o Egipto, tal como o podem ver um lord inglez e um judeu russo-americano.

Quando mais atarefado estava contemplando as banhistas, uma pesada mão pousou sobre seu hombro...

Uma vóz grave, triste, falou:

— Porque vieste interromper meu somno? Adivinhou, pela pergunta, quem era...

— Por amor da sciencia não será. Por amor á arte, ainda menos. Por dinheiro?... Avareza? Será que a alma de Rotschild transmigrou e incarnou-se em teu corpo?

Isso lhe pareceu um insulto e decidiu-se a responder.

— Não, amigo Tut... Vou dizer-te a verdade; si me tens aqui a te entediar, não é por nenhum dos motivos que suppões, nem por-



### O PRETO NO NOSSO THEATRO

Manoel Durões no cabo "Meu Nêgo" da opereta "Flor tapuya"



que me inspirasses um desmedido interesse... Agora que te vejo, maltrapilho e sujo, me interessas ainda menos, pois me apercebo de que te conservaste muito mal... Dir-te-ei sem intenção de offender-te que melhores que tu, temos no «British» e em «Mine. Tusand's»...

— Então?... — perguntou Tut um tanto molestado.

— Pois vim ver-te por duas razões: um pouco por vaidade e muito porque me aborrecia.

— E por essas fivo'as razões vens perturbar os que em paz esperam, sem dor, transformar-se em nada? E porque os de agora não castigam aos violadores de sepulturas?

— Já o advinho! E' duro! Quando encontramos um desses beduinos profanando um tumulo, não o julgamos... vai á forca.

— Vamos!... já te comprehendo... Tu nos roubas para poderes comer. Não é isso?

— Não sejas tolo! para poder comer?... não sabes que sou um illustre lord, honra da sciencia, com muito dinheiro é protegido pelas autoridades?

— Ah! E's um dos que mandam?

— Mais ou menos.

— Vejo que o mundo mudou pouco... Só o trajas e o penteado.

— Assim é, amigo pharaó.

— Como dantes; o mais forte faz o que quer... Tem graça! Antigamente nós vendíamos os judeus, hoje os judeus nos vendem... De forma que tu te sentes mal... Vaidade e aborrecimento...

— Acertaste.

— Vou dar-te um remedio para as duas cousas. Acabará teu aborrecimento e serás célebre.

Approximou-se... e lhe deu um beijo.

— Caramba! Como cheiras mal! — protestou o sabio. Livrou-se do abraço, abriu os olhos e... o pharaó havia desaparecido.

As banhistas tambem.

Encontrou-se encharcado de suor e a ca-

beça congestionada, não sabia si pelo vinho, a má digestão, o calór ou a posição incommoda. Estirou-se.

Coçou-se...

— Sonho estúpido! aconteceu-me isso por ter comido demasiado — Lembrou-se da prophacia e do extranho beijo. Tão ao vivo foi que parecia verdade. Ainda ficára a impressão... uma comichão desagradavel... Quanto mais coçava mais doia e até lhe pareceu que havia inchado a cara.

Procurou o espelho; viu qualquer cousa que

se movia, que deslísava debaixo de uma pedra. Não fez caso. Encontrou o espelho e certificou-se de que a cara estava inchada. No centro havia uma pequena mancha roxa.

\* \* \*

Dois dias depois, era tão cadaver quanto Tut.

\* \* \*

Os reis, por muito reis que sejam e por muito embalsamados que estejam, como os outros seres da creação, se decompõem. A vida, porém, continua em outra fórmula e o que era rei é outra vez o que foi antes; um pouco de tudo: gaz, lerva, vegetal, mineral.

Talvez, com o tempo, contribua para a intelligência de um novo homem.

O espirito se fórmula de accordo com o ambiente, e com as condições do clima.

Num clima generoso, o verme vil póde chegar a uma borboleta bella e inoffensiva; o mesmo, em um meio cruel, difficil,

amolda-se ou perece. Essa lucta cruenta deixa suas pégadas tanto no corpo como na alma.

Tambem as almas se decompõem. A alma do homem, que é o Kosmos, não póde se ajustar ás necessidades de uma flôr ou de um rato.

O pedaço de alma de um rei tocado pelo escorpião, não póde estar respirando doçura! Pois as condições mudaram... e si o escorpião faz alguma mordedura, não é para vingár este ou o outro. Age segundo sua natureza.

Somos o que comemos. Si comemos uma maçã tomamos sua alma, si comemos um pedaço de homem tomamos a alma correspondente



### Os campeões europeus

Paul Martin, campeão suíço dos 800 e dos 1.500 metros

## O CONVENCIONAL HIERATISMO QUE IMPÕE A MODA A FIGURA FEMININA

**P**ARECE que a moda só devia exercer seu imperio sobre os objectos materiaes sujeitos ao capricho e á fantasia: os trajes, os moveis, as joias... Não é assim. Madame Moda invade o campo do physico, do fundamentalmente humano...

Hoje se usam gestos e figuras como se usam toilettes e chapéus... A influencia do film impõe á figura feminina rythmos, poses, apparencias... A vóga de Francesca Bertini marcou uma época de normas das attitudes negligentes dos gestos carinhosos e suaves, dos felinos movimentos cheios de graça, flexíveis e sinuosos...

Agora impéra um hieratismo forçado de



FIGURINHAS DA MODA

aos globulos de seu sangue ou de suas fibras, porém si nos nutrimos d'elle, vivente, como o fazemos no corpo da mãe, adquirimos seu espirito e depois o ambiente nos acaba de formar.

Os reis saturaram o ambiente em redor com a sua podridão. Assim é que o ambiente que respiraes nos tumulos é parte de um pharaó e debaixo de cada pedra ha parte do seu espirito... A equidade exige que se reconheça uma alma em cada cousa... si um inglez a tem, porque não a terá um escorpião?

Luiz USABAL

icono. As vestes largas e simples estylizam as figuras e estão na móda as poses rígidas, os gestos lentos e mecanicos, a imperturbabilidade saxonica... Como no film, a elegante caminha direita, hieratica, imitando a rigidez artistica dessas figuras polychromicas, que decoram os frisos egypcios...

Encantadora, absurda tyrannica da Moda que, não contente com o seu reinado em gazes, sedas e joias, intenta impor suas sentenças á belleza humana!

Não se modéla, como a téla ou o metal, o divino barro da esculptura feminina, que já fez com deleite de artista genial o supremo Artifice... O espontaneo e natural reinará sempre sobre todo artificio... Uniformizar o gesto ou a figura é destruir o melhor encanto da belleza, que tem sua principal graça na diversidade...

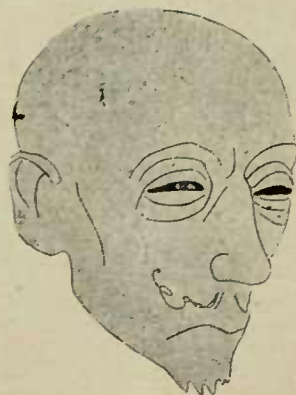
Não se podem usar gestos, nem movimentos, como se usam modelos de caudas de vestidos ou chapéus...

A natureza é anarchica e inviolavel... E contra sua deliciosa multiformidade esbarraram sempre as extravagancias da Moda, porque o encanto da mulher só se reje pelo canon immortal e invariavel da Belleza...

## A EVOCAÇÃO DA GRANDEZA INCAICA

No magnifico artigo que, sob esse titulo, publica no presente numero o nosso brilhante collaborador Snr. Saul de Navarro, passou um erro typographic que nos apressamos em rectificar, por não ser de facil corrigenda.

Assim, na ultima pagina, onde se lê, no começo de um dos periodos, «Um dia Apumarco começou a fazer sobre dantesca, etc», deve-se entender: «Um lance epico, que recorda uma visão dantesca, etc.»



D'ANNUNZIO caricaturado por WYNN.





OS POETAS BRASILEIROS

Martins Fontes, o artista que burilou os versos admiráveis de "Verão" e a cuja penna se deve o soberbo soneto "Flor!" que publicamos no presente numero.

# PENSAMENTOS



La visão completa de um grande Artista padesse ser dita, cegaria o Mundo.

Não haverá Obra de Arte immortal fóra das da Arte Social.

O maior dever da Arte é servir á Liberdade.

A Arte tem o direito e o dever de immiscuir-se nas luctas ardentes dos homens, de respigar a sua colheita de victorias no campo fecundo da Acção, de cantar a Marselheza estrondosa de todas as rébelliões nas grandes batalhas da Vida, sobre o coração da Humanidade vencida e humilhada pela Força.

Quem não consegue ser escriptor, faz-se crítico; por não poder crear, conforma-se com destruir.

A faculdade critica é a negação absoluta do Genio.

O athletismo, em toda ordem material, parece-me um sport de circo.

Toda a obra de Arte deve ser uma obra de combate.

O vulgo é o inimigo natural do sublime.

Tenho horror aos homens que riem e muito desprezo pelos que fazem rir.

De todos os gestos absurdos de um escriptor, o mais vil é aquelle em que esquece a Santidade da Palavra.

O riso é o relincho dos homens.

A palavra é o emblema visivel do Infinito.

A Idéa, ao fundir-se na Palavra, perde a sua essencia: o Absoluto; assim, a Palavra não é uma revelação: é uma mutilação.

Todo Grande Pensador é um *Inactual*, só, perdido no meio dos homens.

Fóra da Liberdade não ha Eloquentia, ha apenas Rhetorica.

Um Homem Livre é mais do que um exemplo, é um perigo; supprimil-o é um dever de conservação na Tyrannia.

Vargas VILA

## OS INCAS

Abrilhante civilização alcançada pelo Perú durante a dominação dos Incas, punha-o, senão em nível superior, pelo menos em nível não inferior ao dos invasores hespanhóes.

Manco-Capac, o primeiro Inca, foi um verdadeiro civilizador. Dictou muitas leis humanas e sabias cujos textos de todo se perderam; ensinou ao seu povo as artes e a cultura da terra, estabeleceu a familia, ordenou que os seus subditos contrahissem matrimonio aos vinte annos e regulou a mais sabia distribuição de terras que se conhece.

Manco-Capac preocupava-se tanto com a felicidade do seu povo que este, em retribuição, considerou-o um deus e chamou-lhe *Capac*, que significa: cheio de virtudes.

Entre os descendentes desse grande monarcha encontram-se reis eminentes como Inca-Roca, que fundou e colas para os príncipes, onde estes aprendiam a interpretação dos *quipos*, que equivaliam á nossa escripta, e dos quaes se serviam para conservar suas tradições. Creou o cargo de administrador do Imperio, o qual era encarregado de conservar os *quipos* no templo do Sol.

Outro Inca famoso foi Pachacutec, que fundou cidades, fez construir palacios, aqueductos, estradas, etc.

O joven príncipe Nezahualcoyotl prestou tambem grandes serviços e tratou diligentemente do bem-estar do seu povo. Foi elle quem mandou construir um grande templo "ao Deus desconhecido, causa das causas".

E assim desenrola-se uma lista enorme de governantes incas cuja unica preocupação foi a felicidade do seu povo, lista que termina com Sayri-Tupac, chamado Don Diogo Inca último imperador do Perú.

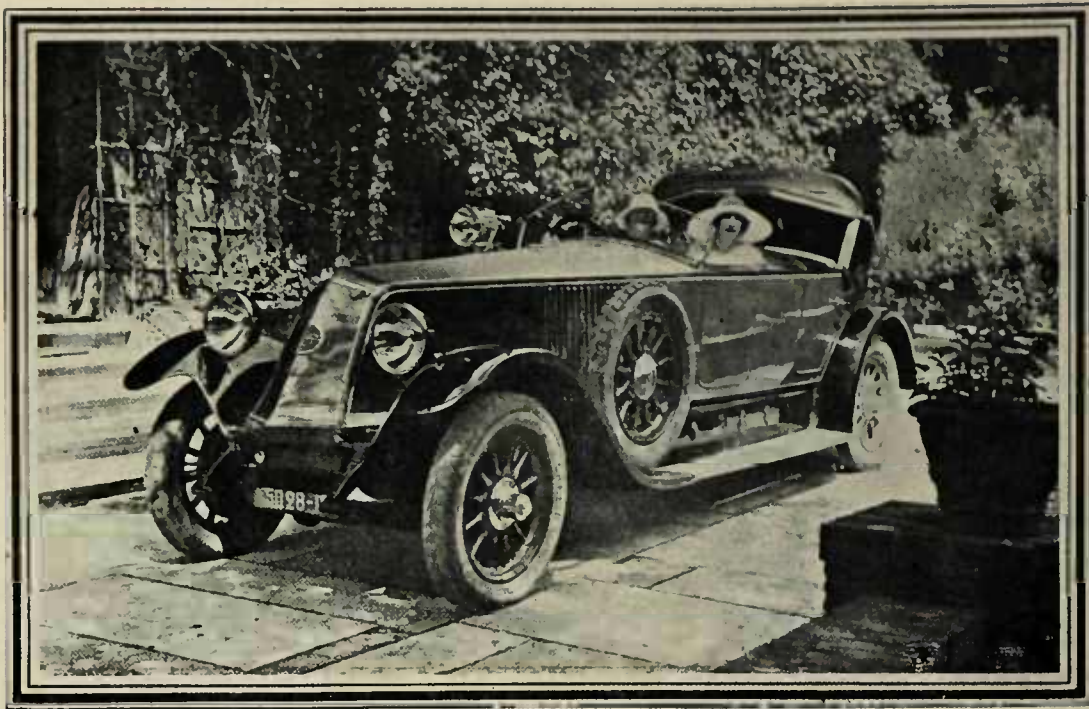






MUNDO SIDERAL

NATHALIE KOVANKO foi uma artista que surgiu, como um astro, para resplandecer: o seu triumpho é contemporaneo da sua estréa. Sobre ser uma das mais habéis intpretes de difficies papeis, Nathalie é uma das mais bellas mulheres que têm apparecido nas telas. O seu ultimo successo foi o grande film "Mil e uma noites".



## A VIDA MODERNA

Quão longe está o tempo dos pagens e des liteiras! Na vertigem progressista dos nossos dias duas frageis e elegantes senhoritas, quando, de ejam passear, entram sósinhas num auto e vencem distancias pasmosas. E o monstro de aço obedece docilmente às mãos femininas, como os dragões das lendas obedeciam às fadas...

## O estado actual da Aviação

**S**i passarmos uma revista pelo que tem feito a Aviação n'estes ultimos tempos, ficaremos surprezos diante dos seus recentes progressos, tal a sua extensão e variedade.

O record mundial de velocidade já vae a perto de 245 milhas por hora.

Os records de duração de vôo não surprehendem menos. O Serviço Aereo norte-americano já tem a gloria de uma travessia transcontinental, sem parar.

As ultimas experiencias feitas nos indicam a possibilidade de se obter motores que trabalhem, a toda a força, durante 250 horas, ininterruptamente.

Aeroplanos sem motor permanecem no ar, por muitas horas, sem mais outros elementos que o ar e a habilidade do piloto.

Helicopteros sobem verticalmente, pairam sobre um dado ponto ou fazem um circuito completo, em vôo horizontal.

Aeroplanos atracam em dirigiveis, em pleno

vôo. Aeroplanos, sem piloto, executam evoluções complicadas.

E as maravilhas se succedem e se multiplicam.

Mas, em meio de toda esta actividade brilhante para o homem, e que indica o que podem o seu esforço e a sua intelligencia, destacam-se conquistas que importam muito mais que isto, porque representam a base solida sobre a qual repousam novas possibilidades para maiores triumphos.

Assim, o que emerge mais claramente dos factos acima citados e nos apparece como que constituindo importantes linhas geraes é:

1.º) — o enorme augmento na duração de trabalho e na confiança que nos inspiram motores e apparatus.

2.º) — a proxima solução do vôo á noite,

3.º) — o advento do aeroplano sem motor, cuja primeira consequencia será o aeroplano com motor de fraca potencia, ou, por outras palavras, o aeroplano barato.



# A evocação da grandeza incaica

Um passado de esplendor na visão esthetica de Abraham Valdelomar

**O** PERÚ, com o Imperio dos Incas, os filhos do Sol, e o Mexico, com o imperio dos Aztecas, os gregos de bronze pelo culto de seu polytheismo e prodigio de sua arte, são as duas grandezas características da America, que, antes da conquista européa resultante da realização do sonho de Colombo, tinham uma civilização propria, destruída depois pelos invasores brancos, que foram, assim, os barbaros do seculo XVI, no vandalismo de fazer desaparecer o mundo romano da Amerindia, que se levantava nos dois extremos deste hemispherio: em Cuzco e em Tenochtitlan.

Abraham Valdelomar é um evocador admiravel da grandeza incaica. Na visão esthetica do magnifico prosador peruano o passado esplendido surge em toda a sua opulencia e belleza. *Los hijos del Sol* (contos incaicos) revelam os attributos estheticos do mallogrado intellectual, morto, prematuramente, em pleno viço da mocidade e do talento.

A leitura dos chronistas coloniaes, o entusiasmo pela sua raça heroica, o culto pelo passado glorioso, onde fulge o Imperio dos Incas, foram a origem desse pequeno e maravilhoso livro, serie curta de contos poemáticos, perfumados de lenda, rebrilhantes de estylo, repassados de belleza e simplicidade, rutilos, diaphanos, que lhe saíram da penna com a graça espontanea das flores que, pela manhã, orvalhadas ainda, parecem, á carícia do sol, a transfiguração da luz em perfume...

A prosa de Valdelomar é uma anfora indigena, onde se estylizou um capricho de orchideas, e onde se bebe uma agua fresca, colhida á noite, numa chuva de temporal, á maneira de um lacrimario do céu...

Manuel Beltroy enaltece a sua imaginação evocadora, a sua prosa fulgente e realista, a sua sensibilidade rara e delicada, gabando-lhe a excellencia e finura do estylo, «estyllo agil, solto, aligero e diaphano como péplo de bayadera».

Ha, nesses contos lyricos e epicos ao mesmo tempo, o sabor de uma leitura de versos sem o éco monotono das rimas, no vôo de uma

fantasia abundante e subtil, no rythmo estranho de sua musica selvagem e suave, como si fosse a descripção melodica de um sonho altivolo de condor.

E' que Valdelomar não é senão um animador do passado epico dos filhos do Sol, desses apolloneidas barbaros da America. O seu verbo é uma dansa de véos, uma orchestração branca das neves andinas, um teclado de côres, uma pincelada de sons... Sente-se-lhe a mesma poesia de Alencar em *Iracema* e em outros poemas em prosa, onde cantou a alma primitiva, a vida, o martyrio e as façanhas dos nossos aborígenes. O reconstructor illuminado e sensível, o restaurador artistico do passado incaico, tem a mesma doçura, o mesmo brilho do nosso suavissimo estylista, que immortalizou as raças rudes, mas heroicas, que foram sacrificadas pelos conquistadores brutaes, violadores da virgindade da terra e da alma da America precolombiana.

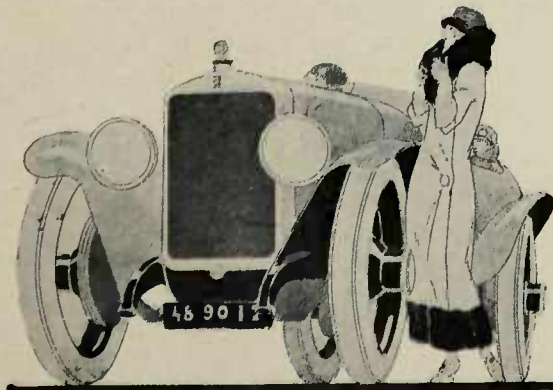
O Alencar peruano tem, na opinião de Clemente Palma, toda a belleza, toda a força descriptiva, toda a suggestão maravilhosa dos grandes poemas.

\* \* \*

*Los hijos del Sol* são um hymno á raça luminosa, que fulge, como os thesouros, na historia do Perú.

O Imperio dos Incas surgiu no valle do Cuzco, sendo fundador dessa dynastia de titans Manco-Cápac, que allí chegou em companhia da mulher, Mama-Odlo, aureolados pelo prestigio de uma lenda que os fazia filhos do Sol e nascidos no regaço do lago Titicaca, essa pupilla dos Andes, aberta a 3.915 metros de altitude, onde se reflecte o Infinito e os condores se banham...

Os trabalhos do encantador indianista são productos de estudo das origens, das lendas e tradições incaicas, e outros sahiram de sua arte original, louçan e vibrante. Nos primeiros contos, sobresáem *El camino hacia el sol* e *Los Hermanos Ayar* e nos ultimos *El alfarero* e *El Hombre Maldito*. Façamos um esboço rapido de alguns primores dessa obra





### LUXO. ELEGANCIA, CONFORTO

Um "living-room" admiravel de bom gosto e de sobriedade, que a tapeçaria, as flores e os livros tornam attrahente e encantador.

suggestiva, verdadeiro florilegio amerindio.

Comecemos pelo que abre o livro:

*El alfarero* (sañu-camoyok).

Apumarcu era um artista da selva, um Phidias barbaro.

Fronte ampla, cabelleira crescida e rebelde; olhos fundos; olhar doce e sonhador, simples e silencioso; vivia só, errante, tendo por habitação uma cabana humilde. Tinham-no por louco.

Contemplativo, fugia dos seus semelhantes

o deixava-se levar pelo seu sonho, numa ansia de espaço e de liberdade. Ninguem o via trabalhar. Só, em plena selva, colhia flores eervas para o preparo de sua pintura, carregando barro para o seu labor. E da argila, sob o sopro dessa alma de artista, sahia uma estatua de deusa, uma anfora, uma serpente, uma dança da Morte...

Uma tarde, tendo ido ao rio para buscar agua, afim de desfazer o seu barro, ouviu uma suave canção na fronde. E depois, aproximou-se

# ZÓL

O MELHOR DENTIFRÍCIO  
**LIMPA E CONSERVA OS DENTES**

Encontra-se em todas  
as Pharmacias e Perfumarias





## ARTE MODERNA

Um dos retratos a óleo em que o pintor allemão Alfred Helberger, até ha pouco nesta Capital, revela a famosa escola expressionista, hoje reinante na Allemanha. Nas figuras que pinta, Helberger procura expressar o sentimento íntimo do momento no retratado.

Alfred Helberger expoz no Rio uma interessante collecção de paizagens no mesmo genero, aspectos da Italia e da Noruega, onde o artista passou a grande parte de sua existencia.

delle essa carícia audível: um homem, sobre uma rocha, solitario, á margem do rio, tocava. Falou-lhe:

— Quem és tu e por que tocas aqui, onde ninguém pode ouvir-te?

— E quem és tu, que vens assim a estes logares, onde só ha uma saudade, que é *minha*? — respondeu-lhe o Orpheu andino.

— Sou Apumarcu, «el alfarero» (oleiro).

— Ah! irmão, sou Yactan Nanay (sem patria), o que toca a «antara».

E desde então se tornaram amigos inseparaveis, se fizeram irmãos.

Yactan lhe disse que a sua amada havia se perdido e elle tocava na esperanza de encontral-a. Descrevia-lhe a formosura, fazia a Apumarcu o retrato de sua eleita. O artista fez-lhe uma cabeça. Yactan lhe disse commovido:

— Não tocarei senão para tí, irmão, porque a comprehendeste e m'a devolveste. Creio que o barro, em que ella está aqui, em tua obra, viverá eternamente. E's maior que o Sol, porque elle a fez e a levou, enquanto tu a fizeste em dura argila e não morrerá nunca.

E confessou-lhe que, perdendo-a, não podia ser alegre. Apumarcu, que não a perdera, nem a tivera, por que era triste?

Por que não era o «alfarero» do Inca, que lhe daria por esposa a mais bella dama da côrte? Por que vivia solitario? E Apumarcu lhe contestou que algo lhe faltava; sentia uma ansia inexplicavel em sua alma.

«Yo siento que hay algo que yo podría hacer y sé que podría ser feliz. Tengo un incendio en el alma, veo una serie de cosas pero no puedo expresarlas. Tu sufres y cantas en la antara tu dolor y haces llorar a los que te escuchan, pero yo siento, veo, imagino grandes cosas y sou incapaz de realizarlas. Sabes? Yo quisiera pintar la vida tal como la vida es. Yo quisiera representar en un pequeno trozo lo que ven mis ojos. Aprisionar la naturaleza. Hacer lo que hace el rio con los árboles y con el cielo. Reproducirlos. Pero yo no puedo: me faltan colores, los colores no me dan la idea de lo que yo tengo en el alma.»

Nessas palavras não está todo o anseio do ideal, toda a alma dos artistas, todo o esforço da perfeição?

Que symbolo estupendo!

Um dia Apumarçu começou a fazer sobre o muro as côres da tarde, de uma tarde desigual. Colheu folhas e principiou a esfregal-as sobre o muro e com umas flores ia dando as tonalidades.

É possuido de uma força estranha, deu impulso febril ao trabalho, reproduzindo a luz e a paisagem que via pela janella. Deteve-se de subito. Faltava algo, uma só cousa, um tom, uma côr que elle não tinha. Como encontrá-lo?

Tirou um pequeno punhal e golpeou o pulso. E o sangue surgiu quente e rubro, aos borbotões. Misturou-o com a agua de um vaso e viu a que lhe faltava e proseguiu a pintura até que caiu exangue sobre o leito.

Quando Yactan Nanay voltou, encontrou estendido sobre o leito: o sangue coagulado e no chão um pequeno lago escarlata; no muro viu a paisagem da ultima tarde...

Beijou-lhe a fronte e, chorando, tocou a seus pés a canção do crepusculo. «El oro del Sol caía por la ventana estrecha y se desleía en las ropas del artista, en cuyo rostro anguloso habia un tono verde y en cuyos ojos señoreaba esa humedad trájica de los ojos que ya no tienen vida.

A sus piés encontró Yactan Nanay una cabecita de barro con la imagen del amigo muerto. Y siguió tocando, tocando hasta que la noche cayó, como una sola sombra incerte sobre el Mundo silencioso»...

Um dia Apumarçu começou a fazer sobre dantesca, é o canto impressionante, de um colorido a Doré — *El camino hacia el sol*, onde os sobreviventes da raça incaica, fugindo dos vencedores hespanhóes, vão em busca da morada do sol, para encontrar refugio e salvação, num desfile tragico de sombras pelas montanhas, até que exhaustos, famintos, desanimados, chegam ás margens de um lago immenso, verde, mysterioso e sereno, onde o sol, na agonia, ia desaparecendo. Mas o deus não os attendeu e elles, os milhares de indios vencidos e errantes, resolvem ir ao seu encontro. E á beira do lago cavam sepulturas e todos, enterrando-se, buscam voluntariamente a morte, restando apenas um heróe que, não podendo enterrar-se a si mesmo, se encaminha para o lago e morre numa ansia de luz, «llamando al Sol»...

Em *Hombre Maldito* ergue-se a figura espectral de Karchis, o cêgo, de orbitas vasias, o sacrilegio roubador do sol, por elle castigado, e que vaga, tacteando, pelas montanhas, dentro do silencio e da noite eterna, numa evocação de Edipo, creado pelo genio tragico de Sophocles.

## INGRATIDÃO

Nunca mais me esqueci. Era eu creança,  
E em meu velho quintal, ao sol nascente,  
Plantei com a minha mão ingenua e mansa  
Uma linda amendoeira adolescente.

E cresceu a mais rufila esperança  
Da minha vida... E aos poucos, lentamente,  
Pendeu os ramos sobre o muro em frente,  
E foi fructificar na vizinhança.

D'ahi por diante, pela vida inteira,  
Todas as grandes arvores que em minhas  
Terras, n'um sonho esplendido semeio,

Como aquella magnifica amendoeira,  
Efflorescem nas chacaras vizinhas,  
E vão dar fructo no pomar alheio.

RAUL DE LEONI

A mulher é conservadora. Ella deseja a solidez. E que ha de mais natural? E' necessario um solo firme e seguro para o lar e para o berço.

MICHELET

Outra producção magistral é o conto «El Pastor y el Rebaño de Nieve», em que Riti-Kimi (o que ultraja a neve), irmão do Inca Túpac Yupangui, por inveja e vingança daquelle que desposára uma virgem do Sol, segurou um cordeiro para commetter o horrivel crime de degollá-lo. Queria manchar com sangue rubro as neves perpetuas. O Sol percebeu-lhe o intento sacrilego e quando, no cume da montanha, em meio do rebanho sagrado, de que era pastor, preparava o sacrificio, o Astro Rei se occultou rapidamente. Uma tempestade desencadeou-se e cahiu neve, neve, neve... Quando voltou a sair o Sol, restavam convertidos em neve o rebanho e o pastor... *Los hijos del Sol* são uma apothose da civilização dos Incas, dessa raça aborigene, que avulta no passado do Novo Mundo e brilha como o Sol que era o seu culto, sendo o symbolo impercível de todos os povos que vivem na America.

Saul de NAVARRO.



# Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhos com todos os aperfeiçoamentos modernos para  
quaesquer trabalhos de reparação e construcção naval

Extenso caés accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios

## LAGE IRMÃOS

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Grandes depositos de carvão inglez e americano de 1.<sup>a</sup> qualidade.

Carvão nacional das minas Lauro Müller e  
Crissiuma, em Santa Catharina

Beneficiamento de sal por processos modernos  
Secções de café e exportação e  
importação de quaesquer artigos.

Escriptorio - Avenida Rodrigues Alves, 303/31

**SYPHILIS?**  
**só Luetyl**



### **A PALAVRA OFFICIAL**

.....  
**Contra factos não ha argu-  
mentos nem concurrentes**

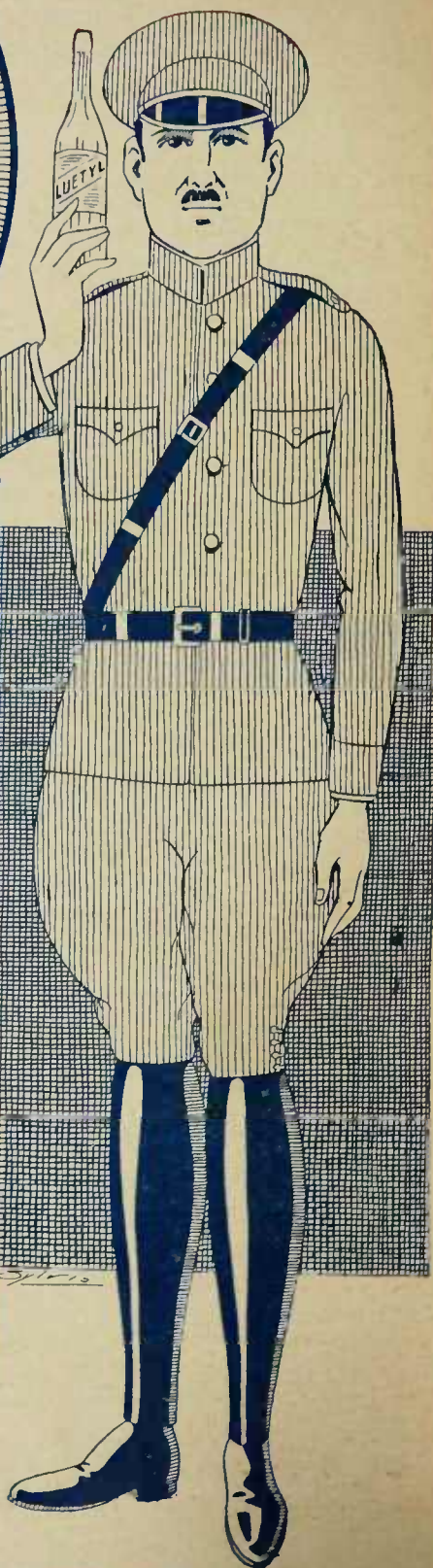
**O que diz o Governo no  
Hospital Central do Exercito**

Attesto que empreguei o prepara-  
do **LUETYL**, em um caso de sy-  
philis cutanea, na 8ª enfermaria obten-  
do um resultado surprehendente. O  
doente, que pesava 38 kilos, augmen-  
tou seis Kilos com o uso de vidro e  
meio do referido preparado, tendo as  
manifestações cutaneas cicatrizado  
completamente.

(Assignado). Dr. Humberto Mello,  
1.º tenente encarregado da 8.ª enfer-  
maria.

.....  
**O UNICO QUE DIZ**  
**Basta tomar um vidro, si for Syphilis**  
**ficará melhor, aumentará de 1 a 4**  
**kilos; si não ficar melhor procure o**  
**seu medico.**

**LEIAM A BULLA**



**Licenciado sob o N. 253, em 7 de Dezembro de 1916**

















